Francisco Candido Xavier

50 Anos Depois

(Romance de Emmanuel)

FRANCISCO CANDIDO XAVIER

50 ANOS DEPOIS

LIVRARIA EDITORA DA FEDERAÇÃO
AV. PASSOS, 30 - RIO

50 Anos Depois

Francisco Candido Xavier

50 ANOS DEPOIS

Romance de Emmanuel

1940

Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 — Rio de Janeiro — Brasil

Indice

PRIMEIRA PARTE:

SEGUNDA PARTE:

CARTA AO LEITOR

Meu amigo, Deus te conceda paz.

Se leste as páginas singelas do "Ha Dois Mil Anos", é possivel que procures aquí a continuação das lutas intensas, vividas pelos seus personagens reais, na arena de lutas redentoras da Terra. É por esse motivo que me sinto obrigado a explicar-te alguma cousa, com respeito ao desdobramento desta nova história.

Cincoenta anos depois das ruinas fumegantes de Pompéia, nas quais o impiedoso senador Publio Lentulus se desprendia novamente do mundo, para aferir o valor de suas dolorosas experiências terrestres, vamos encontra-lo, nestas páginas, sob a veste humilde dos escravos, que o seu orgulhoso coração havia espesinhado outrora. A misericórdia do Senhor permitia-lhe reparar, na personalidade de Nestório, os desmandos e arbitrariedades cometidos no pretérito, quando, como homem público, supunha guardar nas mãos vaidosas, por um injustificavel direito divino, todos os poderes. Observando um homem cativo, reconhecerás, em cada traço de seus sofrimentos, o venturoso resgate de um passado de faltas clamorosas.

Todavia, sinto-me no dever de esclarecer-te a curiosidade, com referência aos seus companheiros mais diretos, na nova romagem terrena, de que este livro é um testemunho real.

Não obstante estarem na Terra, pela mesma época, os membros da família Severus, Flávia e Marcus Lentulus, Saul e André de Gioras, Aurélia, Sulpício, Fúlvia e demais comparsas do mesmo drama, devo esclarecer-te que todos esses companheiros de luta mourejavam,

na ocasião, em outros setores de sofrimentos abençoados, não comparecendo aquí, onde o senador Públio Lentulus aparece, aos teus olhos, na indumenta de um escravo, já na idade madura, como elemento integrante de um quadro novo.

De todos os personagens do "Ha Dois Mil Anos", um contudo aquí se encontra, junto de outras figuras do mesmo tempo, como Policarpo, embora não relacionados nominalmente no livro anterior, companheiro esse que, pelos laços afetivos, se lhe tornara um irmão devotado e carinhoso, pelas mesmas lutas políticas e sociais na Roma de Nero e de Vespasiano. Quero referir-me a Pompílio Crasso, aquele mesmo irmão de destino na destruição de Jerusalem, cujo coração palpitante lhe fôra retirado do peito por Nicandro, ás ordens severas de um chefe cruel e vingativo.

Pompílio Crasso é o mesmo Helvídio Lucius destas páginas, ressurgindo no mundo para o trabalho renovador e, aludindo a um amigo dedicado e generoso, quero dizer-te que este livro não foi escrito de nós e por nós, no pressuposto de descrever as nossas lutas transitórias no mundo terrestre. Este livro é o repositório da verdade sôbre um coração sublime de mulher, transformada em santa, cujo heroismo divino foi uma luz acêsa na estrada de numerosos espíritos amargurados e sofredores.

No "Ha Dois Mil Anos" bucavamos encarecer uma época de luzes e sombras, onde a materialidade romana e o cristianismo disputavam a posse das almas, num cenário de misérias e esplendores, entre as extremas exaltações de Cesar e as maravilhosas edificações em Jesus Cristo. Alí, Públio Lentulus se movimenta num acervo de farraparias morais e deslumbramentos transitorios; aquí, entretanto, como o escravo Nestório, observa êle uma alma. Refiro-me á Célia, figura central das páginas desta história, cujo coração, amoroso e sábio, entendeu e aplicou todas as lições do Divino Mestre, no transcurso doloroso de sua vida. Na sequência dos fatos, dentro da narrativa, seguirás os seus passos de menina e de moça, como se observasses um anjo

pairando acima de todas as contingências da Terra. Santa pelas virtudes e pelos atos de sua existência edificante, seu espírito era bem o lírio nascido do lôdo das paixões do mundo, para perfumar a noite da vida terrestre, com os olores suaves das mais divinas esperanças no Céu.

Podemos afirmar, portanto, leitor amigo, que este volume não relaciona, de modo integral, a continuação das experiências purificadoras do antigo senador Lentulus, nos círculos de resgate dos trabalhos terrestres. É a história de um sublime coração feminino que se divinizou no sacrifício e na abnegação, confiando em Jesus, nas lágrimas da sua noite de dor e de trabalho, de reparação e de esperança. A igreja romana lhe guarda, até hoje, as generosas tradições, nos seus arquivos envelhecidos, se bem que as datas e as denominações, as descrições e apontamentos se encontrem confusos e obscuros pelo dedo viciado dos humanos narradores.

Mas, meu irmão e meu amigo, abre estas páginas refletindo no turbilhão de lágrimas que se represa no coração humano e pensa no quinhão de experiências amargas que os dias transitórios da vida te trouxeram. É possivel que tambem tenhas amado e sofrido muito. Algumas vezes experimentaste o sôpro frio da adversidade enregelando o teu coração. De outras, feriram-te a alma bem intencionada e sensivel a calúnia ou o desengano. Em certas circunstâncias, olhaste tambem o céu e perguntaste, em silêncio, onde se encontrariam a verdade e a justiça, invocando a misericórdia de Deus, em preces dolorosas. Conhecendo, porém, que todas as dores têm uma finalidade gloriosa na redenção de teu espírito, lê esta história real e medita. Os exemplos de uma alma santificada no sofrimento e na humildade te ensinarão a amar o trabalho e as penas de cada dia; observando-lhe os martírios morais e sentindo, de perto, a sua profunda fé, experimentarás um consôlo brando, renovando as tuas esperanças em Jesus Cristo.

Busca entender a essência deste repositório de verdades confortadoras e, do plano espiritual, o espírito purificado de nossa heroina derramará em teu coração o bálsamo consolador das esperanças sublimes.

Que aproveites do exemplo, como nós outros, nos tempos recuados das lutas e das experiências que passaram, é o que te deseja um irmão e servo humilde.

Emmanuel

Pedro Leopoldo, em 19 de dezembro de 1939.

PRIMEIRA PARTE

I

UMA FAMILIA ROMANA

Varando a multidão que estacionava na grande praça de Smirna, em clara manhã do ano 131 da nossa era, marchava um troço de escravos jóvens e atléticos, conduzindo uma liteira ricamente ataviada ao gôsto da época.

De espaço a espaço, ouviam-se as vozes dos carregadores, exclamando:

"Deixai passar o nobre tribuno Caio Fabricius! Lugar para o nobre representante de Augusto! Lugar!... Lugar!..."

Desfaziam-se os pequenos grupos de populares, formados á pressa em tôrno do mercado de peixes e legumes, situado no grande logradouro, enquanto o rosto de um patrício romano surdia entre as cortinas da liteira, com ares de enfado, a observar a turba rumorosa.

Seguindo a liteira, caminhava um homem dos seus quarenta e cinco anos presumiveis, deixando ver nas linhas fisionómicas o perfil israelita, tipicamente caraterísticas e de um orgulho silencioso e inconformado. A atitude humilde, todavia, evidenciava condição inferior e, conquanto não participasse do esfôrço dos carregadores, adivinhava-se-lhe no semblante contrafeito a situação dolorosa de um escravo.

Respirava-se, á margem do golfo esplendido, o ar

embalsamado que os ventos do Egeu traziam do grande Arquipélago.

O movimento da cidade crescera de muito naqueles dias inolvidaveis, sequentes á última guerra civil, que devastara a Judéia para sempre. Milhares de peregrinos invadiam-na por todos os flancos, fugindo aos quadros terrificantes da Palestina, assolada pelos flagelos da última revolução, aniquiladora dos últimos laços de coesão das tribus laboriosas de Israél, desterrando-as da patria.

Remanescentes de antigas autoridades e de numerosos plutocratas de Jerusalêm, de Cesaréia, de Bether e de Tiberiade, alí se acotovelavam famélicos, por subtrairem-se aos tormentos do cativeiro, após as vitórias de Julio Sexto Severo sôbre os fanaticos partidarios do famoso Bar-Coziba.

Vencendo os movimentos instintivos da turba, a liteira do tribuno parou à frente de soberbo edifício, no qual os estilos grego e romano se casavam harmoniosamente.

Ali estacionando, foi logo anunciada no interior, onde um patrício relativamente jóven, aparentando mais ou menos quarenta anos, esperava-o com evidente interêsse.

— Por Júpiter! — exclamou Fabricius, abraçando o amigo Helvidio Lucius — não supunha encontrá-lo nessa plenitude de robustez e elegância, de fazer inveja ao proprios deuses!

— Ora, ora! — replicou o interpelado, em cujo sorriso se podia ler a satisfação que lhe causavam aquelas expansões carinhosas e amigas — são milagres dos nossos tempos. Aliás, se ha quem mereça tais gabos é mesmo você, a quem Adonis sempre rendeu homenagens.

Neste ínterim, um escravo ainda moço trazia a bandeja de prata, onde se alinhavam pequenos vasos de perfume e corôas da época, adornadas de rosas.

Helvidio Lucius serviu-se cuidadosamente de uma delas, enquanto o visitante agradecia com um leve sinal de cabeça.

— Mas, ouça! — continuava o anfitrião sem dissimular o contentamento que lhe causava a visita — ha bastante tempo aguardamos sua chegada, de maneira a partirmos para Roma com a brevidade possivel. Ha dois dias que a galera está á nossa disposição, dependendo a partida tão somente da sua vinda!...

E batendo-lhe amistosamente no ombro, rematava:

— Que demora foi essa?...

— Bem sabes — explicou Fabricius — que sumariar os estragos da última revolução era tarefa asaz difícil para realizar em poucas semanas, razão pela qual, apesar da demora a que te referes, não levo ao govêrno imperial um relatorio minucioso e completo, mas apenas alguns dados gerais.

— E a proposito da revolução da Judéia, qual a tua impressão pessoal dos acontecimentos?

Caio Fabricius esboçou um leve sorriso, acrescentando com amabilidade:

— Antes de dar a minha opinião, sei que a tua é a de quem encarou os fatos com o maior otimismo.

— Ora, meu amigo, — disse Helvidio como a justificar-se — é verdade que a venda de toda a minha criação de cavalos da Iduméia, para as fôrças em operações, me consolidou as finanças, dispensando-me de maiores cuidados quanto ao futuro da família; mas isso não impede considere a penosa situação desses milhares de criaturas que se arruinaram para sempre. Aliás, se a sorte me favoreceu no plano de minhas necessidades materiais, devo-o principalmente á intervenção de meu sôgro, junto do prefeito Lollio Urbico.

— O censor Fábio Cornélio agiu assim tão decisivamente a teu favor? — perguntou Fabricius algo admirado.

— Sim.

— Está bem — disse Caio já despreocupado — eu nunca entendi patavina da criação de cavalos da Iduméia ou de bestas da Ligúria. Aliás, o êxito dos teus negócios não altera a nossa velha e cordial amizade. Por Pollux!... Não ha necessidade de tantas explicações nesse sentido.

E depois de sorver um trago de Falerno, solícitamente servido, continuou, como que analisando as proprias reminiscencias mais íntimas:

— O estado da província é lastimavel e, na minha opinião, os judeus nunca mais encontrarão na Palestina o beneficio consolador de um lar e de uma patria. Em diversos recontros, morreram mais de cento e oitenta mil israelitas, segundo o conhecimento exato da situação. Foram destruidos quasi todos os burgos. Na zona de Bether a miséria atingiu proporções inauditas. Famílias inteiras, desamparadas e indefesas, foram covardemente assassinadas. Enquanto a fome e a desolação operam a ruina geral, chega tambem a peste, oriunda da exalação dos cadaveres insepultos. Nunca supús rever a Judéia em tais condições...

— Mas, a quem deveremos inculpar do que ocorre? O govêrno de Adriano não se tem caracterizado pela retidão e pela justiça? — perguntou Helvidio Lucius com grande interêsse.

— Não posso afirma-lo com certeza — revidou Fabricius atencioso — todavia, considero pessoalmente que o grande culpado foi Tineio Rufus, legado pro-pretor da província. Sua incapacidade política foi manifesta em todo o desenvolvimento dos fatos. A reedificação de Jerusalêm com o nome de Elia Capitolina, obedecendo aos caprichos do Imperador, apavora os israelitas, desejosos todos de conservar as tradições da cidade santa. O momento requeria um homem de qualidades excecionais, á frente dos negócios da Judéia. Entretanto, Tineio Rufus não fez mais que exacerbar o animo popular com imposições religiosas de todos os matizes, contrariando a classica tradição do Império nos territórios conquistados.

Helvidio Lucius ouvia o amigo, com singular interêsse, mas, como se desejasse afastar de si mesmo alguma reminiscencia amarga, murmurou:

— Fabricius, meu caro, tua descrição da Judéia me apavora o espírito... Os anos que passamos na Asia Menor me devolvem á Roma com o coração apreensivo. Em toda a Palestina campeiam superstições totalmente

contrárias ás nossas tradições mais respeitaveis, e essas crenças estranhas invadem o proprio ambiente da família, dificultando-nos a tarefa de instituir a harmonia doméstica...

— Já sei — replicou o amigo solicitamente — queres aludir, com certeza, ao cristianismo, com as suas inovações e os seus asseclas.

Mas... — ajuntou Caio evidenciando uma atenção mais íntima — acaso Alba Lucínia teria deixado de ser a segurança vestalina de tua casa? Seria possivel?

— Não — replicou Helvidio ansioso por se fazer compreendido — não se trata de minha mulher, sentinela avançada de todos os feitos da minha vida, ha longos anos, mas de uma das filhas que, contráriamente a todas previsões, imbuíu-se de semelhantes princípios, causando-nos os mais sérios desgostos.

— Ah! lembro-me de Helvidia e de Célia, que, em meninas, eram bem dois sorrisos dos deuses na tua casa. Mas tão jóvens e dadas, assim, a cogitações filosóficas?

— Helvidia, a mais velha, não se impregnou de tais bruxarias; mas a nossa pobre Célia parece bastante prejudicada pelas superstições orientais, tanto que, regressando á Roma, tenciono deixá-la em companhia de meu pai, por algum tempo. Suas lições de virtude doméstica hão de renovar-lhe o coração, segundo cremos.

— É verdade, — concordou Fabricius — o venerando Cnéio Lucius reformaria para as tradições romanas os sentimentos mais barbaros de nossas provincias.

Fizera-se ligeira pausa na conversação, enquanto Caio tamborilava nos dedos, dando a entender a sua preocupação, como se evocasse alguma dolorosa lembrança.

— Helvidio, — murmurou o tribuno fraternalmente — teu regresso á Roma é de causar apreensões aos teus verdadeiros amigos. Recordando teu pai, lembro-me instintivamente de Silano, o pequeno enjeitado que êle chegou quasi a adotar oficialmente como proprio filho, desejoso de libertar-te da calúnia a ti imputada no albor da mocidade...

— Sim — disse o anfitrião como se houvera repen-

tinamente despertado — ainda bem que não desconhe- ces a acusação caluniosa que pesou sôbre mim. Aliás, meu pai não ignora isso.

— Apesar de tudo, teu veneravel progenitor não hesitou em cumular a criança a êle encaminhada, com o máximo de carinhos...

Depois de passar nervosamente a mão pela fronte, Helvidio Lucius acentuou:

— E Silano?... Sabes o que é feito dele?

— As últimas informações davam-no como encorporado ás nossas falanges que mantêm o dominio das Gálias, como simples soldado do exército.

— Ás vezes — ajuntou Helvidio preocupado — tenho pensado na sorte dêsse rapaz, pupilo da generosidade de meu pai, desde os tempos de minha juventude. Mas, que fazer? Desde que me casei, tudo fiz por trazê-lo á nossa companhia. Minha propriedade da Iduméia poderia proporcionar-lhe uma existência simples e liberta de maiores cuidados, sob as minhas vistas atentas; todavia, Alba Lucinia se opôs terminantemente aos meus projetos, não só recordando os comentarios caluniosos de que fui alvo no passado, como tambem alegando seus direitos exclusivos á minha afeição, pelo que, fui compelido a conformar-me, levando em conta as nobres qualidades da sua alma generosa.

Bem sabes que minha espôsa deve receber as minhas atenções mais respeitosas, não tenho remedio senão aceitar de bom grado as suas afetuosas imposições.

— Helvidio, bom amigo — exclamou Fabricius demonstrando prudência — não devo nem posso interferir na tua vida íntima. Problemas ha na vida, que, sómente os cônjuges podem solucionar, entre si, na sagrada intimidade do lar; mas, não é apenas pelo caso de Silano que me sinto apreensivo, relativamente ao teu regresso.

E fixando o amigo bem nos olhos, rematou:

— Lembras-te de Claudia Sabina?...

— Sim... — respondeu vagamente.

— Não sei se estás devidamente informado a seu respeito. Claudia é hoje a espôsa de Lollio Urbico, o prefeito dos pretorianos. Não deves ignorar que êsse

homem é a personalidade do dia, como depositario da maxima confiança do Imperador.

Helvidio Lucius passou a mão pela fronte, como se desejasse afugentar uma penosa recordação do passado, revidando, afinal para tranquilidade de si mesmo:

— Não desejo exumar o passado, visto ser hoje um outro homem; mas se houver necessidade de ser prestigiado na capital do Império, não podemos esquecer, igualmente, que meu sogro é pessoa de toda a confiança, não só do prefeito a que aludes, como de todas as autoridades administrativas.

— Bem o sei, mas não ignoro tambem que o coração humano tem escaninhos misteriosos... Não acredito que Claudia, hoje elevada ás esferas da mais alta aristocracia, pelos caprichos do destino, haja olvidado a humilhação do seu amor violento de plebéia, espesinhado em outros tempos.

— Sim — confirmou Helvidio Lucius com os olhos parados no abismo de suas recordações mais íntimas — muitas vezes tenho lamentado o haver nutrido em seu coração uma afetividade tão intensa; mas, que fazer? A juventude está sujeita a caprichos numerosos e, a maior parte das vezes, não ha advertencia que possa romper o véu da cegueira...

— E estarás hoje menos moço para que te sintas completamente livre dos caprichos multiplicados da nossa época?

O interpelado compreendeu todo o alcance daquelas observações sábias e prudentes, e como se não lhe prouvesse o exame das circunstâncias e dos fatos, cuja lembrança penosa o atormentaria, replicou sem perder o aparente bom humor, embora os olhos evidenciassem uma preocupação amargurosa:

— Caio, meu bom amigo, pelas barbas de Júpiter! não me faças voltar ao pélago escuro do passado. Desde que chegaste nada me disseste, além de assuntos penosos e sombrios. De inicio, é a miséria da Judéia, de arrepiar os cabellos com os seus quadros de desolação e ruina e depois, eis-te voltado para o passado escabroso, como se não nos bastassem as atuais amarguras... Fala-me

antes de algo que me consolide o repouso íntimo. Embora não saiba explicar o motivo, tenho o coração apreensivo quanto ao futuro. A máquina de intrigas da sociedade romana aborrece-me o espírito, que nunca encontrou ensejos de lhe fugir ao ambiente detestavel. Meu regresso á Roma inquina-se de perspectivas dolorosas, embora não ouse confessá-lo!...

Fabricius ouviu-o, atento e compungido. As palavras do amigo denunciavam o profundo temor de retornar ao passado tão cheio de aventuras. Aquela atitude súplice atestava que a recordação dos tempos idos ainda lhe palpitava no peito, apesar de todos os esforços para esquecer.

Reprimindo os proprios receios, falou, então, afetuosamente:

— Pois bem, não falaremos mais nisso.

E acentuando a alegria que lhe causava aquele encontro, continuou comovidamente:

— Então, poderia acaso esquecer-me de algo que me pedisses?

Sem mais delonga, encaminhou-se para o átrio onde os serviçais de confiança lhe esperavam as ordens, regressando á sala acompanhado pelo desconhecido que lhe seguira a liteira, na atitude humilde de um escravo.

Helvidio Lucius surpreendeu-se, ao ver o personagem interessante que lhe era apresentado.

Identificara, imediatamente, a sua condição de servo, mas o espanto lhe provinha da profunda simpatia que aquela figura lhe inspirava.

Seus traços de israelita eram iniludiveis, porém, no olhar havia uma vibração de orgulho nobre, temperado de singular humildade. Na fronte larga, notavam-se cãs precoces, se bem que o físico denunciasse a pletora de energias orgânicas da idade madura. O aspecto geral, contudo, era o de um homem profundamente desencantado da vida. No rosto, percebia-se o sinal de macerações e sofrimentos indefiniveis, impressões dolorosas, aliás compensadas pelo fulgor enérgico do olhar, transparente de serenidade.

— Eis a surpresa, — frisou Caio Fabricius ale-

gremente — comprei, como lembrança, esta preciosidade, na feira de Terebinto, quando alguns de nossos companheiros liquidavam o espolio dos vencidos.

Helvidio Lucius parecia não ouvir, como que procurando mergulhar fundo naquela figura curiosa, ao alcance de seus olhos e cuja simpatia lhe impressionava as fibras mais sensiveis e mais íntimas.

— Admíras-te? — insistiu Caio desejoso de ouvir as suas apreciações diretas e francas. — Quererias, porventura, que te trouxesse um Hércules formidando? Preferí lisonjear-te com um exemplar raro, de sabedoria.

Helvidio agradeceu com um sinal expressivo, acercando-se do escravo silencioso, com um leve sorriso.

— Como te chamas? — perguntou solícito.

— Nestório.

— Onde nasceste? Na Grécia?

— Sim — respondeu o interpelado com um doloroso sorriso.

— Como pudeste alcançar Terebinto?

— Senhor, sou de origem judia, apesar de nascido em Éfeso. Meus antepassados transportaram-se á Jônia, ha alguns decênios, em virtude das guerras civís da Palestina. Criei-me nas margens do Egeu, onde mais tarde constituí família. A sorte, porém, não me foi favoravel. Tendo perdido minha companheira, prematuramente, devido a grandes desgostos, em breve, sob o guante de perseguições implacaveis, fui escravizado por ilustres romanos, que me conduziram ao antigo país de meus ascendentes.

— E foi lá que a revolução te surpreendeu?

— Sim.

— Onde te encontravas?

— Nas proximidades de Jerusalêm.

— Falaste de tua família. Tinhas apenas mulher?

— Não, senhor. Tinha tambem um filho.

— Tambem morreu?

— Ignoro. Meu pobre filho, ainda criança caíu, como seu pai, na dolorosa noite do cativeiro. Apartado de mim, que o vi partir com o coração lacerado de dor

e de saudade, foi vendido a poderosos mercadores do sul da Palestina.

Helvidio Lucius olhou para Fabricius, como a expressar a sua admiração pelas respostas desassombradas do desconhecido, continuando, porém, a interrogar:

— A quem servias em Jerusalêm?

— A Calius Flavius.

— Conhecí-o de nome. Qual o destino do teu senhor?...

— Foi dos primeiros a morrer nos choques havidos nos arredores da cidade, entre os legionários de Tinéio Rufus e os reforços judeus chegados de Bether.

— Tambem combateste?

— Senhor, não me cumpria combater senão pelo desempenho das obrigações devidas áquele que, conservando-me cativo aos olhos do mundo, ha muito me havia restituido á liberdade, junto de seu magnânimo coração. Minhas armas deviam ser as da assistencia necessaria ao seu espírito leal e justo. Calius Flavius não era para mim o verdugo, mas o amigo e protetor de todos os momentos. Para meu consolo íntimo, pude provar-lhe a minha dedicação, quando lhe fechei os olhos no alento derradeiro.

— Por Júpiter! — exclamou Helvidio dirigindo-se em alta voz ao amigo — é a primeira vez que oiço um escravo abençoar o senhor.

— Não é só isso — respondeu Caio Fabricius bem humorado, enquanto o servo os observava erecto e digno — Nestório é a personificação do bom senso. Apesar dos seus laços de sangue com a Asia Menor, sua cultura acerca do Império é das mais vastas e notaveis.

— Será possivel? — tornou Helvidio admirado.

— Conhece a história romana tão bem quanto um de nós.

— Mas chegou a viver na capital do mundo?

— Não. Ao que êle diz, sómente a conhece por tradição.

Já convidado pelos dois patrícios, sentou-se o escravo para demonstrar os seus conhecimentos.

Com desembaraço, falou das lendas encantadoras

que envolviam o nascimento da cidade famosa, entre os vales da Etrúria e as deliciosas paisagens da Campania. Romulo e Remo, a lembrança de Aca Larentia, o rapto das Sabinas, eram imagens que, na linguagem de um escravo, broslavam-se de novos e interessantes matizes. Em seguida, passou a explanar o extraordinário desenvolvimento economico e político da cidade. A historia de Roma não tinha segredos para o seu intelecto. Remontando á época de Tarquínio Prisco, falou de suas construções maravilhosas e gigantescas, detendo-se, em particular, na célebre rede de esgotos, a caminho das aguas lodosas do Tibre. Lembrou a figura de Servio Túllio, dividindo a população romana em classes e centúrias. Numa Pompílio, Menênio Agripa, os Grachos, Sergio Catilina, Scipião Nasica e todos os vultos famosos da República foram recordados na sua exposição, onde os conceitos cronológicos se alinhavam com admiravel exatidão. Os deuses da cidade, os costumes, conquistas, generais intrépidos e valorosos, eram com detalhes indelevelmente gravados na sua memoria. Seguindo o curso dos seus conhecimentos, rememorou o Império nos seus primordios, salientando as suas realizações portentosas, desde o faustoso brilho da côrte de Augusto. As magnificências dos Césares, trabalhadas pela sua dialetica fluente, apresentavam novos coloridos históricos, em vista das considerações psicológicas, acerca de todas as situações políticas e sociais.

Por muito tempo falara Nestório dos seus conhecimentos do passado, quando Helvidio Lucius sinceramente surpreendido o interpelou:

— Onde conseguiste essa cultura, radicada em nossas mais remotas tradições?...

— Senhor, tenho manuseado todos os livros da educação romana, ao meu alcance, desde moço. Alem disso, sem que me possa explicar a razão, a capital do Império exerce sôbre mim a mais singular de todas as seduções.

— Ora — ajuntou Caio Fabricius satisfeito — Nestório tanto conhece um livro de Sallústio, como uma página de Petrônio. Os autores gregos, igualmente, não têm segredos para êle. Considerada, porém, a sua pre-

dileção pelos motivos romanos, quero acreditar haja êle nascido ao pé de nossas portas.

O escravo sorriu levemente, enquanto Helvidio Lucius esclarecia:

— Semelhantes conhecimentos evidenciam um interêsse injustificavel da parte de um cativo.

E, depois de uma pausa, como se estivesse arquitetando um projeto íntimo, continuou a falar, dirigindo-se ao amigo:

— Meu caro, louvo-te a lembrança. Minha grande preocupação, no momento, era obter um servo culto, que pudesse incumbir-se de enriquecer a educação de minhas filhas, auxiliando-me, simultaneamente, no arranjo dos processos do Estado, a que agora serei compelido pela fôrça do cargo.

O anfitrião mal havia concluido o seu agradecimento, quando surgiram na sala a espôsa e as filhas, num gracioso cromo familiar.

Alba Lucínia, que ainda não atingira os quarenta anos, conservava no rosto os mais belos traços da juventude, a iluminarem o seu perfil de madona. Junto das filhas duas primaveras risonhas, seu aspecto de mocidade ganhava um todo de nobres expressões vestalinas, confundindo-se com as duas, como se lhes fôra irmã mais velha, ao invés de mãe extremosa e afável.

Helvidia e Célia, porém, embora a semelhança profunda dos traços fisionômicos, deixavam transparecer, espontaneamente, a diversidade de temperamentos e pendores espirituais. A primeira entremostrava nos olhos uma inquietação propria da idade, indiciando os sonhos febricitantes que lhe povoavam a alma, ao passo que a segunda trazia no olhar uma reflexão serena e profunda, como se o espírito de mocidade houvera envelhecido prematuramente.

Todas três exibiam, graciosamente, os delicados enfeites do "peplum" em sua feição doméstica, presos os cabelos em preciosas redes de ouro, ao mesmo tempo que ofereciam a Caio Fabricius um sorriso de acolhimento.

— Ainda bem — murmurou o hóspede com viva-

cidade propria do seu genio expansivo, avançando para a dona da casa — o meu grande Helvidio encontrou o altar das Três Graças, entronizando-as egoisticamente no lar. Aliás, aqui estamos nas plagas do Egeu, berço de todas as divindades!...

Suas saudações foram recebidas com geral agrado.

Não somente Alba Lucínia, mas tambem as filhas se regosijavam com a presença do carinhoso amigo da família, de muitos anos.

Em breve, todo o grupo se animava em palestra amena e sadia. Era o borborinho das notícias de Roma, de mistura com as impressões da Iduméia e de outras regiões da Palestina, onde Helvidio Lucius estagiara junto da família, enfileirando-se as opiniões encantadoras e íntimas, acêrca-dos pequeninos nadas de cada dia.

Em dado instante, o dono da casa chamou a atenção da espôsa para a figura de Nestório, encolhido a um canto da sala, acrescentando entusiasticamente:

— Lucínia, eis o régio presente que Caio nos trouxe de Terebinto.

— Um escravo?!... — perguntou a senhora com entonação de piedade.

— Sim. Um escravo precioso. Sua capacidade mnemónica é um dos fenômenos mais interessantes que tenho observado em toda a vida. Imagina que tem dentro do cérebro a longa historia de Roma, sem omitir o mais ligeiro detalhe. Conhece nossas tradições e costumes familiares como se houvera nascido no Palatino. Desejo sinceramente tomá-lo a meu serviço particular, utilizando-o ao mesmo tempo no apuro da instrução de nossas filhas.

Alba Lucínia fitou o desconhecido tomada de surprêsa e simpatia. Por sua vez, as duas jóvens o contemplavam admiradas.

Saíndo, contudo, da sua estupefação, a nobre matrona ponderou refletidamente:

— Helvidio, sempre considerei a missão doméstica como das mais delicadas de nossa vida. Se êsse homem deu provas dos seus conhecimentos, tê-las-ia dado tam-

bem de suas virtudes para que venhamos a utilizá-lo, confiadamente, na educação de nossas filhas?

O marido sentiu-se embaraçado para responder á uma pergunta tão sensata e oportuna, mas, em seu auxilio veiu a palavra firme de Caio, que esclareceu:

— Eu vo-las dou, minha senhora: se Helvidio pode abonar-lhe a sabedoria, posso eu testificar as suas nobres qualidades morais.

Alba Lucínia pareceu meditar por momentos, acrescentando, afinal, com um sorriso satisfeito:

— Está bem, aceitaremos a garantia da sua palavra.

Em seguida, a graciosa dama fitou Nestório com caridade e brandura, compreendendo que, se o seu doloroso aspecto era, incontestavelmente, o de um escravo, os olhos revelavam uma serenidade superior, saturada de estranha firmeza.

Depois de um minuto de observação acurada e silenciosa, voltou-se para o marido dizendo-lhe algumas palavras em voz quasi imperceptivel, como se pleiteasse a sua aprovação, antes de dar cumprimento a algum de seus desejos. Helvidio, por sua vez, sorriu ligeiramente, dando um sinal de aquiescencia com a cabeça.

Voltando-se, então, para os demais, a nobre senhora falou comovidamente:

— Caio Fabrícius, eu e meu marido resolvemos que nossas filhas venham a utilizar a cooperação intelectual de um homem livre.

E, tomando de minúscula varinha que descançava no bojo de um jarrão oriental, a um canto da sala, tocou levemente a fronte do escravo, obedecendo ás cerimonias familiares, com as quais o senhor libertava os cativos na Roma imperial, exclamando:

— Nestório, nossa casa te declara livre para sempre!...

Filhas — continuou a dizer sensibilizada, dirigindo-se ás duas jóvens — nunca humilheis a liberdade dêste homem, que terá toda a independência para cumprir os seus deveres!...

Caio e Helvidio entreolharam-se satisfeitos. En-

quanto Helvidia cumprimentava de longe o liberto, com um leve aceno de cabeça, altiva, Célia aproximou-se do alforriado, que tinha os olhos húmidos de lágrimas e estendeu-lhe a mão aristocrática e delicada, numa saudação sincera e carinhosa. Seus olhos encontraram o olhar do ex-escravo, numa onda de afeto e atração indefiniveis. O liberto, visivelmente emocionado, inclinou-se e beijou reverentemente a mão generosa que a jóven patrícia lhe oferecia.

A cena comovedora perdurava por momentos, quando, com surprêsa geral, Nestório levantou-se do recanto em que se achava e, caminhando até o centro da sala, ajoelhou-se ante os seus benfeitores, osculando humildemente os pés de Alba Lucínia.

II

UM ANJO E UM FILOSOFO

O palácio residencial do prefeito Lóllio Urbico demorava numa das mais belas eminencias da colina em que se erguia o Capitólio.

A fortuna do seu dono era das mais opulentas da cidade, e a sua situação política era das mais invejaveis, pelo prestígio e respectivos privilégios.

Embora descendente de antigas famílias do patriciado, não recebera vultosa herança dos avoengos mais ilustres e todavia, bem cedo o Imperador tomara-o a seu cuidado.

Dele fizera, a princípio, um tribuno militar cheio de esperanças e perspectivas promissoras, para promovê-lo em seguida aos postos mais eminentes. Transformara-o, depois, no homem de sua inteira confiança. Fez-lhe doações valiosas em propriedades e títulos de nobreza, espantando-se, porém, a aristocracia da cidade, quando Adriano lhe recomendou o casamento com Cláudia Sabina, plebéia de talento invulgar e de rara beleza física, que conseguira, com o seu favoritismo, as mais elevadas graças da Côrte.

Lóllio Urbico não vacilou em obedecer á vontade do seu protetor e maior amigo.

Casara-se, displicentemente, como se no matrimonio devesse encontrar uma salva-guarda total de todos os seus interêsses particulares, prosseguindo, todavia, em sua vida de aventuras alegres, nas diversas campanhas de sua autoridade militar, fôsse na capital do Império ou nas cidades de suas províncias numerosas.

Por outro lado, a espôsa agora prestigiada pelo seu nome, conseguia no seio da nobreza romana um dos lugares de maior evidência. Pouco inclinada ás preocupações da matrona, não tolerava ambiente doméstico, entregando-se aos desvarios da vida mundana, ora seguindo o plano delineado pelos amigos, ora organizando festivais célebres, afamados pela visão artística e pela discreta licenciosidade que os caracterizava.

A sociedade romana, em marcha franca para a decadencia dos antigos costumes familiares, adorava-lhe as maneiras livres, enquanto o espírito discreto do Imperador e a volúpia dos áulicos se regosijavam com os seus empreendimentos, no turbilhão das iniciativas alegres, nos ambientes sociais mais elevados.

Cláudia Sabina conseguira um dos postos mais avançados nas rodas elegantes e frivolas. Sabendo transformar a inteligencia em arma perigosa, valia-se da sua posição para aumentar, cada vez mais, o próprio prestígio, elevando ás culminâncias do meio em que vivia, criaturas de nobreza improvisada, para satisfazer facilmente os seus caprichos. Assim que, em tôrno de seus preciosos dotes de beleza física, borboleteavam todas as atenções e todos os desvelos .

. . . .

Entardece...

No elegante palácio proximo do templo de Júpiter Capitolino, paira um ambiente pesado de solidão e quietude.

Recostada num divã do terraço, vamos encontrar Cláudia Sabina em palestra reservada com uma mulher do povo, em atitudes de grande intimidade.

— Hatéria, dizia ela, interessada e discretamente — mandei chamar-te afim de aproveitar a tua velha dedicação numa incumbencia.

— Ordenai, respondia a mulher de aspecto humilde, com o artificialismo de suas maneiras singelas.— Estou sempre pronta a cumprir as vossas ordens, sejam quais forem.

— Estarias disposta a servir-me cégamente, em outra casa?

— Sem dúvida.

— Pois bem, eu não tenho vivido senão para vingar-me de terriveis humilhações do passado.

— Senhora, lembro-me das vossas amarguras, no seio da plebe.

— Ainda bem que conheceste os meus sofrimentos. Escuta, — continuava Cláudia Sabina baixando a voz intencionalmente — sabes quem são os Lucius, em Roma?

— Quem não conhece o velho Cneio, senhora? Antes de me falardes de vossas mágoas, devo esclarecer que sei tambem dos vossos desgostos, devidos á ingratidão do filho.

— Então, nada mais preciso dizer-te a respeito do que me compete fazer agora. Talvez ignores que Helvidio Lucius e sua família chegarão á esta cidade dentro de poucos dias, de regresso do Oriente. Tenciono colocar-te no serviço de sua mulher, a-fim-de poderes auxiliar a execução integral dos meus planos.

— Ordenai e obedecerei cégamente.

— Conheces Túlia Cevina?

— A mulher do tribuno Máximo Cuntactor?

— Ela mesma. Ao que fui informada, Túllia Cevina foi encarregada, por sua antiga companheira de infancia, de arranjar duas ou três servas de inteira confiança e habilitadas a satisfazer os imperativos da atualidade romana. Assim, importa que te apresentes, quanto antes, como candidata a êsse cargo.

— Como? Achais provavel que a espôsa do tribuno venha a aceitar o meu simples oferecimento, sem referência que me recomende ao seu critério?

— Precisamos muita ponderação neste sentido. Túllia jamais deverá saber que és pessoa da minha intimidade. Poderias apresentar referências especiais de Crisotémis ou de Musónia, minhas amigas mais íntimas; todavia, essa medida não ficaria bem, igualmente. Suscitaria, talvez, qualquer suspeita, quando eu tivesse mais necessidade de tua intervenção ou de teus serviços.

— Que fazermos, então?

— Antes de tudo, é necessário te capacites da utilidade dos teus proprios recursos, em benefício dos nossos projetos. A aquisição de uma serva humilde é coisa preciosa e rara. Apresenta-te á Túllia com a mais absoluta singeleza. Fala-lhe das tuas necessidades, explica-lhe os teus bons desejos. Tenho quasi certeza de que bastará isso para vencermos nossos primeiros passos. Em seguida, conforme espero, serás admitida ao ambiente doméstico de Alba Lucínia, a usurpadora da minha ventura. Serví-la-ás com humildade, submissão e devotamento, até conquistar-lhe confiança absoluta. Não precisarás procurar-me a miude para não despertar suspeitas em tôrno de nossas combinações. Virás á esta casa um dia em cada mês, afim de estabelecermos os acordos necessários. A princípio, estudarás o ambiente e me cientificarás de todas as novidades e descobertas da vida íntima do casal. Mais tarde, então, veremos a natureza dos serviços a executar.

Posso contar com a tua dedicação e com o teu silêncio?

— Estou inteiramente ás ordens e cumprirei as vossas determinações com absoluta fidelidade.

— Confio nos teus esforços.

E, assim dizendo, Cláudia Sabina entregou á comparsa algumas centenas de sestércios, em penhor de mútuos compromissos.

Hatéria guardou o preço da primeira combinação, ávidamente, lançando um olhar cúpido á bolsa e exclamando atenciosa:

— Podeis estar certa de que serei vigilante, humilde e discreta.

Caíam as sombras da noite sôbre os Montes Alba-

nos, mas a emissária de Cláudia procurou Túllia Cevina, daí a algumas horas, para os fins conhecidos.

A espôsa do tribuno Máximo Cuntactor, patrícia de coração bondoso e afavel, recebeu aquela mulher do povo, com generosidade e doçura. As solicitações insistentes de Hatéria confundiam-na. Havia comentado o pedido de sua amiga Alba Lucínia num círculo reduzidissimo de amizades mais íntimas; entretanto, aquela serva desconhecida não lhe trazia recomendação alguma dos amigos com quem se entendera a respeito. Atribuiu, porém, o fato á tagarelice de alguma escrava que houvesse conhecido o assunto, indiretamente, através de qualquer palestra despreocupada.

A humildade e singeleza de Hatéria pareceram-lhe adorayeis. Suas maneiras revelavam extraordinária cacapacidade de submissão, desvelada e carinhosa.

Túllia Cevina aceitou-a e, apiedada da sua situação, recolheu-a naquela mesma noite, acomodando-a entre as suas fâmulas.

Daí a dias, a Porta de Óstia apresentava singular movimento. Luxuosas viaturas encaminhavam-se para o porto, onde a galera dos nossos conhecidos já havia ancorado.

Nas edificações da praia ensolarada, estalavam os ditos alegres e carinhosos. Uma chusma de amigos e de representações sociais e políticas vinha receber Helvídio e Caio, num diluvio de abraços carinhosos.

Lóllio Urbico e a espôsa chegavam, igualmente, ao lado de Fábio Cornélio e sua mulher Júlia Spinther, velha patrícia, conhecida por suas tradições de orgulhosa sinceridade. Túllia Cevina e Máximo Cuntactor lá se encontravam, tambem, ansiosos pelo amplexo fraternal dos amigos que, por largos anos, se haviam ausentado. Numerosos parentes e afeiçoados disputavam, entre si, o instante de estreitar nos braços amigos os queridos recenchegados, mas, dentre toda a multidão, destacava-se o vulto venerando de Cneio Lucius, auréolado pelos cabelos brancos, que as penosas experiências da vida haviam santificado. Uma atmosfera de amor e veneração fazia-se em tôrno da sua personalidade vibrar-

te de cultura e generosidade, que setenta e cinco anos de lutas não conseguiram empanar. A sociedade romana havia seguido o curso de todos os seus passos, conhecendo, de longe, as suas tradições de nobreza e lealdade e respeitando nela um dos mais sagrados expoentes da educação antiga, cheia da beleza de Roma, em seus princípios mais austeros e mais simples.

Cneio Lucius soubera desprezar todas as posições de domínio, compreendendo que o espírito do militarismo operava a decadencia do Império, esquivando-se a todas as situações materiais de evidencia, de modo a conservar o ascendente espiritual que lhe competia. No acervo dos seus serviços á coletividade, contavam-se as providências desenvolvidas pelo govêrno imperial a favor dos escravos que ensinavam as primeiras letras aos filhos de seus senhores, além de muitas outras obras de benemerencia social, a pról dos mais pobres e dos mais humildes, a quem a sorte não fevorecera. Seu nome era respeitado, não sómente nos círculos aristocráticos do Palatino, mas tambem na Suburra, onde se acotovelavam as famílias anónimas e desventuradas.

Naquela manhã, o rosto do velho patrício deixava entrever o júbilo sereno que lhe palpitava na alma.

Estreitou os filhos longamente de encontro ao coração, chorando de alegria ao abraçá-los; osculou as netas com paternal contentamento, mas, enquanto as mais festivas saudações eram trocadas entre todos, no turbilhão de expressivas demonstrações de afeto e carinho, Cneio Lucius notou que Lóllio Urbico contemplava, com insistência, o perfil de sua nora, enquanto Cláudia Sabina fingindo absoluto olvido do passado, concentrava a sua atenção em Helvidio, em furtivos olhares que lhe diziam tudo á experiência do coração, cançado de bater entre os caprichosos desenganos do mundo.

Nestorio, por sua vez, desembarcado em Óstia, por satisfazer um velho sonho, qual o de conhecer a cidade célebre e poderosa, sentia estranhas comoções a lhe vibrarem no íntimo, como se estivesse a rever lugares amigos e queridos. Guardava a convicção de que o panorama agora desdobrado aos seus olhos ansiosos, era-lhe fa-

miliar, dos mais remotos tempos. Não podia precisar a cronologia de suas recordações, mas conservava a certeza de que, por um processo misterioso, Roma estava inteira na téla de suas mais entranhadas reminiscencias.

Naquele mesmo dia, enquanto Alba Lucínia e as filhas se retiravam para a cidade, ao lado de Fábio Cornélio e de sua mulher, Helvidio Lucius tomava lugar ao lado do velho progenitor, encaminhando-se ao perímetro urbano, sem observarem as horas ou as perspectivas suaves do caminho, plenamente mergulhados, como se encontravam, em suas confidencias mais íntimas.

Helvidio confiou ao pai todas as impressões que trazia da Asia Menor, rememorando cenas ou evocando carinhosas lembranças, salientando, porém, as suas intensas preocupações morais a respeito da filha, cujos conhecimentos prematuros em materia de religião e filosofia o assombravam, desde que, acidentalmente se dera ao prazer de ouvir os escravos da casa, sobre perigosas superstições da crença nova que invadia os setores do Império, em todas as direções. Esclareceu, assim, ante o delicado e generoso mentor espiritual de sua existencia, toda a situação familiar, apresentando-lhe os pormenores e circunstâncias, em tôrno do assunto.

O velho Cneio Lucius, depois de ouví-lo atentamente, prometeu-lhe auxílio moral, no que se referia á questão, a cuja solução o seu experimentado tirocínio educativo prestaria o mais proveitoso concurso.

Em poucos dias, instalavam-se os nossos amigos na sua magnifica residencia do Palatino, iniciando um novo ciclo de vida citadina.

Helvidio Lucius estava satisfeito com a sua nova posição, salientando-se que, como substituto imediato do sôgro nas funções de Censor, estava-lhe reservado um papél relevante na vida da cidade, sob as vistas generosas do Imperador. Quanto á Alba Lucínia, graças aos seus inatos pendores artisticos, auxiliada por Túllia, transformou as perspectivas da velha propriedade, imprimindo-lhes o gôsto da época e edificando em cada recanto um fragmento de harmonia do lar, onde o marido

e as filhas pudessem repousar das largas inquietações da vida.

Desnecessário dizer que, abonada por Túllia, Hatéria foi admitida no lar, impondo-se a todos por sua humildade habilidosa e conquistando dos amos confiança plena, em poucos dias.

Na semana seguinte, a pretexto de repousar algum tempo junto do avô, que a idolatrava, foi Célia conduzida pelos pais á residência do mesmo, na outra margem do Tibre, nas faldas do Aventino.

Cneio Lucius habitava confortavel palacete de apurado estilo romano, em companhia de duas filhas já idosas, que lhe enchiam de afeto a estrelejada noite da velhice.

Recebeu a neta carinhosa, com as mais inequívocas provas de contentamento.

No dia imediato, pela manhã, mandou preparar a liteira particular para, em sua companhia, oferecer um sacrifício no templo de Júpiter Capitolino.

Célia acompanhou-o calma e prazeirosa, embora reparasse os olhares expressivos com que o ancião a observava, ansioso, talvez, por lhe identificar os sentimentos mais íntimos.

Cneio Lucius não estacionou tão somente no santuário de Júpiter, dirigindo-se, igualmente, ao templo de Sérapis, onde procurou palestrar com a neta a respeito das mais antigas tradições da família romana. A jóven não lhe contradisse as palavras nem interrompeu a carinhosa preleção, submetendo-se á maior obediência no que se referia á ritualistica dos templos, conforme os regulamentos instituidos em Roma pelos padres flamíneos.

A tarde já caía, quando o generoso velhinho deu por terminada a peregrinação através dos edifícios religiosos da cidade. O sól escondia-se no poente, mas Cneio Lucius desejava conhecer toda a intensidade dos novos pensamentos da neta, conduzindo-a, para esse fim, ao altar doméstico, onde se alinhavam as soberbas imagens de marfim dos deuses familiares.

— Célia, minha querida, — disse ele por fim, des-

cançando num largo divã á frente dos ídolos — levei-te hoje aos templos de Júpiter e de Sérapis, onde ofereci sacrifícios em favor da nossa felicidade; mais que a nossa ventura, porém, cara filha, eu desejo a tua propria. Notei que acompanhavas os meus gestos e todavia, não demonstravas uma devoção sincera e ardente. Acaso, trouxeste da província alguma idéia nova, contrária ás nossas crenças?!...

Ouviu a palavra do venerando avô, com a alma perdida em profundas cismas. Compreendeu, de relance a situação, e, afeita ás rigorosas tradições da família, adivinhou que seu pai solicitara tal providencia, no intuito de reformar-lhe os pensamentos, bem como as convicções mais íntimas.

— Querido avô — respondeu de olhos humidos, nos quais transparecia uma sublimada inocencia — eu sempre vos amei de toda a minhalma e vós me ensinastes a dizer toda a verdade, em quaisquer circunstâncias.

— Sim — exclamou Cneio Lucius admirado, adivinhando as emoções da adorada criança — estás no meu coração a todos os instantes.

Fala, filhinha, com a maior franqueza! Eu não aprendi outro caminho que o da verdade, junto ás nossas tradições e aos nossos deuses...

— De antemão devo esclarecer-vos que foi certamente meu pai quem vos solicitou a reforma de meus atuais sentimentos religiosos.

O veneravel ancião fez um gesto de espanto em face daquela observação inesperada.

— Sim — continuou a jóven — talvez meu pai não me pudesse compreender inteiramente... Ele jamais poderia ouvir-me satisfatoriamente, sem um protesto enérgico de sua alma; entretanto, eu continuaria a amá-lo sempre, ainda que o seu coração não me entendesse.

— Então, filhinha, por que negaste a Helvidio as tuas mais íntimas confidências?...

— Tentei fazer-lhas um dia, quando ainda nos encontravamos na Judéia, mas compreendi, imediatamente, que meu pai julgaria mal as minhas palavras mais sinceras, percebendo, então que a verdade para ser total-

mente compreendida precisa ser tratada entre corações da mesma idade espiritual.

— Mas, filha, onde colocas, agora, os laços sagrados da família?

— No amor e no respeito com que sempre os cultivei; entretanto, avôzinho, no campo das idéias os élos do sangue nem sempre significam harmonia de opinião entre aqueles que o Céu uniu no instituto familiar. Venerando e estimando a meu pai, no meu afeto filial e no respeito ás tradições do seu nome, esposei idéias que ao seu espírito não é possivel aderir, por enquanto...

— Mas que queres traduzir por idade espiritual?...

— Que a mocidade e a velhice, quais as vemos no mundo, não podem significar senão expressões de uma vida física que finda com a morte. Não ha moços nem velhos e sim almas jóvens no raciocínio ou profundamente enriquecidas no campo das experiências humanas.

— Que queres dizer com isso? — perguntou o ancião altamente admirado. — Tens tão vasta leitura dos autores gregos?! Isso é de estranhar, quando teu pai só ha pouco obteve um escravo culto, especialmente destinado a enriquecer a tua e a educação de tua irmã.

— Vovô bem sabe da ânsia de aprender, que sempre me inpeliu, desde pequenina. Embora jóven, sinto em meu espírito o peso de uma idade milenária. Em todos estes anos de ausencia, na província, gastei todo o tempo disponivel em devorar a biblioteca que meu pai não podia levar consigo para as suas atividades na Iduméia.

— Filhinha — exclamou o respeitavel ancião sinceramente consternado — não terias agido á moda dos enfermos que á fôrça de buscarem a virtude de todos os medicamentos ao alcance da mão, acabam lamentavelmente intoxicados?!...

— Não, querido avô, eu não me envenenei. E se tal cousa houvera acontecido, ha mais de dois anos tenho no coração o melhor dos antídotos á influência corrosiva de todos os tóxicos dêste mundo.

— Qual? — interrogou Cneio Lucius sumamente surpreendido.

— Uma crença fervorosa e sincera.

— Colocaste teus pensamentos, neste sentido, sob a invocação dos nossos deuses?...

— Não, querido avô, pesa-me confessar-vos, mas, sinto em vosso íntimo a mesma capacidade de compreensão que vibra em minhalma e devo ser sincera. Os deuses de nossas antigas tradições já me não satisfazem...

— Como assim, querida filha? A que entidade dos céus confias hoje a tua fé sublimada e fervorosa?...

Como se nos seus grandes olhos vibrasse estranha luz, Célia respondeu calmamente.

— Guardo agora a minha fé em Jesus Christo, o Filho de Deus Vivo.

— Decláras-te cristã? — perguntou o velho avô empalidecendo.

— Só me falta o batismo.

— Mas, filha — disse Cneio Lucius emprestando á voz uma doce inflexão de carinho — o cristianismo está em contradicção a todos os nossos princípios, pois elimina todas as noções religiosas e sociais, basilares da nossa concepção de Estado e de Família. Alem disso, não sabes que adotar essa doutrina é caminhar para o sacrifício e para a morte?...

— Vovô, apesar dos vossos estudos longos e criteriosos, acredito que não chegastes a conhecer as tradições de Jesus e a claridade suave dos seus ensinamentos. Se tivesseis o conhecimento integral da sua doutrina, se ouvisseis diretamente aqueles que se saturaram da sua fé, terieis enriquecido ainda mais o tesouro de bondade e compreensão do vosso espírito.

— Mas não se compreende uma idéia tão pura, a encaminhar seus adeptos para a condenação e para o martírio, ha quasi um século.

— Entretanto, avôzinho, ainda não atentastes, talvez, para a circunstância de partir do mundo essa condenação, ao passo que Jesus prometeu as alegrias do seu reino a todos os que sofressem na Terra, por amor ao seu nome.

— Desvairas, minha querida, não pode haver divindade maior que o nosso Júpiter, nem pode existir outro

reino que ultrapasse o nosso Império. Alem disso, o profeta nazareno, ao que sou informado, prégou uma fraternidade impossivel e uma humildade que nós outros não poderemos compreender.

Pousou sôbre a néta os olhos plácidos, cheios de uma claridade misteriosa, sentindo, porém, uma comoção mais intensa ao encontrar os dela serenos, piedosos, transparentes de candura indefinivel.

— Avôzinho — continuou a dizer com o olhar abstrato, como se o espírito voejasse em recordações queridas e longínquas — Jesus Christo é o Cordeiro de Deus, que veiu arrancar o mundo do êrro e do pecado. Por que não lhe compreendermos os divinos ensinamentos, se temos fome de amor em nossa alma? Aparentemente sou uma jóven e vós um homem velho, para o mundo; no entanto, sinto que nossos pensamentos são gêmeos na sêde de conhecimento espiritual...

Da Terra inteira nos chegam clamores de revolta e gritos de batalha... Misturam-se o fél dos oprimidos e as lágrimas de todos os que padecem na humilhação e no cativeiro!...

— Tendes conhecimento de todos esses tormentos insondaveis que campeiam em todo o mundo! Vossos livros falam das angustias indefiniveis do vosso espírito sensivel e carinhoso. Esses brados de sofrimento chegam até aos vossos ouvidos, a todos os momentos!

"Onde estão os nossos deuses de marfim, que não nos salvam da decadencia e da ruina?! Onde Júpiter, que não vem ao cenario do mundo para restabelecer o equilíbrio da maravilhosa balança da justiça divina?! Poderemos aceitar um deus frio, impassivel, que se compraz em endossar todas as torpezas dos poderosos contra os mais pobres e os mais desgraçados? Será a Providência do Céu igual á de Cesar, para cujo poder o mais dilėto é aquele que lhe trás as mais ricas oferendas? Entretanto, Jesus de Nazaré trouxe ao mundo uma nova esperança. Aos orgulhosos, advertiu que todas as vaidades da Terra ficam abandonadas no pórtico de sombras do sepulcro; aos poderosos, deu as lições de renúncia aos bens transitórios do mundo, ensinando que as mais belas

aquisições são as que se constituem das virtudes morais, imperecíveis valores do Céu; exemplificou, em todos os seus atos de luz indispensaveis á nossa edificação espiritual para Deus Todo-Poderoso, Pai de misericórdia infinita, em nome de quem nos trouxe a sua doutrina de amor, com a palavra de vida e redenção.

"Além de tudo, Jesus é a única esperança dos sêres desamparados e tristes, da Terra, porquanto, de acôrdo com as suas doces promessas, hão de receber as bem-aventuranças no céu todos os desventurados no mundo, entre as bençãos da simplicidade e da paz, na piedade e na prática do bem.

Cneio Lucius ouvia a néta, em comovido silêncio, sentindo-se tocado de uma inquietação mesclada de encanto, qual a que devesse sentir um filósofo do mundo, que ouvisse as mais ternas revelações da verdade pela boca de um anjo.

A jóven, por sua vez, dando curso ás sagradas inspirações que lhe rociavam a alma, continuou a falar, revolvendo o tesouro de suas lembranças mais gratas ao coração:

— Por muito tempo estivemos em Antipatris, em plena Samária, junto á Galiléia... Alí, a tradição de Jesus ainda está viva em todos os espíritos. Conhecí de perto a geração de quantos foram beneficiados pelas suas mãos misericordiosas. E fiquei conhecendo a história dos leprosos, limpos ao toque do seu amor; dos cegos em cujos olhos mortos fluiu uma vibração nova de vida, em virtude da sua palavra carinhosa e soberana; dos pobres de todos os matizes, que se enriqueceram da sua fé e da sua paz espiritual.

"Nas margens do lago de suas prégações inesquecíveis, pareceu-me ver ainda o sinal luminoso dos seus passos, quando, alma em prece, rogava ao Mestre de Nazaré as suas bençãos dulcificantes!...

— Mas Jesus Nazareno não era um perigoso visionário?" — perguntou Cneio Lucius, profundamente surpreendido. — Não prometia um outro reino, menosprezando as tradições do nosso Império?

— Vovô — respondeu a donzela sem se perturbar

— o Filho de Deus não desejou jamais fundar um reino belicoso e perecivel, qual os possuem os povos da Terra. Nem se cansou jamais de esclarecer que o seu reino ainda não é dêste mundo, antes ensinou, que a sua fundação embasa nas almas que desejem viver longe do torvelinho das paixões terrestres.

"Revolucionária a palavra que abençôa a todos os aflitos e desherdados da sorte? Que manda perdoar o inimigo setenta vezes sete vezes? Que ensina o culto a Deus com o coração, sem a pompa das vaidades humanas? Que recomenda a humildade como penhor de todas as realizações para o céu?...

"O Evangelho do Cristo, que tive ocasião de ler em fragmentos de pergaminho, nas mãos dos nossos escravos, é um cantico de sublimadas esperanças no caminho das lágrimas da Terra, em marcha, porém, para as glórias sublimes do Infinito.

O respeitavel ancião esboçou um sorriso complacente, exclamando bondoso:

— Filha, para nós a humildade e o desprendimento são dois postulados desconhecidos. Nossas águias simbólicas jamais poderão descer dos seus postos de domínio e nem os nossos costumes são passiveis de se acomodarem ao perdão, como norma de evolução ou de conquista...

Tuas considerações, porém, interessam-me sobremaneira. Mas dize-me: onde hauriste semelhantes conhecimentos? Como pudeste banhar o espírito nessa nova fé, a ponto de argumentares fervorosamente em desfavôr das nossas tradições mais antigas?... Conta-me tudo com a mesma sinceridade que sempre reconhecí no teu caráter!...

— Primeiramente, vim a conhecer os ensinamentos do Evangelho ouvindo, curiosamente, as conversas dos escravos de nossa casa...

Após haver pronunciado essas palavras reticenciosas, Célia pareceu meditar gravemente, como se experimentasse uma dificuldade indefinivel para atender aos bons desejos do querido avô, naquelas circunstâncias.

Em seguida, como se travasse consigo mesma um

diálogo silencioso, entre a razão e o sentimento, ruborizou-se, como receosa de expôr toda a verdade:

Cneio Lucius, todavia, identificou-lhe imediatamente a atitude mental, exclamando:

— Fala, filha! Teu velho avô saberá entender o teu coração.

— Direi — respondeu ela ruborizada, dirigindo-lhe os olhos súplices, na sua timidez de menina e moça — Vovô, será pecado amar?!

— Certo que não — respondeu o velhinho, adivinhando um mundo de revelações no inopinado da pergunta.

— E quando se ama a um escravo?

O veneravel patrício sentiu constritiva emoção, em ouvindo a penosa revelação da néta adorada; respondeu contudo, sem hesitar:

— Filhinha, estamos muito distantes da sociedade em que a filha de um patrício possa unir seu destino ao de algum dos seus servos.

"Todavia — acrescentou depois de ligeira pausa — chegaste a querer tanto a um homem sujeito a tão dolorosas circunstâncias?

Mas, vendo que os olhos da jóven se humedeciam e adivinhando-lhe as comoções penosas e constrangedoras em face daquelas confidências, atraíu-a num beijo, de encontro ao coração, murmurando-lhe ao ouvido em tom carinhoso:

— Não temas os julgamentos do avôzinho, inteiramente devotado ao teu bem-estar. Revela-me tudo sem omitir detalhe algum da verdade, por mais dolorosa que ela seja. Saberei compreender a tua alma, acima de tudo. Ainda que as tuas aspirações amorosas e os teus sonhos aureos de menina hajam pousado no sêr mais abjéto e desprezivel, não te amarei menos por isso, e, confiando em ti mesma, saberei respeitar a tua dor e a tua dedicação!

Confortada com aquelas palavras, que deixavam transparecer generosidade e sinceridade absolutas, Célia prosseguiu:

— Faz dois anos que papai nos levou em uma de

suas excursões encantadoras, pelo lago extenso, na região onde possuimos a nossa casa. Além de mim, da mamãe e da Helvídia, ia conosco um jóven escravo adquirido na véspera e o qual, em vista da sua perícia nos remos, auxiliava a tarefa de abrir caminho ao longo das águas.

"Ciro, chama-se esse escravo de vinte anos, que a vontade do Céu deliberou fôsse parar em nossa casa.

"Iamos todos alegres, observando a linha do horizonte e o recorte das nuvens no claro espelho das águas marulhantes.

"De vez em quando, Ciro me dirigia o olhar lúcido e calmo, que me produzia uma emoção cada vez mais intensa e indefinivel.

"Quem poderá explicar êsse mistério santo da vida? Dentro dêsse divino segredo do coração, basta, ás vezes, um gesto, uma palavra, um olhar, para que o espírito se algeme a outro para sempre...

Fez uma pausa na exposição de suas reminiscencias, e observando-lhe a emotividade a desbordar dos olhos humidos, Cneio Lucius animou-a:

— Continúa, filhinha. Faço questão de ouvir e sentir a tua história toda.

— Nosso passeio — prosseguiu ela com os olhos dalma mergulhados no painél de suas mais íntimas recordações — corria sereno e sem tropeços, quando, em dado instante levantou-se uma onda larga, impelida pelo vento forte. Um abalo mais violento, justamente no ponto onde me instalara, quando, absorta nos meus pensamentos, caí de borco no seio espesso das águas...

"Ainda ouví os primeiros gritos de mamãe e da irmãzinha, supondo-me perdida para sempre; mas, quando me debatia, inutilmente para vencer o peso enorme que me oprimia o peito, sob a massa líquida, sentí que dois braços vigorosos me arrancavam do fundo lodoso do lago, trazendo-me á tona, mercê de um desesperado e imenso esfôrço.

"Era Ciro que me salvara da morte, com o seu espírito de sacrifício e lealdade, conquistando com esse ato espontâneo a gratidão sem limites de meu pai, e de todos nós um reconhecimento carinhoso e sincero.

"No dia imediato, meu pai concedeu-lhe a liberdade, muito comovido pelos sucessos da véspera.

"No instante da sua emancipação, o jóven liberto beijou-nos as mãos com os olhos húmidos, na sua gratidão profunda e sincera, conservando-o meu pai em nossa casa, como serviçal prestimoso e livre, quasi um amigo, se outras fôssem as condições do seu nascimento.

"Ciro, porém, não me conquistou sómente gratidão e estima a toda prova, como tambem o meu aféto dalma, espontâneo e profundo.

"Em tardes serenas e claras, sob as arvores do pomar, contou-me a sua história singular, cheia de episódios interessantes e comovedores.

"Em tenra idade vendido a um rico senhor que o conduziu desde logo ao país do Ganges — terra misteriosa e incompreensivel para os romanos — ali teve ocasião de conhecer os princípios populares de consoladoras filosofias religiosas.

"Nessa região do Oriente, cheia de segredos confortadores, êle aprendeu que a alma não tem apenas uma existencia, mas vidas numerosas, mediante as quais adquire novas faculdades, purificando-se ao mesmo tempo dos erros passados, em outros corpos, ou redimindo-se das aflições, no doloroso resgate dos crimes ou desvios do seu passado.

"Todavia, após a aquisição dêsses conhecimentos, foi levado á Palestina, onde se saturou dos ensinos cristãos, tornando-se adepto fervoroso do Messias de Nazaré!...

"Então, era de ver-se como a sua palavra se impregnava de inspiração divina e luminosa!... Apaixonado pelas idéias generosas que trouxera do ambiente religioso da India, acêrca-dos formosos princípios da reencarnação, sabia interpretar com simplicidade e clareza de raciocínio, para mim, muitas passagens evangélicas, algo obscuras para o meu entendimento, qual aquela em que Jesus afirma que "ninguem poderá atingir o reino do Céu sem renascer de novo"!...

"Fôsse ao crepúsculo langoroso da Palestina, fôsse ao luar caricioso das suas noites estreladas, quando descançava das fadigas do trabalho diuturno, falava-me êle

das ciências da vida e da morte, das cousas da Terra e do Céu, com os dons divinos da sua inteligência, mantendo o meu espírito suspenso entre as emoções da vida física e as gloriosas esperanças da vida espiritual.

Enlevada pela doce carícia de suas expressões e gestos de ternura, afigurava-se-me êle a alma gêmea do meu destino, reservada por Deus a me estimar e compreender, desde as vidas mais remotas.

"Durante um ano a vida nos correu em mar de rosas, porque nos amavamos intensamente. Em nossos idílios calmos, falavamos de Jesus e de suas glórias divinas, e, quando lhe suscitava a possibilidade da nossa união á face dêste mundo, Ciro ensinava-me que deveriamos esperar a felicidade no reino do Senhor, alegando que, na Terra, não era ainda possivel um matrimonio feliz, entre um escravo miseravel e uma jóven patrícia.

"Por vezes, entristecia-me com as suas palavras despidas de esperanças terrenas, mas as suas inspirações eram tão elevadas e tão puras que, num relance, sabia o seu coração levantar o meu para as jornadas da fé, que levam a tudo esperar, não da Terra ou dos homens, mas do Céu e do amor infinito de Deus.

O valoroso ancião tudo ouvia, sem um reproche, embora a sua atitude mental se caracterizasse pela mais funda consternação.

Observando que a néta fizera uma pausa na encantadora e triste narrativa, Cneio Lucius interrogou-a com benevolencia:

— Qual a atitude dêsse rapaz para com teu pai?

— Ciro admirava-lhe a generosidade franca e espontânea, revelando no íntimo a mais santa gratidão pelo seu ato de fraternidade, quando o alforriou para sempre. A todo proposito, ensinava-me a respeita-lo cada vez mais e a lhe realçar as qualidades mais elevadas; falava-me, constantemente de suas atitudes generosas, com entusiasmo, admirando-lhe a dedicação ao trabalho e a singular energia.

— E Helvídio nunca soube do teu amor? — perguntou o avô admirado.

— Soube, sim — respondeu Célia humildemente.

— Contar-vos-ei tudo, sem omitir um só detalhe.

Em nossa casa havia um chefe de serviço, que dirigia as atividades de todos os servos da família. Pausânias era um coração amigo do escândalo e nada sincero. Meu pai, atendendo á necessidade de viajar constantemente, conservava-o quasi como mandatário de sua vontade, em função dos seus numerosos interesses e Pausânias, muita vez, abusou dessa confiança generosa para estabelecer a discordia em nosso lar.

"Observando a minha intimidade com o jóven liberto, cujos dotes morais tão fortemente me haviam impressionado o coração, esperou, certa feita, o regresso de meu pai, de uma viagem á Iduméia, envenenando-lhe então o espírito com insinuações caluniosas da minha conduta.

— E que fez Helvídio? — interrogou o velhinho bruscamente, cortando-lhe a palavra, como se adivinhasse o desenrolar de todas as cenas ocorridas á distância.

— Repreendeu minha mãe, ásperamente, inculpando-a e chamou-me á sua presença, de maneira que lhe recebesse as admoestações e conselhos necessários, sem, contudo permitir que lhe expusesse tudo, com a sinceridade e franqueza com que o faço agora.

— E quanto ao liberto?... — perguntou Cneio Lucius ansioso por conhecer o desfêcho do caso.

— Mandou colocá-lo a ferros, ordenando a Pausânias lhe aplicasse a punição que julgasse necessária e conveniente.

Atado ao tronco, Ciro foi açoitado várias vezes, pelo crime de me haver ensinado a amar pelo coração e pelo espírito com o mais carinhoso respeito a todas as tradições do mundo e da família, no altar do devotamento silencioso e do sacrifício espiritual.

No segundo dia de seus indiziveis padecimentos, consegui avistá-lo, apesar da vigilância extrema que todos resolveram exercer sôbre os meus passos.

"Como nos dias de nossa tranquilidade feliz, Ciro recebeu-me com um sorriso de ventura, acrescentando que eu não deveria alimentar nenhum sentimento de amargor pela decisão de meu pai, considerando que o

seu espírito era bom e generoso e que se não podiamos quebrar preconceitos milenários da Terra, nem por isso deveriamos dar guarida a pensamentos de ingratidão.

"O sofrimento, porém, prosseguia a jóven, enxugando as lágrimas de suas reminiscências — era dilacerante para a minhalma.

Reconhecendo a situação penosa daquele que polarizava todas as minhas esperanças, cheguei a maldizer sinceramente da minha posição de afortunada. Que me valiam os mimos da família e as prerrogativas do nome que me felicitava, se a alma gêmea do meu destino estava encarcerada em pavorosa noite de sofrimentos?...

Expús-lhe, então, minha tortura íntima e os meus amargurados pensamentos. Ciro ouviu-me com resignação e brandura, respondendo-me, depois, que ambos tinhamos um modêlo e um mestre que não eram deste mundo, e que o Salvador nos guardaria no Céu um ninho de ventura, se soubessemos sofrer com resignação e simplicidade, á maneira dos bem-aventurados de sua palavra sábia e doce. Acrescentou que Cristo tambem amara muito e, entretanto, perlustrou os caminhos da incompreensão terrestre, sózinho e abandonado; se éramos vítimas de um preconceito ou de perseguições, tais sofrimentos deviam ser justos, por certo, dados os desvios do nosso passado espiritual, de éras pristinas e acrescentando que Jesus se sacrificara pela humanidade inteira, embora de coração imaculado como o lírio, e manso como cordeiro.

"Que valem nossos sofrimentos comparados aos d'Ele, no alto da cruz da impiedade e da cegueira humanas? — dizia-me valorosamente. — Célia, minha querida, levanta os olhos para Jesus e caminha!... Quem melhor que nós poderá compreender êsse doce mistério do amor pelo sacrifício?... Sabemos que os mais felizes não são os que dominam e gozam neste mundo, mas, os que compreendem os designios divinos, preticando-os na vida, ainda que nos pareçam as criaturas mais despreziveis e mais desventuradas... Alem disso, querida, para os que se amam pelos laços sacrossantos da alma, não existem preconceitos nem obstáculos, no espaço e no tem-

po. Amar-nos-emos, assim, constantemente, esperando a luz do reino do Senhor. Sôa, agora, o penoso instante da separação, mas, aquí ou além, estarás sempre viva em meu peito, porque hei de amar-te toda a vida, como o vérme desprezado que recebeu o suave sorriso de uma estrêla... Poderão, acaso, separar-se os que caminham com Jesus através das névoas da existência material? Não prometeu o Mestre o seu reino ditoso a quantos sofressem de olhos voltados para o amor infinito do seu coração? Sejamos conformados e tenhamos coragem!... Além dêstes espinhais, desdobram-se estradas floridas, onde repousaremos um dia sob a luz do Ilimitado. Se sofremos agora, deve haver uma causa justa, oriunda de tenebroso passado, em sucessivas existencias terrenas. Mas a vida real não é esta e sim a que viveremos amanhã, no ilimitado plano da espiritualidade radiosa!...

"Enquanto as suas expressões consoladoras me re temperavam o animo combalido, via-lhe o rosto macerado e os cabelos empastados de copioso suor, que me deixavam entrever um sofrimento físico martirizante e infinito.

"Embora a sua palidez extrema, Ciro me sorria e confortava. Sua lição de paciencia e fé enbalsamou-me o coração e aquela corajosa serenidade deveria constituir, para mim, precioso incitamento á fortaleza moral, em face das provas.

"Consolei-o, então, do melhor modo, testemunhando-lhe minha compreensão funda e sincera, quanto ao sentido daquelas palavras de bondade e ensinamento, compreensão que eu guardaria no imo, para sempre.

"Prometemo-nos, reciprocamente, a mais absoluta calma e confiança em Jesus, bem como eterna fidelidade neste mundo, para nos unirmos, um dia, nos céus.

"Terminados os rápidos minutos que consegui para da minha fé, enxugando corajosamente as proprias lagrimas.
falar ao encarcerado, reconstituí as energias interiores

"Procurei minha mãe, implorei a sua intercessão afetuosa, de modo a cessarem as cruéis punições que Pausânias impusera ao bem amado de minhalma, dando-

lhe ciência dos quadros penosos que presenciara.

"Ela comoveu-se profundamente com a minha narrativa e obteve de meu pai a ordem para que Ciro fôsse libertado, sob certas condições, que, apesar de penosas, constituiram para mim um brando alívio!

— Que condições? — perguntou Cneio Lucius admirado, ante o romance comovedor da néta, cujos dezoito anos atestavam a mais profunda intensidade de sofrimento.

— Meu pai acedeu, sob a condição de que não mais avistasse o jóven liberto para qualquer despedida, providenciando, na mesma noite, para que êle fôsse, escoltado por dois escravos de confiança, até Cesaréia, em cujo porto deveria ser internado numa galera romana, desterrado a critério dos que a comandavam!...

— E chegaste, filha, a alimentar algum rancor contra Helvídio, em face da sua atitude?

— Não — respondeu com espontânea sinceridade — se tivesse de alimentar qualquer rancor, seria contra o meu proprio destino.

Aliás, Ciro ensinava-me sempre que não podem caminhar para Jesus aqueles que não honrarem pai e mãe, de acôrdo com os preceitos divinos.

Cneio Lucius encontrava-se eminentemente surpreendido. Quando Helvídio lhe solicitara a intervenção moral junto da neta, longe estava de presumir tão doloroso romance de amor num coração de dezoito anos, cheio de juventude e de piedade. Seu espírito, que conhecia o vírus destruidor que operava a decadência da sociedade mergulhada num abismo de sombras, extasiava-se com aquela narrativa simples de um amor doce e cristão, que aguardava, pacientemente, o céu para todas as suas realizações divinas. Nenhuma voz da mocidade ainda lhe falara, assim, com tanta pureza á flor dos lábios.

Admirado e enternecido, descançou a face enrugada na mão direita meio trêmula, entregando-se á uma longa pausa para coordenar idéias.

Ao cabo de alguns minutos, notando que a néta aguardava ansiosa a sua palavra, perguntou com a mesma benevolencia:

— Minha filha, êsse jóven escravo jamais abusou da tua confiança ou da tua inocência!

Ela fixou nele os olhos serenos, em cujo fulgor cristalino podiam ler-se uma candidez e sinceridade a toda prova, exclamando sem hesitar:

— Nunca! Jamais Ciro permitiu que os meus proprios sentimentos pudessem tisnar-se de qualquer tendencia menos digna. Para demonstrar-vos a elevação de seus pensamentos, quero contar-vos que, um dia, quando conversavamos á sombra de velha oliveira, notei que sua mão pousara levemente em meus cabelos, mas, no mesmo instante, como se nossos corações se deixassem levar por outros impulsos, retirou-a, dizendo-me comovido: — "Célia, minha querida, perdôa-me. Não guardemos qualquer emoção que nos faça participar das inquietações do mundo, porque, um dia nos beijaremos no céu, onde os clamores da malícia humana não poderão atingir-nos.

Cneio Lucius contemplou de frente a néta, cuja sinceridade diamantina lhe irradiava dos olhos cândidos e valorosos, exclamando:

— Sim, filha, o homem a que te consagraste possue um coração generoso e diferente do que se poderia presumir no peito de um escravo, ao inspirar-te um amor tão distante das concepções da mocidade atual.

E acentuando as palavras, como se quisesse imprimir-lhes uma nova fôrça, com vistas a si mesmo, continuou após ligeira pausa:

— Além disso, essa nova doutrina, qual a aceitaste, deve conter uma essência profunda, dado o maravilhoso elixir de esperança que distila nas almas sofredoras. Acredito, agora, que Helvídio não sondou bastante o assunto para conhecer a questão nas suas facetas numerosas.

—É verdade, avô — respondeu confortada, como se houvesse encontrado um bálsamo para as suas feridas mais íntimas — meu pai, a princípio, não receava que analisassemos os estudos evangélicos, considerando-os perigosos; sómente depois das intrigas de Pausânias, supôs que as doutrinas do Cristo me houvessem acarretado qual-

quer deficiência mental, em virtude da minha inclinação pelo jóven liberto.

— Sim, teu pai não poderia entender um sentimento dessa natureza, no teu espírito de moça afortunada. Mas, ouve: já que me falaste com uma ponderação que não admite reprovações ou corretivos, quais são as tuas perspectivas de futuro? Sôbre tua irmã, teus pais já me falaram dos planos assentados. Daquí a alguns meses, depois de completar a sua educação, na atualidade romana, Helvídia esposará Caio Fabricius, cuja afeição a conduzirá a um dos postos de maior relêvo social, de acôrdo com os nossos méritos familiares. Mas, a teu respeito? Perseverarás, porventura, nesses sentimentos?!...

— Meu avô — respondeu com humildade — Caio Fabricius com os seus trinta e cinco anos maturados, cheio de delicadeza e generosidade, ha-de fazer a ventura de minha irmã, que bem o merece!... Perante Deus, Helvídia fez jús ás sagradas alegrias da constituição de um lar e de uma família. Junto do seu coração pulsará um outro, que lhe enfeitará a existência de mimos e ternuras...

Quanto a mim, pressinto que não obterei a felicidade como a sonhamos nesta vida!

Desde a infancia, tenho sido triste e amiga da meditação, como se a misericórdia de Jesus estivesse a preparar-me, em todos os ensejos, para não faltar aos meus deveres espirituais no instante oportuno.

E fixando no ancião o olhar percuciente e calmo, prosseguia:

— Sinto pesar-me no coração muitos séculos de angústia... Devo ser um espírito muito culpado, que vem a este mundo de maneira a remir-se de passados tenebrosos!...

Desde a Palestina, minhas noites estão povoadas de sonhos estranhos e comovedores, nos quais oiço vozes carinhosas que me exortam á submissão e ao sacrifício.

Acusada de cristã no seio da família, sinto que todos os meus carinhos ficam sem retribuição e todas as minhas palavras afetuosas morrem sem éco! Dou-me, porém, por imensamente venturosa em acreditar que o vosso cora-

ção vibra com o meu, compreendendo-me as intenções e os pensamentos.

Como se lobrigasse melancolicamente o caminho de sombras do porvir, desdobrado ante os olhos espirituais, Célia continuou a falar para o coração enternecido do velho avô que a idolatrava:

— Sim!... nos meus sonhos proféticos, tenho visto uma cruz a que me devo abraçar, com resignação e humildade!... Experimento no coração um peso enorme, avôzinho!... Por vezes inúmeras, vislumbro á minha frente quadros penosos, que devem radicar nas minhas existências pregressas. Pressinto que nascí neste mundo para resgatar e redimir-me. Quando óro e medito, chegam-me ao raciocínio as ponderações da alma ansiosa!... Não devo aguardar primaveras risonhas nem flores de ilusão, que me fariam esquecer a via dolorosa do espírito, destinado á redenção; mas, sim invernias de dor e provas ríspidas, em dias de lutas ásperas, que me hão de reconduzir á Jesus com a divina claridade da experiência!...

Cneio Lucius tinha os olhos molhados de lágrimas, ante as palavras comovedoras da néta, que, desde criança lhe conquistara a adoração.

— Filha — exclamou com bondade — não posso compreender tamanho desalento num coração da tua idade. O nome de nossa família não permitirá tal abandono de ti mesma...

— Entretanto, caro avô, não desdenharei a realidade dolorosa do sacrifício, sabendo, de antemão, que a sua taça me está reservada...

— E nada esperas da Terra no que se refere á possivel felicidade dêste mundo?!...

— A felicidade não pode estar onde a colocamos, com a nossa cegueira terrestre, mas no compreendermos a Vontade Divina, que saberá localizar a ventura para nós, como e quando oportuna. Não temos uma só vida. Teremos muitas. O segredo da alegria reside em nossa realização para Deus, através do Infinito. De etape em etape, de experiencia em experiencia, nossa alma caminhará para as glórias supremas da espiritualidade, como

se fizessemos a laboriosa ascenção de uma escada rude e longa... Amar-nos-emos sempre, meu avô, através dessas existencias numerosas. Elas serão como anéis na cadeia de nossa união ditosa e indestrutivel. Então, mais tarde, vereis que a vossa néta, dentro da sua realidade espiritual, se encontrará convosco, com a mesma compreensão e com o mesmo amor imperecivel, na região da felicidade real que a morte nos descerrará, com os seus sepulcros de cinzas dolorosas!...

"Atualmente, aos vossos olhos, serei, talvez, sempre triste e desventurada; mas, no íntimo guardo a certeza de que as minhas dores constituem o preço da minha redenção para a luz da Eternidade.

"Segundo me falam os augúrios do coração em suas vozes silenciosas e secretas, não terei um lar constituido, especialmente, para a minha ventura nesta vida!... Viverei incompreendida, de coração dilacerado no caminho acerbo das lágrimas remissoras! O sacrifício porém será suave, porque na sua exaltação sinto que encontrarei a estrada luminosa para o reino da Verdade e do Amor, que Jesus prometeu a todos os corações que confiassem no seu nome e na sua misericórdia bendita!

Os olhos de Célia elevaram-se para o Alto, como se o espírito aguardasse, alí mesmo, junto do velho avô as graças divinas, vislumbradas pela sua crença cheia de luminosidade e de esperança.

Cneio Lucius, todavia, aconchegou-a de mansinho ao coração, como se o fizesse á uma criança, falando-lhe com acentuada ternura:

— Filhinha, estás cansada! Não te justifiques por mais tempo. Conversarei com Helvécio a respeito dos teus mais íntimos pensamentos, elucidarei a tua situação perante o seu conceito.

E chamando Márcia, a filha mais velha, que representava junto da sua velhice confortada o papel de anjo tutelar e carinhoso, o respeitavel patrício acentuou:

— Márcia, nossa pequena Célia precisa de tranquilidade e repouso físico. Conduze-la ao teu quarto e fá-la descansar.

A neta beijou-lhe ternamente a fronte, retirando-se

com a tia, amavel e generosa, que quasi a tomou nos braços, conduzindo-a para o interior.

A noite ia já adiantada, enchendo o céu romano de caprichosas fulgurações.

Cneio Lucius, absorto em profundos cismares, abismou-se num mar de conjeturas.

Seu velho coração estava exhausto de palpitar, na incompreensão dos arcanos do mundo. Tambem fôra jóven e tambem nutrira sonhos. Na juventude longínqua, muita vez aniquilara as aspirações mais nobres e os propositos mais generosos, ao tumultuoso embate das paixões materializadas e violentas.

Sómente as brisas cariciosas da reflexão, na idade madura lhe haviam sazonado as concepções espirituais, a caminho de uma compreensão cada vez maior da vida e de suas leis profundas.

Desde que se habituara a meditar sinceramente, assombravam-lhe o espírito os fantasmas da dor e os espantosos constrastes dos destinos humanos. Apesar de arraigado ás tradições mais puras dos antepassados e não obstante havê-las transmitido, com fidelidade e amor, aos descendentes, seu coração não podia aceitar toda a verdade divina encarnada em Júpiter, simbolo antigo que consubstanciava todas as velhas crenças.

Desejoso de propinar uma lição áquela criança, na sua freima educativa, fôra o seu espírito que se abalara e comovera ante as novas concepções que lhe provinham dos labios puros de um anjo. Êle, que se acostumara a investigar as causas profundas da dor e a sentir os padecimentos de quantos soluçavam no cativeiro, acabava de receber uma chave maravilhosa para solucionar os caprichosos enigmas do destino. A visão das existencias sucessivas, a lei das compensações, as estradas do resgate espiritual pela expiação e pelo sofrimento, eram agora rasgadas ao seu raciocínio, como soluções providenciais.

Sua cultura dos autores gregos fazia-lhe sentir que o assunto não lhe era totalmente estranho, mas a palavra carinhosa e convincente da néta testemunhando-lhe

a verdade com os seus proprios padecimentos prematuros, abriam-lhe á mente uma senda nova para todas as cogitações nesse sentido.

Reclinado no divã da ara doméstica. seus olhos contemplaram a imagem soberba de Júpiter Stator, talhada em marfim, no centro dos outros deuses de sua família e de sua casa, com o coração tomado de angustia.

Levantou-se e andou pesadamente, em tôrno dos nichos adornados de luzes e flores

A imagem de Júpiter iá lhe não despertava os mesmos sentimentos de piedosa veneração, como nas noites anteriores.

Ante as revelações suaves e profundas de Célia, experimentava no íntimo a amargurosa suspeita de que todos os deuses dos seus ascendentes respeitaveis estavam rolando dos altares, confundindo-se no torvelinho de desilusões das velhas crenças. De alma opressa, o patrício venerando observava que novas equações filosóficas e religiosas apossavam-se, precipitadamente, do seu coração... Em seguida, receoso e aturdido, Cneio Lucius escutava no íntimo o doce rumor de uns passos divinos... Parecia-lhe que a figura suave e enérgica do profeta de Nazaré, cuja filosofia de perdão e de amor conhecia através das pregações então correntes, surgia no mundo para estilhaçar todos os ídolos de pedra a assenhorear-se do coração humano para sempre!...

O respeitavel ancião, se era amigo da verdade, não o era menos do sagrado depósito das tradições austeras

No compartimento consagrado ás divindades do lar, sentiu que o ambiente lhe asfixiava o coração e o raciocínio. Instintivamente, abriu uma das amplas janelas mais próximas, por onde o ar da noite penetrou em rajadas, refrescando-lhe a fronte atormentada.

Debruçou-se para contemplar a cidade quasi adormecida. Sua conversa com a neta pareceu-lhe haver durado um tempo indefinido, tão grande fôra o efeito das suas asserções profundas e empolgantes...

De olhos humidos, contemplou o curso do Tibre em toda a paisagem que o olhar abrangia, descansando o

pensamento abatido nos efeitos de luz que a claridade lunar operava caprichosamente sôbre as aguas.

Por quantas horas contemplou as constelações fulgurantes, sondando os mistérios divinos do firmamento?

Sòmente muito depois, aos albores da madrugada, a voz cariciosa de Márcia veiu despertá-lo de suas cogitações graves e intensas, convidando-o a recolher-se.

Cneio Lucius dirigiu-se, então, para o quarto, a passos vagarosos, a fronte vincada de angústia, olhos fundos e tristes, como alguem que houvesse chorado amargamente.

III

SOMBRAS DOMÉSTICAS

A vida dos nossos personagens, em Roma, reiniciou-se sem grandes acontecimentos nem surpresas.

Helvidio Lucius, apesar do amor á província, expeperimentava a agradavel sensação de haver voltado ao antigo ambiente, a ocupar um cargo mais elevado, no qual haveria de enriquecer, sobremaneira, os valores de sua vocação política ao serviço do Estado.

Concedendo liberdade a Nestório, fizera questão de admití-lo nos trabalhos do seu cargo e da sua casa, como cidadão culto e independente, que era.

Foi assim que o antigo escravo, alugando um cômodo de habitação coletiva nas imediações da Porta Salária, tornou-se professor de suas filhas e auxiliar de trabalho, durante oito horas diarias, com vencimentos regulares.

Fóra disso, o liberto ficava inteiramente livre para cuidar dos seus interesses particulares.

E soube aproveitar essas folgas, valendo-se da oportunidade para consolidar a melhoria de situação. Assim é que, á noite, ensinava primeiras letras a discípulos humildes, que lhe contratavam os serviços, facultando-se um vasto campo de relações e dando expansão aos seus

pendores afetivos, em reuniões carinhosas que lhe propinavam novas energias ao coração.

Bastou um mês para que ficasse conhecendo os centros mais importantes da cidade, seus homens ilustres, monumentos, classes sociais, aliciando amizades sólidas na esfera humilde em que vivia.

Apaixonado pelo cristianismo, circunstância que Helvidio Lucius desconhecia, não se furtou á satisfação de conhecer os companheiros de ideal, de modo a cooperar com o seu contingente na tarefa abençoada de edificar as almas para Jesus, naqueles sombrios tempos que o pensamento cristão atravessava, entre ondas largas de incompreensão e de sangue.

A palavra facil de Nestório, aliada á circunstância de suas relações pessoais com o Presbítero Johanes. discípulo diléto de João Evangelista na igreja de Éfeso; circunstância que lhe facultava o mais amplo conhecimento das tradições de Jesus, proporcionou-lhe, imediatamente um lugar destacado entre os companheiros de fé, que, duas vezes na semana, se reuniam á noite, no interior das catacumbas da Via Nomentana, para estudar as passagens do Evangelho e implorar a assistencia do Divino Mestre.

O reinado de Adriano, embora liberal e justo, de início, caracterizou-se pela perseguição e pela crueldade, depois dos terriveis acontecimentos da guerra civíl da Judéia.

Posteriormente a 131, todos os cristãos se viram compelidos a buscar novamente o refúgio das catacumbas, para as suas preces. Perseguição tenaz e implacavel era movida pela autoridade imperial a todos os nucleos de idéias ou de personalidades israelitas. Os adeptos de Jesus apenas se reconheciam, entre si, na cidade, por um vago sinal da cruz, que os identificava fraternalmente onde quer que se encontrassem.

Nestorio não desconhecia o perigoso ambiente, buscando adaptar-se á situação, quanto possivel, de maneira a continuar servindo o Cristo na sua fé íntima, sem traír o cumprimento dos seus deveres, em conciência.

Votava a Helvídio Lucius e á sua família extremado

respeito e sincera estima. Jamais poderia esquecer que recebera de suas mãos generosas a liberdade plena. Era, assim que se desobrigava de suas responsabilidades, com satisfação e devotamento.

Em pouco tempo, chegava á conclusão de que ambas as jóvens estavam devidamente preparadas para a vida, dado o seu grande cabedal de conhecimentos, através da leitura; mas, Helvidio Lucius cultivando a sua simpatía da primeira hora, conservara-o no seu gabinete de trabalho, onde o liberto teve ocasião de lhe testemunhar o seu reconhecimento e admiração, fortalecendo-se, cada vez mais, os laços de amizade recíproca.

Fazia já um mês que os nossos amigos regressaram á Roma, quando o censor Fábio Cornélio fez questão de abrir o seu palácio para a apresentação dos filhos a todas as figuras destacadas do patriciado.

Á essa festa de larga projeção social compareceu o proprio Adriano, com o prefeito e Claudia Sabina, enaltecendo o esplendor do acontecimento.

Nessa noite memoravel para os destinos dos nossos personagens, tudo era um deslumbramento de luz e de flores, na suntuosa residencia do antigo bairro das Carinas.

Nos jardins luxuosos brilhavam tochas artisticamente dispostas, enquanto no lago improvisado graciosas embarcações se pejavam de musicos e cantores. Ás melodias das harpas misturavam-se os sons das flautas, dos alaúdes e atabales, junto dos quais, escravos esbeltos e jóvens erguiam vozes cariciosas e cristalinas.

Mas não era só.

Fábio Cornélio e Julia Spinther, movimentando todas os recursos materiais, apresentaram uma festividade a rigor, de cujas caracteristicas a aristocracia romana haveria de guardar indelével lembrança.

Luzes em profusão, mesas lautas, flores preciosas, extravagantes adornos do Oriente, cantores e bailarinos famosos, apresentação de antílopes gigantescos que lutariam com escravos atléticos, na arena preparada a capricho, para os fins a que se destinava. Gladiadores e ar-

tistas mesclavam-se com a legião de convivas, em soberbo painel de maravilhosa alacridade.

Claudia Sabina, depois de algum esfôrço, conseguiu atraír a atenção de Helvidio Lucius, que se lhe mostrava arredío, interessando a palavra direta do Imperador por sua figura e feitos. De vez em quando, uma referência carinhosa e vaga, que o patrício recebia alarmado, receoso de voltar á recordação dos tempos inquiétos da juventude.

Enquanto isso, Lóllio Urbico oferecendo o braço á Alba Lucínia, conduzia-a, de leve, ás alamedas extensas e floridas em derredor do lago artificial, que brilhava á luz da noite, num como deslumbramento.

Retido, propositadamente por Cláudia, junto do Imperador, Helvidio ouvia a palavra generosa de Cesar, a demonstrar evidente interêsse pela sua pessoa:

— Helvidio Lucius, — exclamava Adriano com um sorriso afavel e atencioso — folgo muito de revê-lo em nosso ambiente.

E designando Claudia Sabina, de pé, a seu lado, acrescentava:

— Nossa amiga falou-me de suas preciosas capacidades de trabalho e eu o felicito. Tenho, agora, numerosas obras de importância, em Tibur, onde necessito do concurso de um homem operoso e inteligente, que traga consigo a volúpia da atividade. É certo que essas construções chegam, no momento, a seu termo, mas, determinadas instalações requerem a contribuição de alguem com altos conhecimentos de nossas realidades práticas. Confiei á Claudia a solução de numerosos problemas de arte, em que prima a sua sensibilidade feminina, mas preciso de cooperação como a sua, dedicada e perseverante, no concernente á parte administrativa. Ser-lhe-ia agradavel colaborar com a nossa amiga, por algum tempo, em Tibur?

Helvídio compreendeu a situação dificil que lhe fôra preparada.

Em conciência, não poderia aceitar com satisfação semelhante encargo, mas Cesar não precisava expressar uma ordem. além da manifestação de seus desejos.

— Augusto — replicou o interpelado com uma reverência — vossa gentileza honra os meus esforços. A deferência de tais responsabiiidades constitue para mim um grato dever do coração.

Claudia Sabina esboçou um sorriso bem humorado, dirigindo-se, satisfeita, ao Imperador:

— Obrigada, Cesar, pela escolha de um colaborador tão precioso. Sinto que as obras de Tibur serão a maravilha inultrapassavel do Império.

Adriano sorriu, lisonjeado, exclamando carinhoso, como quem estivesse dispensando um favor raro:

— Está bem! cuidaremos do assunto no momento oportuno.

E alongando o olhar enigmático pelas avenidas harmoniosas e floridas, onde pares numerosos se enfileiravam em alegrias francas, acrescentou:

— Mas, que fazeis aqui, tão jóvens, presos á minha palavra cheia de rotina e de austeridade?... Divertí-vos! A vida romana deve ser um formoso jardim de prazeres!...

Helvídio Lucius, compelido pelas circunstâncias, deu o braço á sedutora favorita, retirando-se vagarosamente em sua companhia, sob as vistas generosas e complacentes de Augusto.

Cláudia Sabina não conseguiu dissimular a incoercivel emoção que intimamente a afligia, em face da situação que a conduzira ao braço do homem que polarizava as suas aspirações de mulher; mas, dados alguns passos, foi a primeira a romper o constrangido silêncio:

— Helvídio — disse em voz quasi súplice — reconheço, agora, a linha de responsabilidades sociais que nos separam, mas será possivel que me houvesses esquecido?

— Senhora — respondeu o patrício emocionado e respeitoso — dentro do noso fôro íntimo, todo o passado deve estar morto. Se vos ofendí no passado, confesso-me agradecido pelo vosso esquecimento. De outro modo, qualquer aproximação entre nós representaria uma fórmula de existência odiosa e impossivel.

A favorita de Adriano sentiu fundo a firmeza daquelas palavras, que lhe gelavam o coração inquieto e

sôfrego, retorquindo, todavia, sem vacilar:

— Uma mulher conquistada, jamais poderá considerar-se uma mulher ofendida. As mãos que amamos nunca nos chegam a ferir e eu, em tempo algum, consegui olvidar a tua afeição.

Imprimindo á voz uma inflexão de humildade, acrescentava:

— Helvídio, tenho sofrido muito, mas tenho-te esperado em toda a vida. Vencida e humilhada na juventude, não sucumbí ao desespêro para aguardar, confiante, o teu regresso ao meu amor. Quererias, porventura, aniquilar-me agora que te venho oferecer, humildemente, todos os tesouros da vida amontoados com zêlo para te ofertar?

As últimas palavras foram sublinhadas de profundo desencanto, á face de si mesma, e Helvídio Lucius compreendendo o seu desapontamento, prosseguiu sem hesitar:

— Precisais considerar que jurei fidelidade e dedicação á uma criatura generosa e leal, além de estardes, tambem vós, comprometida com um homem nobre e digno. Acaso desejarieis quebrar um voto contraído perante os nossos deuses?...

— Nossos deuses? — repetiu a interpelada com uma ponta de ironia. — E chegam êles a impedir os divórcios numerosos de tantas personalidades da Côrte? E êsses exemplos, porventura não nos chegam de cima, dos altos postos onde domina a autoridade direta do Imperador? Não cogito de situações, para, antes de tudo, satisfazer minha sensibilidade feminina.

— Bem se vê — replicou Helvídio ironico — que desconheceis a tradição de um nome de família. Os que desejam continuar os valores dos séculos que passaram, não podem aventurar-se com as novidades da época, de maneira a permanecerem fiéis ao patrimônio recebido de seus ascendentes.

Cláudia Sabina mordeu os lábios, nervosamente, recebendo aquela alusão direta á sua antiga situação de plebéia e murmurando com altivez:

— Não concordo contigo, neste particular. Os triun-

fadores não podem ser os tradicionalistas, que recebem um nome feito para brilhar no mundo e sim os que, triunfando da propria condição e do meio ambiente, sabem elevar-se ás culminancias sociais, como as aguias da inteligência e do sentimento, obrigando o mundo a lhes reverenciar as conquistas e os méritos.

O orgulhoso romano sentiu a azedia da resposta, sem encontrar recursos imediatos para revidar com as mesmas armas, porém, a antiga plebéia acrescentou com um sorriso enigmático:

— Apesar da tua impassibilidade, continuarei guardando as minhas esperanças. Acredito que não deixarás de aceitar a honrosa incumbencia de Augusto para conclusão das obras de Tibur, que, atualmente, constituem a sua preocupação de todos os instantes.

— Sim — murmurou o patrício algo contristado — terei de cumprir as determinações de Cesar.

Preparava-se a favorita para retorquir, quando Publício Marcelo, companheiro de Lóllio Urbico em seus notaveis feitos de armas, aproximou-se ruidosamente, roubando-lhes a possibilidade de prosseguir na confidencia e atirando-lhes um convite amavel:

— Amigos — exclamou esfusiante de alegria — acerquemo-nos do lago! Virgílio Prisco vai cantar uma das suas mais belas composições em homenagem a Cesar!

Helvídio e Claudia, colhidos numa onda de chamamentos alegres, separaram-se involuntariamente, para atender aos convites afetuosos.

Com efeito, nas bordas da grande piscina rodeada de árvores frondosas, toda a massa de convidados se comprimia sôfrega. Mais alguns instantes e a voz aveludada de Virgílio enchia o ambiente de sonoridades, entre as quais se destacavam as notas melodiosas das cítaras e dos alaúdes que o acompanhavam.

Do alto do trono improvisado, Adriano ouvia-o embevecido, recebendo a homenagem dos súditos fiéis ás suas vaidades imperiais.

Em ligeiro retrospecto acompanhemos, contudo, Alba Lucínia e Lóllio Urbico através de pequeno giro pelas alamedas claras e floridas.

A nobre senhora guardava a severidade graciosa dos seus traços de madona, enquanto o companheiro mostrava-se eminentemente emocionado.

Em palestra aparentemente despreocupada, o prefeito dos pretorianos parecia distanciar-se, intencionalmente, dos grupos numerosos, desejoso de manifestar os pensamentos secretos que lhe atormentavam o íntimo desolado.

Em dado instante, muito pálido, exclamou em atitude quasi súplice:

— Senhora, eu vos vi pela primeira vez ha mais de vinte anos... Celebravam-se os vossos esponsais com um homem digno e eu lamentei, sinceramente, não haver chegado mais cedo para disputar-vos!... Acredito que vosso coração se alarme com estas minhas revelações inoportunas mas, que fazer, se o homem apaixonado é sempre a mesma criança de todos os tempos, que não mede situações nem circunstâncias para ser sincero?... Perdoai-me se vos ofendo a susceptibilidade superior e generosa, mas, tenho necessidade inelutavel de vos afirmar de viva voz o meu amor...

Alba Lucínia escutava-o, penosamente impressionada com aquelas declarações sinceras e peremptórias. Desejou responder-lhe com a austeridade dos seus elevados princípios, como espôsa e mãe, mas, amarga comoção parecia paralisar-lhe as cordas vocais, naquelas difíceis circunstâncias.

Retomando a palavra e tornando-se mais veemente, Lóllio Urbico prosseguia:

— Desperdicei a mocidade com os mais dolorosos pesares íntimos... Minhalma procurou, em vão, por toda a parte, alguem que se parecesse convosco. Resvalei por aventuras escabrosas, nas minhas tristes empresas militares, ansioso de encontrar o coração que adivinho em vosso peito! Minha existência, posto que fortunosa, está saturada de amarguras infinitas... Será que me não concedais o lenitivo de uma esperança? Terei de morrer, assim, estranho e incompreendido?... Displicentemente, dei meu nome e posição social á uma mulher que me não pode satisfazer as expressões elevadas

do espírito. Dentro do lar, somos dois desconhecidos... entretanto, senhora, nunca pude esquecer o vosso perfil de madona, esse olhar divino e calmo, onde leio agora as páginas de luz da vossa virtude soberana!...

No meu ambiente social tenho tudo o que a um homem é lícito desejar: fortuna, privilégios políticos, fama e nome, degraus que escalei facilmente entre as classes mais nobres; o coração, porém, vive em desalento irremediavel, aspirando a uma felicidade inatingivel... Enquanto vos conserváveis na província, possivel me foi contemporizar com os proprios amargores; mas, depois que vos reví, experimento nalma um desencadeado Vesúvio de chamas!... Tenho as noites povoadas de inquietações e amarguras, quais as de um náufrago, vendo além a ilha da sua ventura, distante e inatingivel.

Dizei que vosso coração ha-de acolher-me as súplicas; que me vereis com simpatía ao vosso lado. Se não puderdes retribuir esta paixão, enganai-me ao menos com a vossa amizade honrosa e enobrecedora, reconhecendo em mim algum de vossos servos!...

A nobre senhora, tornara-se lívida, o coração lhe pulsava alarmado, em ritmo violento:

— Senhor prefeito — conseguiu balbuciar, quasi desfalecente — lamento bastante haver inspirado sentimentos dessa natureza e não posso honrar-me com a vossa homenagem afetiva, porquanto vossas palavras evidenciam a violência de uma paixão insensata e desastrosa. Meus deveres sagrados de espôsa e mãe, impedem-me de considerar quanto acabais de dizer. Mantenho sincero proposito de vos considerar o cavalheiro ilustre e digno, o amigo dedicado e honesto de meu pai e de meu marido, a cujo destino, por afeição natural, estou ligada para sempre.

Lóllio Urbico, habituado ás transigencias femininas da Côrte em face da sua posição e predicados, empalideceu, de súbito, ao ouvir a recusa nobre e digna. Avaliou num relance o quilate espiritual da criatura ardentemente cobiçada ha tantos anos. No seu íntimo, de mistura com o amor proprio humilhado, havia igualmente um ressaibo de vergonha para consigo mesmo.

Baixando, todavia, o olhar despeitado, falou quasi súplice:

— Não desejo passar a vossos olhos como um espírito grosseiro e incompreensivo! A verdade, porém, é que continuarei a vos amar da mesma fórma. Vossa formal e delicada recusa agrava a minha ambição de possuir-vos. Por quanto tempo, ó deuses do Olimpo, prosseguirei assim, incompreendido e torturado?

Erguendo os olhos, notou que Alba Lucínia chorava, contristada. Aquela dor serena e justa penetrou-lhe o coração qual o gume de uma espada.

Lóllio Urbico sentiu, pela primeira vez, que a materialidade da sua paixão produzia sentimentos de angústia e piedade.

— Senhora — exclamou aflito — perdoai se vos fiz chorar com as expressões mal-avisadas dos meus tristes padecimentos. Quero-vos muito, muito... Desposastes um homem honesto e digno e acabo de cometer a loucura de vos propôr a sua deshonra e desventura... Perdoai-me! Fui vítima de um instante penoso de criminosa insania... Apiedai-vos de mim, que tenho vivido até agora abatido e desolado.

Um mendigo do Esquilino é mais feliz do que eu, embora estenda as mãos á caridade pública! Sou um desgraçado... tende compaixão do meu padecer angustioso. Por muitos anos guardei no íntimo estas emoções rudes e penosas e vós sabeis que a alma do soldado tem de ser cruél e impassivel, recalcando os pensamentos mais generosos!... Jamais encontrei um coração que compreendesse o meu, razão pela qual não hesitei em vos ofender a dignidade irrepreensivel!...

Alba Lucínia escutava-lhe as súplicas sem compreender os contrastes daquela alma violenta e sensivel. Houve um silêncio penoso para ambos, quando alguem atravessando as filas de arvoredos, exclamava em voz cheia, rente de seus ouvidos:

— Vinde ouvir Virgílio Prisco! Associemo-nos ás homenagens a Cesar!...

Lóllio Urbico verificou a impossibilidade de prosseguir em suas confidencias e, oferecendo o braço á no-

bre senhora que o acompanhou com um sorriso triste, seguiram em direção ao lago, onde, momentos antes, víramos chegar Helvidio e Claudia Sabina.

Em torno do cantor reuniam-se todos os convivas, numa assembléia compacta e distinta, atentos á homenagem que o Imperador recebia, sereno e envaidecido.

A canção encomendada pelos anfitriões era um longo poema no estilo da época, onde os feitos de Adriano excederam, glorificados, a todas as realizações precedentes, do Império. Nas expressões bajuladoras do artista, herói algum o havia excedido nos feitos brilhantes de Roma. Generais e poetas, cônsules e senadores celebres, ficavam aquem do que tivera a ventura de ser filho adotivo de Trajano.

No alto do trono alí erguido a carater, o Imperador dava largas á sua vaidade pessoal com francos sorrisos.

Todos o rodeavam. Numerosas autoridades lá estavam, associando-se ao honroso preito de Fábio Cornélio e família.

Não podemos esquecer que Helvídia e Caio Fabricius lá se viam juntos e embevecidos na sua risonha primavera de amor, enquanto Cneio Lucius, obrigado pelas circunstâncias, a comparecer, amparava-se ao braço de Célia, meio trêmulo na sua avançada velhice e desejoso de patentear aos filhos que o seu coração tambem participava do júbilo geral.

Emudecidos os alaúdes, uma legião de jóvens despetalou centenas de róseas corôas trazidas por escravos em grandes bandejas prateadas, envolvendo o trono em uma nuvem de pétalas odorantes.

Vibraram novas harmonias e o côro dos dansarinos exibiu nóvos bailados, cheios de figurações interessantes e estranhas.

O vinho transbordou, enchendo quasi todas as frontes de fantasia e, com a caçada dos antílopes fabulosos, terminou a festa que ficou gravada, para sempre, na mente de todo o patriciado.

Helvídio Lucius e Alba Lucínia volveram ao lar, sob o pêso de indefinivel angústia.

Surpreendidos pelos acontecimentos inesperados, quanto ás penosas emoções de que haviam sido vítimas, observava-se em ambos o recíproco efeito de uma confidência desagradavel e dolorosa.

Voltando, todavia, á intimidade doméstica, a nobre senhora disse ao espôso em tom de amargura:

— Helvídio, muitas vezes desejei ardentemente, retornar á Roma, saudosa das nossas amizades e do incomparavel ambiente citadino; mas hoje compreendo melhor a calma do campo, onde viviamos sem cuidados penosos. Os anos da província me desacostumaram das intrigas da Côrte e essas festividades de agora, como que me cansam profundamente o coração.

Helvídio ouviu-a sentindo que o seu estado dalma era bem aquele, tal o tédio que se apossara dela, depois dos espetáculos que lhe fôra dado observar, considerando tambem as penosas emoções que aquela noite lhe proporcionara.

— Sim, querida — replicou algo confortado — tuas palavras fazem-me um grande bem ao coração. Regressando á Roma, reconheço que estou tambem farto dos ambientes de convenção e hipocrisia. Temo a cidade com os seus perigos numerosos para esta nossa ventura, que desejamos imperecivel!

E, recordando mais detidamente as dolorosas comoções experimentadas horas antes, com as confidencias de Sabina, atraíu a espôsa ao coração, acrescentando com o olhar incendido de súbito clarão:

— Lucínia, uma idéia nova aflora-me ao espírito! Que me dirias da nossa volta ao campo generoso e tranquilo? Lembremo-nos, querida, que a revolução terminou e não será dificil readquirirmos as antigas propriedades da Palestina.

Reatariamos assim a nossa tranquila existência na província, sem as preocupações exhaustivas e dolorosas que aqui nos assaltam. Cuidarias das tuas flores e eu continuaria zelando pelos interesses de nossa casa.

Prometo-te que farei tudo por te tornar a vida menos triste, longe de teus pais! Conservaria conosco somente os escravos da tua predileção e buscaria acon-

selhar-me constantemente contigo, no desdobramento de todos os trabalhos!...

Levar-te-ia comigo, em todas as viagens... nunca mais te deixaria isolada em casa, preocupada e saudosa...

Helvídio Lucius imprimia á voz um tom singular e fundamente expressivo, como se estivesse desdobrando, ante o olhar lacrimoso da espôsa, as perspectivas cariciosas de um quadro primaveril.

— Quem sabe — continuava de olhos brilhantes — poderiamos voltar á Judéia, para sermos ainda mais alegres e mais felizes?! Nossa Helvídia tem o futuro assegurado com o enlace próximo e ficaria Célia para enriquecer a felicidade doméstica!... De volta, percorreriamos toda a Grecia, afim-de visitar o mais antigo jardim dos deuses e, quando em Samária e na Iduméia, haverias de ver os milagres do meu coração no afã de ver-te risonha e venturosa! Passearemos, então, juntos como outrora, pelas estradas enluaradas, no silêncio das noites calmosas, para melhor sentirmos a extensão do nosso amor venturoso.

Aquí, sinto a nossa paz doméstica ameaçada a cada passo... As intrigas da Côrte me atormentam o coração!... Entretanto, somos ainda moços e temos diante de nós um futuro promissôr.

Acredita, querida, que alimento o maior desejo de voltar ao nosso remanso de paz, no seio da natureza calma e generosa!...

Alba Lucínia ouvia-o, aliviada das próprias angústias. Uma lágrima lhe brilhava á flor dos olhos, tinha o coração alvoroçado com a risonha espectativa de regressar á tranquilidade da vida provinciana.

Não obstante o júbilo dessas esperanças, sua atitude mental se caracterizava pela mais funda reflexão.

— Helvídio — exclamou confortada — essa perspectiva de voltar ao ambiente campestre com a nossa ventura e o nosso amor, consola-me o espírito abatido. Mas, ouve-me: e os nossos deveres? Que dirá meu pai da nossa atitude, depois de haver lutado tanto para reajustar a tua situação á política administrativa do Im-

pério? Enfim, desejo saber se não chegaste a assumir qualquer compromisso mais sério.

Em lhe ouvindo as serenas ponderações, o patrício recordou, subitamente, o compromisso com o Imperador, concernente ás construções de Tibur, e sentiu-se gelado, depois da eclosão de suas entusiásticas esperanças.

Informou, então, á companheira, da solicitação de Cesar, respondendo-lhe ela com um suspiro de pesar.

— Neste caso — exclamou Alba Lucínia com uma ponta de contrariedade nas expressões familiares — é tarde para cogitar do nosso imediato regresso á província.

O marido reconheceu, com mágoa, a justeza da ponderação, mas, acrescentou:

— Em última análise, falarei amanhã a Fábio Cornélio, expondo-lhe as minhas apreensões a respeito e, mesmo que êle não aprove nosso regresso, mantenhamos esperanças, pois os deuses hão de permitir nossa volta mais tarde!...

Embora a profunda intimidade daquele desabafo, nem um nem outro se sentiu com a coragem precisa para revelar as penosas emoções daquela noite.

E no dia seguinte, ambos ainda se ressentiam do primeiro embate das lutas sentimentais que os aguardavam no ambiente da grande metrópole.

Procurando o sôgro, Helvídio Lucius expôs-lhe, sem reservas, seus planos e desejos. Além de manifestar o proposito de voltar á Palestina, falou igualmente, da pretensão imperial de lhe utilizarem os prestimos pessoais nas obras de Tibur.

Fábio Cornélio recebeu aquelas alegações tomado de surpresa, reprovando os projetos do genro e encarecendo-lhe que semelhante alvitre demonstrava muita infantilidade da sua parte, em tais circunstâncias. Não estava com a posição financeira consolidada? Não representava um fator de paz a sua permanencia em Roma, ao lado de toda a família? Não conseguira as graças de Adriano, a ponto de se integrar no mecanismo político-administrativo com todas as honras de um tribuno militar?

Em face da recusa obstinada, em voz baixa e em tom discreto Helvídio relatou ao sogro as suas aventuras da mocidade, dizendo-lhe das novas pretensões de Cláudia Sabina e da sua dificil situação doméstica, no sagrado aconchego da família.

O velho censor ouviu-lhe a confidencia um tanto sorpreso, mas, obtemperou:

— Meu filho, compreendo os teus escrupulos; entretanto, devo falar-te com a mesma franqueza com que te confessas, esclarecendo que, na minha atual situação, dependo inteiramente do apoio de Lóllio Urbico e de sua mulher, no mundo da política e dos negocios. Minha posição financeira, infelizmente, é agora assaz precária, em vista dos numerosos gastos impostos pelas circunstâncias. Se te for possivel, auxilia-me nestas contingencias. Não recuses a oportunidade que Adriano te oferece em Tibur, e faze o possivel por não desgostares o espírito vingativo de Cláudia, principalmente nas atuais circunstâncias de nossa vida.

Helvídio compreendeu a impossibilidade de abandonar o velho sogro e sincero amigo, em tais conjunturas, e buscou prover-se de energias íntimas, de modo a não deixar transparecer qualquer constrangimento.

— Ao demais — exclamou o censor tentando fazer humorismo para dissipar as sombras do ambiente sentimental criado entre ambos — espero te não percas em receios puerís nas situações mais dificeis... Não tenhas medo, filho, dessa ou daquela circunstância!...

E esboçando um sorriso benévolo, acrescentava:

— Sabes o que dizia Lucrécio ha mais de cem anos? — "que a mulher é o animalzinho santo dos deuses!"

Entre ambos esboçou-se, então, um riso franco e otimista, embora no íntimo continuasse Helvídio Lucius a guardar as suas apreensões.

Por sua vez, Alba Lucínia na manhã daquele mesmo dia, procurou aconselhar-se com sua mãe acêrca de suas amarguradas reflexões; mas Julia Spinther, após ouvir-lhe a exposição dos episodios da véspera, com o coração tocado de pressentimentos angustiosos pela situa-

ção da filha, replicou com os olhos humidos, sem perder, todavía, a sua fortaleza moral:

— Filhinha — disse beijando-a — atravessamos uma fase de lutas amargas, em que somos obrigadas a demonstrar toda a nossa capacidade de resistencia. Sei avaliar a tua angústia íntima, porque, na mocidade, tambem experimentei essas emoções penosas, no torvelinho das atividades sociais. Se me fôsse possivel, romperia com a situação e com todos, em beneficio da tua tranquilidade, mas...

Aquelas reticencias significavam tal desalento que Alba Lucínia se comoveu, interpelando-a:

— Que dizes, mamãe? Êsse "mas" tem tanta amargura que chega a me surpreender e como que adivinho em teu espírito preocupações porventura mais graves do que as minhas.

— Ora, filha, como mãe, sou levada a interessar-me pela tua como pela minha propria felicidade... Entretanto, inteirada dos negócios de teu pai e dos laços que o prendem á política do prefeito dos pretorianos, colijo que Fábio não poderia desligar-se, no momento, de Lóllio Urbico, sem graves prejuizos financeiros. Ambos se encontram profundamente vinculados na situação atual, de modo que, apesar da franqueza com que sempre assinalei minhas palavras e atos, sou levada a aconselhar-te a máxima prudência a pról da tranquilidade de teu pai, que deve merecer os nossos sacrifícios.

As palavras da nobre matrona eram ditas em tom de amargurada tristeza.

Quanto á Alba Lucínia, muito pálida, após receber-lhe as penosas confidências, perguntou:

— Mas a situação financeira de meu pai é assim tão precária? A festividade de ontem dava-me a entender o contrário...

— Sim, esclareceu Julia Spinther resignada — ainda bem que os fatos vêm justificar os meus íntimos desgostos. Conheces o temperamento de teu pai e sabes da minha necessidade de lhe acompanhar os caprichos. Não consideraria necessaria uma festa como a de ontem, para dar a entender que te estimo. Julgo que essas co-

memorações devem ser feitas na intimidade do coração e da família; mas teu pai pensa de modo contrário e devo acompanhá-lo. Só as despesas dessa noite elevaram-se a muitos milhares de sestércios. E não é só. Teus irmãos têm dissipado quasi todo o patrimonio da família, assumindo compromissos de toda a especie, que teu pai é compelido a resgatar com os mais sérios prejuizos para a nossa casa. Como já sabes, os escândalos de Lucília Veinto obrigaram Asínio a ausentar-se para a África, onde prossegue, ao que sabemos, na mesma rota dos prazeres faceis. Quanto a Rubrio, foi preciso que teu pai lhe conseguisse uma comissão na Campânia, afim-de tentar a restauração do nosso equilíbrio financeiro. No entanto, filha, não ignoras como a sociedade nos exige a máscara da ventura... Em princípio, não aprovo a atitude de Fábio, realizando festas como a de ontem, mas, ao mesmo tempo, sou forçada a lhe dar razão, porquanto, um censor tem de andar em dia com as convenções sociais.

Alba Lucínia, ouvindo aquelas confidencias, encheu-se de compaixão pela progenitora, exclamando:

— Basta, mamãe! Eu sei compreender-te. Este assunto deve ficar entre nós e eu saberei conduzir-me através de todas as dificuldades. Ainda ontem, eu e Helvídio cogitavamos de regressar á província, mas vejo que o papai requer agora o nosso concurso e reconheço que teu coração necessita do meu para enfrentar as circunstâncias da vida!...

Julia Spinther comovida, abraçou a filha, reparando-lhe o olhar brilhante, como se pressentisse algum perigo para a sua felicidade.

— Que os deuses te abençoem, filhinha! — exclamou quasi radiante — ficarás comigo, sim, pois aqui tenho vivido muito incompreendida e muito só!... Apenas a nossa querida Túllia se conserva fiél á minha antiga afeição, vendo em mim a mãe adotiva que a providência lhe concedeu!... Os filhos, desde cedo, afastaram-se do lar para enveredar por maus caminhos e teu pai está sempre ocupado em conferencias e negocios do Estado...

Por algum tempo, ainda, mãe e filha se entretiveram em palestra confidencial e carinhosa.

A situação geral continuou inalteravel, a saber que Alba Lucínia e o espôso, abandonando os propositos de voltar ao ambiente provinciano, tudo fizeram por atender ás necessidades domesticas, permanecendo na capital do Império.

Daí a pouco tempo, deixando Nestorio como auxiliar do sogro, Helvídio Lucius retirava-se para Tibur, de modo a cumprir as determinações imperiais, alí encontrando Cláudia Sabina instalada em posição de destaque. Fôsse pelo desejo de salientar-se aos olhos do patrício, graduando-se no seu conceito, ou fôsse anuindo á expansão de suas vocações inatas, a espôsa do prefeito fazia-se notavel por suas providencias na administração das obras artísticas confiadas á sua sensibilidade feminina.

Helvídio Lucius foi compelido pelas circunstâncias a aproximar-se dela, conhecendo-lhe de perto a surpreendente aptidão e admirando-lhe os feitos com sinceridade, embora conservasse o espírito precavido contra qualquer tentativa de retôrno ao passado. Cláudia Sabina, entretanto, apesar da modificação tática das suas operações sentimentais, guardava no íntimo as mesmas pretensões de sempre.

Enquanto isso, Alba Lucínia começava a experimentar, em Roma, uma longa série de padecimentos morais. Lóllio Urbico não cedeu aos seus propositos, não obstante estar côncio das suas elevadas virtudes conjugais, tendo, porém, moderado os impulsos. A sociedade romana de então, amava os desportos e fazia questão de conservar as tradições de liberdade no mecanismo das relações familiares, circunstância que lhe facultava visitar a casa do patrício ausente, sob as vistas benévolas de Fábio Cornélio, que via no seu carinhoso interesse um motivo de honrosa satisfação para a família. Contudo, a nobre senhora, que conhecia as necessidades paternais, não se sentia com a precisa coragem para confiar ao velho censor os seus justos receios, sujeitando-se,

dêsse modo, a tolerar a amizade que o prefeito lhe oferecia e aceitando-a com a intangibilidade do seu carater.

Helvídio Lucius vinha ao lar, quinzenalmente. Todavia, essas surtidas a Roma eram excessivamente rapidas para poder combinar devidamente com a espôsa, a solução de todos os assuntos que os preocupavam.

E o tempo corria, carregando sempre as suas reservas preciosas.

Alguem havia que se interessava a fundo pela situação do prefeito, espionando-lhe facilmente os menores passos. Êsse alguem era Hatéria, que, na propria casa dos amos, podia observar-lhe o interêsse, ouvir-lhe as impressões e as palestras, acompanhando as suas atitudes sentimentais.

Dois longos meses haviam transcorrido nessa situação, quando, um dia, vamos encontrar Lucínia e Túllia na maior intimidade, em palestra amena e confortadora.

Após as pequeninas bagatelas sociais, a espôsa de Helvídio falou confidencialmente das suas amarguradas impressões íntimas, expondo á amiga da infancia os seus receios em face da prolongada separação do espôso, que, obedecendo a caprichosas determinações do destino, parecia continuar indefinidamente na cidade da predileção imperial.

Túllia Cevina olhou-a fixamente, murmurando em tom discreto:

— Sei justificar as tuas apreensões, ainda mais continuando Helvídio junto de Cláudia!...

— Por que ligas tanta importância á essa circunstância? — interrogou Alba Lucínia admirada.

— Nunca soubeste, então?

— O que? — disse a outra duplamente curiosa.

Túlia compreendeu que a amiga, longe dos ruidos da Côrte, por muitos anos, não chegara a conhecer o passado em suas minudencias.

— Ha muito ouví dizer que Cláudia Sabina e Helvídio Lucius tiveram o seu romance de amor na mocidade. Creio que não ignoras ter sido essa criatura portadora de beleza singular, em outros tempos, muito an-

tes que o destino a arrancasse da pobreza de sua condição social...

— Nunca cheguei a sabê-lo — murmurou Alba Lucínia visivelmente sobressaltada — mas, conta-me tudo o que sabes a respeito.

— Nunca ouviste, tambem, a história de Silano? — perguntou ainda Túllia Cevina — aumentando o interêsse provocado por suas palavras.

— Sim, sei que Silano é um rapaz que meu sôgro adotou como seu proprio filho, sabendo, igualmente, que, quando ele nasceu muita gente acreditou fôsse filho de Helvídio com uma criatura do povo, nas suas aventuras da mocidade.

— Mas conheces toda a história nos seus pormenores mais íntimos?

— Sei apenas que o pequenino foi enjeitado á porta de Cneio Lucius, que o acolheu com a sua habitual generosidade.

— Muito bem, minha amiga, mas não faltou quem visse Claudia Sabina, ainda jóven e plebéia, abandonar a criança, alta madrugada, no local a que te referiste, endereçando a Cneio Lucius um bilhete expressivo.

— Em qualquer hipótese — esclareceu Alba Lucínia, apesar de impressionada com aquela revelação — eu acredito que Helvídio foi vítima de uma calúnia infame.

— Não digo o contrário — volveu a amiga — mesmo porque Sabina, ao que se diz, era dessas criaturas que vivem cercadas por ansiedades diferentes...

A espôsa de Helvídio experimentava uma dor imensa no íntimo. Desejou chorar, desabafando as mágoas que lhe azorragavam o peito, mas, sua fortaleza moral superava, em seu espírito, todos os sentimentos. Não lhe foi possivel, contudo, dissimular o sofrimento, diante da carinhosa irmã espiritual dos primeiros anos, deixando transparecer, de olhos humidos, suas amarguras e receios.

Túllia Cevina beijou-a longamente, dizendo-lhe á meia voz:

— Querida Lucínia, tambem eu já sofri essas an-

gústias que vens experimentando, mas encontrei um remédio eficaz. Queres experimentá-lo?

— Sem dúvida. Onde encontrar êsse recurso?

— Ouve-me — exclamou a amiga com as características da sua bondade confiante e quasi infantil — certamente já ouviste falar de Lucília Veinto e de seus escandalos na Côrte. Certa feita, Máximo deu mostras de sua inclinação por essa mulher, chegando a abalar profundamente a nossa felicidade doméstica; mas Sálvia Súbria ensinou-me a procurar uma reunião cristã, onde pedí as preces de um venerando ancião que alí pontifica como um sacerdote. Desde que me valí dêsse recurso, meu marido voltou ao remanso do lar, aumentando o quinhão da nossa ventura conjugal.

— Mas fôste obrigada a qualquer compromisso? — interrogou Alba Lucínia eminentemente interessada no assunto.

— Nenhum.

— Mas os cristãos praticaram algum sortilégio em teu benefício?

— Tambem não. Informaram-me que a virtude da prece está na circunstância de ser dirigida a um novo deus, a quem os crentes denominam Jesus de Nazaré.

— Ah! — disse Alba Lucínia lembrando-se da Judéia e das convicções da filha — a doutrina cristã não me é estranha, mas meu marido não lhe tolera as expressões contrárias aos nossos deuses. Julgo, pois, que antes de tomar uma resolução dessa natureza, será conveniente ouvir minha mãe, afim-de lhe seguir os conselhos.

— Isso não.

— Por que?

— É que, ao receber o conselho de Sálvia, tambem procurei tua mãe para falar-lhe do assunto, mas, dentro do seu espírito formalista e da sua franqueza intransigente, mostrou-se hostil aos meus desejos, alegando que a mulher romana dispensa novos deuses para ser a matrona incorrutivel perante a sociedade e a família. Apesar de tudo, resolvi tentar o recurso e obtive os melhores resultados.

— Minha mãe deve estar com a razão — falou Alba Lucínia convicta. — Além disso, não posso conformar-me com a promiscuidade dêsses ajuntamentos plebeus.

Túllia ouvia-lhe as ponderações, sinceramente desejosa de colaborar na reedificação da sua ventura doméstica, objetando delicadamente:

— Ouve Lucínia: sei que o teu temperamento não se compadece com as reuniões dessa natureza, mas, se quiseres, irei por ti, como fui por mim... A essas assembléias, preside um homem santo, chamado Policarpo. Sua palavra nos fala do novo deus com uma fé tão pura e uma sinceridade tão grande, que não ha coração que se não renda á beleza espiritual das suas afirmativas... Suas expressões arrebatam nossa alma para um reino de felicidade eterna, onde Jesus Nazareno deve estar á frente de todos os nossos deuses, aguardando-nos, alem desta vida, com as bençãos de uma bem-aventurança eterna...

Não sou cristã, como sabes, mas fui beneficiada pelas suas orações e, ao contrário do que afirmam, posso testificar que os adéptos de Jesus são pacificos e bons!...

A espôsa de Helvídio recebia-lhe as carinhosas sugestões com o coração imensamente sensibilizado.

— E irás sózinha, sem a proteção de uma guarda? — perguntou com admiração.

— Por que mo perguntas? — Os cristãos são vítimas de medidas vexatórias por parte das autoridades governamentais, porém, irei ter com êles confiadamente, uma vez que se trata da tua felicidade pessoal.

— Tens uma fé assim tão grande nessa providência?!... — interrogou Lucínia com interêsse e reconhecimento.

— Confiança total.

E, fazendo um gesto expressivo, como se houvera recordado um recurso novo, acrescentou:

— Ouve querida: já que me falaste das predileções de Célia por essa doutrina, apesar do nosso segredo familiar sôbre o assunto, por que não me permites o prazer da sua companhia? Essas reuniões se verificam nas velhas catacumbas da Via Nomentana e o local é muito

distante. Tenho confiança plena no êxito dessas orações e bastará uma só vez para que a paz volte a felicitar a tua casa e o teu coração.

Alba Lucínia sentia-se confortada com as promessas da amiga, considerando-lhe a fé profunda e contagiosa, na grata perspectiva da felicidade doméstica e acrescentou:

— Vou pensar e depois combinaremos. Mas, se necessitares de uma companhia, é a mim que compete acompanhar-te.

Separaram-se, então, com um beijo afetuoso, enquanto o vulto esguio de Hatéria afastava-se lésto de uma ampla cortina oriental, depois de ouvir a singular entrevista.

Dentro de uma sociedade como aquela, onde todas as classes, desde os primórdios, em virtude das influências etruscas, recorriam ao invisivel e ao sobrenatural, nas mais diversas contingências da vida, Alba Lucínia passou a meditar na preciosa oportunidade sugerida pela amiga da infância. Embora encontrasse confôrto na espectativa do empreendimento, passou o resto do dia entre a indecisão e o sofrimento moral.

Teve ímpetos de ir a Tibur para arrancar o espôso de todas as perigosas situações em que se encontrava, mas o raciocínio preponderou em todas as suas inquietações angustiosas.

Á noite, enquanto todos dormiam, dirigiu-se ao santuário doméstico e, prosternando-se junto ao altar de Juno suplicou á deusa, entre lágrimas, que lhe amparasse o espírito nos caminhos ásperos do dever e da virtude.

IV

NA VIA NOMENTANA

Uma semana depois do que vimos de descrever, vamos encontrar Cláudia Sabina, á noite, no terraço de sua casa, em Roma, palestrando com Hatéria na mais franca intimidade.

— Então, Hatéria — dizia á surdina, depois de uma longa exposição da cumplice — meu espôso, assim, parece querer facilitar a realização de meus projetos. Nunca o supús capaz de apaixonar-se por alguem, fóra do ambiente de suas armas.

— Entretanto, senhora, em cada gesto seu, em cada palavra, inferem-se perfeitamente os sentimentos que lhe vão nalma.

— Está bem — exclamou a antiga plebéia como se o assunto a enfadasse — meu marido não é o homem que me interessa. Tuas notícias de hoje significam que o acaso tambem coopera a meu favor.

— Além de tudo, lembrou Hatéria acentuando o carater secreto daquelas revelações — Lucínia e Túllia combinaram solicitar uma benção na reunião cristã, afim-de que Helvídio Lucius volte imediatamente de Tibur, a reintegrar-se na harmonia doméstica.

Cláudia deixou escapar um riso nervoso, mas interrogou com avidez:

— Sim? E como o soubeste?...

— Ha uma semana elas trocaram confidências e ontem, á noite, assentaram o plano, embora a patrôa se encontre bastante abatida, acreditando eu que venham a realizá-lo nestes quatro dias.

— Convem estares vigilante para acompanhá-las sem que o percebam, de modo a prosseguires a par dos acontecimentos.

E esboçando um gesto de curiosidade, sentenciou:

— Essas senhoras desconhecerão, porventura, os éditos imperiais que visam a eliminação do cristianismo? Que descaso das leis!... Enfim, contribuiremos tambem, de algum modo, para que as autoridades fixem esse novo fóco doutrinário. Depois dos teus informes, falarei com Quinto Bibulo a respeito.

Hatéria e Cláudia palestraram ainda algum tempo, examinando os detalhes de suas intenções criminosas e assentando os seus projetos nefandos para o caso.

Pela manhã do dia imediato, uma liteira modesta,

saía do palácio do prefeito, conduzindo alguem que se ausentava de casa com a máxima discreção.

Era Cláudia Sabina, que, em trajes muito simples, mandava seguir para a Suburra.

Após exhaustivo trajéto, mandou que os escravos de confiança a esperassem em local convencionado e internou-se, sózinha, por viélas ermas e pobres.

Atingindo um quarteirão de caas humildes e pequeninas, parou subitamente como se desejasse certificar-se do local, fixou á pequena distância uma casa esverdeada, de feição característica, que a diferenciava de todas.

A espósa de Lóllio Urbico esboçou um sorriso de satisfação e, estugando o passo, bateu á porta com visivel interêsse.

Daí a momentos, uma mulher velhíssima e de má catadura, cabelos desgrenhados e largos vincos a lhe enrugarem o rosto, veiu atendê-la com expressão de curiosidade nos olhos empapuçados e pequeninos.

Observando a visitante, que ostentava uma toga simples, mas rica, além da rede dourada a prender-lhe a cabeleira graciosa e abundante, a velha sorriu satisfeita, farejando a boa situação financeira da cliente que lhe buscava os serviços.

— É aquí — perguntou Cláudia com mal disfarçada modestia — que reside Plotina, antiga pitonisa de Cumas?

— Sim, senhora, sou eu mesma, para vos servir. Entrai. Minha choupana honra-se com a vossa visita.

A espôsa do prefeito sentiu-se bem com a recepção bajuladora e fingida.

— Necessitando de sua cooperação, disse a visitante penetrando o interior com desembaraço — vim procurá-la, em vista da recomendação de uma das minhas amigas de Tibur.

— Muito grata, minha senhora, espero corresponder á vossa confiança.

— Disseram-me que não precisaria expôr o objeto de minha consulta. Será, de fato, assim?...

— Perfeitamente — esclareceu Plotina com a sua

voz enigmática — meus poderes ocultos dispensam qualquer explicação da vossa parte.

Sentando-se num velho divã, Sabina notou que a feiticeira buscara uma trípode e colocara junto da mesma numerosos amuletos, nos quais se esbatia a mortiça claridade de pequena tocha, acesa para atender ás necessidades do momento. Em seguida, depois de uma atitude contemplativa e descansada, Plotina deixou pender a cabeça entre as mãos, ostentando uma palidez cadavérica, como se a sua vidência misteriosa estivesse a devassar as mais sinistras miragens nos planos invisíveis.

Cláudia Sabina seguia-lhe os mínimos movimentos com singular interêsse, entre o temor e a surpresa do desconhecido, mas, dentro em pouco a fisionomia da intermediária entre o mundo e as fôrças do plano invisivel normalizavam-se, atenuando-se-lhe as contrações nervosas do rosto e extinguindo-se as expressões de profundo cansaço, que lhe escapavam dos lábios entumecidos.

De semblante sereno e curioso, como se a alma houvera regressado de misteriosas paragens com as mais vastas revelações, tomou as mãos aristocráticas de Cláudia, exclamando em tom discreto:

— Disseram-me as vozes que amais a um homem, preso á outra mulher pelos laços mais santos desta vida. Por que não evitar a tempo uma tempestade de amarguras que recairá, mais tarde, sôbre o vosso proprio destino? Viestes até aquí em busca de um conselho que vos oriente as pretensões, mas seria melhor abandonardes todos os projetos que tendes em mente!...

Cláudia Sabina ouvia-a, assustada, mas obtemperou com veemência:

— Plotina, conheço a elevação da tua ciência e venho recorrer aos teus conhecimentos com uma confiança absoluta! Se a tua visão pode devassar o passado, procura fixar no presente a unica preocupação da minha vida... Ajuda-me! Recompensarei régiamente os teus serviços!

A consulente abriu a bolsa referta, deixando caír

grande porção de moedas na trípode, como se despejasse alí uma catadupa de sestércios, enquanto a velha bruxa arregalava os olhos, na cupidez e na ambição dos seus baixos sentimentos.

— Senhora — disse ela desejosa de alcançar os proventos de tão grandes recursos financeiros — já vos dei o primeiro conselho, que é o da sabedoria que me assiste; mas eu tambem sou humana e quero corresponder á vossa generosidade. Conheço os projetos que vos animam e procurarei auxiliar-vos, afim de que possais levá-los a bom termo!... Cumpre-me, porém, esclarecer que a vossa rival está assistida por uma figura anjélica, embora eu não possa saber se essa criatura vive na Terra ou no Céu. No meu poder oculto, vi a mulher que odiais nimbada pela aura intensa de um anjo, junto dela.

E, como se estivesse travando um duélo de conciência, em face da invejavel situação financeira da consulente, acrescentou:

— Precisamos muito cuidado, senhora... Essa criatura celeste pode defender a vossa rival de todos os sofrimentos estranhos ao seu destino...

— Mas, como pode ser isso?! — perguntou Cláudia Sabina profundamente impressionada.

— Vossa rival não tem filhos e, entre eles, não existirá algum de coração puro e piedoso?

— Sim — exclamou a interpelada algo contrafeita — embora não saiba se alguma de suas filhas se encontra em tais condições. Entretanto, não venho aquí para cuidar dêsse assunto e sim do meu proprio interesse passional. Por que me falas, pois, dessa defesa anjélica que eu não posso compreender?

— Senhora, hei de ajudar-vos com todas as minhas fôrças, pois tenho necessidade de dinheiro para atender a necessidades numerosas e prementes, mas, devo afiançar-vos que correremos o risco de perder nosso esfôrço, porque um anjo de Deus pode aparar os golpes do mal, visto não existir o sofrimento qual o entendemos, para os seus corações purificados. Enquanto a inquietação e a dor podem arrastar as almas vulgares ao torvelinho

das paixões e padecimentos do mundo, o espírito que se redimiu, realizou em sí a edificação da fé, que o liga a Deus Todo-Poderoso. Para esses corações imaculados, senhora, a Terra não pode engendrar o tormento ou o desespêro!

Cláudia escutava-lhe as ponderações, eminentemente impressionada, mas, observou com o seu espírito expedito:

— Plotina, eu prefiro não acreditar nessa defesa, aceitando a cooperação dos teus poderes ocultos, plenamente confiada no êxito de minhas pretensões. Não me faças andar contigo em digressões filosóficas, pois quero viver a minha propria realidade. Dizei-me! Que sugeres a favor da minha felicidade?

— Em face de vossa decisão, temos de recorrer aos fatos mais concretos.

— Acreditas que deva cogitar da eliminação da mulher que odeio?

— Na vossa situação e em vosso caso, não devereis pensar no aniquilamento do seu corpo, mas na flagelação da alma, considerando que a única morte que se deve aplicar a um inimigo é a que se impõe á uma criatura fóra do sepulcro e em plena vida.

— Tens razão — murmurou Sabina interessada. Teus argumentos são mais inteligentes e mais práticos. Quais os teus conselhos a meu favor?

Plotina fez uma longa pausa, como se fôra formular nova consulta íntima, ante a luz da tocha pequenina e bruxoleante, acrescentando em seguida:

— Senhora, já tivestes o poder de transportar provisoriamente para Tibur o homem amado... Devo informar-vos que o Imperador Elio Adriano, antes de retirar-se para os seus palácios em construção, na cidade aludida, onde deverá aguardar o fim da existência, ha de fazer uma última viagem pelas províncias, obedecendo á sua conhecida vocação... Sereis compelida a acompanhar-lhe o sequito, entrevendo-se aí a oportunidade de seguir, igualmente o homem da vossa dileção.

— Sim? — perguntou Cláudia visivelmente satisfeita. — E que me aconselhas?

Plotina inclinou-se, então, colando os lábios rente aos seus ouvidos, sugerindo-lhe um plano terrivel e criminoso, que a consulente acolheu com um sorriso significativo.

Palestraram ainda, largo tempo, como se as suas mentes se casassem com absoluta sintonia de princípios, dentro das mesmas intenções e fins, notando-se que, ao despedir-se, Cláudia averbou as necessidades da sua nova cúmplice, prometendo-lhe providências confortadoras, depois de lhe entregar todo o dinheiro que trazia.

Daí a algumas horas, a mesma liteira modesta regressara ao palácio de Lóllio Urbico, pela porta dos fundos.

Dois dias depois, vamos encontrar em casa de Helvídio Lucius, Alba Lucínia e sua amiga fiél, em conversação discreta no apartamento mais recondito da casa.

Túllia Cevina apresentava as melhores disposições físicas, apesar da preocupação que lhe vagava nos olhos, não acontecendo o mesmo á espôsa de Helvídio que, reclinada no leito, dava mostras do mais fundo abatimento.

— Lucínia, minha querida — exclamou Túllia afetuosa — já estou avisada de que a reunião se efetuará esta noite. Estou á tua disposição para irmos sem receio. Poderemos saír ás primeiras horas da tarde.

— Impossivel — replicou a pobre senhora, visivelmente enfêrma e acentuando as palavras com dolorosa melancolia — sinto-me profundamente cançada e abatida!... Entretanto, decidí no coração que recorrerei a essas preces!... Necessito de algo sobrenatural que me devolva a paz do espírito. É impossivel prosseguir nesta angústia moral que me inutiliza todas as fôrças...

Lágrimas amargas lhe cortaram a palavra entristecida.

— Irei de qualquer modo, — disse Túllia, abraçando-a — tenho fé em que o novo deus nos valerá na situação de penosa incerteza em que te encontras!...

Observando-lhe a dedicação meiga e constante, Alba Lucínia advertiu.

— Querida, não me conformaria em saber que fôste só. Pedirei a Célia que te acompanhe.

Túllia esboçou um sorriso de satisfação, enquanto a amiga ordenou á uma jóven escrava fôsse chamar a filha.

Daí a instante, surgia a donzela com o seu perfil gracioso.

— Célia — disse-lhe a progenitora, sensibilizada e melancólica — poderás ir hoje á noite, em companhia de Túllia á uma reunião cristã, afim-de fazeres uma prece pela tranquilidade de tua mãe?...

A moça teve um gesto de surprêsa, mas, amplo sorriso de satisfação lhe aflorou aos lábios.

— Que não faria por ti, mãezinha? E beijou-a.

Alba Lucínia sentiu o confôrto imenso daquela ternura, acrescentando:

— Filhinha, sinto-me cansada, doente e deliberei recorrer a Jesus de Nazaré, com as tuas orações. Sabes, porem, da necessidade de não nos externarmos com pessoa alguma a esse respeito, compreendes?

A jóven fez um gesto expressivo, como quem se recordava das proprias mágoas, exclamando:

— Sim, minha mãe. Fica tranquila. Irei com Túllia, seja onde fôr, de modo a fazer as preces necessárias! Rogarei a Jesus que te faça ditosa e espero que a sua infinita bondade derramará em teu coração o bálsamo suave do seu amor, que nos enche de vida e de alegria. Então, verás como energias novas hão de felicitar o teu íntimo...

Túllia Cevina ouvia, muito interessada, aqueles conceitos, admirando os conhecimentos da jóven, o que Lucínia logo esclareceu, abraçando a filha ternamente:

— Célia conheceu mais intimamente, na Judéia, os assuntos atitnentes ao Cristianismo. Minha filhinha, apesar de muito nova, tem sofrido bastante...

Célia, no entanto, percebendo que a palavra materna entraria em pormenores do seu doloroso romance de amor, exclamou com ternura:

— Ora, mãezinha, que poderia eu sofrer se tenho sempre o teu afeto comigo?

E cortando o assunto relativo ao seu caso pessoal, obtemperou:

— A que horas deveremos saír?

— Á tarde — exclamou Túllia — porquanto a caminhada não será pequena; a reunião é além da Porta Nomentana.

— Estarei preparada a tempo.

As três combinaram, então, todas as providências que lhes pareceram indispensáveis e, ao caír da noite, envoltas em togas muito simples, Túllia e Célia tomaram um liteira, que lhes evitou o cansaço em grande parte do caminho, através dos pontos mais frequentados da cidade.

Descendo junto á Porta Viminal e dispensando os carregadores, empreenderam a caminhada corajosamente.

A noite desdobrava o seu leque de sombras ao longo da planicie. Fazia frio, mas as duas amigas agasalharam-se nas capas de lã que levavam, ocultando a cabeça na peça grossa e escura.

Era noite fechada quando atingiram as ruinas da antiga muralha que fortificara a região em outros tempos, mas avançavam sem desanimo, através das estradas extensas.

Franqueada a Porta Nomentana, viram-se á frente das colinas proximas, ao longo das quais alinhavam-se cemitérios desertos e tristes, onde o luar se derramava em tons pálidos.

Á medida que se iam aproximando do local das pregações, observavam um número cada vez maior de viandantes, que se aventuravam pelas mesmas trilhas com identicos fins. Eram vultos embuçados em longas túnicas escuras, que passavam de flanco, a passo apressado ou vagaroso, uns silenciosos, outros mantendo diálogos quasi imperceptiveis. Muitos empunhavam lanternas pequeninas, auxiliando a visão dos companheiros, onde a claridade fraca do astro noturno não conseguia espancar as sombras espessas.

As duas patrícias, vestidas com simplicidade extrema e envergando os pesados mantos, não podiam ser identificadas na sua posição social, pelos companheiros que se dirigiam ao mesmo destino, os quais as consideravam cristãs como êles próprios, agermanados na fé e no mesmo idealismo.

Defrontando os muros lodosos que circundavam grandes monumentos em ruinas, Túllia certificou-se do local que dava acêsso ao recinto, fazendo um sinal da cruz característico a dois cristãos que, nos pórticos, recebiam a senha de todos os prosélitos, senha que se constituia desse mesmo sinal traçado com a mão aberta, de modo especialíssimo, mas de imitação muito facil. Ambas passaram, então, ao interior da necrópole, sem pormenores dignos de menção.

No interior, toda uma multidão se acomodava em bancos improvisados, salientando-se que, de um modo geral, todos traziam os capuzes levantados, ocultando o rosto, alguns receando o frio intenso da noite, outros temendo os lobos da traição, que alí poderiam comparecer com a máscara de ovelhas.

A claridade lunar que banhava o recinto era auxiliada pela luz de tocheiros e lanternas, mórmente em tôrno de um monte de ruinas funebres, de onde deveria falar o apóstolo daquele grupo de seguidores do Cristo.

Aquí e alí, alguem balbuciava uma prece, baixinho, como se estivesse falando ao Cordeiro do Céu, no altar do coração; mas, do centro da massa, elevavam-se hinos cheios de sublimada exaltação religiosa. Eram canticos de esperança, tocados de um singular desalento do mundo, exteriorizando o sonho cristão de um reino maravilhoso além das nuvens. Em cada verso e em cada tonalidade das vozes em conjunto, predominavam as notas de uma tristeza dolorosa, de quem havia abandonado todas as ilusões e fantasias terrestres, entregando-se á renúncia de todos os prazeres, de todos os bens da vida, para esperar as recompensas luminosas de Jesus, nas bem-aventuranças celestes...

Nos bancos improvisados, de madeira tosca ou de

pedras esquecidas, acomodavam-se centenas de pessoas, concentradas em absoluto recolhimento.

Silêncio profundo reinava entre todos, quando um estrado carcomido foi transportado para o local onde se centralizavam quasi todas as luzes.

Célia e Túllia tomaram o lugar que lhes pareceu mais conveniente, mas, daí a minutos novo cântico se elevava ao Infinito, em vibrações de beleza indefinivel... Era o hino de agradecimento ao Senhor pela sua misericórdia incxgotavel; cada estrófe falava dos exemplos e martírios de Jesus, com sentimento repassado da mais alta inspiração.

Qual não foi a admiração de Túllia Cevina, quando viu a companheira erguer tambem a voz, acompanhando o canto dos cristãos como se o soubera de cór, na sua garganta cristaliana. A mulher de Máximo Cuntactor não sabia dissimular a emoção, contemplando Célia a cantar, qual se fôsse uma ave exilada do paraiso!... Seus olhos calmos estavam fixos no firmamento, onde parecia divisar o país da sua bem-aventurança, entre as estrêlas que lucilavam no alto, como sorrisos carinhosos da noite, e aqueles versos inspirados na música que lhes era peculiar, escapavam-se dos seus lábios com tal riqueza melódica, que a amiga se comoveu até ás lagrimas, sentindo-se transportada a uma região divina...

Sim, Célia conhecia aquele cântico que lhe enchia o coração de brandas reminiscencias. Ciro lho havia ensinado sob as árvores frondosas da Palestina, para que a sua alma soubesse interpretar o reconhecimento a Deus, nas horas de alegria. Naquele instante, em comunhão com todos aqueles espíritos que vibravam tambem a sua fé, ela sentia-se distante da Terra, como se a alma fôsse tocada de um júbilo divino...

Fazendo-se silêncio novamente, um homem do povo, de nome Sérgio Hostílio, assomou á tribuna improvisada, exclamando comovido, após abrir um rôlo de pergaminhos:

— Meus irmãos, estudaremos ainda hoje os ensinamentos do Mestre, nos capítulos de Mateus, versando a lição desta noite: "aqueles que são os verdadeiros ir-

mãos do Messias!..."

E desenrolando a folha que o tempo desbotara, Sérgio Hostílio leu pausadamente:

"Estando Jesus a pregar ainda para a multidão, sua mãe e seus irmãos de fé, do lado de fóra, procuravam falar-lhe. Então alguem lhe observou: — "tua mãe e teus irmãos encontram-se aí fóra, procurando-te". Respondendo a quem o advertira, disse o Mestre: — "Quem é minha mãe e quem são os meus irmãos?" E, estendendo a mão para todos os seus discípulos e seguidores, exclamou: — "Eis aqui minha mãe e meus irmãos, porquanto, quem quer que faça a vontade de meu Pai que está nos céus, êsse é meu irmão, minha irmã e minha mãe".

Terminada a leitura evangélica, o mesmo companheiro de crença que ocupava a tribuna, concitou sensibilizado:

— Meus amigos, falta-me o dom da eloquencia para ministrar o ensinamento; convido, pois, a algum dos nossos irmãos presentes para que desenvolva os precisos comentários desta noite...

Todos os olhares se alongaram, ansiosos, buscando a veneravel figura de Policarpo, o apóstolo abnegado de todas as reuniões, inclusive Túllia Cevina, que verificava a sua ausencia com grande desapontamento, em vista da fé nas suas orações e nas suas palavras sábias e benevolentes; mas Sérgio Hostílio explicou com a voz tocada de amargura:

— Irmãos, vossos olhos procuram Policarpo, ansiosamente, mas, antes de vos fornecer notícias dele, elevemos o coração até Aquele que não desdenhou o ultraje e o sacrifício...

O apóstolo da nossa fé, apesar da sua velhice santificada, por ordem do Sub-Prefeito Quinto Bibulo, foi recolhido na manhã de ontem aos cárceres do Esquilino!

Imploremos a misericórdia de Jesus para que possamos aceitar o cálice de nossas dores, com resignação e humildade.

Muitas mulheres começaram a chorar a ausência daquele grande varão, a quem amavam como pai e, depois de alguns minutos, em que ninguem se abalançou a substituir-lhe o ensinamento sábio e amoroso, um homem da plebe caminhou até á tribuna e descobriu-se, fazendo o sinal da cruz, tomado de fervorosa religiosidade.

A claridade das tochas iluminou-lhe os traços fisionomicos, ao mesmo tempo que Célia e a companheira lhe identificaram o semblante humilde e decidido.

Aquele homem era Nestório, o liberto de Helvídio, que, embora auxiliando o censor Fábio Cornélio no próprio gabinete da prefeitura dos pretorianos, não se envergonhava de dar o público testemunho da sua fé.

V

A PRÉGAÇÃO DO EVANGELHO

Saudado pelo olhar ansioso e confiante de todos, Nestorio começou a falar, com a sua sinceridade comovida:

— Irmãos, sinto que a minha indigencia espiritual não pode substituir o coração de Policarpo nesta tribuna, mas o fogo sagrado da fé precisa manter-se nas almas!

Assumindo a responsabilidade da palavra, esta noite, recordo a minha infancia para vos dizer que vi João, o apóstolo do Senhor, que, por longos anos, iluminou a igreja de Éfeso!

O grande evangelista, nos seus arroubos de fé, falava-nos do céu e de suas visões consoladoras... Seu coração estava em permanente contacto com o do Mestre, de quem recebia a inspiração divina, como o derradeiro discípulo na Terra, santificando-se as suas lições e as suas palavras com o sôpro sublimado das verdades celestes!...

Invoco estas reminiscencias longínquas, para recordar que o Senhor é a misericórdia infinita. Na minha

pobreza material e moral, não tenho vivido senão pela sua bondade inexgotavel e quero invocar a sua assistencia caridosa para o meu coração, neste momento.

Desde criança, tenho os olhos voltados para os sublimes ensinamentos do seu amor e parece-me, tambem, havê-lo visto no seu apostolado de luz, pela nossa redenção, na face escura da Terra. Ás vezes, como que impressionado por um mecanismo de emoções maravilhosas, tenho a doce impressão de ainda o estar vendo junto ao Tiberiades, a ensinar a verdade e o amor, a humildade e a salvação!... Figura-se-me, frequentemente, que aquelas águas claras e sagradas cantam-me no coração um hino de eterna esperança e, apesar dos véus espessos da minha cegueira, sinto que o contemplo em Nazaré ou em Cafarnaum, em Cesaréia ou em Betsáida, arrebanhando as ovelhas desgarradas do seu aprisco.

Sim, irmãos, o Mestre nunca nos abandonou, no seu apostolado divino. Seu olhar percuciente vai buscar o pecador no mais recôndito socavão da aniquidade, e é pela sua ternura infinita que conseguimos caminhar indenes nos desfiladeiros do crime e do infortunio!...

Por muito tempo, falou Nestorio das suas lembranças mais gratas ao coração.

Sua infancia na Grécia, as descrições suaves de João Evangelista aos discípulos queridos; as pregações e exemplos do Senhor, suas visões nos planos celestiais, as reminiscencias do Presbítero Johanes, a quem o inesquecivel apóstolo havia confiado os textos manuscritos do seu evangelho, era tudo exposto á assembléia pelo liberto, com as cores mais vivas e impressionantes.

Ouvia-lhe o auditorio a palavra, comovido, como se os espíritos transportados ao pretérito nas asas da imaginação, estivessem contemplando todos os acontecimentos relacionados com a narrativa.

A própria Túllia Cevina, que não conhecia o Cristianismo senão pela rama, mostrava-se profundamente sensibilizada. Quanto á Célia, acolhia-o alegremente, admirando-lhe a coragem e a fé, em face da sua futurosa posição material junto de seu pai e meditando,

ao mesmo tempo, na circunstância de êle nunca haver revelado suas crenças, nem mesmo nas aulas que lhe ministrara, evidenciando assim o respeito que lhe mereciam as crenças alheias.

Depois de relatadas as reminiscencias de Éfeso com os seus vultos mais eminentes, falou para comentar a leitura da noite:

— Para tanger o ponto evangélico desta noite, lembremos que Jesus não podia condenar os laços humanos e sacrossantos da família, mas suas palavras proferidas para a Eternidade, abrangeriam e abrangem todas as situações e todos os séculos vindouros, de modo a demonstrar que a fraternidade é o fim e que todos nós, homens e grupos, coletividades e povos, somos membros de uma comunidade universal, que um dia nos integrará a todos como irmãos bem amados, e para sempre.

"Seus ensinamentos referiam-se áqueles que, cumprindo a vontade soberana e justa do Pai que está nos céus, marcham na vanguarda dos caminhos humanos, em demanda do seu reino de amor, cheio de belezas imperecíveis!"

"Os que sabem acatar, neste mundo, os designios de Deus, com humildade e tolerância, com resignação e com amor, chegarão mais depressa junto daquele que se nos revelou ha cem anos como *Caminho, Verdade,* e *Vida!* Esses espíritos amorosos e justos, que se iluminaram interiormente pela compreensão e aplicação dos ensinos em toda a vida, estarão mais perto do seu coração misericordioso, cujas pulsações sagradas repercutem em nosso proprio sêr, pela magnanimidade infinita que sentimos em tôrno de nossa alma, em todos os passos desta vida!... Tais criaturas são desde já seus irmãos mais próximos, pela iluminação evangélica no cumprimento das leis do amor e do perdão".

"Dentro, pois, dessas luzes prodigiosas de Verdade, sentimo-nos compelidos a dilatar o conceito de familia no plano universalista, alijando o criminoso egoismo que, por vezes, nos toma de assalto o coração, criando os germens da discórdia e do sofrimento no proprio lar".

"Se um homem é a partícula divina da coletividade, o lar é a célula sagrada de todo o edifício da civilização. Um homem divorciado do bem e um lar envenenado pelos desvios do sentimento, operam os desequilíbrios singulares que atormentam os povos!..."

"Jesus conhecia todas as nossas necessidades e ajuizou de nossa situação, não apenas em vista da época que passa, mas de todos os séculos do futuro".

"Acredito que o Evangelho não poderá ser integralmente compreendido em nossos tempos amargos, de devassidão e decadencia; todavia, enquanto as fôrças mais poderosas do mundo se concentram neste Império cheio de orgulho e impiedade, outras energias profundas trabalham o seu organismo atormentado, preparando o advento das civilizações do porvir".

"Até agora, as águias romanas dominam todas as regiões e todos os mares; mas dia virá em que êsses símbolos de ambição e tiranía hão de rolar dos seus pedestais, numa tempestade de cinzas e de sombras!... Outros povos serão chamados a dirigir os movimentos do mundo. Mas, enquanto o espírito agressivo da guerra permanecer entre os homens, qual montsro de ruina e de sangue, é sinal de que as criaturas não se realizaram interiormente para serem os irmãos do Mestre, puros e pacíficos".

"A Terra viverá as suas fases evolutivas de dor e de experiências dolorosas, até que a compreensão perfeita do Messias floresça em todo o mundo, para as almas".

"Até agora, o Cristianismo tem medrado com as lágrimas e o sangue de seus mártires; mas os Espíritos do Senhor, cujas vozes ouví na mocidade, nas sagradas reuniões da igreja de Éfeso, asseveravam aos discípulos de João que não levará muito tempo, o proselitismo do Cristo será chamado a colaborar nas esferas políticas do mundo, para dissipar a treva e a confusão da sua rede de enganos..."

"Nessa época, talvez, meus irmãos, a doutrina do Mestre venha a sofrer o insulto daqueles que navegam no vasto oceano dos poderes terrestres, cheios de vai-

dade e despotismo. É possivel que espíritos turbulentos e endurecidos tentem subverter os valores da nossa fé, desvirtuando-a com as exterioridades do politeísmo, mas, ai dos que operarem semelhante atentado, em face das verdades que nos orientam e consolam!..."

"Nos esforços da fé, jamais esqueçamos a exortação do Senhor ás mulheres de Jerusalém, que pranteavam ao vê-Lo avergado sob o madeiro infamante: — "Filhas de Jerusalém, não choreis por mim! Chorai por vós mesmas e por vossos filhos, porque dias virão em que se dirá: — Ditosas as estéreis, ditosos os ventres que nunca geraram e os seios que nunca amamentaram! Por-se-ão todos os homens a dizer aos montes: Caí sôbre nós! e ás colinas: Cobrí-nos! porque se assim procedem com o lenho verde, que se fará, então, com o lenho sêco?!"

"Ai de quantos abusarem em nome d'Aquele que nos assiste do Céu e conhece nossos mais recônditos pensamentos, pois, mais tarde, conforme o prometeu, a luz do Alto se derramará sôbre toda a carne e a voz dos céus será ouvida na Terra, através dos mais doces ensinamentos e das mais elevadas profecias! Se falharem os homens, hão de vir até nós os exércitos de seus anjos, atestando a sua misericórdia!..."

"É que, meus irmãos, o reino de Jesus deve ser fundado sôbre os corações, sôbre as almas, e não poderá conciliar-se nunca, neste mundo, com qualquer expressão política de egoismo humano ou de doutrinas de violência, que estructuram os Estados da Terra!"

"O reino do Senhor sofrerá, por muito tempo, "a abominação do lugar santo", pela falsa interpretação dos homens, mas chegará a época em que a humanidade, hoje decadente e corrompida, se sentirá a caminho de uma Jerusalém gloriosa e libertada!..."

"Guardemos na mente a convicção de que o reino de Jesus não está nos templos ou nos manuscritos materiais que o tempo se incumbirá de aniquilar em sua passagem incessante e sim, que os seus alicerces divinos têm de ser construidos no íntimo do homem, de modo que cada alma possa edificá-lo por si mesma, á custa de esforços e lágrimas, a caminho das moradas gloriosas

do Infinito, onde nos aguardarão, depois da jornada, as bençãos do Cordeiro de Deus, que se imolou na cruz, para nos redimir do infortunio e do pecado!..."

Depois de uma prece, Nestorio terminava sob o olhar carinhoso e comovido de quantos lhe acompanhavam a palavra fluente, através das considerações de ordem evangélica.

Alguns assistentes choravam, sensibilizados, casando as impressões do orador com as suas proprias.

Nessas assembléias primitivas, quando o messianismo doutrinário estava saturado de ensinamentos puros e simples, o expositor da Boa-Nova era obrigado a elucidar os pontos evangelicos em relação com a vida prática de alguem que estivesse em dúvida.

Assim foi que, após a elocução, numerosos confrades se acercaram do prolator, solicitando-lhe a opinião fraterna e simples.

— Meu amigo — perguntava um dos estudiosos presentes — como explicar a diferença sensivel entre os evangelhos de Mateus e de João, ou entre as narrações de Lucas e as epístolas de Paulo? Não foram todos apóstolos do ensinamento cristão e inspirados do Espírito Santo?

— Sim, — esclareceu o interpelado — mas convenhamos que a cada trabalhador concedeu Jesus uma tarefa. Se Lucas e Mateus nos mostraram o pastor de Israél encaminhando as ovelhas tresmalhadas ao aprisco da verdade e da vida, Paulo e João nos revelaram o Cristo divino, Filho do Deus Vivo, na sua sublimada missão universalista, a redimir o mundo.

— Nestorio — obtemperava outro, pouco zeloso da paz interior pela meditação e pelo estudo — que será de mim, vitimado pelas intrigas e calúnias dos vizinhos?... Quero aprender e progredir na fé, mas a provocação da maledicência não mo permite.

— E, acaso poderás ir a Jesus deixando-te encarcerar pelas opiniões do mundo — explicava solícito o liberto de Helvídio — a ciência do bem-viver não está sómente em nos não incomodarmos com os pensamentos

e atos de quem quer que seja mas em deixar, tambem, que os outros se importem constantemente com a nossa propria vida.

— Mestre — exclamava ainda uma senhora de semblante idoso e triste, dirigindo-se ao ex-escravo — meus sofrimentos extravasam do cálice!... Rogai por mim para que Jesus me atenda ás rogativas!...

— Irmã, — respondia Nestorio algo veemente — esquecestes que Jesus recomendou jamais nos chamassemos "mestres" uns aos outros"? Não sou senão servo humilde dos seus servos, indigno de sacudir o pó das sandalias do unico e divino Mestre. Não vos entregueis á tristezas e lamentações, porque, no problema da fé, somente vós mesma podereis dar a Jesus o testemunho do vosso amor e da vossa confiança. Ao demais, importa lembrar que a Terra não é o Paraiso, atentos á recomendação do Messias de que para atingir a ventura celestial, é preciso tomar com humildade a nossa cruz, e segui-Lo.

Nesse instante, rompendo a multidão de crentes em redor, Nestorio reconheceu Célia e Túllia, que se acercavam atenciosamente. O liberto saudou-as tomado de surpresa, enquanto a jóven lhe dirigia palavras de júbilo e simpatia.

— Nestorio, — exclamou Célia radiante — por que nunca me falaste das tuas convicções, da tua fé?

— Filha, nada obstante o meu fervor cristão, não podia menosprezar os princípios da família que me concedeu a liberdade.

Ambos estavam alegres e felizes, experimentando o contentamento da mútua comunhão na mesma fé, quando uma surpresa maior lhes abalou o espírito.

Enquanto a maioria dos companheiros se punha a caminho, de regresso á cidade, pois que a madrugada se avizinhava, destacou-se de todos os grupos um jóven forte e simpático, que se aproximou da tribuna com os olhos fulgurantes de ansiedade e alegria. Acercou-se de Nestorio e de Célia, com os braços estendidos, ao mesmo tempo que o liberto e a jóven patrícia exclamavam,

com a mesma voz, tocada de emoção e profundo júbilo:

— Ciro!... Ciro!...

— Meu pai! Célia!

E o mancebo quasi os reuniu no mesmo amplexo de amor e felicidade.

Túllia Cevina contemplava a cena comovedora, com o coração em sòbressalto. Alba Lucínia já lhe falara do drama íntimo da filha e a mulher de Máximo custava a conformar-se com a circunstância de haver conduzido a jóven áquele encontro de consequencias imprevisiveis.

A ausencia de Policarpo, que a inibira de solicitar a prece pela ventura doméstica da amiga, segundo a sua fé; o fato de se haverem avistado com Nestorio, quando preferia o segrêdo de sua presença alí e o encontro inesperado de Ciro, eram acontecimentos que a contrariavam profundamente, mas Célia, radiante, sem poder traduzir o seu júbilo com o saber que Nestorio era pai do seu noivo espiritual, apresentou-lhe o jóven, que a patrícia foi obrigada a saudar atenciosamente, em virtude das circunstâncias.

O ex-cativo abraçava o filho com os olhos húmidos de pranto, enviando a Jesus o seu íntimo reconhecimento e manifestando a sua real surprêsa ao saber que o filho era tambem um liberto de Helvídio Lucius, aumentando assim, o seu reconhecimento pelos seus libertadores.

E, enquanto todos se retiravam, o grupo palestrava com crescente interêsse.

A uma pergunta de Célia, o jóven explicou que no porto de Cesaréia fôra entregue ao comandante Quinto Vetus, que, amigo pessoal de Helvídio, fizera absoluta questão de lhe conservar a liberdade, conduzindo-o ás costas da Campânia, com excepcional gentileza. Dalí, uma embarcação o trouxera até Óstia, entre o pessoal da equipagem, deliberando êle então permanecer em Roma, na vaga esperança de obter notícias do pai ou daquela que lhe enchia o coração de lembranças carinhosas e perenes.

Célia sorria, satisfeita, sentindo-se, naquele cemitério ermo e triste, a mais ditosa das criaturas.

O luar, porém, já havia desaparecido. Apenas as

estrêlas, no manto escuro do firmamento brilhavam com cintilações mais intensas, preludiando o dealbar da aurora.

Túllia Cevina lembrou, então, a conveniencia de regressarem quanto antes.

Nestorio sentia-se possuido do imenso desejo de ouvir o filho a respeito de todos os fatos do passado, de modo a conhecer os mais íntimos pormenores da sua separação dolorosa e longa, mas, observando a sua intimidade com a jóven patrícia, abstinha-se de muitas palavras, guardando uma atitude espectante e calma, embora adivinhasse o romance de amor daquelas duas criaturas mal saídas da adolescencia. O ex-escravo mantinha a sua atitude reservada e, enquanto Túllia Cevina mostrava-se apreensiva, os dois jóvens falavam, em todo o trajeto, de suas reminiscencias ou de suas esperanças em Jesus, á claridade amiga das estrêlas que empalideciam no firmamento.

De mistura com os regressantes, vinham, agora, camponios descuidados e felizes, que se dirigiam ao perimetro urbano nas primeiras horas da madrugada, levando os produtos do seu campo para as feiras. Todavia, no grupo dos nossos quatro personagens, ninguem observou que dois vultos os seguiam de perto com insistente atenção, embora irreconheciveis, em razão dos capuzes que lhes cobriam o rosto.

Nestório e Ciro acompanharam as duas patrícias até as proximidades da residencia de Helvídio Lucius, onde Túllia Cevina se recolheu, em identidade de circunstancias, obedecendo ao plano pre-estabelecido, voltando pai e filho pelos mesmos caminhos, até proximo da Porta Salária, onde se acomodaram no apartamento do primeiro.

Foi aí que Nestório, absolutamente ínsone, em virtude das emoções daquela noite, ouviu a narrativa do filho até o amanhecer, capacitando-se de que uma nova fase de sacrifícios lhe seria imposta pelas circunstâncias em jôgo.

O sól já havia espalhado seus raios de ouro por toda a parte, quando o liberto de Helvídio, algo aca-

brunhado, apesar do júbilo de rever o filho extremecido, falou-lhe, abraçando-o com ternura:

— Meu filho, regosijo-me no Senhor pela alegria de te encontrar livre e salvo, com o pensamento iluminado pelas nossas profundas esperanças em Jesus Cristo, mas temo por ti, doravante, como pai estremoso e desvelado.

Acredito que, apesar da fé que me testemunhas não soubeste dominar o coração moço e idealista, no momento oportuno, pois já que entendias a vida qual a compreendes agora, estavas apto a reconhecer a inutilidade de qualquer fantasia no que se refere ás venturas transitórias do mundo!... Mas, por outro lado, louvo-te a conduta honesta e me rejubilo com o teu esfôrço na santificação do teu aféto.

Sou de opinião que seremos agora chamados aos mais penosos testemunhos de coragem moral, porquanto, a família de Célia não toleraria, jamais, uma pretensão tua...

Mas, descansa, filho! Precisas de energia e de repouso! Quanto a mim, o sono agora ser-me-ia impossivel... Aproveitarei o tempo para ir ao Velabro, onde me guiarei por tuas informações, afim-de transportar para aquí os objetos que te pertencem e, ao mesmo tempo, avisarei ao censor Fábio Cornélio da impossibilidade de trabalhar hoje.

E acentuando as palavras com um sorriso de satisfação, rematava:

— Doravante, estaremos sempre juntos para a mesma tarefa e aquí permaneceremos até quando Jesus no-lo permita.

Ciro, em resposta, beijou-lhe as mãos comovidamente.

Antes de se dirigir ao Velabro, que era um dos bairros mais pobres e mais populares de Roma, o liberto procurou a prefeitura dos pretorianos, ali se avistando com o lictor Domitio Fulvius, pessoa de confiança dos seus chefes, solicitando-lhe cientificasse ao censor o seu impedimento naquele dia e providenciando, em seguida,

para que a mudança do filho para sua casa se efetuasse com a possivel presteza.

Sentia o coração apreensivo e amargurado em face dos acontecimentos e todavia, colocava a fé acima de tudo, rogando a Jesus lhe concedesse a inspiração devida, para o aclaramento de todos os problemas.

Quanto á Túllia Cevina, algo desapontada, informou a amiga, pela manhã, dos fatos singulares que haviam ocorrido. Alba Lucínia ouviu-a, assaz surpreendida, experimentando o coração pejado de amargas espectativas. Chamou a filha ao seu gabinete de repouso, mas, notando-lhe a serenidade e recebendo-lhe a promessa de guardar inteira observância ás recomendações paternas, buscou tranquilizar-se a si mesma, de modo a minorar as proprias mágoas.

Chegado ao seu gabinete, manhã alta, Fábio Cornélio foi procurado, com insistencia por Pausanias, que, ainda em Roma, guardava a chefia dos servos da casa de seu genro, e que lhe falou, depois de respeitosa reverencia:

— Ilustre censor, aqui venho obedecendo a um designio sagrado dos deuses, afim-de vos informar de graves acontecimentos ocorridos esta noite.

— Mas, como? graves acontecimentos? — perguntou o sogro de Helvídio, visivelmente impressionado.

E Pausanias relatou-lhe, então, todo o ocorrido, asseverando haver seguido as duas senhoras, dado o seu zelo carinhoso por todos os assuntos atinentes ao nome e á posição de seu amo, saturando as suas afirmativas de expressões bajuladoras ou exageradas para melhor impressionar a sua autoridade e o seu prestígio.

— Mas Nestório é cristão? — interrogou o censor admirado. — Custa-me acreditá-lo.

— Senhor, pelas graças de Júpiter, estou afirmando a verdade! — respondeu Pausanias com a sua atitude humilde á frente do mais poderoso.

— Helvídio agiu muito precipitadamente, — falou o orgulhoso patrício como se estivesse falando para si mesmo — conferindo a um tal homem tamanha responsabilidade em nossa esfera de trabalho; todavia, to-

marei ainda hoje todas as providências que o caso requer e agradeço os teus bons serviços.

Pausanias retirou-se, enquanto Fábio Cornélio, que tambem não ignorava o romance de Ciro e da neta, tomava-se de cólera contra os dois ex-escravos, que lhe vinham perturbar a tranquilidade doméstica.

Considerando a ausencia do genro que ainda se conservava em Tibur, deu todas as providencias julgadas indispensaveis, sem vacilar no cumprimento de suas íntimas decisões, em relação ao assunto.

Nas primeiras horas da tarde, um destacamento de pretorianos chegava á habitação coletiva, onde se alojavam pai e filho, em cumprimento das ordens emanadas da justiça imperial.

Chamados, os dois libertos compreenderam a gravidade da situação, concluindo que alguem os houvera denunciado e traído. Abraçaram-se em prece mútua, como se desejassem renovar os protestos de confiança e de fé na Providência Divina, prometendo-se um ao outro o máximo de coragem e resignação nos transes angustiosos que entreviam á sua frente.

Junto dos soldados, perguntou Nestório com serenidade, ao lictor que os chefiava:

— Que me queres, Pompônio?

— Nestório, — retrucou o chefe do destacamento, seu conhecido pessoal e seu amigo — venho da parte do censor Fábio Cornélio, que ordenou a tua prisão, bem como a de teu filho, recomendando-nos o máximo cuidado para que não fugissem.

Em seguida, mostrou-lhes a ordem manuscrita, desenrolando o pergaminho, ao que o liberto retrucou:

— Porventura chegaste a supôr que te resistiriamos? Guarda a ordem e não te preocupes com a espada, pois a melhor arma não é a de quem ordena, mas de quem sabe obedecer.

Isso posto, os prisioneiros se colocaram á frente dos soldados, em direção á prefeitura, onde o censor fazia questão de interrogar, a sós, o ex-auxiliar do seu cargo.

Separado de Ciro recolhido á uma ante-sala sob a vigilância dos pretorianos, foi Nestorio conduzido a

um compartimento amplo, onde, minutos após, chegava o velho romano, evidenciando no olhar a cólera dos seus brios ofendidos.

— Nestório — exclamou rudemente — fui informado de graves ocorrências verificadas esta noite. Não posso compreender a situação sem te ouvir de perto, de maneira a inutilizares, negativamente, as denuncias trazidas á minha autoridade.

— Interrogai, senhor — disse o ex-cativo com respeitosa tranquilidade — e vos responderei com a sinceridade do meu carater.

— És cristão? — perguntou o censor com profundo interêsse.

— Sim, pela graça de Deus.

— Que absurdo! — revidou Fábio Cornélio escandalizado. — E por que nos enganaste dessa fórma? Consideras razoavel zombar da consideração que nos é dispensada? É assim que retribues a estima e confiança a ti dispensadas?

— Senhor — retrucou o ex-cativo penalizado — sempre pautei minhas atitudes no maior respeito ás posições e crenças alheias; quanto a vos haver iludido, peço vênia para esclarecer melhor as vossas afirmativas, pois ninguem, até hoje, me exigiu, aquí, qualquer declaração concernente ás minhas convicções religiosas.

Fábio Cornélio compreendeu a serenidade do homem que tinha á sua frente, considerando inutil apelar para essa ou aquela circunstância, afim-de lhe arrancar uma negativa, como remédio á situação delicada entre ambos, e, mirando-o de alto a baixo com profunda altivez, acentuou com energia:

— Considero as tuas afirmações afrontosas á minha autoridade, além de estar recebendo, simultaneamente, de tua parte o máximo de ingratidão para com quem te ofereceu a mão de benfeitor e amigo.

— Mas, senhor, será insulto, porventura, o dizer-se a verdade? — perguntou Nestório ansioso por se fazer compreendido.

— E sabes a punição que te espera? — revidou o velho censor mal-humorado.

— Não posso temer os castigos do corpo, tendo a conciência tranquila e edificada.

— Isso é demais! Tua palavra será sempre a de um escravo intratavel e odioso!... Basta! Cientificarei a Helvídio o teu detestavel procedimento.

E chamando Pompônio Gratus para ouvir-lhe as declarações, o orgulhoso patrício retirou-se do recinto pisando forte, enquanto Nestório era obrigado a relatar a sua cnodição de adépto e propagandista do Cristianismo, reafirmando ser pai de Ciro e fornecendo outros informes, de maneira a satisfazer a autoridade com a exposição dos seus antecedentes.

— Nestório — exclamou Pompônio Gratus, assumindo ares de importância, na qualidade de inquiridor para o caso e no momento — não ignoras que as tuas afirmativas constituirão a base de um processo, cujo resultado será a tua condenação. Sabes que o Imperador tem sido justo e magnânimo para todos os que se arrependem a tempo de atitudes como a tua, desarrazoadas e infelizes. Por que não renuncias, agora, a semelhantes bruxedos?

— Negar a fé cristã seria traír a propria conciência — replicou o liberto calmamente. Além disso, nada fiz que me pudesse induzir ao arrependimento.

— Mas não eras um escravo? Se vieste de uma condição penosa e miseranda, por que não transigir com as tuas idéias pessoais em sinal de gratidão para com aqueles que te deram a independência?

— No cativeiro nunca deixei de cultivar a verdade, como a melhor maneira de honrar os meus senhores; mas, ainda assim, sempre tive um outro jugo, suave e leve — o de Jesus. E agora, acredito que o Divino Senhor me convoca ao testemunho!...

— Cavas o abismo de teus males com as proprias mãos — disse o lictor com indiferença.

E acentuando as palavras com o mais fundo interesse, acrescentou:

— Agora, faz-se mistér digas onde se reunem essas assembléias, para que as autoridades se orientem na

campanha de expurgar a cidade dos elementos mais perigosos.

— Pomponio Gratus — replicou Nestório altivamente — não posso esclarecer-te neste particular, pois o sincero adepto de Jesus não conhece a delação nem sabe fugir á responsabilidade da sua fé, acusando seus irmãos.

O lictor irritou-se, revidando com acrimonia:

— E não temes os castigos que te forçarão a fazê-lo, em tempo oportuno?

— De modo algum. Chamados ao testemunho de Jesus Cristo, não podemos temer conveniencias mundanas.

Pompônio, contudo, esboçou um gesto expressivo, como quem se havia lembrado de uma providencia nova, e acentuou:

— Aliás, temos outros recursos para encontrar esses conspiradores idiotas. Ouviremos, ainda hoje, nesta chefia, os que prestaram as devidas informações a teu respeito.

— Sim — replicou o liberto sem se perturbar — êsses poderão esclarecer melhor a justiça do Império.

Em seguida, um grupo de soldados armados a caráter saía da prefeitura, escoltando os dois acusados até a Prisão Mamertina, onde foram alojados num dos mais humidos calabouços.

Não bastaram sómente os novos informes de Pausanias, que o lictor Pompônio Gratus, conforme autorização do censor Fábio Cornélio, fizera questão de convocar para lhe facilitar as investigações.

Nesse mesmo dia um vulto penetrava na residencia de Lóllio Urbico, ao cair das sombras do crepúsculo, para dar identica denuncia.

Era Hatéria, que, independentemente de Pausanias, tambem fôra ás catacumbas, em descargo das suas atividades odiosas, pondo em jôgo a sua habilidade e astúcia para trazer Cláudia Sabina inteirada de quanto ocorria.

Assim que, antes de regressar a Tibur, após uma

semana de repouso no lar, a antiga plebéia notificou a Quinto Bibulo os ajuntamentos do Cristianismo alem da Porta Nomentana, pintando-lhe quadros terroristas, de feição a exacerbar o receio das conjuras, que caracterizava os administradores políticos da época.

Numerosos destacamentos de pretorianos compareceram ao cemitério abandonado, na reunião subsequente.

Centenas de prisões foram efetuadas.

Os calabouços escuros do Capitólio e os cárceres do Esquilino ficaram repletos e a circunstancia mais grave é que, entre os prisioneiros figuravam pessoas de todas as clases sociais.

Irritado, o Imperador mandou que se instaurassem processos individuais, afim-de apurar todas as responsabilidades isoladas, designando numerosos dignitários da Côrte para a devassa imprescindivel.

Elio Adriano nunca procedeu como Nero, que ordenava o extermínio dos cristãos sem cogitar da culpa de cada indivíduo, de conformidade com os dispositivos legais, conforme a evolução jurídica do Estado Romano; mas tambem não perdoou, jamais, os adeptos de Cristo que tivessem a coragem moral de não traír á sua fé, perante a sua autoridade, ou de seus prepostos.

O inquérito começou terrivel e sombrio.

Famílias desesperadas de dor acorriam ás prisões, implorando piedade aos algozes.

Quantos abjurassem da crença em Jesus, diante da imagem de Júpiter Capitolino, jurando-lhe eterna fidelidade, podiam regressar livremente ao lar, retomando os bens da liberdade e da vida; os que se não prosternassem ante o ídolo romano, mantendo inabalavel a fé cristã, podiam contar com o flagicio e, quiçá, com a morte.

Entre mais de três centenas de criaturas, apenas trinta e cinco reafirmaram a sua fé em Jesus Cristo, com sinceridade e fervor irredutiveis.

Para essas, as portas do cárcere se fecharam, sem piedade e sem esperança. Entre os condenados, estavam Nestorio e seu filho, que, fiéis á Jesus, repousavam nos seus designios misericordiosos, convictos de que

qualquer sacrifício no mundo, em favor da sua causa, era uma porta aberta para a luz e para a liberdade.

VI

A VISITA AO CÁRCERE

A notícia desses acontecimentos repercutiu na residencia de Helvídio Lucius, originando as mais tristes inquietações e angustiosas espectativas.

Apesar da fé que lhe fortalecia o coração, a jóven Célia sentiu-se tocada de profunda amargura e a sua unica consolação era a possibilidade de ouvir o avô paterno, que, a êsse tempo, já lia ávidamente os Evangelhos e as Epístolas de Paulo, agasalhando no íntimo a mesma fé que iluminava já tantos heróis e mártires.

Ambos, horas-a-fio, em confidências cariciosas, deixavam-se ficar no terraço palaciano do Aventino, a observar a fita extensa e clara do Tibre, ou embevecendo-se na contemplação do céu. O venerando Cneio Lucius reconfortava-lhe o espírito abatido, com a sua palavra conceituosa e experiente. Citavam agora os mesmos textos evangélicos, exteriorizando, simultaneamente, análogas impressões.

Quanto á Alba Lucínia, depois de ouvir as mais enérgicas exprobrações do velho pai, concernentes ás denuncias de Pausânias, sentia-se mais confortada com a certeza de que o marido regressaria breve e definitivamente ao lar, obedecendo a inesperadas ordens do govêrno imperial.

A pobre senhora atribuia êsse júbilo ás préces de Túllia e da filha, agradecendo ao novo deus, na intimidade de seu espírito, porquanto o regresso de Helvídio era um bálsamo para o seu coração atormentado.

Com efeito, decorridos poucos dias, o tribuno voltava aos penates com um suspiro de satisfação e de alívio, depois de cumprir integralmente todas as obrigações que o prendiam ao recanto das predileções de Cesar.

Informado a respeito de Nestorio e da sua atitude, o patrício se surpreendeu penosamente, desejando com sinceridade desviar o ex-cativo da situação delicada em que se encontrava; mas, logo que soube que era tambem o pai de Ciro, ressurgido em Roma para lhe agravar as preocupações morais, Helvídio Lucius fez um gesto de espanto e de incredulidade. Entretanto, ouviu, até o fim, a narrativa do sogro, molestando-se profundamente com a conduta da espôsa em permitir que a filha comparecesse a uma reunião condenavel, ao seu ver.

Alba Lucínia, todavia, soube acatar todas as reprimendas com a humildade necessária á harmonia doméstica e, longe de o desgostar ainda mais com qualquer lamentação, calou as próprias mágoas, ocultando-lhe o procedimento odioso de Lóllio Urbico, bem como os seus receios a respeito de Cláudia Sabina, em vista das confidências de Túllia que lhe haviam ferido profundamente o coração. A nobre senhora, nas suas elevadas qualidades de devotamento ao lar e de reflexão nos problemas gerais da vida, operou verdadeiros milagres de afeto e dedicação, para que a tranquilidade espiritual voltasse ao íntimo do espôso amado.

No dia seguinte ao seu regresso, Helvídio Lucius tomou todas as providências para avistar-se com Nestório na Prisão Mamertina.

O aparecimento de Ciro na capital do Império, representava para êle um fato inverosímel. Não podia crer que o seu liberto de confiança, cujas atitudes lhe haviam conquistado a maior simpatía, pudesse ser o pai de um homem que o seu coração detestava. Queria, assim, certificar-se da verdade por si mesmo. Além do mais, se os acontecimentos não fôssem verdadeiros, empenharia todo o seu prestígio pessoal junto do Imperador, afim-de evitar o martírio e a morte do prisioneiro.

A realidade, porém, haveria de contrariar esse intuito, sem resquicios de fantasia.

Chegado ao presídio, conseguiu de Sixto Plócio, oficial que superintendia o estabelecimento, uma licença incondicional, de modo a se avistar com o prisioneiro como bem entendesse.

Dentro em pouco, varava corredores e descia escadas subterrâneas, ladeando célas imundas, onde a luz era de uma escassez terrivel e clamorosa, e não tardou a encontrar Nestório ao lado do filho. Ambos estavam magros, desfigurados, a tal ponto que o patrício, fôsse pelo abatimento físico do rapaz, fôsse pelas sombras que os cercavam, não reconheceu Ciro de pronto, dirigindo-se ao liberto nestes termos que fundamente o comoveram:

— Nestório, já sei os motivos que te trouxeram ao cárcere, mas não hesitei em vir até aquí para ouvir-te pessoalmente, tal a estranheza que me causou a relação das ocorrências!

Havia nas suas palavras um tom de sensibilidade e de simpatia feridas, que o ex-escravo recebeu como um bálsamo dulcificante para o seu coração.

— Senhor — respondeu respeitosamente — agradeço do íntimo dalma o vosso impulso generoso... Nestas célas jazem tambem loucos e leprosos; e contudo, não vacilastes em trazer ao vosso mísero escravo a palavra de exortação e de confôrto!...

— Nestório — continuou Helvídio com generosa deferencia — meu sogro relatou-me, a teu respeito, certos fatos que me custa acreditar, a despeito de sua honorabilidade de homem público e do seu paternal interêsse para comigo.

Nesse ínterim, pai e filho contemplavam, ansiosos, aquele de quem poderia depender a sua liberdade, notando-se que Ciro se encolhera a um canto, temendo a atitude de ansiedade suspeitosa com que Helvídio Lucius o observava.

— O tribuno prosseguiu:

— Não pude aceitar, integralmente o que me disseram e vim certificar-me, por mim mesmo, com o teu depoimento pessoal.

E acentuando as palavras, perguntou, abruptamente:

— És de fato cristão?

— Sim, senhor — murmurou o interpelado, como se respondesse constrangidamente, em face de tão gran-

de generosidade. — Prometí a Jesus, no sacrario da conciência, que não renegaria a minha fé em tempo algum.

O tribuno esfregou o rosto, num gesto muito seu, quando contrariado, acrescentando em tom de mágoa:

— Nunca pensei que houvera colocado um cristão na intimidade do meu lar e no entanto, vim até aquí sinceramente desejoso de pleitear a tua liberdade.

— Agradeço-vos senhor, de todo o meu coração e jamais esquecerei o vosso alvitre — ajuntou Nestório com dolorosa serenidade.

— Interessando-me pela tua sorte — prosseguiu Helvídio constrangidamente — procurei o senador Quirino Brutus, incumbido pela autoridade imperial da instrução do processo atinente aos agitadores do cristianismo, vindo a saber, ainda ontem, que treze dos implicados receberam a sentença de banimento perpétuo e vinte e dois foram condenados á morte pelo suplício.

Apesar do seu fervor religioso, ambos os prisioneiros ficaram lívidos.

Helvídio Lucius, porém, continuou impertubavel:

— Entre estes útimos, vi o teu nome e o de um rapaz que me disseram ser teu filho. Que me dizes a tudo isso? Não desejarás, porventura, abjurar de uma fé que nada te facultará a não ser a morte infamante pelos suplícios mais atrozes? E êsse homem que te acompanha? será de fato teu filho? Dize uma palavra que me esclareça ou me proporcione elementos para uma defesa justa...

— Senhor — acudiu o liberto invocando todas as suas energias para não fracassar no testemunho — minha gratidão pelo vosso interêsse generoso ha-de ser eterna! Vossas palavras me sensibilizam todas as fibras do coração!... Ouvindo-vos, sinto que deveria seguir vossos passos com humildade e submissão, através de todos os caminhos; mas, é tambem por amor que não posso ceder em minha fé, á propria tentação da liberdade!... Jesus exerce em mim um jugo divino e suave... Embora vos ame, senhor, não posso trair a Jesus nas atuais circunstâncias de minha vida... Se o Mestre de Nazaré deixou

que O imolassem na cruz, puro e inocente, pela redenção de todos os pecadores dêste mundo, por que me haveria de excusar ao sacrifício, quando me sinto cheio da lama do pecado? Jamais poderei, em conciência, abjurar de uma fé que constitue a luz de minhalma, por toda a vida!... A morte não me atemoriza, porque, além do martírio e do sepulcro, esplende uma alvorada imortal para o nosso espírito!

Helvídio Lucius ouvia, surpreso, aquela demonstração de esperança numa vida espiritual, que sua mentalidade estava longe de compreender, enquanto Nestório continuava a falar, pousando, então, no rapaz que o acompanhava, os olhos humidos e ternos:

— Entretanto, senhor, sou pai e como pai, sou ainda muito humano! Não vos interesseis por mim, imprestavel e doente, para quem a condenação á morte pela causa de Jesus deve representar uma benção divina!... Mas se vos for possivel, salvai meu filho, de modo que êle viva para vos servir!...

Ciro acompanhava a atitude paterna com idêntico espírito de fervor e decisão, como que desejoso de protestar contra aquela rogativa, demonstrando tambem preferir o sacrifício; mas o liberto continuava entre lágrimas mal contidas, dirigindo-se ao tribuno, que o ouvia eminentemente impressionado:

— Agora, senhor, sei de todo o pretérito amargurado e doloroso e lamento o proceder de meu filho na vossa casa de Antipatris!... Mas peço-vos perdão para as inquietudes da sua mocidade!... Meu pobre Ciro obedeceu á impulsividade do coração, sem dar ouvidos ao raciocínio, com que se deveria aconselhar, mas, na amargura destas masmorras sombrias, deu-me a sua palavra de que, se volver á liberdade, nunca mais erguerá os olhos para a criança adoravel, que é um arcanjo do céu no ambito do vosso lar... Se assim o exigirdes, senhor, Ciro poderá sair de Roma para sempre, de maneira a nunca mais vos perturbar a felicidade doméstica!...

Helvídio Lucius, porém, fechara o semblante, em atitude de quem tomara implacavel decisão.

Da generosidade mais pura, passara á negativa mais

violenta, dada a presença do seu ex-cativo de Antipatris, a quem os seus princípios não poderiam tolerar, nunca.

— Nestório — exclamou em tom quasi rude — sabes da simpatia que sempre me inspiraste, mas, se nunca te supús cristão e conspirador, muito menos chegaria a pensar que pudesses ter engendrado um homem como êsse. Como vês, não posso intervir a favor de ambos... Certas árvores morrem, ás vezes, pelo apodrecimento dos galhos!... Vim aquí para socorrer-te, mas encontrei uma realidade intoleravel para o meu espírito. Destarte, preferirei esquecê-los, antes de tudo.

— Senhor... — murmurou ainda o liberto — como se desejasse reter a sua amizade, pedindo-lhe perdão, para correr com a certeza de que o tribuno lhe havia reconhecido o sincero agradecimento.

Helvídio Lucius, contudo, lançando a ambos um olhar contrafeito, ajustava a toga para retirar-se quanto antes, exclamando impulsivamente:

— É impossivel!

Dito isso, deu costas aos prisioneiros e, chamando os dois guardas que o acompanhavam, retirou-se apressado enquanto os dois condenados alongavam o olhar para fixar-lhe o porte firme e austero, e aguçavam o ouvido para escutar os seus derradeiros passos nas lages da prisão, como se percebessem, pela última vez, a esperança que os poderia reconduzir á liberdade.

Nestório sentia-se sufocado mas a nuvem de suas lágrimas, como que se rompera para atenuar-lhe as amarguras, enquanto Ciro lançava-se-lhe aos pés, beijando-lhe as mãos, a murmurar:

— Meu pai! meu pai!...

Ambos desejavam retornar ao sól claro da vida, sentir as emoções da natureza, mas o ambiente abafado do cárcere asfixiava.

Todavía, na tarde imediata, Sixto Plócio recebendo as ordenações da justiça imperial, separava os treze prisioneiros destinados ao exílio perpétuo, reunindo os demais numa céla menos triste e largamente espaçosa.

Os dois libertos foram retirados do cubículo em que

se encontravam, transportando-se para junto dos demais condenados.

A nova céla tambem demorava na parte subterrânea, mas, de um dos seus lados, podia ver-se o céu através de reforçadas grades.

Descera o crepúsculo, entornando sôbre a cidade as suas tintas maravilhosas, mas todos aqueles corações atormentados contemplaram o casario e o horizonte, tomados de infinita alegria.

Ao longe, no firmamento, acendiam-se na tela muito azul, as primeiras estrêlas!...

Policarpo, o veneravel prégador da Porta Nomentana, transportado do Esquilino para o Capitólio, afim de reunir-se aos companheiros, traçou no ar uma cruz com a mão calosa e encarquilhada... Então, todos os irmãos de fé, em cujo número se contavam algumas mulheres, se prosternaram e, contemplando o céu romano, formoso e constelado, começaram a cantar hinos de devoção e de alegria. Esperanças versificadas, que deviam subir a Jesus, traduzindo o amor e a confiança daqueles corações resignados, que viviam embevecidos nas suaves promessas do seu Reino...

Aos poucos, as vozes se elevavam, harmoniosas e argentinas, nas estrofes de hosana e de esperança! Sêres espirituais, imperceptiveis, ajoelhavam-se junto dos condenados, a cujos ouvidos chegavam os écos suaves das cítaras do invisivel ..

Então, alguns pretorianos que lhes montavam guarda, escutando-lhes os cânticos de fé, compararam a voz daqueles corações angustiados a soluços de rouxinóis apunhalados em pleno luar, na vastidão do espaço.

Enquanto os prisioneiros aguardam o dia reservado ao sacrifício, acompanhemos nossos personagens no desdobramento de sua vida cotidiana.

Depois de uma visita a Tibur, Elio Adriano certificou-se do valioso concurso de Helvídio Lucius ás suas caprichosas edificações, convidando-o a vizitá-lo com a família, afim-de lhe testemunhar o seu reconhecimento.

No dia aprazado, com exceção de Célia que não po-

dia dissimular o seu abatimento, compareciam ao ágape que o Imperador lhes oferecia, o tribuno e sua família, acompanhado de Caio Fabricio e Fábio Cornélio.

Adriano os recebeu com amabilidade extrema, versando as palestras da tarde os mais variados assuntos, atinentes á vida social e política do Império.

Em dado instante, após as libações habituais, Adriano dirigiu-se a Helvídio Lucius, nestes termos:

— Meu amigo, o principal escôpo do meu convite é agradecer-te a preciosa colaboração prestada aos meus planos em Tibur. Francamente, as tuas realizações excederam a minha espectativa mais otimista!

— Obrigado, Augusto! — respondeu o patrício emocionado e satisfeito.

E como se houvera transportado a sua palavra a objetivos diferentes, o Imperador obtemperou com evidente interêsse:

— Quando se efetua o enlace de tua filha? Pretendo fazer uma viagem demorada pela Grécia, antes de me recolher a Tibur de modo definitivo, mas não desejaria partir sem contemplar a felicidade dos nubentes.

Designando Caio, que experimentava a maior alegria á vista do interesse imperial pela sua situação, Helvídio replicou:

— Augusto, muito nos honramos com a vossa generosa atenção. O enlace de minha filha depende tão somente do noivo, que está aliciando a experiência da vida, antes de atender aos reclamos do amor.

— Que é isso, Caio? — perguntou o Imperador num largo sorriso. — Que esperas ainda? Se Venus ainda não te bateu fortemente ás portas da alma, não podes entreter com promessas o coração que te aguarda em primaveras de amor.

— Vossa palavra, ó Cesar — respondeu o interpelado como um perfeito augustino — conforta-me o espírito como os raios do sol; entretanto, tendo de substituir Venus por Juno em meu santuário doméstico, aguardo a oportunidade propícia á minha tranquilidade futura.

Elio Adriano fez um gesto expressivo, fixando em Helvídio Lucius o seu olhar enigmático e acrescentando:

— O ensejo esperado deve estar chegando agora. Afirmava a sabedoria dos antigos, que melhor fala aos pais o bem que se faz aos filhos, razão por que tomo o dote da jóven Helvídia ao meu cuidado. Resolvi doar-lhe uma propriedade deliciosa nas imediações de Cápua, ao pé do Vulturno, onde o fruto das vinhas e das oliveiras bastaria para entreter a felicidade de uma família durante cem anos de existência, sem outras preocupações de ordem material.

Um sôpro de alegria animou todos os semblantes, desenhando-se, com especialidade, nos de Helvídio Lucius e sua mulher, que se entreolharam felizes, tomados de sincero reconhecimento pela espontânea generosidade do Imperador, a quem Fábio Cornélio se dirigiu com a mais respeitosa cortezia, agradecendo em nome de todos a régia dádiva.

Caio Fabricius não podendo conter a sua alegria, apertou as mãos da noiva, exclamando:

— Depois da palavra de Fábio, queremos confirmar nosso reconhecimento á vossa magnanimidade, ó Augusto! Vossa lembrança expressa a generosidade e o poder do senhor do mundo!... E já que depende de mim a fixação do matrimonio, marcá-lo-emos para o mês proximo, como vos apraz!... Todo o nosso desejo é que nos honreis com a vossa presença, porquanto, em face de vossa paternal proteção, sentimos que os deuses nos abençoam e guiam!...

— Sim — ponderou Adriano pensativo — no mês vindouro pretendo realizar minha última viagem pela Italia e pela Grécia. Prometí aos amigos de Atenas que não me recolheria a Tibur antes de levar-lhes a minha visita derradeira! Antes de me ausentar, pretendo comemorar com festejos públicos a inauguração dos novos edifícios da cidade (1). Aproveitaremos, então, a oportunidade para que se efetive a tua ventura.

Alba Lucínia tinha os olhos humidos, abraçando a

(1) Entre as numerosas edificações de Adriano, durante o seu reinado, conta-se como das mais importantes, o famoso Castelo de Santo Angelo. — NOTA DE EMMANUEL.

nidade, para que se efetive a tua ventura.

filha alegremente, e assim terminava o banquete com júbilo inexcedivel.

No dia imediato, o Imperador ordenou todas as providencias para a doação e, enquanto Helvídio Lucius e família preparavam-se convenientemente para o evento familiar, Caio Fabricius dirigia-se a antiga "Terra da Lavoira", afim-de conhecer a região em que ficava a sua futura vivenda.

Todavia, a par dos grandes júbilos, persistiam as graves preocupações e as grandes dores.

Helvídio e sua mulher não podiam forrar-se á contrariedade que os martirizava intimamente, ao verem que Célia definhava, apesar dos esforços que ela mesma fazia, mercê das energias poderosas da sua fé, afim-de não amargurar o coração dos progenitores.

Comparando a filha á uma flor mirrada e triste, o tribuno aumentava o seu ódio ás idéias cristãs, recordando Ciro com aversão e rancor. O doloroso contraste do destino de suas filhas era-lhe objeto de profundas meditações. Interessava-se por ambas, com o mesmo afeto e contudo, mau grado a boa intenção, a mais nova parecia afastada da sua devoção paternal. Não sabia frequentar os ambientes sociais, nem se integrava convenientemente no ritmo doméstico, como fôra de desejar. Seus olhos jamais haviam manifestado qualquer interesse pelas fantasias da juventude e, mergulhados em cismas constantes, pareciam fixar-se noutros rumos, que o seu espírito paternal jamais pudera definir com acêrto. Ao seu conceito, ela era vítima de umas tantas fraquezas que, no seu zêlo, atribuia á influência dos princípios cristãos, no convivio dos escravos, lá na Palestina... Ainda bem que Helvídia seria ditosa e isso, de algum modo o consolava!... Quanto á Célia, êle e a espôsa, mais tarde leva-la-iam á terras estranhas, onde a sua sensibilidade doentia pudesse modificar-se a contento.

Enquanto o tribuno desenvolvia todos os esforços por dissimular tais conjeturas, multiplicavam-se no lar os júbilos festivos.

Mas, ao passo que aumentavam as esperanças e as

alegrias familiares, Célia verificava que os seus padecimentos morais lhe superavam ás proprias fôrças.

A notícia da condenação de Ciro como conspirador acabrunhava-lhe profundamente o coração. Além disso, bastaria uma palavra só, do Imperador, para que os terriveis suplicios se consumassem. Aquelas perspectivas angustiosas lhe anulavam todas as esperanças. Ao seu lado, o enxoval da irmãzinha cobria-se de pérolas e de flores! Por si, não lhe invejava a ventura, mas desejava conservar a vida do eleito do seu destino. Orava sempre, mas as suas preces estavam eivadas das angústias terrenas, sem a leveza suave de outros tempos, que as fazia ascenderem ao céu. Agora, as vibrações espirituais mesclavam-se de ansiedades amargas e dolorosas!... Desejava ver Ciro, ouvir-lhe a palavra, saber da sua boca que o seu coração continuava forte e resignado diante da morte, afim-de que a sua alma haurisse animo na coragem dele, mas não podia pensar nisso. Os pais não lho consentiriam nunca. Tão penosas reflexões foram-lhe invadindo o cérebro, enfraquecendo-o.

Em poucos dias, o organismo não se mantinha de pé. Todavia, Alba Lucínia com o bom senso que lhe caracterizava as iniciativas, lembrou a conveniencia de transportá-la para o Aventino, onde se trataria convenientemente junto do velho avô e de Márcia, que a adoravam.

Aceito o alvitre, Cneio Lucius veiu buscá-la pesoalmente, com paternal solicitude.

Em sua casa a jóven melhorara do estado febril que tanto a debilitàva, mas o singular abatimento moral zombava de todos os cuidados do veneravel ancião, que inventava mil modos de restabelecer a alegria da netinha adoravel.

Certo dia, pondo em jogo os seus processos psicológicos cheios de ternura, acercou-se da neta, exclamando com profunda bondade:

— Célia, minha querida, pesa-me o coração ver-te assim abatida e doente, apesar-de todos os esforços do nosso amor desvelado.

E como lhe visse as lágrimas brilhando á flor dos olhos, continuou carinhoso:-

— Tambem eu, minha filha, no imo da conciencia sou hoje um adepto do Cristianismo, com todo o fervor do meu espírito! Conheço a essencia dos Evangelhos, levado pelas afetuosas sugestões da tua alma candida e generosa!... Para mim, não valem mais, agora, os sacrifícios aos nossos velhos deuses, silenciosos e frios, mas tão somente as ofertas do nosso proprio coração áquele que vela por nossos destinos, do seu trono das Alturas! Mas ouve, filhinha: não sabes que Jesus não quer a morte do pecador? Não lhe conheces o ensinamento, cheio de vida e de alegria?

E como se adivinhasse as mágoas que laceravam aquele coração afetuoso e crente, tinha tambem os olhos humidos.

A neta recebeu-lhe as palavras como se fôssem um bálsamo suave, respondendo:

— Sim, compreendo tudo isso e rogo a Jesus me conceda fôrças, afim-de encontrar nos seus exemplos a razão da minha propria vida...

Essa resposta, porém, ficava a meio, uma onda de lágrimas invadia-lhe os olhos grandes, serenos, como se hesitasse em confessar ao venerando velhinho a sua preocupação dolorosa e incessante.

Cnéio Lucius, contudo, abraçou-a ternamente, ao mesmo tempo que ela murmurava em voz súplice:

— Avôzinho, prometo ter fé e triunfar de todos os sofrimentos, mas desejava ver Ciro antes da sua morte!

O respeitavel ancião compreendeu quão dificil seria satisfazer um tal desejo, mas respondeu sem pestanejar:

— Ve-lo-ás comigo, amanhã pela manhã. Falarei a teus pais, ainda hoje, a êsse respeito.

A jóven lançou-lhe um olhar jubiloso e profundo, no qual se podia ler a mais terna de todas as alegrias, misto de amor e gratidão.

Á tarde, uma liteira saía do Aventino, conduzindo o veneravel patrício á casa do filho, que, ao lado da espôsa, lhe recebeu a rogativa com o mais fundo constrangimento a lhe transparecer no rosto.

Alba Lucínia, na sua sensibilidade de mulher, compreendeu de pronto que a concessão aos desejos da filha

era justa, convindo atender áquela súplica ansiosa.

O tribuno, porém, relutava consigo mesmo e, se não opunha uma negativa formal, era tão sómente em atenção ao interventor, que, em lhe ser pai, era tambem seu mestre e o melhor amigo de toda a sua vida.

— Mas, meu pai — obtemperou, depois de longa meditação — esse pedido articulado pela sua boca me surpreende profundamente. Tal medida posta em prática, atraírá sôbre nossa casa e nome numerosos comentários e suspeitas. Que diriam os administradores do cárcere se vissem minha filha a interessar-se por um condenado?

— Filho — replicou Cnéio Lucius imperturbavel — compreendo e justifico os teus escrúpulos, mas precisamos considerar que Célia pode piorar, fatalmente, se lhe recusarmos a satisfação dêsse desejo. Alem disso, sou eu proprio que me proponho acompanhá-la. Quanto á nossa entrada na prisão, livre da curiosidade maledicente. já pensei no melhor meio de conseguí-la. Levarei minha neta na qualidade de pupila da minha casa, como se fôra filha de um sentenciado, pois bem sabemos que os prisioneiros não vão morrer como cristãos, mas, como conspiradores e revolucionários. Com as prerrogativas de que disponho, penetrarei no cárcere em sua companhia, sem a presença importuna dos funcionários ou dos pretorianos, de modo que somente eu presenciarei o que venha a ocorrer entre ambos!

Helvídio ouvia-o, silencioso. Mas o veneravel patrício, sem desistir dos seus propósitos, tomou-lhe as mãos entre as suas, murmurando humildemente:

— Concorda! Não negues á tua filha, enfêrma, a satisfação de um desejo tão justo!... Além disso, filho, recorda-te que se trata de um simples encontro pela última vez...

Ao espírito do tribuno repugnava a idéia de que a filha fôsse visitar o servo odiado, com o seu consentimento; mas, havia tamanha ternura nas palavras paternas que o seu coração cedeu de chofre, áquela atitude de carinho e de humildade.

Fixando o generoso velhinho, como se estivesse

anuindo tão só por consideração a êle, seu pai e maior amigo, murmurou um tanto contrafeito:

— Pois bem, meu pai, que se faça a sua vontade! Deixo a seu critério a solução do caso.

E dando a entender que o assunto lhe desagradava, falou de outras cousas, levando o ancião para o interior, onde se intensificavam os preparativos para os esponsais de Helvídia.

Cnéio Lucius, que entendia a alma do filho desde pequeno, gabou-lhe todos os empreendimentos com bom humor e alegria, opinando com otimismo sôbre todos os seus feitos e regosijando-se, simultaneamente, com as suas iniciativas, a evidenciar no semblante uma satisfação espontânea e sincera, como se nenhuma preocupação lhe povoasse a mente.

Nas primeiras horas do dia imediato, a liteira do patrício veneravel estacionava junto á Prisão Mamertina, enquanto êle e a neta, que se disfarçara em trajes muito simples, dentro de um largo peplum que lhe dissimulava os proprios traços fisionômicos, entravam no tenebroso edifício, salientando-se que Sixto Plócio, préviamente avisado vinha receber Cnéio Lucius e aquela que êle apresentava como filha adotiva de sua casa, facultando-lhes a máxima liberdade para tratar com os prisioneiros.

Na cela espaçosa onde se aglomeravam os vinte e dois sentenciados, penetravam os primeiros clarões do sól, como se fôssem uma benção.

Nestorio e Ciro, reunidos aos demais, estavam profundamente desfigurados. A alimentação deficiente, as perspectivas angustiosas, os castigos aplicados no cárcere, tudo se conjugava para lhes abater as fôrças físicas. Todavia, nos olhos serenos de todos os condenados havia um clarão sublimado e ardente, exteriorizando energias misteriosas. Viviam da fé e pela fé, colocando todas as esperanças naquele Reino divino que Jesus lhes prometera em cada ensinamento.

Volusio e Lepido, dois pretorianos de plena confiança dos administradores do presídio, conduziram os visitantes ao apartamento dos condenados.

Um grito de júbilo escapou-se do peito de Ciro ao avistar a figura de Célia, que caminhava para êle com um sorriso carinhoso, embora amargo. Nestorio não sabia expressar o reconhecimento que lhe inundava a alma, embora não se revelasse um companheiro de convicção, lhes estendia os braços generosos.

A princípio, a emoção e alegria emudeceram uns e outros; mas a jóven patrícia num impulso natural e muito feminino, observando a penosa situação do bem-amado de sua alma, desatara em pranto convulsivo, enquanto o velho avô murmurava com benevolencia e carinho:

— Chora, filha!... as lágrimas fazem-te bem ao coração!...

E, bondosamente, como se deferisse ao moço liberto a tarefa de consolá-la, afastou-se com Nestorio para outro ângulo da cela, apresentando-lhe o ex-cativo os demais condenados.

Quasi a sós, os dois jóvens podiam trocar as suas impressões derradeiras.

— Célia, como te entregas ao sofrimento dêsse modo? — perguntou o mancebo invocando todas as suas fôrças para revelar coragem e serenidade. — Não será melhor morrer pelo Mestre, a quem tanto amamos? Estou muito reconhecido a Jesus, ao receber tua visita nesta céla erma e triste. Desde que fui preso, tenho suplicado fervorosamente á sua misericórdia não me permitisse morrer sem consolar-te!...

Ainda esta noite, querida, sonhei que havia chegado ao Reino do Senhor, aí vendo muitas luzes e muitas flores... Chegado aos pórticos dêsses paraísos indefiníveis, lembrei-me do teu coração e senti uma saudade profunda!... Queria encontrar-te para penetrar no céu, contigo... Sem a tua companhia, as moradas de luz me pareceram menos belas mas um sêr divino, dêsses a quem deveremos chamar anjos de Deus, acercou-se, esclarecendo-me com estas palavras: — Ciro, breve baterás á estas portas. livre de qualquer laço dos que ainda te prendem ao corpo perecivel! Manifesta a tua gratidão a êsse Pai de misericórdia que te concede tantas

graças, mas não penses em repouso quando as lutas apenas começam! Terás de ressarcir ainda, muitos séculos de êrro e treva, de ingratidão e impenitência!... Reconforta o espírito abatido, na contemplação dos planos sublimados da Criação, para que possas amar a Terra com as suas experiências mais penosas, que valem tambem por divino aprendizado na escola do amor de Deus!. .

Então, querida, pedí áquela entidade pura e carinhosa, que, depois da morte, me auxiliasse a renascer junto de tí, fôsse com a responsabilidade das riquezas terrestres, ou na condição da maior miseria. E sei que Jesus, tão poderoso e tão bom, ha de conceder-me essa graça. Não chores mais! desanuvia o coração nas promessas divinas do Evangelho!...

Suponhamos que vou fazer uma longa viagem, imposta pelas circunstâncias... mas, se Deus permitir, estarei de volta ao mundo, no dia imediato, afim de nos encontrarmos novamente. Como será êsse reencontro? Não importa sabê-lo porque, de qualquer fórma sempre nos amamos pelo espírito, dentro de nossas realidades imortais!

Promete-me que serás alegre e forte, esperando a minha volta. Não permitas que energias destruidoras te maculem o coração!...

E presumindo que a jóven pudesse, mais tarde, enfarar-se do proprio destino, acentuou:

— Confia no teu valor, espero que jamais estranhes a posição social que o Senhor te haja destinado. Nas horas angustiadas da vida, recorda-te que, depois do amor de Deus, deveremos honrar pai e mãe acima de todas as cousas, sacrificando-nos por êles com a melhor das nossas energias!...

Ela deixara de chorar, mas uma névoa de tristeza lhe invadira os olhos desencantados. Contemplava-o á sua frente, com uma ternura que o coração não saberia jamais definir. Noivo ou irmão? Por vezes, sentia no íntimo que êle deveria tambem ser filho. As almas gêmeas amam-se em curso de eternidade, confundindo-se na alternativa contingente dos elos do espírito. Aspi-

ram a uma felicidade pura e imortal e só vivem felizes quando integradas na união eterna e indissoluvel.

Na fortaleza moral que lhe ocultava as mais dolorosas emoções, o mancebo continuava:

— Dize-me, Célia, que amarás sempre a vida, que terás muita fé e me esperarás, cheia de confiança... Quero enfrentar o sacrificio com a certeza de que prosseguirás, como sempre, forte na luta e conformada com os designios do Criador!...

Sim — murmurou ela com uma cintilação de fé a lhe brilhar nos olhos — por tí, nunca odiarei a vida! Através da minha confiança nas promessas do Cristo, rejubilarei quando chegares... tornarei a sentir a branda carícia da tua presença carinhosa, pois meu coração identificará o teu entre mil criaturas, porque tenho-te amado como Jesus nos ensinou, com dedicação celestial.

— Assim, querida — murmurou o jóven, confortado — foi sempre assim que idealizei o teu coração humilde e generoso.

— Ciro — disse a donzela candidamente — rogo a Jesus que nos conserve a fé nas angústias desta hora! esperarei a tua volta, cheia de confiança em ti, sabendo que me quiseste sempre tal, como te amei!...

Depois de uma pausa, olhos humedecidos, continuou emocionada:

— Sabes? lembro-me agora de nossa excursão ao lago de Antipatris... Recordas-te? Eu estava surpresa por te ver, quando a onda me colheu, impelida pelo vento... Hoje, pergunto se não seria melhor ter morrido. Aprenderia a amar a Jesus, fóra de um mundo como êste, e haveria de esperar-te na outra vida, com o meu amor grande e santo!... Ainda sinto a emoção do minuto em que me salvaste, trazendo-me á tona!...

— É verdade — atalhou o rapaz fazendo o possivel por não traír a emoção daquelas reminiscencias — mas, recordando tudo isso não somos levados a crer que Jesus desejava, como ainda deseja, a tua vida? Não

fui eu quem te salvou, mas o Mestre Divino, que te queria na Terra.

— Sim — obtemperou comovida — continuarei implorando a Jesus que te permita voltar, conforme prometes! O mundo, Ciro, é sempre um lago revolvido pelo vento das paixões e, no fundo das aguas ha sempre vasa que sufoca as mais nobres aspirações do espírito. Que Jesus não me falte com a tua companhia no futuro, pois quero viver para servi-lo, na claridade de tua memória, que honrarei em toda a vida!...

— Célia, não duvides do Senhor nem descreias da minha volta. Pensarei sempre em ti, como nunca te esqueço...

E para dissipar as amargas espectativas do momento, voltou-se para trás, revolvendo um colchão imundo, alí colocado á guisa de cama, de lá retirando um pedaço de pergaminho que ofereceu á jóven, acrescentando:

— Ainda ante-ontem escrevemos aquí um hino para glorificar o Mestre no dia do sacrificio. Lembrei que deveria sugerir aquela música que te ensinei, sob os cedros de tua casa, sendo aceita a minha idéia. Desde êsse instante, querida, minha grande preocupação foi conseguir os recursos precisos para deixar-te uma cópia, pois tinha convicção de que Jesus me concederia a dita de rever-te. Ha aquí um pretoriano chamado Volusio, bastante simpático ao Cristianismo, que me facultou os elementos precisos para a grafia dêstes versos.

Entregando-lhe o fragmento de pergaminho, acentuava:

— Guarda este hino que constitue a minha lembrança antes da partida! Todos nós colaborámos na formação do poema, mas, lembrando-me da nossa eterna afeição, encaixei aí algumas rimas, nas quais traduzo minhas esperanças. Dedico-as a ti, para confirmar-te a dedicação de todos os momentos!

— Deus te abençôe e te proteja! — exclamou a jóven patrícia, guardando a preciosa lembrança.

Ambos se entreolharam com a poderosa atração dos seus sentimentos purificados, mas Cnéio Lucius depois de haver conversado longamente com Nestorio e seus

companheiros, examinando todos os detalhes da prisão, aproximava-se com um sorriso complacente.

Conhecendo a sentimentalidade da neta, dirigiu-lhe a palavra nestes termos:

— Filha, as horas voam, estou á tua disposição para quando desejes regressar.

Ela acercou-se do respeitavel ancião, que se fazia acompanhar pelo liberto de seu filho, pousando em Nestorio o olhar melancólico, mas o ex-cativo veiu-lhe ao encontro com estas palavras:

— Célia, tua vinda a este cárcere representa para nós a visita de um anjo. Não te impressione a nossa condenação, que, aos olhos de Deus deve ser util e justa. Dizia a inspiração de Paulo que a morte é o nosso último inimigo. Venceremos, pois, mais essa etape, com Jesus e por Jesus. Apesar disso, não te esqueças que a dádiva da vida é um bem precioso que o Céu nos confia. Para a alma fervorosa, o melhor sacrifício ainda não é o da morte pelo martírio, ou pelo infamante opróbrio dos homens, mas aquele que se realiza com a vida inteira, pelo trabalho e pela abnegação sincera, suportando todas as lutas na renúncia de nós mesmos, para ganhar a vida eterna de que nos falava o Senhor em suas lições divinas!

Célia sentiu que a sua fé atingia um gráu superior, mediante aquelas exortações amigas e carinhosas, e voltando-se para Ciro, que, com o olhar parecia recomendar-lhe que as ouvisse, responde comovida:

— Sim, guardarei tuas palavras com o respeitoso amor de uma filha.

Acercando-se do avô, pediu-lhe permissão para despedir-se de ambos os condenados e aproximando-se do jovem, que ocultava a comoção no imo dalma, guardou-lhe as mãos entre as suas por um momento, beijando-as levemente.

— Deus te proteja! — disse em voz baixa, quasi imperceptivel.

Em seguida, acercou-se de Nestorio, a quem abraçou respeitosamente, depositando-lhe um ósculo na fronte.

Ambos os sentenciados desejavam agradecer, mas não o puderam. Uma fôrça poderosa parecia embargar-lhes a voz. Ficaram imoveis, silenciosos, enquanto Cnéio Lucius tocado pela cena comovedora, despedia-se com um leve aceno.

Contudo, até o fim, Ciro mostrava no rosto uma expressão de fortaleza, num sorriso carinhoso que consolava profundamente a alma gêmea da sua...

Mais um gesto de adeus naquele silêncio que as palavras profanariam, e a porta do cárcere rangeu de novo nos seus gonzos sinistros e terriveis.

Nesse instante, o sorriso do moço cristão desapareceu-lhe do rosto desfigurado. Dirigiu-se para as grades da prisão, agarrando-se aos varões como um pássaro sedento de luz e liberdade. Seus olhos ansiosos espraiaram-se pelo exterior, buscando ver pela última vez a liteira que deveria reconduzir a sua amada.

Mas, aos poucos, sua juventude inquieta voltava-se para Jesus, com todo o fervor de suas aspirações apaixonadas. Desprendeu-se dos varões rigidos e ajoelhou-se. A luz do sol que esplendia na manhã alta, banhou-lhe as faces e os cabelos. Orava, rogando a Jesus fortaleza e esperança. A claridade solar parecia inundar-lhe a fronte com as graças do Céu, mas, mesmo assim, deixando pender a cabeça, escondeu o rosto nas mãos emagrecidas para chorar humildemente.

VII

NAS FESTAS DE ADRIANO

Cnéio Lucius notou que a visita da neta aos condenados produzira efeitos grandemente benéficos. Apesar do abatimento, Célia mostrava-se corajosa na fé, mais calma e bem disposta. Contudo, o velho avô considerando a sensibilidade do seu afetuoso coração de menina, providenciou junto dos filhos para que ela ficasse em sua companhia até a passagem das festas do casamento de Helvídia.

Neste interim, não podemos esquecer que a espôsa de Lóllio Urbico, novamente em Roma, ia frequentes vezes á Suburra, onde mantinha os mais íntimos colóquios com a vendedora de sortilégios, já conhecida.

Horas a fio, Cláudia e Plotina trocavam idéias á surdina, assentando providências criminosas ou arquitetando planos sinistros, salientando-se que Hatéria havendo conquistado o máximo da estima dos patrões, trazia a antiga plebéia informada de todos os fatos atinentes á vida íntima do casal.

Nas vésperas do enlace de Helvídia, vamos encontrar a capital do Império na agitação característica das épocas festivas.

Preparando-se para a sua derradeira romagem a um dos centros mais antigos do mundo, Adriano desejava brindar o povo romano com espetáculos inesquecíveis.

Em tais ocasiões, as autoridades políticas aproximavam-se do sentimento popular, alimentando-lhe as vibrações de extravagancia e de alegria. A inauguração de novos edifícios, os preparativos da viagem e a adesão do povo ao programa oficial justificavam os mais latos caprichos da magnanimidade imperial. Por toda a parte verificava-se o frémito dos trabalhos extraordinarios, enchendo a cidade de improvisações transformadoras. Construção de novas arcadas, pontes ou aquedutos provisórios, distribuições de trigo e vinho, organização de préstitos religiosos, homenagens a templos especializados, lotarias populares e, por fim, o circo com as suas novidades inexcediveis.

O povo esperava, sempre, tais manifestações, com júbilo incontido.

Instalado no Palatino, Elio Adriano cogitava de distraír as massas romanas, organizando comemorações dessa natureza, movimentando as autoridades e induzindo a guardar, porém, intimamente, o objetivo principal de todas as atividades, que era o de sua viagem á Grécia, cujas graças já lhe haviam conquistado a mais ampla simpatia. O grande Imperador, classificado na história como o maior benfeitor das cidades antigas,

onde se havia erguido o berço da cultura e da civilização, projetava as melhores construções para Atenas, bem como o estudo especializado das ruinas de toda a Héllade, de modo a beneficiar o patrimônio grego na medida de todos os seus recursos.

No limiar dos acontecimentos, vamos encontrar o soberano na intimidade de Cláudia Sabina e de Phlegon, seu secretário de confiança, analisando os pormenores do cruzeiro que as galeras imperiais haveriam de fazer pelas águas mediterraneas.

A certa altura, Adriano interpela o secretário:

— Senécio, cumpriste já minhas ordens concernentes á expedição dos convites?

— Por Júpiter! — exclamou Phlegon satisfeito — nunca me esqueceria de cumprir, a preceito, uma determinação de Augusto.

— Como vê — disse o imperador dirigindo-se á Cláudia — tudo está pronto e em ordem de marcha. Entretanto, necessito de alguem que me acompanhe, não tanto com o senso de arte ou de crítica, mas com o proposito de trabalho, atento o desejo de transportar para Tibur algumas colunas célebres e outras soberbas relíquias das ruinas de Phócida e Corinto. Tenciono ornar os nossos edifícios com os tesouros do mundo antigo. Não poderei dispensar, no meu retiro de Tibur, as visões do jardim dos deuses, com as suas sugestões preciosas ao meu espírito.

A mulher do prefeito ouviu-o com particular atenção e, aproveitando a oportunidade para realizar seus projetos, aventou, fingindo o maior desinterêsse:

— Divino, o filho de Cnéio figura na lista dos vossos convidados?

— Não. Helvídio Lucius seria um excelente companheiro, mas abstive-me de incomodá-lo, atento as suas condições especialíssimas de homem casado e chefe de família.

— Ora — replicou displicentemente a antiga plebéia — haveis de permitir discorde um tanto do vosso pensar, a respeito. Acaso não tenho tambem um lar a exigir dedicação e cuidados? Não vou separar-me do

espôso, que aqui ficará retido pelos deveres do seu cargo? No entanto, considero-me honrada em vos acompanhar, obedecendo alegremente á circunstancia de representardes, para nós outros, o soberano e o chefe magnanimo. Acredito que o genro de Fábio pensará comigo, sem discrepancia. Daquí a dois dias, realizam-se os esponsais da sua filha mais velha, sob as vossas vistas magnanimas. Êle que recebeu tantos favores de vossas mãos generosas, poderia desdenhar o ensejo de vos ser útil em alguma cousa?

Depois de uma pausa em que seus olhos fixaram profundamente o Imperador, de modo a recolher o íntimo efeito de suas palavras, continuou:

— Conhecendo pessoalmente as obras de Tibur, que tanto seduzem o gôsto artístico, penso que só um estéta como Helvídio poderia operar o milagre de escolher o precioso material e superintender o seu transporte para Tibur. Alem do mais, Divino, creio que essa viagem ausentando-nos de Roma por mais de um ano, seria sobremaneira agradavel ao seu ânimo de patrício!... Novas possibilidades, novas realizações e novas perspectivas, penso, lhe granjeariam vantagens para a propria família, visto que o Império representado em vossa magnanimidade saberia recompensar-lhe todos os méritos.

Elio Adriano meditou um instante, enquanto o secretário tomava alguns apontamentos.

A seguir, levando em conta as observações de Cláudia que o fixava ansiosa, respondeu solícito:

— Tens razão. Helvídio Lucius é o homem que procuro.

Sabina fez um gesto expressivo de satisfação, enquanto o Imperador incumbia Phlegon de levar em seu nome o respectivo convite.

Colhido pelo mensageiro no meio das atividades festivas do lar, o tribuno surpreendeu-se grandemente. Não esperava um ato daquela natureza. Outrem popoderia honrar-se com a gentileza; ele, porem, sentimental por índole, preferia a paz doméstica, longe do turbilhão de bagatelas frívolas da Côrte. A viagem á Gréeia, em tais condições, afigurava-se-lhe aborrecida e in-

oportuna. Alem disso, deveriam partir dentro de uma semana. E quem poderia pensar no regresso? O soberano estava habituado a fazer excursões longas e frequentes, através do mundo antigo. Na viagem de 124, estivera ausente de Roma por mais de três anos consecutivos, e tanto se apaixonara por Atenas que chegara ao extremo de se iniciar, pessoalmente, nos mistérios de Eleusis.

Todavía, antes que as reflexões penosas lhe anulassem de todo o ânimo, chamou a espôsa ao tablínio, onde examinaram atentamente o assunto.

— Por mim — exclamava o tribuno com o seu espírito resoluto — procuraria esquivar-me, desistir do convite. Essas ausencias de Roma, com a separação da família, transtornam-me o pensamento. Sinto-me deslocado, aborrecido, insatisfeito.

Alba Lucínia ouvia-lhe as afirmativas, com o coração alarmado. Para o seu espírito sensivel, semelhantes perspectivas eram assaz amargas e perturbadoras. Certo, Cláudia Sabina iria tambem á Hélade distante, e por tempo que ninguem poderia precisar. Anuir á viagem do espôso era entrega-lo ás seduções inferiores daquela mulher, cujos sentimentos inconfessaveis a sua intuição feminina pressentia. Mas não só isso a preocupava. A sua situação em Roma tornar-se-ia novamente penosa durante a ausencia do companheiro. Lóllio, sem dúvida, voltaria a assediá-la com mais veemencia e teimosia.

Pensou em falar a Helvídio, cientifica-lo de todos os fatos ocorridos na sua ausencia, expor-lhe com sinceridade os seus escrúpulos, mas, logo á mente lhe veiu a figura paterna. Fábio Cornélio dependia, absolutamente, do prestígio e do apoio do prefeito, e do seu velho progenitor dependiam sua mãe e seus irmãosinhos inexperientes.

Num relance, a nobre senhora compreendeu a impossibilidade de manifestar suas queixas diretas, em tais circunstâncias da vida e, recordando-se ainda da gentileza do Imperador para com a filha, assegurando-lhe generosamente o futuro, sentiu que a voz da gra-

tidão deveria falar mais alto que as conveniencias pessoais.

— Helvídio, — murmurou ela depois de viver intensamente as suas lutas íntimas — ninguem mais que eu poderá sentir a tua ausencia. Sabes que a tua presença no lar constitúe a minha proteção e a de nossa família, mas o dever, querido, onde fica o dever nas atuais circunstancias de nossa vida? O convite do Imperador não deverá representar para nós uma prova de confiança? E a generosidade de Adriano para conosco? A dádiva de Cápua não se verificou de modo a catirvarnos para sempre?

— Tudo isso é verdade — confirmou o tribuno calmamente — mas eu odeio êsse totalitarismo do Imperio, que nos rouba a autonomia individual e nos anula a propria vontade.

— Contudo, precisamos refletir para nos adaptarmos ás circunstancias — obtemperou a espôsa, de maneira a confortar o espírito abatido do companheiro.

— Não é somente a política que me impressiona desagradavelmente — disse Helvídio desabafando — é tambem a perspectiva da nossa separação por tempo indefinido! Longe do teu coração ponderado e carinhoso, sinto-me passivel de esmorecimento ante o assédio das tentações de toda a espécie, que me dificultam as iniciativas necessárias. Além do mais, terei de partir em companhia de pessoas que me não são simpáticas, e cujas relações sociais detesto sem restrições.

Alba Lucínia compreendeu as alusões indiretas do companheiro exacerbado e, tomando-lhe as mãos afetuosamente, exclamou com meiguice:

— Helvídio, muita vez quem odeia é que não soube amar convenientemente. Façamos por manter a harmonia e a paz na esfera de nossas relações. Como a concepção do dever fala mais alto nas tradições do nosso nome, acredito que partirás sem te deixares perder nos sentimentos inferiores!... Sê calmo e justo, certo de que ficarei orando por ti, amando-te e esperando-te. Essa doce perspectiva não te será um consôlo de todas as horas?

Depois de uma pausa meditativa das ponderações da companheira, o tribuno atraíu-a ao coração, beijando-a agradecido.

— Sim, querida, os deuses hão de ouvir-te as preces pela nossa ventura. Tambem sinto que o dote de Helvídio exige mais êste sacrifício; contudo, ao regressar, tomaremos as providencias indispensáveis á modificação de nossa vida.

Alba Lucínia experimentou um brando alívio ao reconhecer que as suas palavras haviam tranquilizado o companheiro, mas, voltando ao seu pequeno mundo doméstico, passou a refletir na sua amargurada situação pessoal, considerando as penosas provações que o destino lhe reservava no curso da vida. Debalde isolava-se no santuário do lar, nos intervalos de suas atividades intensas, implorando a proteção das divindades que lhe haviam presidido ao matrimonio. Apesar do fervor com que o fazia, os deuses de marfim pareciam-lhe frios, implacaveis, e, no torvelinho das alegrias domésticas, o sorriso ocultava muitas lágrimas silenciosas, que não lhe borbulhavam dos olhos mas escaldavam o coração.

Entre as clarinadas do júbilo geral, surgiram as festas adrianinas e, com elas, a data auspiciosa dos esponsais da filha de Helvídio Lucius.

As cerimonias nupciais constituiram um dos acontecimentos mais notaveis para a sociedade de então, a elas concorrendo o que Roma possuia de mais distinto nas camadas do patriciado.

Fábio Cornélio desejando comemorar a ventura da neta de sua predileção, fôra fértil em inventar os mais belos jogos de iluminação, no parque da residencia de seus filhos.

Por toda a parte, aroma de flores maravilhosas, em todos os recantos cantigas e trovas apaixonadas a confundirem-se com os sons das cítaras e atabales, tangidos por mãos de mestres exímios... Enquanto os escravos se cruzavam apressados em satisfazer o capricho dos convivas, dansavam bailarinos famosos ao estribilho melodioso dos alaúdes. Pequenos lagos improvisados á guisa de aquários naturais, ostentavam plantas sober-

bas do Oriente e peixes exóticos provocavam a admiração de quantos se deliciavam com as alegrias da noite.

Todo o cenário festivo fôra preparado a carater, com previsão e requintes de bom gosto, salientando-se a piscina, onde barcos graciosos e leves se pejavam de ninfas e trovadores, e a arena na qual, de remate á festa, dois escravos jóvens e atléticos perderam a vida sob os gládios poderosos dos lutadores mais fortes.

Nenhuma lacuna se observara, exceto a ausencia de Cnéio Lucius, que, segundo informavam os anfitriões, permanecia no Aventino, ao lado da outra neta enfêrma.

No dia seguinte, enquanto Helvídia e Caio partiam para Cápua sob uma chuva de flores e se bem estivessem no zênite as festividades do povo, Alba Lucínia não conseguia dissipar a onda de receios que lhe assaltara o coração. Sua conciencia sentia-se tranquila em relação ao que alvitrara ao marido, considerando que a gratidão de ambos, ao Imperador, não admitia tergiversações quanto á viagem á Grécia. Mas Helvídio Lucius lhe falara dos proprios temores, com respeito ás tentações... Suas mãos inda sentiam o calor das dele, ao terminar as confidencias amargurosas. Estaria certa, incitando-o a aceitar os novos encargos impostos pelo Império? Não deveria, igualmente, defender o espôso de todas as situações difíceis, determinadas pela política com as suas inquietações perversoras?...

Nasceu-lhe, então, a idéia de procurar Cláudia Sabina e pedir, com humildade, a sua interferencia. Semelhante atitude não se compadecia com as tradições de orgulho da sua estirpe, mas o desejo do bem aliado á vibração da sinceridade pura, poderia, a seu ver, modificar as intenções bastardas que, porventura, vivessem no coração daquela criatura fatal.

Desde que percebera a indecisão de Helvídio, sentiu a necessidade de cooperar ativamente para a sua tranquilidade moral desviando dele todo os perigos, com a mobilização das fôrças poderosas do seu afeto, que chegava a vencer os imperativos do orgulho inato.

Assim foi que, depois de muito meditar, no dia ime-

diato ao casamento de Helvídia, deliberou procurar Cláudia Sabina, pela primeira vez, no seu palácio do Capitólio.

Sua liteira foi recebida no átrio com geral alegria, mas a mulher do prefeito, não obstante o esfôrço sobre-humano para dissimular a contrariedade que lhe causava a visita inesperada, recebeu-a com enfado e altivez.

A mulher de Helvídio, contudo, apesar do orgulho que a hierarquia do nascimento lhe avivara no coração, mantinha-se serena e digna na sua atitude de sincera humildade.

— Senhora — explicou a filha de Julia Spinther após as saudações usuais — venho até aquí solicitar seus bons ofícios para nossa tranquilidade doméstica.

— Ás suas ordens! — retrucou a antiga plebéia assumindo ares de superioridade e cortando a palavra da interlocutora. — Terei o máximo prazer em lhe ser util.

Não lhe sendo possivel devassar os sentimentos mais íntimos da espôsa de Lóllio Urbico, a seu respeito, a nobre senhora prosseguiu com simplicidade.

— Acontece que o Imperador, com o cavalheirismo e magnanimidade que lhe marcam as atitudes, convidou meu marido para acompanhá-lo á Grécia, onde talvez se demore mais de um ano. Helvídio, porém, tem numerosos trabalhos em perspectiva e que dizem com a nossa tranquilidade futura. A referida excursão com a honrosa incumbencia que lhe foi confiada, representa para nós um motivo de honra e alegria, e contudo, resolvi apelar para o seu prestígio generoso junto de Cesar, afim-de que dispense meu marido dessa comissão.

— Ó! mas isso iria transtornar completamente os planos de Augusto — disse Cláudia Sabina com visivel ironia. Então a espôsa de Helvídio não se alegrará de compartilhar com ele a sagrada confiança do Império? Não me consta que uma patrícia de nascimento fugisse, algum dia, de comungar com o marido nos esforços preciosos que elevam o homem ás culminancias do serviço oficial.

Alba Lucínia escutava-a, surpreendida, entendendo integralmente aqueles conceitos ironicos e atrevidos.

— Atender a um pedido dessa natureza é humanamente impossivel — prosseguiu com expressões fisionômicas quasi brutais. — Helvídio Lucius não poderá esquivar-se ao programa administrativo, julgando, dêsse modo que o seu coração de mulher venha a conformar-se com as circunstancias.

A filha de Fábio Cornélio ouvia-lhe as palavras mordentes, recordando as confidencias de Túllia relativamente ao passado do espôso. Atentava para os gestos da antiga plebéia, elevada pelo destino ás melhores posições nos círculos da nobreza, e sentia no todo de suas expressões contrafeitas e estranhas, um vasto complexo de odiosos sentimentos recalcados. Sómente o ciúme poderia transformá-la de tal modo, a ponto de modificar os traços mais graciosos da fisionomia.

Não contavam elas a mesma idade, mas possuiam ambas os mesmos atrativos físicos da mulher formosa que ainda não chegou ao outono da vida e guarda as melhores prendas da primavera. Ao passo que Alba Lucínia atingira os trinta e oito anos, Cláudia chegara aos quarenta e dois, apresentando as duas as mesmas disposições de mocidade refletida.

Notando que Alba Lucínia lhe reparava todos os gestos, analisando-lhe as mínimas expressões com a sua observação inteligente e guardando toda a sua superioridade em face dos seus conceitos apressados, a espôsa de Urbico irritou-se profundamente.

— Afinal, exclamou quasi ríspida, para a patrícia que a escutava em silêncio — a senhora pede-me o inexequivel. Pois fique sabendo que atravessamos uma época dificil em que as mulheres são obrigadas a abandonar os companheiros ao sabor da sorte. Eu propria, possuindo o prestígio para o qual vem apelar, não consigo ladear semelhantes contingencias. Casada com o prefeito dos pretorianos, já lhe ouvi dos proprios labios a dolorosa afirmativa de que não poderá querer-me nunca.

Assim falando, fixou na interlocutora os olhos cha-

mejantes de cólera, enquanto Alba Lucínia sentia o coração pulsar precípite.

— E sabe a senhora quem é a mulher que detem as preferencias de meu marido? — perguntou a antiga plebéia com expressão odienta, indefinivel.

A nobre patrícia recebeu-lhe a alusão atrevida, de olhos humidos e nos quais transparecia a dignidade dalma.

— O seu silencio — murmurou Sabina arrogante — dispensa maiores explicações.

Alba Lucínia levantou-se de faces purpureadas, exclamando com dignidade:

— Enganei-me lamentavelmente, supondo que a sinceridade de uma espôsa honesta e mãe dedicada lhe comovesse o coração. Em troca de meus sentimentos leais, recolho insultos de uma ironia mordaz e injustificavel. Não a condeno. A educação não é a mesma para todas as pessoas de uma comunidade social e temos de subordiná-la ao senso da relatividade. Alem do mais, cada qual dá o que tem.

E, sem mesmo despedir-se, caminhou desassombradamente até o átrio, onde a liteira a esperava, cercada de servos atenciosos, enquanto Cláudia Sabina como que petrificada no seu ódio, ante a lição de superioridade e desprezo recebida, esboçava um riso nervoso que explodiria logo após em saraivada de improperios contra as escravas.

Na intimidade do lar, Alba Lucínia orou, suplicando aos deuses fortaleza e proteção. A viajem do marido se efetuaria sem delongas e ela não julgava oportuna qualquer revelação a Helvídio, acerca-das suas contrariedades íntimas. Conformada com os fatos, ficaria em Roma, crente de que mais tarde poderiam florir as suas esperanças de paz e felicidade no ambiente doméstico. Urgia conservar a harmonia e a coragem moral do companheiro, de modo que o seu coração pudesse suportar todas as dificuldades e vencer galhardamente as situações mais penosas. Ocultando as lágrimas íntimas, a pobre senhora lhe preparou todos os apetrechos de viagem com o máximo carinho. Helvídio

partiria com o seu amor e com a sua confiança e isso lhe devia bastar ao coração sensivel e generoso.

Entretanto, o último dia das festividades adrianinas alvorecera e os protocolos da Côrte obrigavam Alba Lucínia a acompanhar o espôso, nas derradeiras exibições do circo, onde Nestorio e o filho deveriam ser sacrificados.

A perspectiva de semelhante espetáculo gelava-lhe o sangue, antevendo o horror das cenas brutais do anfiteatro, organizadas por espíritos insensiveis.

Recordou-se de que, na ante-véspera, acompanhara Helvídia e Caio Fabrícius ao Aventino para as despedidas do avô e de Célia, notando que a pobrezinha estava profundamente desfigurada pelas amarguras do seu grande e infortunado amor. O coração materno experimentava, ainda, o calor do abraço afetuoso da filha, que lhe dissera ao ouvido, em voz quasi imperceptivel: No último espetáculo, Ciro morrerá. Revia-lhe os olhos humidos ao dar-lhe resignada, semelhante notícia, lembrando, ao mesmo tempo, a generosidade com que Célia acolhera a ventura da irmã, que, sorridente, feliz, partia para as delícias de Cápua com os seus votos fraternos de felicidade e de paz.

Alba Lucínia meditou longamente os dolorosos problemas que lhe atormentavam o espírito ponderando a necessidade de ocultá-los, dia-a-dia, sob o véu das alegrias disfarçadas e mentirosas, e demorando-se amargurada nos porquês do sofrimento e nos contrastes da sorte.

Era, porém, imprescindivel que buscasse modificar as suas disposições espirituais.

Com efeito, daí a poucas horas, Helvídio lhe recordava as obrigações protocolares e não foi sem emoções penosas que ajustou a túnica de gala, entregando-se ás escravas para as bizarras expressões do penteado em voga.

Á tarde, observada á risca a tradição dos cortejos, as alegrias populares desbordavam no circo, entre ditérios e gargalhadas.

A caravana de Cesar já havia chegado sob uma chuva de aplausos ensurdecedores.

Num palanque dourado, Elio Adriano cercava-se dos patrícios e dos augustinos de maior nomeada, entre os quais os personagens aristocráticos desta narrativa. Em tôrno da tribuna de honra estavam as vestais, formando um quadro magnífico e as fileiras hierárquicas dos mais altos representantes da Côrte. Senadores de mantos purpurinos, chefes militares com as suas armaduras prateadas e brilhantes, dignitários imperiais, confundiam-se em linhas ordenadas simetricamente, sôbre um verdadeiro oceano de cabeças humanas — a plebe, que dava expansão á sua alegria.

Na tribuna imperial sucediam-se as libações, quando o soberano se dirigiu a Lóllio Urbico nestes termos:

— Decretei o suplício e execução dos conspiradores para a tarde de hoje, em atenção aos belos serviços com que a prefeitura dos pretorianos vem ilustrando os feitos do Império.

— Aliás, Divino — retrucou o prefeito com um sorriso — devemos êsse grande esfôrço á Fábio Cornélio, cuja dedicação extrema aos serviços do Estado se vem tornando cada vez mais notoria nos círculos administrativos.

O velho censor agradeceu com um aceno a referência direta ao seu nome, enquanto Adriano obtemperava:

— Tive o cuidado de excluir da sentença todos os elementos reconhecidamente romanos, que figuravam entre os agitadores entregues á justiça. Mandei libertar a maioria no periodo das primeiras providências processuais, exilando definitivamente para as províncias os treze elementos mais exaltados e restando apenas vinte e dois estrangeiros, ou sejam judeus, efésios e colocensses.

— Divino, vossas deliberações são sempre justas — exclamou o censor Fábio Cornélio, ansioso por desviar o assunto, de modo a não recordar o caso de Nestorio que, garantido por seu genro, trabalhara nos proprios serviços de pergaminhos da prefeitura.

Aproveitando a pausa natural o orgulhoso patrício acentuou:

— Mas, a grandeza do espetáculo de hoje é verdadeiramente digna de Cesar!

Ainda não havia terminado a frase quando todos os presentes alongaram o olhar para o centro da arena, onde, após os coleios exóticos dos dansarinos, iam iniciar-se as caçadas fabulosas. Atletas jóvens começaram a lutar com tigres ferozes, apresentando-se igualmente elefantes e antílopes, cães selvagens e auroques de chifres ponteagudos.

De quando em quando, um caçador caía ensanguentado, sob aplausos delirantes, seguindo-se todos os números da tarde ao som de hinos que exarcebavam o instinto sanguinário da multidão.

Por vezes, os gritos de "Cristãos ás feras" e "morte aos conspiradores", explodiam sinistramente da turba enfurecida.

Ao fim da tarde, quando os ultimos raios do sol caíam sôbre as colinas do Célio e do Aventino, entre as quais se ostentava o circo famoso, os vinte e dois condenados foram conduzidos ao centro da arena. Negros postes ali se erguiam, aos quais os prisioneiros foram atados com grossas cordas presas por élos de bronze.

Nestorio e Ciro confundiam-se naquele pequeno grupo de sêres desfigurados pelos mais duros castigos corporais. Ambos estavam esqueléticos e quasi irreconhecíveis. Apenas Helvídio e sua mulher, extremamente compungidos em face do suplício infamante, notaram a presença dos seus antigos libertos entre os mártires, fazendo o possivel por esconder o mal-estar que a cena cruél lhes causava.

Os condenados, com exceção de sete mulheres que se trajavam do "indusium", estavam quasi nús, munidos somente de uma tanga que lhes cobria a cintura, até os rins. Cada qual foi colado a um poste diferente, enquanto trinta atletas negros da Numídia e da Mauritânia compareciam na arena ao som das harpas que se casavam estranhamente, com os gritos da plebe.

Havia muito que Roma não presenciava aquelas

cenas, dado o carater morigerado e tolerante de Adriano, que sempre fizera o possivel por evitar os atritos religiosos, vendo-se, então, um espetáculo espantoso.

Enquanto os gigantes africanos preparavam os arcos, ajustando-lhes flechas envenenadas, os mártires do cristianismo começaram a entoar um cantico dulçoroso. Ninguem poderia definir aquelas notas saturadas de angustia e de esperança.

Debalde, as autoridades do anfiteatro mandaram intensificar o ruido dos atabales e os sons estridulos das flautas e alaúdes, afim-de abafar as vozes intraduziveis do hino cristão. A harmonia daqueles versos resignados e tristes elevava-se sempre, destacando-se de todos os ruidos, na sua majestosa melancolia.

Nestorio e Ciro tambem cantavam, dirigindo os olhos para o céu, onde o sol dourava as derradeiras nuvens crepusculares.

As primeiras sétas foram atiradas ao peito dos mártires com singular maestria, abrindo-lhes rosas de sangue que se transformavam, imediatamente, em grossos filetes de sofrimento e morte, mas o cantico prosseguia como um harpejo angustiado, que se estendia pela Terra obscura e dolorosa... Na sua melodia misturavam-se, indistintamente, a saudade e a esperança, as alegrias do céu e os desenganos do mundo, como se aquele punhado de sêres desamparados, fôsse um bando de cotovias apunhaladas, librando-se nas atmosferas da Terra, a caminho do paraiso:

Cordeiro Santo de Deus,
Senhor de toda a Verdade,
Salvador da Humanidade,
Sagrado Verbo de Luz!...
Pastor da Paz, da Esperança,
De Tua mansão divina,
Senhor Jesus, ilumina
As dores de nossa cruz!...

Tambem tiveste o Calvário
De dor, de angústia, de apôdo,
Ofertando ao mundo todo
As luzes da redenção;
Tiveste a sêde, o tormento,
Mas, sob o fél, sob as dores,
Redimiste os pecadores
Da mais triste escravidão!

Se tambem sorveste o cálix
De amargor e de ironia,
Nós queremos a alegria
De padecer e chorar...
Pois, ovelhas tresmalhadas,
Nós somos filhos do êrro,
Que no mundo do destêrro
Vivemos de Te esperar.

Dá, Senhor, que nós possamos
Viver a felicidade
Nas bençãos da Eternidade
Que não se encontram aquí;
O júbilo de reencontrar-Te
Nos últimos padeceres,
Acende em nós os prazeres
De bem morrermos por Ti!...

Senhor, perdoa os verdugos
De tua doutrina santa!
Protege, ampara, levanta
Quem no mal vive a morrer...
A caminho do Teu reino,
Toda a dor se transfigura,
Toda a lágrima é ventura,
O bem consiste em sofrer!...

Consola, Jesus Amado,
Aqueles que nós queremos,
Que ficarão nos extremos
Da saudade e do amargor;
Dá-lhes a fé que transforma
Os sofrimentos e os prantos
Nos tesouros sacrossantos
Da vida de Teu amor!...

Outras estrofes elevaram-se ao céu como soluços de resignação e de esperança...

Com o peito crivado de setas, que lhe exhauriam o coração e contemplando o cadaver do filho que expirara antes dele, dada a sua fraqueza organica, Nestório sentiu que um turbilhão de lembranças indefiniveis lhe afloravam ao pensamento já vacilante, confuso, nas vascas da agonia. Com os olhos sem brilho pelas ânsias da morte arrebatando-lhe as fôrças, percebeu a multidão que os apupava, escutando-lhe ainda os alaridos animalescos... Fitou a tribuna imperial, onde, certo, estariam quantos lhe haviam merecido afeição pura e sincera, mas, dentro de emoções intraduziveis viu-se tambem, nas suas recordações confusas, na tribuna de honra, com a toga de senador, enfeitado de púrpura... Coroado de rosas (1) aplaudia, tambem êle, a matança de cristãos que, sem os postes do suplício nem flechas envenenadas a lhes trespassarem o peito, eram devorados por féras hediondas e insaciaveis... Desejou andar, mover-se, porém, ao mesmo tempo sentia-se ajoelhado junto de um lago extenso, diante de Jesus Nazareno, cujo olhar doce e profundo lhe penetrava os reconditos do coração... Genuflexo, estendia as mãos para o Mestre Divino, implorando amparo e misericordia... Lágrimas ardentes queimavam-lhe as faces descarnadas e tristes...

Aos seus olhos moribundos, as turbas furiosas do circo haviam desaparecido...

---

(1) Nestório era a reencarnação do orgulhoso senador Públio Lentulus Cornélio. (Vide "Ha Dois Mil Anos").

Foi quando um vulto de anjo ou de mulher (1) caminhou para êle, estendendo-lhe as mãos carinhosas e translúcidas... O mensageiro do céu ajoelhara-se junto do corpo ensanguentado e afagou-lhe os cabelos, beijando-os suavemente. O antigo escravo experimentou a carícia daquele ósculo divino e seu espírito cansado e enfraquecido adormeceu de leve, como se fôra uma criança.

Em toda a arena vibraram radiações invisiveis, dos mais elevados planos da espiritualidade... Sêres abnegados e resplandecentes estendiam fraternalmente os braços para os companheiros que abandonavam o envolucro perecivel, nos testemunhos da fé, pela injúria e pelo sofrimento.

Daí a minutos, enquanto os serviçais do anfiteatro retiravam dos postes de martírio os despojos sangrentos, aos gritos de aplauso da turba ensandecida, Helvídio Lucius, na tribuna de honra, apertava nervosamente as mãos da espôsa, dando-lhe a entender as comoções inexplicaveis que lhe vagavam no íntimo, enquanto ela, obrigada a manter as atitudes protocolares, cravava no companheiro os olhos molhados.

Mas, no palacio do Aventino, naquela tarde limpida e serena, o espetáculo fôra talvez mais comovente pela sua majestade dolorida e silenciosa.

Recolhidos á uma sala de repouso, Cnéio Lucius e a neta observavam todos os movimentos externos das festividades adrianinas, reparando que a onda de povo se represara no circo para os derradeiros numeros do programa.

Ao palecer do céu romano, a jóven buscou o fragmento de pergaminho em que Ciro escrevera as oitavas rimadas do último hino, exclamando para o velhinho, suavemente:

— Avô, a esta hora Nestório e Ciro devem estar caminhando para o sacrifício!

---

(2) Lívia — (Vide "Ha Dois Mil Anos") — *Nota de Emmanuel.*

— Acreditas, vovô, que os nossos amados podem voltar do Céu para nos suavizar o destino?

— Como não, minha filha? Pois se Jesus prometeu vir ao encontro de quantos se reunam, neste mundo, em seu nome, como não permitirá voltarem seus mensageiros, que nos amam já desta vida?

Célia ergueu para o ancião os grandes olhos tristes, iluminados por uma candidez maravilhosa.

Em seguida, levantou-se muito serena, dirigindo-se á larga janela que dava para o Tibre, cujas águas refletiam os matizes da hora crepuscular.

Fixando o pergaminho, leu todo o conteúdo, silenciosamente, cantando depois em voz quasi imperceptivel todos os versos do hino cristão e detendo-se, de modo particular, na última estrofe, relendo-a com uma lágrima e procurando adivinhar nela o pensamento do seu eleito.

O venerando patrício ouvia-lhe a voz terna, como se escutasse uma ave implume, abandonada e só, entre os invernos do mundo, sem poder exteriorizar as emoções que lhe assaltaram o íntimo dolorido.

As mais tristes meditações povoavam-lhe o cérebro, sentia o coração bater acelerado, num rítmo assustador.

De alma confrangida, observava a neta, que se voltava agora para o céu, como se buscasse entre as nuvens do azul vespertino o coração que idolatrava.

Alguns minutos rolaram, longos e penosos para o seu pensamento exhausto e dolorido.

Em dado instante, quando o firmamento já havia de todo desmaiado, a jóven fixou no Alto, com mais atenção, os olhos ternos e profundos, como se estivesse vislumbrando alguma visão que a extasiasse.

Parecia abstraída de todas as sensações do mundo exterior, de todos os objetos que a rodeavam, figurando-se não perceber a presença do proprio avô, que lhe acompanhava o êxtase, comovidamente.

Decorridos instantes, todavia, os braços moviam-se de novo, como se as expressões que lhe eram características retomassem o curso da realidade e da vida.

— É verdade — respondeu Cnéio Lucius num quasi murmúrio.

— Vovô — disse então com uma placidez divina a brilhar nos olhos — vi um bando de pombas alvas, no Céu, como se houvessem saído do circo do martírio!...

— Sim, filha — respondeu Cnéio Lucius angustiado, depois de levantar-se para contemplar o azul sereno — devem ser as almas dos mártires, remontando á Jerusalem celeste!...

Profundo silêncio fizera-se entre ambos.

A ansiedade de seus corações, na grandeza melancólica do momento, falava mais que todas as palavras.

Célia, porém, rompeu aquela divina quietude, interrogando:

— Vovô, já leste o Sermão da Montanha, em que Jesus abençôa todos os que sofrem?!...

— Sim... — respondeu o ancião amargurado.

— Cértamente — retornou a jóven com a sua inocência carinhosa e desvelada — Jesus preferiu que eu ficasse no mundo, sem o amor de Ciro, a sofrer o sacrifício da separação e da saudade, afim-de me salvar um dia, para o Céu, onde se reúnem todos os seus bem-aventurados!...

Cnéio Lucius sentiu profundamente a doce resignação daquelas palavras. Desejou responder exortando-a á sublime perseverança daquele sacrifício, mas tinha o velho peito sufocado. Atraíu, contudo, a neta de encontro ao coração, beijando-lhe a fronte enternecidamente. Seus cabelos brancos misturaram-se com a farta cabeleira jóven, como se a sua velhice veneranda fôsse uma noite estrelada osculando uma aurora.

Ao longe, ouviam-se ainda as últimas algazarras do povo, mas o firmamento de Roma tocara-se de uma beleza sublimada e misteriosa. A imensa tranquilidade do crepúsculo parecia povoar-se de sagrados apêlos do Infinito.

Então, os dois fitando o Tibre e o Céu, em prece silenciosa, começaram a chorar...

FIM DA PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

I

A MORTE DE CNÉIO LUCIUS

Dois meses havia que o Imperador e seus áulicos preferidos deixaram Roma.

Naquele fim de primavera do ano 133, a vida dos nossos personagens, na capital do Império, corria em aparente serenidade.

Alba Lucínia concentrava na filha e nos carinhos paternos a sua vida diuturna, sentindo-se, porém, muito combalida, devido ás intensas preocupações morais, não somente pela ausencia do marido, como pela atitude de Lóllio Urbico, que, vendo-se senhor do campo e abusando da autoridade de que dispunha na ausencia de Cesar, redobrava os seus assedios com mais empenho e veemência.

A nobre senhora tudo fazia por ocultar uma situação tão amarga e todavia, o conquistador prosseguia, implacavel, nos seus propositos desvairados, mal suportando o adiamento indefinido de suas esperanças inconfessaveis.

Anteriormente, a espôsa de Helvídio tinha em Túlia Cevina a amizade de uma irmã carinhosa e desvelada, que sabia reconforta-la nos dias de provações mais ásperas; mas, antes da viagem de Cesar, o tribuno Máximo Cuntactor fôra designado para uma demorada missão política na Ibéria distante, levando a espôsa em sua companhia.

Alba Lucínia via-se quasi só, na sua angústia moral, porquanto não podia revelar aos velhos pais, tão extremosos, as lágrimas ocultas do seu coração atormentado.

Frequentemente, deixava-se ficar horas a fio, a conversar com a filha, cuja simplicidade de espírito e cujo fervor na crença a encantavam, mas, por maiores que fôssem os seus esforços, não conseguia dominar a fraqueza organica que começava a preocupar o círculo da família.

Um fato viera perturbar, ainda mais, a existência aparentemente tranquila dos nossos amigos, na capital do Império. Cnéio Lucius adoecera gravemente do coração, o que para os médicos, de um modo geral, era cousa natural, atento á idade.

Debalde foram empregados elixires e cordeais, tisanas e panacéias. O veneravel patrício dia a dia se mostrava mais debilitado. Entretanto, Cnéio desejava viver ainda um pouco, até o regresso do filho, afim-de aperta-lo nos braços, antes de morrer. Nos seus extremos de afeição paternal, queria recomendar-lhe o amparo ás duas irmãs Publícia e Márcia, esclarecendo a Helvídio todos os seus desejos. Mas, o seu experiente conhecimento das obrigações políticas forçava-o a resignar-se com as circunstancias. Elio Adriano, de acôrdo com os seus hábitos, não regressaria antes de um ano, na melhor das hipóteses. E uma voz íntima lhe dizia que, até lá, o corpo esgotado deveria baixar, desfeito em cinzas, á paz do sarcófago. Algo triste, nada obstante os valores da sua fé, o veneravel ancião alimentava no cérebro meditações graves e profundas, acerca-da morte.

Célia, apenas, com as suas visitas, lograva arrancá-lo, por algumas horas, dos seus dolorosos cismares.

Com um sorriso de sincera satisfação, abraçava-se á neta, dirigindo-se ambos para a janela fronteira ao Tibre, e, quando a jóven lhe falava da alegria do seu espírito, com o poder orar num local tão belo, Cnéio Lucius costumava esclarecer:

— Filha, outrora eu sentia a necessidade do san-

tuario doméstico com as suas expressões exteriores... Não podia dispensar as imagens dos deuses nem prescindir da oferta dos mais ricos sacrifícios; hoje, porém, dispenso todos os símbolos religiosos para auscultar melhor o proprio coração, recordando o ensino de Jesus á Samaritana, ao pé do Garizim, de que ha de vir o tempo em que o Pai Todo-Poderoso será adorado não nos santuarios de pedra, mas no altar do nosso proprio espírito... E o homem, filhinha, para encontrar-se com Deus no íntimo de sua conciência, jamais encontrará templo melhor que o da natureza, sua mãe e mestra...

Conceitos que tais eram expendidos a cada instante, nos coloquios com a neta.

Ela, por sua vez, transformava as esperanças desfeitas em aspirações celestiais, convertendo o sofrimento em consôlo para o coração do idolatrado velhinho. Seu espírito fervoroso, com a sublime intuição da fé, que lhe ampliava a esfera de compreensão, adivinhava que o adorado avô não tardaria muito a ir-se tambem a caminho do túmulo. Lamentava antecipadamente a ausencia daquela alma carinhosa e amiga, convertida em refúgio do seu pensamento desiludido, mas, ao mesmo tempo, rogava ao Senhor, coragem e fortaleza.

Num dia de grande abatimento físico, Cnéio Lucius viu que Márcia abria a porta do quarto, de mansinho, com um sorriso de surpresa. A filha mais velha vinha anunciar-lhe a chegada de alguem muito caro ao seu espírito generoso. Era Silano, o filho adotivo, que regressava das Gálias. O patrício mandou-o entrar, com o seu júbilo carinhoso e sincero. Levantou-se, trêmulo, para abraçar o rapaz que, na juventude sadia dos seus vinte e dois anos completos, o apertou tambem nos braços, quasi chorando de alegria.

— Silano, meu filho, fizeste bem em vir! — exclamou serenamente. — Mas, conta-me! vens á Roma com alguma incumbencia de teus chefes?

O rapaz explicou que não, que havia solicitado uma licença para rever o pai adotivo, de quem se sentia muito saudoso, acrescentando os seus propositos de se fixar na capital do Império, caso consentisse, esclarecendo que

o seu comandante nas Gálias, Júlio Saulo, era um homem grosseiro e cruél, que o submetia a constantes maus tratos, a pretexto de disciplina. Rogava ao pai que o protegesse junto das autoridades, impedindo-lhe o regresso.

Cnéio Lucius ouviu-o com interêsse e retrucou:

— Tudo farei, na medida dos meus recursos, para satisfazer teus justos desejos.

Em seguida, meditou profundamente, enquanto o filho adotivo lhe notava o grande abatimento físico.

Saíndo, porém, dos seus austeros pensamentos, Cnéio Lucius acrescentou:

— Silano, não desconheces o passado e, um dia, já te falei das circunstâncias que te trouxeram ao meu coração paternal.

— Sim — respondeu o rapaz em tom resignado — conheço a história do meu nascimento, mas os deuses quiseram conceder ao mísero enjeitado do mundo um pai carinhoso e abnegado, como vós, e não maldigo o destino.

O ancião levantou-se e depois de abraça-lo comovido, caminhou pelo quarto, apoiando-se com esfôrço. Em dado instante, deteve os passos vagarosos, diante de um cofre de madeira decorado de acanto, abrindo-o cuidadosamente.

Dentre os pergaminhos dessa caixa-forte, retirou um pequeno medalhão, dirigindo-se ao rapaz com estas palavras:

— Meu filho, os enjeitados não existem para a Providencia Divina. Nem mesmo remontando ao preterito deves alimentar, no íntimo, qualquer mágoa, em razão da tua sorte. Todos os destinos são uteis e bons, quando sabemos aproveitar as possibilidades que o Céu nos concede em favor da nossa propria ventura...

E, como se estivesse mergulhando o pensamento no abismo das recordações mais longínquas, prosseguiu depois de uma pausa:

— Quando Márcia te beijou pela primeira vez, nesta casa, encontrou sôbre o teu peito de recem-nascido este medalhão, que guardei para entregar-te mais tarde. Nunca o abri, meu filho. Seu conteúdo não podia inte-

ressar-me, pois fôsse qual fôsse, terias de ser para mim um filho muito amado... Agora, porem, sinto que é chegada a ocasião de to entregar. Diz-me o coração que não viverei muito tempo. Devo estar esgotando os últimos dia de uma existencia, de cujos erros peço o perdão do Céu, com todas as minhas fôrças. Mas, se me encontro proximo do túmulo, tu estás moço e tens amplos direitos á existência terrestre... Possivelmente, viverás em Roma doravante, e é bem possivel chegue o momento em que terás necessidade de uma lembrança como esta... Guarda-a, pois, contigo.

Silano estava profundamente tocado nas fibras mais sensiveis do coração.

— Meu pai — exclamou comovido, recolhendo o medalhão zelosamente — guardarei a recordação sem que o conteúdo me interesse. Tambem eu, de qualquer modo, não reconheceria outro pai senão vós mesmo, em cuja alma generosa encontrei o proprio carinho maternal, que me faltou nos mais recuados dias da vida.

Ambos se abraçaram com ternura, continuando a palestra afetuosa, sobre fatos interessantes da provincia ou da Côrte.

Nessa mesma noite, o veneravel patrício recebeu a visita de Fábio Cornélio, de quem solicitou as providencias favoráveis às pretensões do filho adotivo.

O censor, muitissimo sensibilizado em vista das solenes circunstâncias em que o pedido lhe era feito, examinou o assunto com o máximo interêsse, de modo que, em pouco tempo obtinha a transferencia de Silano para Roma, utilizando-lhe os serviços na propria esfera de sua gestão administrativa e fazendo do rapaz um funcionario de sua inteira confiança.

Considerando o ingresso daquele novo personagem na esfera de suas relações familiares, Alba Lucínia recordou as confidências de Túllia, mas procurou arquivar, com cuidado, as suas impressões íntimas, aceitando de bom grado a amizade respeitosa que Silano lhe demonstrava.

No lar de Helvídio Lucius, contudo, a situação moral se complicava cada vez mais, em face das arremetidas

de Lóllio Urbico, que, de modo algum se decidia a abandonar as suas criminosas pretensões.

Certo dia, á tarde, quando Alba Lucínia e Célia regressavam de um dos habituais passeios ao Aventino, receberam a visita do prefeito dos pretorianos, cuja fisionomia torturada demonstrava inquietação e profundo abatimento.

A jóven recolheu-se ao interior, enquanto a nobre patrícia iniciava a sua conversação amistosa e digna. O prefeito, porém, depois de alguns minutos, a ela se dirigiu quasi desvairadamente, nestes termos:

— Perdôe-me a ousadia reiterada e impertinente, mas não me posso furtar ao imperativo dos sentimentos que me avassalam o coração. Será possivel que a senhora não me possa conceder uma leve esperança?!... Debalde tenho procurado esquecê-la... A lembrança dos seus atrativos e peregrinas virtudes está gravada em meu espírito com caracteres poderosos e indeléveis!... O amor que a senhora em mim despertou é uma luz indestrutivel, ardente, acesa em meu peito para toda a eternidade!...

Alba Lucínia escutava-lhe as declarações amorosas, tomada de temor e espanto, sentindo-se incapaz de traduzir a repugnancia que aquelas afirmativas lhe causavam.

Enceguecido, porém, na sua paixão, o prefeito dos pretorianos continuava:

— Amo-a profunda e loucamente... De ha muito, e bem joven, tudo tenho feito para esquece-la, em obediência ás linhas paralelas dos nossos destinos; mas o tempo mais não fez que aumentar essa paixão, que me invade e anula todos os meus bons propositos. Confio, agora, na sua magnanimidade e quero guardar no peito mísero uma tenue esperança!... Atenda ás minhas súplicas! Conceda-me um olhar! Sua indiferença me fere o coração com a perspectiva dolorosa de nunca realizar meu sonho divino de toda a vida... Adoro-a! sua imagem me persegue por toda a parte, como uma sombra... Por que não corresponder a essa dedicação sublime que vibra em minhalma? Helvídio Lucius não poderia ser,

nunca, o coração destinado ao seu, no que se refere á compreensão e ao amor!... Quebremos o arganel das convenções que nos separam, vivamos os anseios de nossa alma. Sejamos felizes com a nossa união e o nosso amor!...

Estupefata, Alba Lucínia calava-se, sem atinar com as respostas precisas, na tortura de suas emoções.

Todavia, por detrás das cortinas, uma cena significativa se verificara.

Dirigindo-se, distraídamente, para a sala de recepções, Célia surpreendera as atitudes de Hatéria, que, qual sombra, se detinha no corredor, á escuta das palavras do prefeito, proferidas em voz alta e imprudente.

Acercando-se do local, ouviu, tambem ela, as últimas frases apaixonadas do marido de Cláudia, fazendo-se pálida na sua surpresa dolorosa.

Apesar de ouvir, distintamente, quanto o prefeito houvera pronunciado, notou que sua mãe se mantivera em estranho silêncio. Seria possivel uma tal afeição sob aquele tecto? O coração inocente não desejava dar guarida aos pensamentos inferiores e injuriosos á castidade materna. Desejou orar, antes de tudo, afim-de que o seu espírito não cedesse aos julgamentos precipitados e menos dignos; mas urgia dalí afastar a criada antes que a situação se complicasse, a ponto de incidir na maledicencia e na curiosidade dos proprios servos.

— Hatéria, que fazes aquí? — perguntou bondosamente.

— Vim trazer as flores da patrôa — respondeu fingindo despreocupação — entretanto, temia perturbar a tranquilidade da senhora e do senhor prefeito, que tanto se estimam.

A cúmplice de Cláudia Sabina frisou as últimas palavras com tamanha simplicidade, que a propria Célia, na santa ingenuidade da sua alma carinhosa, não percebeu qualquer malícia.

— Está bem — dá-me as flores que eu mesma entregarei á mamãe.

Hatéria retirou-se imediatamente, para evitar suspeitas, enquanto Célia colocando as rosas num jarrão

da ante-sala, recolhia-se ao quarto, de coração opresso,-estravasando na prece sincera as lágrimas dolorosas da sua alma intranquila.

O silencio da mãe a impressionara profundamente. Seria possivel que ela amasse aquele homem? Teriam surgido divergencias íntimas, tão profundas, entre seus pais, para que uma hecatombe sentimental viesse desabar naquela casa sempre bafejada de afeições tão puras?... Não ouvira a palavra materna responder ao conquistador com a energia merecida. Aquele mutismo lhe apavorava o coração. Seria crivel que as paixões do mundo houvessem dominado a progenitora, tão digna e tão sincera, na ausência de seu pai? As mais dolorosas conjeturas lhe povoavam a mente superexcitada e dolorida.

Todavia, fez o proposito íntimo de não deixar transparecer as suas duvidas e inquietações. O coração de filha recusava-se a crer na falencia materna, mas, mesmo assim, raciocinava no seu fôro cristão que se Alba Lucinia prevaricasse, algum dia, seria chegado o momento de, como filha, testemunhar-lhe o mais santificado amor, com as sublimes demonstrações de uma renuncia suprema.

Aagasalhando essas disposições, seu espírito carinhoso sentiu-se confortado, relembrando os preciosos ensinamentos de Jesus.

No entanto, a espôsa de Helvídio, sem que a filha chegasse a lhe ouvir as palavras indignadas, depois de longa pausa, revidara com energia:

— Senhor, tenho tolerado sempre os vossos insultos com resignação e caridade, não somente pelos laços que vos ligam a meu pai, como pela expressão de cordialidade entre vós e meu espôso; mas a paciencia tambem tem os seus limites.

Onde a vossa dignidade de patrício adquiriu tão baixo nivel, inconcebivel nos mais vís malfeitores do Esquilino?! Lá no ambiente provinciano, nunca supús que em Roma os homens de govêrno se valessem de suas prerogativas para humilhar mulheres indefesas, com a hediondez de paixões inconfessaveis.

Não vos envergonhais da vossa conduta, tentando

nodoar a reputação de uma casa honesta e de uma mulher que se honra em cultivar as mais elevadas virtudes domésticas? Em que condições tentais esse crime inaudito! Vossas incriveis declarações, na ausencia de meu marido, valem por vergonhosa traição e a mais torpe das covardias!...

Atentai bem para o vosso procedimento inacreditavel! as portas acolhedoras desta casa, que se abriram constantemente para vos receber como amigo, estão abertas para vos expulsar como a um monstro!...

De faces incendidas Alba Lucínia manifestava o seu animo resoluto, em tão angustiadas circunstancias. Indignada, apontava a porta ao conquistador, convidando-o a retirar-se.

— Senhora, é assim que se recebe uma afeição sincera? — resmungou Lóllio Urbico em voz surda.

— Não conheço o código da prevaricação e nunca pude compreender a amizade pelo caminho da injúria, — esclareceu a pobre senhora com o heroismo da sua energia feminina.

Ouvindo-a e percebendo-lhe a virtude indomavel, o prefeito dos pretorianos abriu a porta para retirar-se, exclamando colérico:

— Ha de ouvir-me com mais benevolência noutra ocasião. Tenho paciencia inexgotavel!

E saíu precipitadamente, para as sombras da noite, que já se havia fechado sob o céu pardacento.

Vendo-se só, a patrícia deu expansão ás lágrimas amargas que se lhe represavam no íntimo. A saudade do marido, as preocupações morais, os insultos do conquistador impiedoso, a falta de um coração amigo que lhe pudesse recolher e compartir as amarguras, tudo contribuia para adensar as nuvens que lhe toldavam o raciocinio.

Debalde buscou a filha consola-la em suas angustiosas inquietações. Três dias passaram, amargurados e tristes.

Célia podia, apenas, avaliar a angústia materna, mas não conseguia estabelecer a causa dos seus pesares, sentindo-se ainda atormentada e confusa com as declarações

do prefeito. Abstraindo-se, todavía, de qualquer pensamento que pudesse infirmar a dignidade materna, buscou esquecer o assunto, multiplicando os testemunhos carinhosos.

Alba Lucínia, a seu turno, ponderava com amargura a nefasta influência que Lóllio Úrbico e sua mulher exerciam nos destinos de sua família, rogando com fervor aos deuses — lares, compaixão e misericórdia.

A situação prosseguia com as mesmas característicás dolorosas, quando, um dia, o velho servo Belisário, pessoa da confiança de Cnéio Lucius e de seus familiares, veiu avisar que o estado de saúde do ancião se agravara inesperadamente. Márcia lhes dava ciência do fato, esperando fôssem ao Aventino com a urgencia possivel.

Dentro de uma hora a liteira de Helvídio estava a caminho.

Em pouco tempo, Célia e sua mãe defrontavam o bondoso velhinho, que as recebeu com um largo sorriso, não obstante o visivel abatimento orgânico. A cabeça encanecida repousava nos travesseiros, de onde não se podia mais erguer, mas as mãos enrugadas e alvas acariciaram a nóra e a neta com inexcedivel ternura. Alba Lucínia notou-lhe o esgotamento geral, surpreendendo-se com o seu aspecto. A fulguração estranha dos olhos dava ensêjo ás mais tristes perspectivas.

Ás primeiras perguntas, respondeu o enfermo com serenidade e lucidez:

— Nada houve que justificasse tantos temores de Márcia... Acredito que amanhã mesmo, terei recuperado o ritmo normal da vida. O médico já veiu e providenciou o necessário e oportuno...

E notando o profundo abatimento da espôsa de Helvídio, acrescentou:

— Que é isso, minha filha? Vens atender a um doente, mais enfêrma e abatida que êle próprio?... Tua fraqueza dá-me cuidados... Tens os olhos fundos e as faces descoradas e tristes!...

A êsse tempo, percebendo que o avô desejava dirigir-se mais particularmente á sua mãe, Célia retirou-se para junto de Márcia, que lhe confiava as suas apreen-

sões sôbre o estado de saúde do ancião veneravel.

Alba Lucínia sentando-se á beira do leito, beijou a dextra do enfermo com amor e enternecimento.

Queria desculpar-se da impressão que lhe causara, pretextar uma enxaqueca ou alegar outro motivo banal com que pudesse justificar o seu abatimento, mas, soberana tristeza apoderara-se do seu espirito. Alem de todos os pesares, algo lhe segredava ao coração que o velho sôgro, amado como pai, estava a partir para as névoas do túmulo. Diante dessa dolorosa perspectiva, seus olhos o contemplavam com a ternura piedosa do seu coração feminino. Em vão procurou um pretexto, no intimo, para não incomodá-lo com as suas realidades amargas e todavia, o olhar estranho e fulgurante de Cnéio Lucius parecia prescrutar a verdade em si mesma.

—Cálas-te, filha?... — murmurou êle, depois de esperar por minutos a resposta ás carinhosas interpelações — alguem chegou a ferir-te o coração afetuoso e desvelado? Teu silêncio dá-me a entender uma dor moral muito grande...

Sentindo que o enfêrmo lhe identificara o angustioso estado dalma, Alba Lucínia deixou rolar uma lágrima, filha do seu coração dilacerado.

— "Meu pai — não vos preocupeis comigo nem vos assuste esta lágrima! Sinto-me presa dos mais estranhos e torturantes pensamentos... A ausência de Helvídio, os problemas do lar e agora a vossa saúde abalada, constituem para mim um complexo de pensamentos amargos e indefiniveis!... Mas os deuses hão de apiedar-se da nossa situação, protegendo Helvídio e restituindo-vos a saúde preciosa!...

— Sim, filha, mas não é só isso o que te acabrunha — retrucou Cnéio Lucius com o seu olhar sereno e percuciente — outras mágoas te constringem o coração!... Ha muito venho meditando no contraste da vida que levavas na província, com a que experimentas aqui, no báratro das nossas convenções sociais... Teu espirito sen-sivel, por certo, vem ferindo-se nos espinhos das estradas asperas dos nossos tempos de decadência e contrastes dolorosos!...

E, como se a sua análise sondasse mais fundo, acrescentou:

— Sinto, ainda, que determinadas pessoas do nosso círculo social hão dilacerado teu coração profundamente... Não é verdade?...

Fixando-lhe os olhos calmos e luminosos, cuja transparencia não admitia subterfugios, a espôsa de Helvídio replicou com um suspiro de angústia:

— Sim, meu pai, não vos iludís; contudo, espero que confieis em mim, pois dentro da grandeza dos nossos codigos familiares saberei sumprir os deveres de espôsa e mãe, acima de quaisquer circunstâncias.

O veneravel patrício meditou longamente como se buscasse, no íntimo, uma solução para consôlo da nora, sempre considerada como filha extremosa e digna.

Em seguida, como se houvera escutado as vozes silenciosas do proprio coração, acrescentou:

— Já ouviste dizer que temos várias vidas terrenas?

— Como, meu pai? Não compreendo.

— Sim, alguns filósofos mais antigos nos deixaram no mundo essas verdades consoladoras. Lutei contra elas, desde os estudos da mocidade, e fiél ás nossas tradições mais respeitaveis; contudo, a velhice e a enfermidade possuem tambem as suas grandes virtudes!... As experiências humanas ensinaram-me que precisamos de várias existências para aprender e nos purificarmos... Agora que me encontro no limiar do sepulcro, as mais profundas meditações me visitam a mente. A questão das vidas sucessivas aclarou-se, com toda a beleza de suas prodigiosas consequencias. A velhice faz-me sentir que o espírito não se modifica tão só com as lições ou com as lutas de um século, e a enfermidade me fez reconhecer no corpo uma vestimenta pobre, que se desfaz com o tempo. Viveremos alem-túmulo com as nosas impressões mais vivas e mais sinceras, e retornaremos á Terra para continuar as mesmas experiencias, em favor de nossa evolução espiritual.

Percebendo que a nóra lhe ouvia a palavra filosófica, tomada de profunda surpresa, o venerando ancião acentuou:

— Estas considerações, filha, vêm-me do íntimo para esclarecer-te que, apesar da decrepitude portadora da morte, tenho o espírito vivace e repleto das mesmas disposições e esperanças. Sem a certeza da imortalidade, a vida terrestre seria uma comédia estupida e dolorosa. Mas eu sei que além do túmulo outra vida floresce e novas possibilidades felicitarão o nosso sêr.

Por essa razão, vibro com as tuas dores de agora, crendo, porém, que no futuro a Providencia Divina nos concederá novas experiencias e caminhos novos... Os que hoje nos odeiam ou nos perseguem, poderão ser convertidos ao bem com o nosso amor desvelado e compassivo. Quem sabe? Após esta vida, poderemos voltar, resgatando os nossos corações para o Céu e auxiliando a redenção dos inimigos. Tenhamos fé, piedade e esperança, considerando que o tempo deve ser para nós um patrimonio divino!... De acôrdo com o elevado princípio das vidas multiplas, os laços do sangue ensejam as mais sublimes possibilidades de transfundirmos a torpeza do ódio, ou dos sentimentos inconfessaveis, em algemas cariciosas de abnegação e de amor...

Sem fôrças físicas para defender os filhos queridos das ciladas e perigos do mundo, guardo as minhas esperanças afetuosas para o porvir ainda longínquo, sem descrer da sabedoria que rege os trabalhos e provações da existencia terrena.

Cnéio Lucius estava fatigado. As palavras sábias e inspiradas saíam-lhe da garganta, com dificuldade indefinivel. Além disso, Alba Lucínia não lhe compreendeu as exortações carinhosas e transcendentes. Atribuiu-as, intimamente, a possiveis alterações mentais, decorrentes do seu estado físico. Mostrando-se mais forte, em face das proprias amarguras, fez sentir ao ancião que o seu estado requeria repouso e deveria abster-se de esforços prolongados e inadequados ao momento.

O sábio patrício percebeu a incompreensão da nóra, esboçando um sorriso carinhoso e resignado.

Daí a momentos, a espôsa de Helvídio confiava aos de casa as suas impressões, relativamente ao estado mental do enfêrmo, o que, conforme esclarecera Márcia, não

era surprêsa, desde que o generoso velhinho manifestara as suas simpatias pelas doutrinas cristãs.

Somente Célia compreendeu a situação, correndo a consolá-lo. Com a sua ternura imensa, abraçou-se ao avô, enquanto êle lhe advertiu:

— Sei porque assim me beijas e abraças... É pena que todos os nossos não possam compreender os princípios que nos esclarecem e consolam o coração!... Aos outros, não deverei falar com a franqueza com que permutamos nossos pensamentos... A ti, portanto, cumpre-me confessar que meu corpo está vivendo as derradeiras horas. Daquí a pouco, terei partido para o mundo da verdade, onde cessam todos os convencionalismos humanos. Em vez de confiar-te a teus pais, confio os meus filhos ao teu coração!... Sinto que Helvídio e Lucínia experimentam muitas amarguras no ambiente de Roma, do qual, ha muito, se deshabituaram... Sacrifica-te por êles, filhinha... Se sobrevierem situações dificeis, ama-os ainda mais... Tu que me levaste ao Evangelho, deverás recordar que Jesus afirmava-se como remédio dos enfermos e pecadores... Sua palavra misericordiosa não vinha para os sãos, mas para os doentes, e as mãos para salvar as ovelhas tresmalhadas do seu aprisco divino... Não temas a renúncia ou o sacrifício de todos os bens do mundo... A dor é o preço sagrado de nossa redenção... Se Deus apiedar-se de minha indigencia espiritual, virei do mistério do tumulo para te fortalecer com o meu amor, se tanto for preciso...

Enquanto a néta lhe ouvia a palavra, altamente emocionada, mas serena em sua fé, o venerando patrício continuava, depois de longa pausa:

— Desde ontem, sinto que vou penetrando em uma vida nova e diferente... Oiço vozes que me chamam ao longe, e sêres luminosos e imperceptiveis para os outros, que me cercam o leito, desolados... Pressinto que o corpo não tardará a caír na agonia... mas antes disso, quero dizer-te que estarás sempre no coração do avôzinho, seja onde e como fôr.

Sua palavra tornava-se morosa e arquejante, mas a jóven compreendendo a situação do querido enfêrmo,

amparou-lhe a cabeça alva de neve, com mais cuidado e maior ternura.

— Célia — murmurou com dificuldade — todos os meus desejos referentes á vida... material... estão expressos... em carta a Helvídio. — No cofre de minhas... lembranças... Minha conciencia de pecador... estás em preces — e sei... que Jesus não desprezará minhas súplicas... Mas desejaria... recitasses a oração do Senhor, nesta hora extrema...

Seus lábios moviam-se ainda, como se a queda súbita das energias impedisse a elocução, mas a néta, alma temperada na fé ardente e nas grandes emoções das angústias terrestres, compreendeu o olhar calmo e profundo do agonizante, e começou a murmurar, retendo as proprias lágrimas:

— Pai nosso, que estais no Céu, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade, assim na Terra, como nos Céus...

Tranquilamente, terminou, como se as suas palavras houvessem alcançado o paraiso.

O ancião fixou nela o olhar carinhoso, como se, no silêncio da hora extrema, houvese concentrado na sua afeição os derradeiros pensamentos.

Cheia de cuidados, Célia ajeitou-lhe os travesseiros, depois de um beijo molhado de pranto, dirigindo-se em seguida ao interior. onde cientificou sua mãe do que ocorria.

Cnéio Lucius havia caído em abatimento profundo. A dispnéia implacavel interceptara-lhe de todo a palavra e ele entrou em agonia lenta, que devia durar mais de setenta horas...

De nada valeram os recursos médicos do tempo, com as suas fricções e beberagens. O moribundo perdia o "tónus vital", aos poucos, em meio das mais dolorosas aflições.

As lágrimas de Márcia e Publícia, misturaram-se ás de Alba Lucínia e filha, ante os rudes padecimentos do velhinho adorado. Um servo foi expedido a toda pressa para Cápua, requisitando a presença de Caio

Fabricius e sua mulher, que poderiam, talvez, chegar á Roma para as derradeiras homenagens.

Na manhã do terceiro dia de agonia dolorosa, como sóe acontecer com as pessoas de idade avançada, Célia percebeu que o avô estava nas derradeiras impressões da existência terrestre... a respiração era quasi imperceptivel, um frio intenso começava a invadir-lhe os pés e as mãos.

Todos os familiares compreenderam que chegara o instante supremo... Márcia, nas suas expressões de amargura resignada, sentou-se junto do venerando progenitor, aconchegando-lhe a cabeça entre os joelhos, carinhosa, enquanto Célia segurava-lhe as mãos frias e enrugadas... Com a alma em prece fervorosa, suplicando a Jesus recebesse o avô na luz de sua misericórdia, a jóven cristã, no êxtase da sua fé sentiu que a câmara espaçosa se enchia de claridades estranhas e indefiniveis. Figurou-se-lhe divisar sêres luminosos, aéreos, a cruzarem a alcova em todas as direções... Por vezes, chegava a lhes fixar os traços fisionomicos, embora não os indentificasse, surpreendendo-se com a visão de túnicas alvinitentes, semelhantes a largos pépluns de neve translúcida...

Todavia, entre aqueles sêres radiosos entreviu alguem que lhe era conhecido. Era Nestório, que a confortava com um afetuoso sorriso. Compreendeu, então, que os bens amados que nos precedem no túmulo, vêm dar as boas-vindas aos que atingiram o último dia na Terra... Naquele minuto luminoso, seu coração enchia-se de carinhoso júbilo e de radiosas esperanças. Desejou falar ao vulto de Nestório, perguntando-lhe por Ciro, mas absteve-se de pronunciar qualquer palavra, receosa de que a sua abençoada visão se desfizesse... Contudo, como se os pensamentos mais íntimos fôssem ouvidos pelo amigo desencarnado, percebeu que o ex-escravo lhe falava, escutando a sua voz, estranhamente, como se o fenómeno obedecesse á um novo meio de audição intra-cerebral.

— Filha — parecia-lhe dizer o espírito de Nestório, afetuosamente — Ciro já veiu e vê-lo-ás breve!...

Acalma o coração e guarda a tua fé sem desdenhar o sacrifício!... Adeus!... Junto de alguns amigos desvelados, aquí viemos buscar o coração de um justo!...

Com os olhos marejados de pranto, a filha de Helvídio notou que Nestório abraçara-se ao moribundo, enquanto uma fôrça invencivel a arrancava do êxtase, fazendo-a voltar á vida comum.

Como se houvera chegado de outro plano, ouviu que Márcia e sua mãe pranteavam e certificou-se de que o moribundo deixara escapar o último suspiro.

Cnéio Lucius, com a conciência edificada nos largos padecimentos de uma longa vida, partira ao amanhecer, quando o maravilhoso sól romano começava a doirar as eminências do Aventino com os primeiros beijos da aurora...

Então, um luto pesado se abateu sôbre o palácio que, por tantos anos, havia servido de ninho aos seus grandes sentimentos. Durante oito dias, seus despojos ficaram expostos á visitação pública, na qual se confundiam nobres e plebeus, por lhe trazerem, todos, um pensamento agradecido.

A notícia do infausto acontecimento foi mandada a Helvídio pelo correio do proprio Imperador, enquanto Caio e a espôsa chegavam da Campania, afim-de assistir ás derradeiras homenagens ao morto ilustre e querido.

Cnéio Lucius não tivera o confôrto da presença de Helvídio, mas Fábio Cornélio fez questão de tomar todas as providencias para que não lhe faltassem as honras do Estado. Assim que, o venerando patrício, justamente conhecido e estimado por suas virtudes morais e cívicas, antes de baixar ao túmulo, recebeu as homenagens da cidade em peso.

II

CALÚNIA E SACRIFÍCIO

Helvídio Lucius encontrava-se entre a Thessália e a Beócia, quando lhe chegou a notícia do falecimento do

pai. Inutil cogitar de uma visita á Roma, com o fim de confortar o coração desolado dos seus, não somente porque muitos dias já se haviam passado, como tambem devido aos seus labores intensos, no cargo a êle confiado pelos caprichos do Imperador.

Entre os mármores e preciosidades da antiga Phôcida, em cujas ruinas era obrigado a utilizar os seus talentos na escolha de material aproveitavel ás obras de Tibur, sentiu no coração um vácuo imenso. O progenitor era para êle um amparo e um símbolo. Aquela morte deixava-lhe nalma uma saudade imorredoura.

Os longos meses de separação do ambiente doméstico decorriam pesadamente.

Debalde, atirava-se ao trabalho para fugir ao desalento, que, a miude lhe invadia o coração.

Embora a comitiva imperial permanecesse em Athenas, junto de Adriano, êle nunca estava livre das convenções sociais e políticas, no ambiente de suas atividades diuturnas. Sobretudo Cláudia Sabina, nunca o abandonava na faina do esfôrço comum, cooperando na sua tarefa com decisão e com êxito, reconquistando-lhe a simpatia e amizade de outros tempos. Helvídio Lucius, porém, se lhe admirava a capacidade de trabalho, não poderia transigir no tocante aos sagrados deveres conjugais, guardando a imagem da espôsa no santuário de suas lembranças mais queridas, com lealdade e veneração. Recebia as suas cartas afetuosas e confiantes, como um estímulo indispensavel aos seus feitos e acariciava a esperança de regressar á Roma em breve tempo, como alguem que aguardasse ansioso o dia de paz e liberdade.

Desde muito, porém, o generoso patrício trazia o íntimo onusto de preocupações e de sombras.

A espôsa de Lóllio Urbico, modificando os processos de sedução, apresentava-se agora, a seus olhos, como amiga devotada e fiél, irmã dos seus ideais e de suas preocupações. No fundo, a antiga plebéia conservava a paixão desvairada de sempre, acompanhada dos mesmos propositos de vingança para com Alba Lucínia, considerada como usurpadora da sua ventura.

O tribuno, entretanto, observando-lhe as dedicações

reiteradas e aparentemente sinceras, começou a acreditar no seu desinterêsse, verificando a confortadora transformação dos sentimentos da sua profunda capacidade de artificialismo. Cláudia Sabina, contudo, continuava a querê-lo desvairadamente. O constante adiamento de suas esperanças represava-lhe a paixão com mais violência. No íntimo, experimentava os padecimentos de uma leôa ferida, mas a verdade é que, a cada investida do seu afeto, Helvídio lhe fazia perceber o carater sagrado das obrigações matrimoniais de ambos, indiferente ao seu olhar ansioso e ás suas aspirações inconfessaveis. A mulher de Lóllio Urbico desejava ser amada, assim, com tanta fidelidade e devotamento, mas os sentimentos grosseiros do coração não lhe deixavam perceber as vibrações mais nobres do espírito. Sabia, tão somente, que amava Helvídio Lucius com todos os impulsos do seu temperamento lascivo. Para realizar os seus propositos inconfessaveis, não recuaria. Odiava Alba Lucínia e não trepidaria em lhe impôr a vingança mais cruél, desde que conseguisse voltar ás delicias do antigo amor, feito de exclusividade e violencia.

Cláudia percebeu que o tribuno, apegado ás concepções do dever, poderia ser vencido tão somente por uma dissimulação a toda a prova, e por isso cercava Helvídio de atenções carinhosas e constantes dedicações. Quando, acidentalmente, se referia á espôsa ausente, tinha o cuidado de elogiá-la, esforçando-se por colorir os conceitos com o melhor tom de sinceridade.

Dêsse modo, o filho de Cnéio Lucius se foi prendendo, novamente, na teia de encantos daquela mulher, concedendo-lhe uma atenção indevida, sensibilizado nas fibras mais íntimas do coração, embora nunca chegasse a olvidar as suas obrigações mais sagradas.

Cláudia Sabina, contudo, afagava novas esperanças. Aos seus olhos, bastaria afastar do caminho a figura incômoda de Alba Lucínia, para assegurar a sua bastarda felicidade.

Certo dia, a espôsa do prefeito fingindo distração nas palavras, como de costume, asseverou a Helvídio em íntima palestra:

— A última carta de uma das minhas amigas de Roma, dava-me a conhecer um pormenor curioso da vida de meu marido. Musônia avisa-me que Urbico passa em sua casa quasi todo o tempo de que dispõe nos seus labores de Estado.

— Em minha casa? — perguntou o tribuno ruborizado, adivinhando a malícia de semelhante informação

— Sim — respondeu Cláudia aparentando a maior indiferença — sempre notei em meu marido singular predileção por sua família. Lucínia e sua filha sempre foram alvo de suas gentilezas especiais. Aliás, isso não nos pode surpreender. Fábio Cornélio, desde muitos anos, tem sido o seu melhor amigo.

— Sim, isso é incontestavel — exclamou Helvídio algo desapontado com semelhantes alusões ao seu lar.

Sabina percebeu que aquele instante era favoravel para iniciar o tenebroso plano e, fingindo interesse pela paz doméstica de Helvídio Lucius, acrescentou sem piedade:

— Meu amigo, aquí entre nós, devo dizer-lhe que meu marido não é um homem que justifique os mais preciosos costumes do ambiente romano. Avalie quanto me custa fazer-lhe esta confidencia, mas desejo zelar pela paz do seu lar, acima de tudo. Hipócrita e impulsivo por índole, Lóllio Urbico tem feito numerosas vítimas, no campo de suas aventuras de conquistador inveterado. Temo-lhe a frequencia á sua casa, por sua mulher e por sua filha."

Helvídio fez-se pálido, mas Cláudia, percebendo o efeito de suas palavras, prosseguia impiedosamente:

— Vivemos uma época de surpresas temerosas, na qual as mais sólidas reputações baqueiam imprevistamente... Desde que me casei com o prefeito, venho experimentando uma série de provações. Suas aventuras amorosas tem-me acarretado grandes dissabores, dado o clamor das vítimas, a me repercutirem no coração...

— Por Júpiter! — murmurou o tribuno fortemente impressionado — não posso contestar as suas apreciações, mas quero crer que Fábio Cornélio não se poderia enga-

nar por tantos anos, elegendo no prefeito um de seus melhores amigos.

— Sim, esse argumento parece forte á primeira vista — respondeu Sabina com argúcia — mas convem lembrar que o meu amigo recomeça agora a sua vida na Capital do Império, depois de muitos anos acostumado á tranquilidade da província. O tempo demonstrará que o censor e o prefeito se identificaram muito em uns tantos negócios do Estado. Ambos são compelidos a se respeitarem e a se quererem mutuamente, mas, quanto á conduta individual, sabem os deuses da realidade de minhas afirmativas.

Helvídio Lucius desviou a palestra para outros assuntos, reconhecendo a delicadeza daquelas observações sobre a honorabilidade de outrem e a propósito do seu lar, mas quando Sabina se retirou, sentiu-se envenenado de preocupações injustificaveis e profundas. Que significariam as visitas reiteradas de Lóllio Urbico á sua casa? Porventura Alba Lucínia ter-se-ia esquecido dos seus sagrados deveres? Fábio Cornélio prender-se-ia tanto aos interêsses materiais, a ponto de olvidar o nome e as respeitaveis tradições da família? Na mente do tribuno, as numerosas cogitações íntimas se baralhavam em tormenta. Ainda bem que aquela ausencia dolorosa estava prestes a findar. Elio Adriano já expedira as ordens para que largassem da Itália as galéras para o regresso.

Em Roma, porém, a situação de Alba Lucínia e da filha chegava ao auge do sofrimento moral. Várias vezes, Célia percebera os colóquios de sua mãe com o impiedoso conquistador, mas, dada a sua timidez, não podia perceber a repulsa da progenitora, diante da infâmia e cruél ousadia. Lucínia, a seu turno, algumas vezes, encontrava o prefeito dos pretorianos em visita á sua casa, quando de suas curtas ausencias junto das amigas, encontrando o implacavel perseguidor em conversação com a filha, que o acolhia com a tolerancia dos seus bons sentimentos, de modo a não ferir o coração materno, salientando-se que a espôsa de Helvídio temia, sinceramen-

te, a presença daquele homem cruél, transformado em demonio do seu lar.

A nobre senhora, abatida e doente, pensou em expôr a situação ao velho pai e, todavia, considerou que o censor já deveria ter percebido, de longa data, a sua posição angustiosa, do ponto de vista moral, supondo, portanto, que, se êle silenciava é que lhe sobravam ponderosas razões para fazê-lo.

Muitas vezes tentou falar á filha sôbre tão delicado assunto, supondo-a tambem vítima das perseguições insidiosas do inimigo da sua paz; todavia, Celia com a sua natural pudicicia jamais deu ensejo ás confidencias maternais, desviando o curso das conversações e multiplicando os carinhos para com ela, em cujo coração adivinhava as mais angustiosas inquietações.

Afinal, quando faltavam dois meses para o regresso definitivo de Helvídio, Alba Lucínia acamou-se, extremamente abatida.

Mais de um ano fazia que o Imperador se ausentara.

Foram quatorze meses de angústia para a filha de Fábio Cornélio, cuja saúde não pudera resistir ao embate das provações mais penosas. Célia, igualmente, tinha as faces descoradas e tristes. Através dos seus traços, podia observar-se o enfraquecimento organico. As preocupações filiais se traduziam por longas noites de insônia, que acabaram por lhe arruinar a saúde, antes vigorosa. Com a sua ternura inata, ela tudo fazia por consolar a mãezinha combalida.

Dos portos da Itália foram enviadas quatro grandes galeras para o regresso de Adriano e sua comitiva. A primeira embarcação chegada ao litoral da Ática, foi disputada pelos elementos mais anchos de retornar ao ambiente romano, entre os quais Cláudia Sabina, que pretextava a necessidade de voltar quanto antes, considerando os apelos do seu círculo doméstico.

Helvídio Lucius estranhou aquela pressa, mas não podia adivinhar o alcance de seus planos. Êle tambem desejaria regressar, urgentemente, mas era obrigado a atender ao convite do Imperador, para fazer-lhe compa-

nhia na embarcação de honra, que chegaria a Óstia oito dias depois das primeiras galéras.

Daī a alguns dias, a mulher do prefeito dos pretorianos chegava á capital do Império, com o avanço de uma semana, de molde a cogitar da realização dos sinistros projetos de vingança que lhe trabalhavam a mente. O marido recebeu-a com a frieza habitual e os servos da casa, com a angústia que a sua presença lhes facultava.

Cláudia Sabina teve meios de fazer chegar á Hatéria a notícia de sua volta, encarecendo-lhe a visita com a possivel urgencia.

Frente á sua cumplice, a quem dispensava o máximo de generosidade, a antiga plebéia disse-lhe ansiosamente:

— Hatéria, chegou o momento de jogar a última cartada na minha partida. Realizarei meu projeto sem vacilar nas minhas atitudes, e quanto a ti, receberás agora o premio da tua dedicação.

— Sim, senhora — retrucava a serva com o olhar cúpido, considerando a propina.

— Como vai a mulher de Helvídio?

— A patrôa vai muito abatida, e doente.

— Ainda bem — murmurou Sabina satisfeita — isso favorece a execução dos meus planos.

E depois de fixar na companheira os olhos ansiosos, acentuou de maneira singular:

— Hatéria, estás preparada para o que possa acontecer?

— Sem dúvida, minha senhora. Entrei em casa do patrício Helvídio Lucius, para vos servir, exclusivamente.

— Não te arrependerás por isso — disse Sabina com decisão. Ouve-me: estamos ao termo da missão que te retêm junto de Alba Lucínia. Espero do teu esfôrço o último serviço de colaboração na minha tarefa de amplo desagravo do pasado doloroso. Tenho sido generosa contigo, mas desejo assegurar o teu futuro pelos bons serviços que me has prestado. Que desejas para descanso da tua velhice no seio da plebe desamparada?

Depois de pensar um momento, a velha serva mur-

murou satisfeita, como se já houvesse realizado, no íntimo, todos os cálculos imprescindiveis á uma resposta mais exata.

— Senhora, sabeis que tenho uma filha casada, cujo marido vem arcando com a maior miseria nos seus dias de tormento e de pobreza. Valério, meu genro, teve sempre grande amor á vida do campo; mas, em sua penosa condiçao de liberto pobre, jamais conseguiu amealhar o suficiente para adquirir um trato de terra, onde pudesse fazer a felicidade da família. Meu ideal, portanto, é possuir um sítio longe de Roma, onde me recolhesse junto dos filhos e dos netos que me estimarão, como hoje, nos dias próximos da decrepitude e da invalidez para o trabalho.

Teus desejos serão satisfeitos — exclamou a mulher do prefeito, enquanto Hatéria a escutava, cheia de alegria — vou indagar o custo de um sítio aprazivel e, no momento oportuno, dar-te-ei a quantia necessária.

— E que devo fazer agora para lograr semelhante ventura?

— Escuta — disse Cláudia com gravidade — de hoje a uma semana Helvídio Lucius deverá estar de volta. Na tarde de sua chegada, deverás procurar-me para receber instruções. Nesse mesmo dia, terás o dinheiro necessario para realizar teus desejos. Por agora, vai-te em paz e confia em mim.

Hatéria estava radiante com as perspectivas do futuro, sem levar em conta os meios criminosos que haveria de empregar para atingir seus fins.

No dia seguinte, pela manhã, uma liteira modesta saía da residencia de Lóllio Urbico, em direção á Suburra.

Será inutil esclarecer que se tratava de Cláudia Sabina, dirigindo-se á conhecida casa da vendedora de sortilégios, com quem haveria de concluir os seus projetos sinistros.

A feiticeira de Cumas recebeu-a sem surpresa, como se estivesse á sua espera.

Depois de mergulhar as mãos ávidas na aluvião de sestércios que Cláudia lhe trazia, Plotina concentrou-se

diante da trípode que já conhecemos, falando em seguida:

Senhora, o momento é único! Deveremos cuidar de todos os pormenores, quanto ao que vos cumpre fazer, afim de que se não percam os nossos melhores esforços.

Claudia Sabina pôs-se a meditar num plano minucioso que a feiticeira submetia ao seu critério.

Plotina falava em voz muito baixa, como se receasse as proprias paredes, tal a ignomínia das sugestões criminosas.

Finda a longa exposição, a consulente retrucou pensativa:

— Mas, não seria melhor exterminar a rival? Tenho alguem em sua casa que se poderá incumbir do último golpe. Sei que conheces os filtros mais violentos e que mos podes fornecer hoje mesmo.

— Senhora — as vossas ponderações são razoaveis, mas deveis recordar que a morte do corpo só aproveita aos assuntos de ordem material; e, em nosso caso, eles são de ordem espiritual, tornando-se indispensavel um golpe infalivel. Quem nos dirá que o homem amado voltará aos vossos braços se a companheira descer ás cinzas de um túmulo? Os que partem para o Além costumam deixar uma saudade duradoura, alimentando sempre uma paixão inextinguivel.

E enquanto a espôsa do prefeito considerava as estranhas insinuações como certas e justas, Plotina continuava:

— É preciso instilar o ódio no coração do homem desejado, para que a vossa ventura seja efetiva. Para atingirmos esse fim, necessário se torna flagelar a alma, abatendo-a e destruindo-a.

— Sim, as tuas advertencias são assáz judiciosas e não devo desprezá-las, mas, de conformidade com o teu plano, meu marido deverá desaparecer...

— E que vos importa isso, se a sua morte se faz necessaria? Não forçais o destino para gozar a felicidade possivel com outro homem?

— Sim, teu projeto é o melhor, porquanto chegaste a prever todas as consequencias.

E, como se apostrofasse a figura imaginária da rival, vítima da sua insania e do seu ódio, acentuou com os olhos perdidos no vácuo:

— Alba Lucínia deverá viver!... Relegada a um plano inferior, com a sua vergonha, padecerá o desprêzo e a execração que tenho padecido!...

Plotina levantara-se. De um armario esquisito, retirou frascos e pacotes que entregou á cliente, com observações especializadas.

Aceitando de alma aberta o plano odioso, Cláudia Sabina saíu, prometendo voltar.

Daí a dias, Elio Adriano com a sua imponente comitiva entrava pela Porta Ostia, aclamado pela onda espessa do patriciado e do povo.

O Imperador, com a sua predileção pelas relíquias da antiguidade, recomendou a Helvídio superintendesse todo o serviço de descarga das peças curiosas da Phócida, destinadas á Roma. O tribuno, porém, delegando a incumbencia á um dos seus prepostos de confiança, dirigiu-se á cidade, para abraçar a espôsa e a filha.

Lucínia e Célia receberam-no com transportes de júbilo indizivel.

O tribuno, porém, abraçou-as tomado de enorme surpresa. Ambas se encontravam desfiguradas e doentes. Nada obstante, trocaram-se impressões carinhosas, cheias do encantamento e do júbilo de se reverem. Assinalando essa comovedora alegria, o generoso patrício, amante do lar, retirou de pequena caixa um soberbo bracelete de pedras preciosas, que entregou á espôsa como lembrança de Atenas e deu á filha uma formosa pérola adquirida na Achaia, como recordação da Grécia longinqua.

Depois, foi um longo desfiar de reminiscencias amigas e doces. Alba Lucínia teve de confiar ao marido todas as peripécias da enfermidade, agonia e morte de Cnéio Lucius.

Enquanto a cidade se repletava de espetáculos para ilustrar o regresso do Imperador, Helvídio Lucius e os seus entretinham-se em palestra cariciosa, matando as saudades recalcadas.

Todavia, quando os derradeiros clarões do sol preludiavam o crepúsculo, o patrício disse á espôsa, com grande ternura:

— Agora, querida, regressarei á Óstia, onde sou obrigado a pernoitar ainda hoje. Amanhã estarei definitivamente reintegrado em casa, afim-de organizarmos a nossa vida nova. Já me avistei com Fabio Cornélio, que acompanhou o Imperador ao lado do prefeito, mas somente amanhã poderei estar com Marcia, para ouvi-la acerca-de meu pai e dos seus últimos desejos.

— Mas, as responsabilidades em Ostia são assim tão imperiosas? — perguntou Alba Lucínia preocupada. — Para os serviços do Imperador não teria bastado a ausência de mais de um ano?

— Sim, querida, faz-se mister cumprirmos o dever nas suas características mais severas. Adriano incumbiu-me da verificação de todas as relíquias transportadas da Grécia e não posso confiar tão somente no trabalho dos servos, dado o valor consideravel da carga em apreço. Mas, não te amofines com isso!... Lembra-te que amanhã aqui estarei para concertar os nossos planos familiares.

Alba Lucínia aquiesceu com um sorriso triste, como se estivesses em face do inevitavel. Seu coração, porém, desejava a presença do companheiro para confiar-lhe, imediatamente, os seus íntimos dissabores.

Ao caír da tarde, a liteira de Helvídio saía de casa apressadamente.

Alba Lucínia recolhia-se ao leito, cheia de novas esperanças, enquanto a filha voltava ás suas meditações.

Alguem, contudo, saía da residencia do tribuno, cautelosa e apressadamente, sem despertar a curiosidade dos serviçais domésticos. Era Hatéria que se dirigia para o Capitólio.

Cláudia Sabina recebeu-a sôfrega, fazendo-a entrar num gabinete mais discreto e falando-lhe nestes termos:

— Ainda bem que vieste mais cedo! Tenho de tomar muitas providencias.

— Aguardo as vossas ordens, respondeu a criada na sua fingida humildade.

Hatéria — volveu Sabina com voz quasi imperceptivel — estou vivendo horas decisivas para o meu destino. Confio em ti como se confiasse em minha propria mãe.

E entregando-lhe pesada bolsa, com o preço da traição, acrescentava:

— Aquí está o premio da tua dedicação em favor da minha felicidade. São economias com que poderás adquirir um sítio longe de Roma, conforme desejas.

Hatéria, cúpida, recebia a pequena fortuna, deixando transparecer estranha alegria nos olhos fulgurantes.

A mulher de Lóllio Urbico, todavia, continuava em tom discreto:

— Em troca da minha generosidade exijo-te, contudo, segredo tumular, ouviste?

— Essa exigência me é muito grata, creia, — dizia a cumplice.

— Confio na tua palavra.

E depois de uma pausa, olhos perdidos no vácuo, como a antever os seus feitos horriveis, acentuou:

— Conheces a coluna lactária, no mercado de legumes? (1)

— Sim, não fica longe do Pórtico de Otávia. Ha muitos anos, por alí perambulei, afim-de observar as criancinhas abandonadas.

— Neste caso não me será dificil explicar-te o que pretendo.

Começou a falar com a velha serva em voz muito baixa, expondo-lhe os seus projetos, enquanto Hatéria a ouvia muito admirada, mas aquiescendo a todas as sugestões.

Cláudia Sabina parecia alucinada. Olhar abstrato, a expressão fisionómica tinha um quê de sinistro. Como que concentrada no só propósito de efetivar os seus planos, dirigia-se á velha serva maquinalmente:

---

(1) A coluna lactaria no mercado de legumes, ou Forum Olitorium, era o local onde se expunham, diariamente, os recem-nascidos enjeitados.

— Hatéria, — disse, entregando-lhe um pequenino frasco — este filtro dá repouso físico e sono prolongado... Ao ministrá-lo, é preciso que Alba Lucínia descanse tranquilamente...

Confiando-lhe outro frasco, afoitamente acrescentava:

— **Leva tambem este! Terás necessidade de tudo isso!...**

E enquanto a serva guardava os elementos do crime, acentuava:

— **Que os deuses da minha vingança nos protejam...** Até que enfim, chegou o instante da desforra... Sim, Hatéria, amanhã Helvídio Lucius saberá, para todos os efeitos, que a espôsa lhe foi infiél, apresentando-lhe o fruto de um crime... A escôlha da criança ficará ao teu critério... Poderei contar absolutamente contigo?

— Pela fé no poder de Júpiter, podeis confiar em mim, senhora. Irei á coluna lactária, depois da meia noite, e levarei comigo a criança. Os recem-nascidos são ali abandonados diariamente, ás dezenas...

Assentada a combinação sinistra, a noite já havia desdobrado sôbre Roma o seu manto de sombras espessas.

Todavia, enquanto Hatéria retornava á casa dos amos, Cláudia Sabina privava-se das festas noturnas do Imperador, encaminhando-se á Porta de Óstia apressadamente.

Encontrando-se lá com o filho de Cnéio Lucius, solicitou-lhe o favor de uma palavra em particular, no que foi imediatamente atendida.

— Helvídio — falou a perversa criatura com a sua facilidade de dissimulação — aquí estou para prevenir-te reservadamente, de graves acontecimentos aliás já por mim previstos, quando na Grécia.

— Mas, que acontecimentos? — interrogou o patrício com ansiedade.

— Deves estar preparado para ouvir-me, pois acredito que o prefeito dos pretorianos, com a bruteza dos seus sentimentos, chegou a macular a honra da tua casa.

— Impossivel! — exclamou o tribuno com veemencia.

— Entretanto, deves ouvir Alba Lucínia imediatamente, verificando até que ponto conseguiu Lóllio Urbico introduzir-se no teu lar.

— Eu não posso duvidar de minha mulher siquer um minuto — revidou com sinceridade.

— Queres ou não ouvir-me até o fim, para conheceres os pormenores do fato? — perguntou Sabina encolerizada.

— Ouvi-la-ei com prazer, desde que o assunto não se refira á minha família e á honra da minha casa.

— É possivel que tua opinião amanhã se modifique.

E, despedindo-se bruscamente do homem de suas paixões, que sabia defender as tradições do lar e da família, a antiga plebéia regressava ao Capitólio, mais que nunca interessada no desdobramento dos seus sinistros designios. O genio do mal, que lhe falava no coração, preparava para aquela noite os acontecimentos mais terriveis.

Enquanto a vemos, pela madrugada, a examinar documentos e pergaminhos no gabinete de Lóllio Urbico, acompanhemos Hatéria até o mercado de legumes.

A sociedade romana já se havia habituado a ver junto da coluna lactária os míseros enjeitadinhos. Esse local de triste memória, onde muitas mães abnegadas acolhiam pobres crianças abandonadas, constituia como que os primórdios das famosas "rodas-de-expostos", nos estabelecimentos de caridade cristã, que floreceriam mais tarde para o mundo.

Á claridade mortiça da lua, antes do amanhecer, a velha serva verificou a presença de três míseros pequeninos. Um deles, porém, chamou-lhe a atenção pelos seus suaves vagidos de recem-nado. Era uma criancinha de traços delicados e nobres, que a cúmplice de Cláudia pôde examinar, minuciosamente, á luz de uma tocha. O enjeitadinho, com roupas muito pobres, parecia nascido de poucas horas. Hatéria tomou-o nos braços, quasi com enlêvo, considerando intimamente: esta criança deve ser um digno rebento de patrícios romanos!... Que penoso

romance não se ocultará no seu vestidinho roto e ordinário...

Levou-o consigo, penetrando na casa dos amos com todo o cuidado.

Amanhecia...

A noite, a criminosa adicionara o narcótico aos remédios de sua senhora.

Entrou no quarto onde a espôsa de Helvídio repousava, tranquilamente, depôs a criança ao seu lado, envolvendo-a no ambiente tépido das coberturas. Em seguida, preparou alí toda a encenação necessária, sem que a pobre vítima do filtro que a mergulhara em longo e pesado sono pudesse perceber o que se passava.

Todavia, o pequenino começou a chorar fracamente, embora a serva criminosa fizesse o possivel por acalmá-lo.

No quarto contíguo ao de sua mãe, dado o ruido insólito, Célia despertava.

Acordou aturdida e sensibilizada. Acabava de sonhar que se encontrava, novamente, no cemitério triste da Porta Nomentana, como na memoravel noite em que pudera rever o bem amado de sua alma. Figurou-se-lhe contemplar Ciro a seu lado, enquanto Nestório mantinha a mesma atitude das suas antigas prédicas, perguntando — Quem é minha mãe e quem são os meus irmãos? Tinha o cérebro ainda preso de emoções carinhosas, e as mais ternas lembranças no coração de menina e moça...

Nesse instante, o ruido insólito chegava-lhe aos ouvidos. Vagidos de criança? Que significaria aquilo?

Levantou-se, apressada, com o pensamento ansioso, mergulhado em dolorosas perspectivas.

Notando o movimento de alguem que se aproximava, Hatéria fez menção de retirar-se á pressa, mas a jóven já havia transposto a porta, verificando-lhe a presença.

Contemplando a criança ao lado de sua mãe adormecida e os sinais evidentes de quanto caracteriza o lugar de um parto, presumiu adivinhar o drama com as amargas suspeitas do seu coração filial.

Um turbilhão de pensamentos penosos surpreendeu-lhe o cérebro enfraquecido. Sim, aquela criancinha de-

veria ter nascido ali, como consequencia fatal de uma tragédia inesquecivel.

— Hatéria, — exclamou num gemido — que significa tudo isso?

— Vossa mãe, esta noite, minha boa menina — respondeu a serva criminosa, sem se perturbar — deu á luz um pequenino...

— E' incrivel! — coluçou a filha de Helvídio com a voz estrangulada.

— Entretanto é a verdade — revidou Hatéria em voz muito baixa — não dormí, auxiliando a senhora em seus sofrimentos!

E apontando para a infortunada consorte do tribuno, exclamava quasi tranquila:

— Agora ela dorme... e precisa repousar.

Célia não podia definir a intensidade dolorosa dos pensamentos que a empolgavam. Nunca acreditara que sua mãe pudesse prevaricar na ausencia paterna. Seu coração carinhoso sempre fôra, ao seu ver, um modêlo de virtudes, um símbolo de honestidade. Certamente Lóllio Urbico levara a infamia aos mais pavorosos extremos. Ela bem que lhe ouvira as palavras de conquistador desalmado e cruél! Além de tudo, sua mãe ha muito que andava doente. Com certeza, seu coração bondoso e honesto estava cheio dos tormentos da compunção e do arrependimento. Sentia pela mãe um enternecimento infinito. Seu pai regressara na véspera, cheio de novas esperanças. Ela surpreendera lágrimas nos olhos maternos, pranto êsse que deveria ser de júbilo intenso e de comovedora alegria. Quanto não haveria sofrido o coração materno naqueles longos meses de espectativas angustiosas! Alba Lucínia, porém, sua mãe e melhor amiga, tinha agora um filhinho que não era uma flor do tálamo conjugal. Helvídio Lucius não lhe perdoaria nunca. Célia conhecia a enfibratura do pai, assaz generoso mas demasiadamente impulsivo. Além de tudo, a sociedade romana não admitia transigencias, em se tratando de tragédia como aquela, no seio do patriciado. Com as lágrimas a lhe borbulharem dos olhos, naquelas rápidas e singulares meditações a jóven cristã lembrou-se do so-

nho daquela noite, e pareceu-lhe ainda ouvir Nestorio a repetir as palavras do Evangelho — "Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? — Levando as suas lembranças ainda mais longe, recordou a exortação nas vésperas do sacrifício, quando afirmara que a melhor renúncia por Jesus não era propriamente a da morte, mas a do testemunho que o crente fornece com os exemplos da sua vida. Depois, a figura do avô surgiu, espontanea em sua mente. Parecia-lhe que Cnéio voltava do túmulo para recomendar-lhe, mais uma vez, a tranquilidade do pai e a ventura da mãe, nas provas asperíssimas!...

De olhos molhados, aproximou-se do pequenino, que abrira os olhos pela primeira vez, ás primeiras claridades do dia... O enjeitadinho fez um movimento com os braços minúsculos, como se os levantasse para ela, suplicando-lhe confôrto e afeto. Célia sentiu que as suas lágrimas caíam-lhe no rosto alvo e minúsculo, experimentando no coração uma ternura infinita. Retirou-o com cuidado como se o fizesse a um irmãozinho... Sentiu que o coraçãozinho batia de encontro ao seu, como o de uma ave assustada, sem direção e sem ninho... Seu espírito, como que tocado de sentimentos misteriosos e inexplicaveis, estava tambem povoado das mais profundas emoções maternas...

Depois de alguns minutos, em que Hatéria a contemplava surpreendida, Célia ajoelhou-se aos pés da serva, exclamando comovedoramente no seu sublime espírito de sacrifício:

— Hatéria, minha mãe é honesta e pura! Esta criança que vês nos meus braços é meu filho! Se-lo-á, meu filhinho, agora e sempre, compreendes?

— Jamais o direi — respondeu a cumplice de Cláudia, aterrada.

— Mas, ouve! — Tú que fôste a confidente de minha mãe ajuda-me a salvá-la!... Pelo amor de tuas crenças, confirma os meus propositos!... Minha mãe precisa cuidar de meu pai no curso da vida e meu pai a adora! Se ela errou, por que não auxiliarmos a sua felicidade, devolvendo á sua alma a ventura merecida? Minha mãe nunca erraria de motu proprio!... Foi sempre boa, carinhosa

e fiél... Só um homem muito perverso poderia induzi-la a uma falta dessa natureza, pelos caminhos do crime!...

Lacrimejante, enquanto a criada a escutava estarrecida, continuava:

— Céde aos meus desejos! Esquece o que viste esta noite, considerando que os tiranos dos nosos tempos costumam raptar nobres damas, aplicando-lhes filtros de esquecimento! Minha pobre mãe deve ter sido vítima desses processos miseraveis!... Quero salvá-la e conto contigo!... Dar-te-ei todas as minhas jóias mais preciosas. Meu pai não costuma dar-me dinheiro em especie, mas tenho dele e de meu avô as lembranças mais ricas... Ficarão contigo! Vendê-las-ás, onde quiseres... Arranjarás uma pequena fortuna...

— Mas, e a menina? — murmurou Hatéria espantada com o imprevisto dos acontecimentos — já pensou que essa idéia do sacrifício é impossivel? Com quem ficarieis no mundo? Vosso pai, porventura, suportaria ver-vos assim, como mãe de uma criança infeliz?!...

— Eu... — exclamava a jóven com atitudes reticenciosas, como se desejasse lembrar alguem que a pudesse valer em tão dolorosas circunstancias — eu... ficarei com Jesus!...

Em seguida, ante o silencio de Hatéria, que lhe obedecia maquinalmente, todo o cenário foi trasportado ao seu quarto, enquanto Célia conchegava o pequenino ao coração, entregando á serva ambiciosa todas as joias mais preciosas e guardando, apenas, a pérola que Helvídio lhe dera na véspera.

Alba Lucínia, contudo, saíra do seu torpor, repentinamente. Aturdida com os efeitos do narcotico, estava surpresa, ouvindo no quarto da filha os vagidos da criança.

Divisando o vulto de Hatéria através de uma cortina, chamou-a em voz alta para certificar-se do que ocorria.

A criada criminosa, porém, apareceu-lhe de frente, lívida e aterrada...

Levando as mãos á cabeça num gesto de fingido desespêro, exclamava com esgares estranhos:

— Senhora!... Senhora! que grande desgraça!...

A espôsa do tribuno, com o coração a lhe saltar do peito, pálida e aturdida, ia interrogar a serva, quando alguem transpôs a porta e penetrou no aposento.

Era Helvídio. O genro de Fábio não conseguira conciliar o sono. Depois das insinuações pérfidas de Sabina, parecia que veneno atroz lhe destruia todas as fôrças do coração. Trabalhou intensamente para que as horas da noite lhe fôssem menos amargurosas e todavia, ao dealbar da aurora, montara um cavalo veloz que o transportou, célere á casa, para consolidar a sua tranquilidade espiritual junto da mulher e da filhinha.

Lá chegando, ainda ouviu a velha serva exclamar desesperada:

— Uma desgraça!... uma grande desgraça!..

Enquanto Lucínia o contemplava aflita e amargurada, Helvídio Lucius caminhava para ela e para a criada, com o semblante carregado e triste...

— Explica-te, Hatéria!... — teve fôrças para murmurar a pobre senhora, aflitamente.

Nesse instante, porém, depois de longa prece, a jóven cristã surgiu, quasi cambaleante, á porta da alcova materna.

Tinha os olhos vermelhos e tristes, a roupa mal posta, os cabelos em desalinho. Acalentado em seus braços afetuosos, o pequerrucho se acalmara, qual pássaro que houvesse reencontrado o ninho tépido.

Helvídio e sua mulher contemplaram a filha surpresos e aterrados.

— Mas, que significa tudo isso? — explodiu o tribuno dirigindo-se á serva.

Célia quis explicar-se, mas a voz estrangulara-se-lhe na garganta, enquanto Hatéria esclarecia:

— Meu senhor, a menina, esta noite...

Contudo, ante o olhar duro do patrício, a sua voz se perdia nas reticencias dos remorsos e das dúvidas, quanto ás terriveis consequências da sua infamia.

Célia, porém, cheia de fé na Providencia Divina e sinceramente desejosa de sacrificar-se por sua mãe, ajoelhara-se humilde, exclamando com voz quasi firme:

— Sim, meu pai... minha mãe... pesa-me a confis-

são da minha falta, mas esta criança é meu filho!..

O tribuno sentiu que uma comoção desconhecida invadiu-lhe todo o sêr. A cabeça andava-lhe á roda, ao mesmo tempo que lividez de mármore cobria-lhe as feições, vincadas de cólera e angústia. Os mesmos fenomenos fisiologicos passavam-se com sua mulher, cujos olhos aterrados não encontravam lágrimas para chorar. Alba Lucínia, contudo, ainda teve energia para murmurar, olhando o Alto:

— Deus do céu!...

Célia, porém, genuflexa, enquanto Hatéria erguia a cabeça, fria e impassivel, exclamava com o pranto da sua humildade:

— Se puderdes, perdoai a filha que não conseguiu ser feliz! Sei o crime cometido e aceito de boa vontade as consequencias da minha falta!

De olhos baixos, com as lágrimas a aljofrarem a face do inocentinho, a jóven continuava dirigindo-se ao pai, que a ouvia estarrecido, como se o pavor daquela hora o houvesse petrificado:

— Na vossa ausencia, andou nesta casa o espírito de um tirano!... Recebido como amigo, assediou minha mãe com todos os seus processos de infamia... Ela, porém, como sabeis, foi sempre fiél e pura!... Reconhecendo-lhe a virtude incorrutivel, o prefeito dos pretorianos abusou da minha inocencia, levando-me ao que vêdes!... Nunca confessei á mamãe as faltas de minhalma, mas, esta noite senti a realidade da minha desventura! No auge dos sofrimentos, busquei o auxílio de Hatéria, para salvar a vida dêste inocentinho!...

E erguendo os olhos súplices para a criada impassivel, a jóven acrescentava:

— Não é verdade, Hatéria?

Lucínia e o espôso não queriam acreditar no que viam, mas a serva criminosa confirmava com fingida amargura:

— É verdade!...

— Sei que as nossas tradições não me perdoam a falta — continuava Célia, tristemente — mas toda a minha mágoa vem do fato de haver maculado o lar pa-

terno, aceitando uma afronta e dando margem a deshonra!... Não posso ser perdoada, mas vêde o meu arrependimento e tende compaixão do meu espírito abatido! Expiarei o crime como as circunstâncias exigirem e se fôr indispensavel a morte para lavar a mácula, saberei morrer com humildade!...

As lágrimas embargavam-lhe a voz, não obstante sentir-se amparada por braços intangiveis do plano espiritual, no instante penoso do sacrifício.

Helvídio Lucius saíndo do seu pasmo, deu alguns passos em direção á espôsa trêmula, perguntando com voz estranha e quasi sinistra:

— Lóllio Urbico é, de fato, êsse infame?

Alba Lucínia experimentando a queda de todas as suas energias, recordava o seu calvário doméstico, em face das investidas do conquistador, cuja perseguição á filha o seu espírito adivinhara. Longe de sentir toda a realidade tenebrosa daquelas cenas que o genio criminoso de Cláudia Sabina havia idealizado, murmurou fracamente:

— Sim, Helvídio, o prefeito tem sido o verdugo impiedoso da nossa casa!

— Mas, meu coração não quer acreditar no que os meus olhos vêem — murmurou o tribuno surdamente.

Célia continuava genuflexa, olhos nevoados de lágrimas, amparando o pequenino que chorava.

Alba Lucínia contemplava a filha, tomada de amargura e de assombro. Agora, presumia compreender as esquivanças da filhinha a todos os passeios, nos derradeiros tempos, para só confugir-se ao isolamento do seu quarto, engolfada em preces e meditações. Atribuia o retraímento de Célia á morte do avô, que lhes deixara a ambas as mais penosas saudades. Entretanto, sua desconfiança de mãe entendia, agora, que o conquistador covarde havia abusado da inexperiencia de sua filha. Muitas vezes, receara saír deixando-a só, no lar, porquanto a intuição materna ha muito lhe advertia que Lóllio Urbico buscaria vingar-se, executando ás suas terriveis ameaças. Agora, a realidade amarga torturava-lhe o espirito.

— Lucínia — continuou Helvídio sombriamente — explica-te!... Não terias exercido nesta casa a preciosa vigilância materna? É verdade que o prefeito dos pretorianos insultou a tua dignidade?...

— Helvídio, — soluçou com voz tremente — tudo o que ocorre é absolutamente estranho e incrivel, mas o fato aí está patente, atestando a realidade mais amarga! Desconfiava que a nossa pobre filha fôsse também vítima do perverso amigo de meu pai, porquanto, de minha parte venho sofrendo, desde que partiste, as mais atrozes perseguições, traduzidas em contínuas ameaças, dada a minha resistência aos seus inconfessaveis desejos...

Ante o esboroar de suas últimas esperanças, com a palavra sincera da espôsa que se mostrava amargurada e surpreendida, o orgulhoso patrício deixou-se dominar completamente pelas realidades aparentes daquela hora trágica.

De punhos cerrados, olhos duros e sombrios a revelarem disposições inflexiveis de vingança, Helvídio Lucius exclamou com voz terrivel, dominadas todas as suas expressões fisionómicas por um rictus de angústia:

— Vingar-me-ei do infame, sem piedade!...

E contemplando a filha que permanecia de joelhos e de olhos baixos, como se evitasse o olhar paterno, acentuou terrivelmente:

— Quanto a tí, deverás morrer para resgatar o crime hediondo!... Iniciando os meus desgostos, com o preferir aos escravos, acabaste arruinando o meu nome, levando esta casa á uma situação execravel! Mas, saberei lavar a mancha criminosa com as minhas decisões implacaveis!...

Dito isso, o orgulhoso tribuno arrancou acerado punhal, que reluziu aos clarores do sól matinal, mas, Alba Lucínia de um salto, prevendo-lhe a resolução inflexivel, susteve-lhe o braço exclamando angustiada:

— Helvídio, pelos deuses e por quem és... Não basta a dor imensa da nossa vergonha e da nossa desventura?!... Queres agravar nossos padecimentos com a morte e com o crime? Não! Isso não!... Acima de tudo, Célia é nossa filha!

Nesse instante, o tribuno lembrou-se repentinamente recordação, como a pedir-lhe calma, resignação e clemen-
recordação, como a pedir-lhe calma, resignação e clemen-
cia. Pareceu-lhe que Cnéio Lucius regressava das sombras do sepulcro para lhe suplicar pela neta idolatrada, cooperando nas exortações da espôsa.

Então, sentindo o coração saturado de um sofrimento moral indefinivel, acentuou com voz cavernosa:

— Os deuses não permitirão seja eu um miseravel filicida... Mas, esmagarei o traídor como se esmaga uma víbora!

E voltando-se de repente para a filha humilhada, sentenciou com energia:

— Poupo-te a vida, mas, doravante estás definitivamente morta para a nossa desdita imensuravel!... Vai-te desta casa com o fruto da tua infamia, porque tua indignidade não te permite viver mais um minuto sob o teto paterno!... És maldita para sempre!... Foge para qualquer parte, sem te lembrares de teus pais ou do teu nascimento, porque Roma assistirá aos teus funerais em breves dias! Serás estranha ao nosso afeto!... Não nos recordes, nunca, nem busques o passado, pois eu poderia exterminar-te nos meus impulsos!...

Celia continuava na sua atitude humilde, de joelhos, mas aos seus ouvidos ressoavam as palavras decisivas do pai orgulhoso e ofendido no seu amor proprio.

— Vai-te, foge, maldita!...

Ergueu-se cambaleante, endereçando á mãe um derradeiro olhar, no qual parecia concentrar toda a sua crença e toda a sua esperança... Alba Lucínia retribuiu-lhe o gesto afetuoso, fixando-a com a sua ternura dolorosa. Pareceu-lhe descobrir na limpidez do olhar toda a inocencia dalma piedosa e cristã, e todavia o seu coração maternal agradecia intimamente aos deuses o lhe haverem poupado a vida...

Compreendendo a inflexibilidade da ordem paterna, Célia deu alguns passos vacilantes e, saíndo por uma porta lateral, encontrou-se em plena rua, sem direção nem destino, enquanto atrás dela fechavam-se as portas do lar paterno, para sempre.

Depois de exprobrar a conduta da espôsa, culpando-a pela indiferença e falta de vigilancia, e após prometer recompensar o silencio de Hatéria ameaçando-a tambem com o cárcere, caso viesse a verificar-se o contrário, mandou um servo dos mais prestimosos á residencia dos sogros, chamando-os á sua casa com a maior urgencia.

Dentro de uma hora, Fábio Cornélio e sua mulner encontravam-se junto do casal, inteirando-se de todo o acontecido.

Enquanto o coração de Júlia Spinther sentia-se tocado das mais dolorosas emoções, o velho e orgulhoso censor exclamava convictamente:

— Sim, Helvídio, vamos procurar o traídor quanto antes, afim-de o exterminar, sejam quais fôrem as consequencias; mas, devias ter aniquilado a filha, pois o sangue deve compensar os prejuizos da vergonha, segundo os nossos códigos de honra!... Mas, enfim, ela estará moralmente morta para sempre. Depois de exterminarmos Lóllio Urbico, faremos com que as cinzas de Célia venham de Cápua para serem recolhidas em Roma, ao jazigo da família.

Ao passo que as duas senhoras, mãe e filha ficavam no aposento, sucumbidas, consolando-se reciprocamente e rogando a proteção dos deuses para a tragédia inesperada e dolorosa, Fábio e Helvídio dirigiram-se apressadamente para o Capitólio, afim-de exterminarem o inimigo, como se o fizessem á uma serpente imunda e venenosa.

Todavia, uma surpresa, tão grande quanto a primeira, os esperava.

No palácio do prefeito dos pretorianos o movimento era desusado e estranho.

Antes de atingirem o átrio, os dois patrícios foram informados de que Lóllio Urbico havia falecido minutos antes, acreditando-se que se tratava de um suicídio.

A morte do marido constava do programa sinistro de Cláudia, agora dona de opulento patrimonio financeiro, porquanto, dêsse modo não ficaria voz alguma que pudesse elucidar Helvívidio Lucius, quanto á infamia que a antiga plebéia acreditava haver atirado ao nome de sua

espôsa. Além disso, alta madrugada, Sabina tomara de um dos pergaminhos em branco, assinados pelo prefeito e escreveu, com perfeita imitação caligráfica um bilhete lacônico no qual se confessava enfarado da vida, e rogava a Fábio Cornélio, amigo de todos os tempos, perdoasse o dano moral que lhe causara.

Penetrando, aturdidos na casa do inimigo morto, Fábio e Helvídio foram abordados por Cláudia Sabina, que lhes apareceu lacrimosa, naquela manhã tragica.

Depois de se lastimar, comentando a tétrica resolução do espôso em desertar da vida, Sabina entregava ao censor o ultimo bilhete de Urbico, que dizia grafado pelo marido á última hora, deixando transparecer curiosidade a respeito daquele pedido de perdão, injustificavel e estranho. Desejava, assim, conhecer os primeiros resultados do trabalho tenebroso de Hatéria, esperando ansiosamente, dos lábios de Helvídio ou de alguma alusão de Fábio, as informações indiretas que o seu espirito vingativo ansiosamente aguardava.

O censor e o genro, entretanto, receberam o suposto bilhete de Urbico com secura e indiferença. E como era preciso dizer alguma cousa em face daquele imprevisto, Fabio Cornélio acrescentou:

— Guardarei este bilhete como prova do seu desequilíbrio mental nos últimos momentos, pois só assim se justifica este pedido. E agora, minha senhora — acentuou enigmaticamente para Cláudia, que o ouvia com atenção — ha de perdoar a nossa ausência, porquanto cada qual tem os seus infortunios...

O velho patrício estendia-lhe as mãos em despedida, mas, sentindo a sua curiosidade fundamente aguçada por aquelas expressões, a antiga plebéia interrogou com interêsse, como a provocar algum esclarecimento de Helvídio Lucius, que se fechara em mutismo enigmático.

— Infortunios? mas que desejais dizer com isso? Pretendeis abandonar-me nesta situação? Qual a razão de saírdes assim, desta casa, quando o cadaver de um amigo e chefe exige testemunhos de veneração e amizade? Porventura aconteceu algo de grave á Alba Lucínia?...

Notava-se que a última pergunta transpirava um

sentido misterioso. Ela esperava que Helvídio lhe falasse da sua tragédia domestica, dos seus profundos desgostos conjugais, da infidelidade da espôsa, conforme previa e decorria dos seus planos. Seu coração bastardo aguardava que o homem amado, naquele instante, iria dispensar-lhe as atenções amorosas tão ardentemente aneladas naqueles últimos meses, em que os seus sentimentos mesquinhos haviam acariciado tão grandes esperanças. O tribuno, porém, mantinha-se impassivel, como se tivesse os labios petrificados.

Fábio Cornélio, todavia, sem trair a fibra orgulhosa, esclarecia Sabina nestes termos:

— Minha filha vai bem, graças aos deuses, mas tambem nós acabamos de ser feridos no mais íntimo do coração! Um emissário da Campania, nos trouxe, esta manhã, a dolorosa notícia da morte repentina de minha néta solteira, que se encontrava junto da irmã, numa estação de repouso. Esta a razão que nos impede prestar ao prefeito as derradeiras homenagens, porquanto, vinhamos justamente comunicar-lhe a imediata partida para Cápua, afim-de promover o transporte das cinzas!...

Dito isso, os dois homens despediram-se secamente, saíndo a passo firme, no borborinho dos amigos e dos servos apressados, que emulavam no patentear a Lóllio Urbico a bajulação derradeira.

Ante a cena enigmática, Sabina deixava vagar o pensamento em conjeturas. Hatéria ter-se-ia esquecido de cumprir cegamente as suas ordens? Que ocorrera com a rival, cujas notícias a deixavam perplexa, quando tudo premeditara com tanto segurança? Os preconceitos sociais, contudo, as obrigações daquela hora extrema, que a sua propria maldade havia provocado, não lhe permitiam correr como louca no encalço da cumplice, fôsse onde fôsse, para matar a curiosidade.

Enquanto o seu espírito se perdia em divagações ansiosas, Fábio Cornélio e o genro dirigiam-se ao Imperador, obtendo a necessária licença para a precisa viagem á Campania, cedendo-se-lhes, incontinenti, uma galera confortavel que os receberia em Óstia, de modo a abreviar a viagem o mais possivel.

Naquela mesma tarde, a embarcação saía do porto mencionado, conduzindo a família ao seu destino, salientando-se que Helvídio Lucius não se esquecera de levar Hatéria com os outros serviçais de sua confiança.

Enquanto o patriciado romano rende homenagens ao prefeito dos pretorianos e a galera de Helvídio se afasta conduzindo em seu bojo quatro corações angustiados, sigamos a jóven cristã nas suas primeiras horas de amargura e sacrifício.

Saíndo da casa paterna, Célia atravessou ruas e praças, receosa de encontrar alguem que a reconhecesse no seu doloroso caminho...

Conchegava o pequenino de encontro ao coração, como se êle fôra seu próprio filho, tal o enternecimento que a sua figurinha lhe inspirava.

Depois de errar longamente, presa de acerbas meditações, sentiu que o sól ia muito alto e precisava cuidar da nutrição do inocentinho. Atravessara os bairros aristocráticos, encontrava-se agora junto á ponte Fabricius (1), cheia de cansaço, extenuada. Alem do Tibre, surgiam as modestas edificações dos judeus e dos libertos pobres; ali estava a famosa Ilha do Tibre, onde outrora se ergueram os templos de Júpiter Licaônio e o de Esculápio... A seu lado passavam os filhos da plebe, inquietos e apressados. De vez em quando, surgiam soldados de marinha, da frota de Ravena, aquartelados no Trastevere e que lhe deitavam olhares libidinosos. Cançada, dirigiu-se á uma casa de judeus, onde uma mulher do povo deu-lhe de comer, provendo-a de tudo quanto necesitava o pequenino. Mais confortada, levando uma pequena provisão de leite de jumenta, a filha de Helvídio continuou a dolorosa peregrinação pelas vias públicas, como se aguardasse uma inspiração feliz para o seu penoso destino.

---

(1) A Ponte Fabricius foi depois denominada "Ponte di Quatri Capi", em vista de uma estátua de Janus Quadrifrons, posta á entrada da praça. Foi construida de pedra, depois da conjuração de Catilina. — NOTA DE EMMANUEL.

Á tarde, porém, voltou ao mesmo ponto, nas proximidades do qual fôra socorrida pelos mais humildes.

Triste e só, descansou num dos angulos da ponte Fabrícius, ora contemplando os transeuntes mal vestidos, ora fixando as aguas do Tibre, com o coração envolto em dolorosas cismas.

Aos poucos, o sól se escondia lentamente, dourando ao longe as derradeiras nuvens do horizonte.

Um vento frio, cortante, começava a soprar em todas as direções. Contemplando os operários pobres que se recolhiam a penates, a jóven cristã aconchegou mais fortemente ao peito a mísera criancinha. Sentindo-se desalentada, começou a orar e lembrou-se que Jesus tambem andara no mundo, ao desamparo, experimentando um suave consôlo nessa reminiscencia evangélica. Contudo, pungente saudade do lar feria-lhe o coração sensivel e carinhoso. Mulheres do povo, depois das fainas penosas do dia, regressavam á casa com uma auréola de júbilo tranquilo a lhes transparecer no rosto, enquanto que ela, filha de patrícios, sentia-se acabrunhada ante as incertezas da sorte e exposta ao frio cortante do crepúsculo...

Estreitando sempre o pequenino, como se quisesse furta-lo ao ar glacial da tarde, mau grado a sua fé e resignação, não pôde conter o pranto, refletindo amargamente no seu penoso destino!...

As grandes nuvens, batidas de sól, esmaeciam pouco a pouco, dando lugar ás primeiras estrelas.

III

ESTRADA DE AMARGURA

Desembarcando num porto da Campânia, nas proximidades de Cápua, Helvídio Lucius adiantou-se a todos os familiares, afim-de preparar os filhos para a consecução dos seus desejos.

Caio Fabricius e sua mulher sofreram rude golpe com as revelações inesperadas a respeito da irmã, e, obe-

decendo ás determinações do tribuno, criaram o ambiente necessário para que os círculos aristocráticos da cidade recebessem a notícia da casa, enquanto os sacerdotes do tempo, sem desprezarem as largas compensações financeiras que Helvídio oferecia, facilitavam a solução do assunto e guardando-se assim, sempre, todas as recordações da jóven num punhado de cinzas.

Após receberem as homenagens da sociedade patrícia de Cápua, que não deixou de estranhar o misterioso acontecimento, Fábio Cornélio e todos da família retornaram prestes á Roma, onde promoveram os funerais com a maior simplicidade, embora ao gosto da época e consoante as exigências da tradição familiar.

Todavia, enquanto as supostas cinzas de Célia baixavam ao sarcofago, nova dor assaltava o círculo doméstico dos nossos personagens.

Profundamente ferida nas fibras mais sensiveis do coração materno, Júlia Spinther não conseguiu suportar tão fundo desgosto, acrescido aos muitos que lhe minavam a existencia, abandonara a Terra inopinadamente, sem que os íntimos pudessem, ao menos prever-lhe a aproximação da morte, que se verificou dentro de uma noite, em consequencia de um colapso cardiaco.

Novo luto envolveu a casa de Helvídio, experimentando Alba Lucínia os mais atrozes padecimento íntimos. A esse tempo, Fábio Cornélio, dado o desaparecimento de Lóllio Urbico, havia recebido novos encargos do Imperador, encargos que lhe deferiram grandes poderes e graves responsabilidades na solução de todos os problemas financeiros.

A morte da espôsa encheu-lhe o coração de estranho pesar. Buscou, contudo, reagir ás fôrças que lhe deprimiam o animo, prosseguindo na sua tarefa de domínio, com o mesmo orgulho que lhe temperava o caracter.

Sentindo-se muito sós, Helvídio Lucius e a espôsa planejaram voltar á tranquilidade provinciana da Palestina, mas o falecimento imprevisto da nobre matrona impedia-lhes, de novo, a execução dos projetos ha muito acarinhados, atento o isolamento em que ficaria o velho

censor, cujo coração orgulhoso e frio lhes dera sempre as mais inequívocas provas de amor e dedicação.

Elucidando a situação de todo os personagens, resta-nos lembrar Cláudia Sabina, após o desfêcho singular dos acontecimentos dolorosos que ela mesma sinistramente engendrara. Morto o marido e sabendo frustrados todos os seus planos, procurou em vão ouvir Hatéria, que, elevada á uma posição de redobrada confiança no lar de Helvídio Lucius, dispusera-se a não abandonar jamais a casa, receosa das suas represálias. De posse da grande soma que lhe dera o tribuno em troca do seu silêncio, a velha serviçal chamára o genro e a filha á residência dos patrões, onde lhes entregou parte da pequena fortuna, com a qual adquiriu, em seu nome um belo sítio em Benevento, lá arrumando os filhos, até que ela se dispusesse a partir para a vida rural.

Cláudia Sabina, apesar dos esforços despendidos, nunca mais pôde ouvir-lhe a palavra, porquanto, se Hatéria jamais se ausentava de casa, tambem Fábio Cornélio detinha poderes cada vez mais fortes, na cidade imperial, obrigando-a, indiretamente, a manter-se em silêncio e á distancia. Foi assim que a antiga plebéia se retirou de Roma para Tibur, acompanhando as futilidades da Côrte de Adriano, cujos últimos tempos de reinado se caracterizaram por uma indiferença cruél.

Rodeada de servos, mas em pleno ostracismo social, a viúva do prefeito dos pretorianos adquirira uma chacara tranquila, onde devia passar largos anos, requintando o seu ódio em detestaveis meditações.

Depois destas notícias breves, retomemos o caminho de Célia para acompanhar-lhe a dolorosa peregrinação.

Deixando a Ponte Fabricius, ela caminhou ao léu, procurando alcançar a ilha do Tibre, onde se acotovelava a multidão dos pobres.

Aos derradeiros clarões da tarde, buscou atravessar a Ponte Cestius, encontrando num trecho do caminho uma mulher do povo, de semblante alegre e humilde. Célia assentara-se, por instantes, ajeitando o pequenino. Sentiu, porém, que o olhar da desconhecida lhe penetrava brandamente o coração.

Nesse comenos, experimentando a secreta confiança que lhe inspirava aquela mulher simples, traçou com a dextra, na poeira do solo um pequeno sinal da cruz, mediante o qual todos os cristãos da cidade se reconheciam.

Ambas trocaram, então, um olhar expressivo de simpatia, enquanto a desconhecida se aproximava exclamando bondosamente:

— És cristã?

— Sim — sussurrou Célia em surdina.

— Estás desamparada? — perguntou a desconhecida, discretamente, revelando nas palavras breves a máxima cautela, de modo a não serem surpreendidas como adeptas do cristianismo.

— Sim, minha senhora — revidou Célia algo confortada com aquele interêsse espontâneo, — estou só no mundo com este filhinho.

— Então, venha comigo, é possivel que te seja util em alguma cousa.

A neta de Cnéio Lucius seguiu-a, sôfrega de proteção, no pélago de incertezas em que se achava. Atravessaram a Ponte Cestius, calmamente, como velhas amigas que se houvessem encontrado, dirigindo-se para um quarteirão de casas pobres.

Distanciadas da multidão, a mulher do povo, sempre carinhosa, começou a falar:

— Minha boa menina, chamo-me Orfilia e sou tua irmã na fé! Logo que te avistei, compreendí que estavas só e desamparada no mundo, precisando do auxilio de teus irmãos! Estás moça e Jesus é poderoso... Surpreendí lágrimas nos teus olhos, mas não deves chorar quando tantos irmãos nossos têm padecido atrozes sacrifícios nos tempos amargos que atravessamos...

Célia ouvia-a consolada, mas, intimamente não sabia como proceder em tão difíceis circunstâncias, nas quais uma companheira de crença se lhe revelava com toda a sinceridade.

Enquanto Orfília calava um instante, a filha de Helvídio agradecia-lhe em palavras breves:

— Sim, minha senhora, estou comovida e não sei como agradecer-lhe.

— Sou lavadeira — continuou a plebéia com a sua simplicidade de coração, — mas tenho a ventura de possuir um marido piedoso e cristão, que não se cansa de me proporcionar no trabalho e no conchego do lar os mais sagrados testemunhos de nossa fé! Vais conhecê-lo!... Chama-se Horacio e terá prazer quando souber que te podemos ser util de algum modo... Tenho, tambem, um filho de nome Junio, que constitue a nossa esperança para o futuro, quando em nossa pobreza material estivermos imprestaveis para o trabalho!...

E aproximando-se cada vez mais da casinha pobre, acrescentava:

— E tu, minha irmã, que te aconteceu para trazeres um semblante tão triste e amargurado assim?... Tão jóven e com um filhinho nos braços, tão formosa e tão desventurada?...

— Fiquei viúva e abandonada, exclamou Célia de olhos molhados — mas espero em Jesus alcançar o necessario a mim e a meu filho...

Ainda não havia terminado as explicações timidamente formuladas, quando transpuseram o umbral de uma sala muito pobre e quasi desguarnecida.

Dois homens conversavam á claridade frouxa de uma tocha e logo se ergueram para recebê-las.

Devidamente apresentada ao pai e ao filho, Célia notou que Horacio tinha, de fato, um aspécto conselheiral e bondoso, observando, porém, no filho, algo que desagradou de pronto, um olhar de moço leviano e frívolo, cheio de fantasia e de loquacidade.

— Sabes, mãe — exclamou o rapaz como se guardasse todas as qualidades de um porta-novas — o grande acontecimento que abalou toda a cidade?

Enquanto Orfília fazia um gesto de estranheza, Junio continuava:

— A primeira notícia que abalou hoje as proximidades do Forum, pela manhã, foi a da morte do pre-

feito Lóllio Urbico, que se suicidou escandalosamente, obrigando o govêrno a numerosas homenagens!...

— É estranho — exclamou a interpelada — muitas vezes vi em público êsse homem fidalgo, de porte orgulhoso e varonil. Ainda ontem vi-o nos carros de triunfo, nas festas do Imperador. Seu rosto transbordava alegria e no entanto...

— Ora — interpôs o chefe da casa, — atravessamos uma fase dolorosa de terriveis surprêsas para todas as classes sociais. Quem nos poderá afiançar, com certeza, que o prefeito dos pretorianos se tenha suicidado realmente? No mês findo, a cidade assistiu a dois acontecimentos como êsse e, no entanto, soube-se depois que os dois patrícios suicidas foram assassinados cruélmente por sicários da sua propria grei.

Célia, encostada a um canto, como se fôra uma jóven mendiga, ouvia aquelas noticias, amargamente impressionada. A estranha morte de Lóllio Urbico aterrava-a. Embora inquieta, fazia o possivel para não traír as mais vivas emoções.

— Mas o dia não se caracterizou sómente por isso, — continuava Junio, loquaz — disseram-me no Forum que alguns cristãos foram presos quando reunidos proximo do Esquilino, bem como que o censor Fábio Cornélio e família partiram para Cápua, afim-de trazerem para aquí as cinzas de uma filha do tribuno Helvídio Lucius, lá falecida recentemente...

A jóven cristã recolheu a notícia com espanto, compreendendo a gravidade da sua condição perante os parentes orgulhosos e inexoraveis. Seu espírito chocava-se tristemente, em face de notícias tão amargurosas... Á mente lhe veiu a idéia de regressar á casa e repousar o corpo alquebrado... Nunca se afastára do lar, a não ser quando descansava junto do avô enfêrmo, no palácio do Aventino. Lembrou os servos amigos e dedicados, invocou todos os recantos do ninho paterno com os seus aspectos peculiares. Uma saudade imensa de sua mãe invadia-lhe o íntimo e, contudo, o coração lhe afirmava, por uma secreta intuição, que seus olhos nunca mais voltariam a refletir a placidez do lar paterno, a não

ser quando abandonasse o ergástulo do mundo. Consoante as informações de Junio, compreendeu que as portas da casa paterna lhe estavam fechadas para sempre... Simbolicamente morta, não poderia voltar aos seus senão como uma sombra...

Observando-a de olhos humidos e reconhecendo-lhe o enorme cansaço, Orfília procurou quebrar a frivolidade dos assuntos, dirigindo-lhe a palavra bondosamente:

— E tu, minha querida menina, por pouco não continuavamos a nossa história. Afirmas-te viuva? Mas, que lástima!... Assim tão nova?!

Tomando-a pela mão, para conduzi-la ao interior sob o olhar surprêso dos dois homens que reparavam a nobreza de traços da desconhecida, continuava:

— Entremos, filha!... Está muito frio e pareces fatigada. Além disso, precisamos cuidar da alimentação do pequeno. Vem!

Enquanto Célia exorava a Jesus que a inspirasse em tão difíceis circunstâncias, compreendendo, após as notícias de Junio, que não poderia expôr áquela amiga ocasional a realidade da sua situação, Orfília prosseguia com interêsse:

— Mas, como te chamas, minha irmã? Enviuvaste ha muito tempo? E não tens outra amizade por ti?...

A filha de Helvídio, medindo a delicadeza do momento, deu um nome suposto, exclamando:

— Enviuvei ha quatro mêses apenas e estou inteiramente desamparada, com este filhinho de poucos dias. Tenho experimentado todos os sofrimentos de uma infortunada filha da plébe, mas tenho guardado a fé em Jesus, como único refúgio. Ainda agora, a sua caridade fraterna recolhendo-me á esta casa, foi para mim o testemunho vivo da proteção do Mestre Divino, á cuja misericórdia tenho endereçado todas as minhas suplicas!...

Não somente Orfília, mas o marido e o filho ouviram-na penalizados.

— E quais os teus projetos, minha filha? — perguntou a dona da casa, compungida.

A tal pergunta, Célia lembrou-se de Cnéio Lucius, que lhe havia prometido amparo em todos os momentos difíceis, se o Senhor o permitisse, e implorando-lhe um alvitre valioso, com as vibrações silenciosas do seu pensamento retrucou com certa firmeza:

— Tenho necessidade de saír de Roma na primeira oportunidade. Infelizmente, faltam-me os recursos necessários, mas espero que Jesus me ajudará... Tenho alguns parentes nos arredores de Napoles e nos confins da Campânia. Quero recorrer a todos êles, porquanto não poderia aqui viver sem elementos para me sustentar e ao meu pobre filhinho.

— Isso é justo — respondeu Orfília brandamente — eu e Horacio poderemos ajudar-te nas primeiras providencias.

— Aliás — replicou o chefe da família, com um gesto paternal — Junio terá de viajar ainda este mês, como empregado do Forum, levando documentos de pouca importância até Gaeta! Munida dos pequenos recursos que poderemos arranjar, estarás habilitada a encetar nova diligencia para reunires-te aos teus parentes.

Célia ouvia-lhe a palavra, confortada e agradecida, enquanto Orfília tomava a criança para nutrí-la convenientemente, obrigando a jóven a tomar, por sua vez um prato de caldo.

— Essa idéia é bem lembrada — disse Orfília dirigindo-se ao marido — os nobres poderão dirigir-se a Nápoles no bojo de luxuosas galéras, mas nós, os humildes, temos de nos valer dos mais pobres recursos.

— Tudo, porém, está na pauta da misericórdia divina — glosou Horacio convicto.

E dirigindo-se ao filho, enquanto a mulher silenciava, perguntou:

— Quando partes?

— Acredito que dentro de duas semanas.

—Pois bem, Orfília, até lá, buscaremos prover nossa irmã do indispensavel á sua viagem.

Célia esboçou um sorriso de agradecimento, sentindo-se bem, ao lado daqueles corações simples e generosos.

Daí a pouco repousava com o pequenito, numa cama humilde mas muito limpa, que a dona da casa lhe preparou, junto ao seu proprio quarto.

A filha de Helvídio Lucius, ajeitando carinhosamente a criancinha entre as coberturas pobres, começou a orar, meditando nas dolorosas peripecias daquele dia inolvidavel. Quando se sofre, a vida é qual turbilhão de pesadelos intensos. Ao seu espírito combalido, pareceu-lhe estar apartada dos seus ha muitos anos, tal a angústia martirizante das horas interminaveis em que vagara pelas vias públicas, sem destino e sem nenhuma esperança... Sem perder de vista a criancinha, sentiu que aos poucos o organismo exhausto cedia ao sono reparador. Adormeceu, então, tranquila, como se nas asas da noite o espírito fugisse temporariamente do ergástulo, livre da realidade dolorosa.

Durante duas semanas, valendo-se da proteção de Orfília e seu espôso, a jóven cristã perparou o vestuario seu e do pequeno. Com os elementos que os amigos lhe proporcionaram, talhou fatos pobres e singelos, com os quais empreenderia o seu roteiro de humildade.

Aonde iria? Não poderia sabê-lo ao certo.

Não conhecia Nápoles senão através das descrições do velho avô, quando fazia viagens imaginárias no intuito de ilustrar a neta estremecida.

Possivelmente, não chegaria até Napoles, nem mesmo á Campania, onde guardava a recordação da irmã e de Caio Fabricius, domiciliados em Cápua. Inutil presumir qualquer auxilio da irmã, porquanto, certamente Helvídia e o espôso, cientes do que ocorrera em Roma não lhe poderiam perdoar, em hipótese alguma.

Entretanto, predispunha-se a partir, cheia de confiança em Deus. No instante oportuno Jesus haveria de abençoar-lhe os passos, guiando-os a um destino certo. No complexo de suas meditações recordava-se, incessantemente, da palavra do avô no dia do sacrifício de Ciro e Nestorio, esperando que os mensageiros do Senhor ou as almas dos entes queridos regressassem do túmulo para lhe orientar o coração no dédalo das ansiedades angustiosas.

Receosa de complicações, a jóven nunca saíu do humilde quarteirão trasteverino, onde fôra acolhida, até que um dia, ao dealbar da aurora, despediu-se da amiga com lágrimas nos olhos.

O carro de Junio fôra preparado de vespera, de modo que a partida se efetuasse ao amanhecer. Orfília e Horacio estavam igualmente comovidos, mas, obedecendo ao imperativo das provações terrenas, Célia aboletava-se no interior da viatura, construida á guisa de diligencia dos tempos medivais, onde acomodou o saco de roupas e a larga provisão de alimentos para o inocentinho, que Orfília não se esquecera de preparar carinhosamente.

Abraços carinhosos, votos de ventura e daí a instantes, sob o frio intenso da manhã, Junio estalava o pequeno chicote no dôrso dos animais, através das vias públicas.

Célia rogava a Jesus que lhe fortalecesse o espírito angustiado, dando-lhe coragem para enfrentar as sendas procelosas da vida... Ao despedir-se de Roma, olhos nevoados de pranto, pareceu-lhe mais intenso o martírio íntimo, sentindo o coração azorragado pelas saudades impiedosas. Contemplando, porem, o pequenino meio adormecido em seus braços, experimentava uma fôrça incoercivel que a sustentaria em todos os sacrifícios.

Os primeiros raios do sól começavam a invadir o céu escampo, quando o carro tranpôs a Porta Cœlimontana (1), entrando os cavalos, logo após, a largo trote na Via Appia... Defrontando as campinas romanas no trecho em que se erguia o admiravel aqueduto de Cláudio, a filha de Helvídio embevecia-se na contemplação da natureza, com o espírito mergulhado em preces carinhosas e profundas meditações.

Passava pouco de dez horas quando defrontaram Alba Longa, com o seu casario simples e confortavel.

---

(1) A Porta Cœlimontana foi chamada, mais tarde, Porta de São João. — *Nota de Emmanuel.*

Junio, com reflexos enigmáticos no olhar, fez com que a companheira de viagem e o pequenino tomassem ligeira refeição, antes de iniciarem a ascenção dos montes do Lácio.

Prosseguindo pelos caminhos orlados de árvores e flores silvestres, atingiram Arícia, cercada de oliveiras viçosas e de hortos imensos. Mais tarde alcançavam Genciano, vila graciosa e afortunada, ao pé do lago Nemi, em cujas bordas floriam interminos roseirais.

Célia trazia o espírito engolfado em meditações cariciosas, em face do encanto maravilhoso da paisagem, cuja beleza ultrapassava todos os quadros da Palestina, guardados na sua retentiva para sempre. Por toda a parte, oliveiras amigas, laranjeiras em flor, hortos imensos e bem cuidados, roseiras perfumadas e detalhes preciosos que o homem do campo organizara.

Fôsse pela influencia cariciosa do ar embalsamado de aromas, ou pelo cansaço da longa excursão, a criança adormecera no colo da jóven mãezinha que o céu lhe dera, enquanto ela acariciava-lhe o rosto minusculo com os mais ternos desvelos.

Enquanto a sombra do arvoredo atenuava os raios quentes do sól vespertino, Junio que nunca estava silencioso, chamando a atenção da companheira de viagem para êsse ou aquele pormenor do caminho, começou a falar-lhe de assunto estranho. A jóven corou, pediu-lhe recordasse a tradição cristã dos pais, que a haviam tratado generosamente, suplicando-lhe que a deixasse em paz na sua dolorosa viuvez, ao léu da sorte. Notou, porém, que o rapaz estava saturado dos vicios da época, figurando-se-lhe que o filho dos seus protetores era insensivel ás suas rogativas mais ardentes. Repelido nas suas propostas indecorosas, o filho de Horacio exclamava para a sua vítima, deixando transparecer no semblante uma repugnante expressão de abutre ferido:

— Estamos proximo de Velitræ, onde pernoitaremos e como terás de prosseguir comigo até Gaeta, espero convencer-te amanhã. Do contrário...

Célia enguliu o insulto, lembrando-se dos seus deveres de orar e vigiar e conservando o pensamento em

preces fervorosas, afim-de que o Divino Mestre, por seus mensageiros lhe inspirasse o melhor caminho.

Daí a instantes, entravam na bela cidade, edificada em tempos remotos pelos Volscos e berço do grande Augusto. Velitræ, mais tarde Velletri, assenta num grande outeiro, oferecendo as mais formosas perspectivas topográficas ao viajante. Seus crepúsculos são tocados de uma beleza suave e maravilhosa... Contemplando o Oriente, vêem-se os montes da Sabina unidos aos barrancos profundos da cidade e á tarde, quando o sól desaparece, a neve das montanhas mistura-se á neblina da noite, proporcionando prismas visuais do mais deslumbrante efeito.

Junio colheu as rédeas á frente de uma hospedaria do mais humilde aspecto. Recebido com demonstrações de alegria por seus antigos conhecidos, providenciava imediatamente a hospedagem de Célia com a criança, recolhendo os animais á estrebaria.

A jóven cristã, após a refeição da tarde, buscou o silêncio do quarto para refletir e orar. Junio marcara o prosseguimento da viagem, ao alvorecer. Todavia, ela estava tomada de angústia e de incerteza. O filho de seus benfeitores não parecia dotado dos elevados sentimentos paternos. Aquele olhar arisco parecia indicar a peçonha de um ofídio. Seus gestos eram atrevidos, as idéias indiferentes ás noções do dever e da responsabilidade.

Noite alta, uma serva da casa veiu saber se a hóspede reclamava alguma cousa, encontrando-a inquieta e aflita, pensando no que pudesse acontecer ao seu amanhã doloroso e cheio de ameaças.

Depois de amargas reflexões, deliberou, inspirada pelos amigos do Invisivel, retirar-se da estalagem nas primeiras horas da madrugada, por fugir á qualquer perversidade do inimigo de sua paz íntima.

Assim que, antes do alvorecer, afastou-se a medo do casarão desconhecido. Apertando o pequenino de encontro ao peito, experimentava o coração a lhe bater aceleradamente. Jamais enfrentara situações tão difi-

ceis e todavia, confiava que Jesus a socorreria com os alvitres necessarios.

Deixando Velletri á esquerda, tomou corajosamente um largo caminho, sobraçando o pequenino e o seu saco de bagagens pobres, caminhando até o completo alvorecer e encontrando-se na antiga vila de Cora, famosa pelo seu templo de Castor e Pollux. Alí, uma mulher do povo recolheu-a por minutos, munindo-a de novas provisões, considerando a sua penosa jornada, com o inocentinho ao cólo.

Continuando a caminhar possuida de estranha fôrça, como se alguem lhe guiasse os passos, apesar do rumo incerto, achou-se em breve á margem do rio Astura, atravessando aldeias pequeninas, onde havia sempre um bom coração a lhe prodigalizar uma gentileza fraterna.

Antes do meio dia, defrontou humildes carreteiros, assalariados pelos ricos senhores da região nos trabalhos de transporte, salientando-se que um deles, de aspecto patriarcal, ofereceu-lhe um lugar a seu lado, mitigando-lhe a dor dos pés.

Em breve novamente instalada num veículo bastante ligeiro para a época, a jóven cristã divisava á frente as famosas Lagoas Pontinas, vasto terreno sem inclinação, para onde convergem as pesadas massas dagua de alguns rios.

Célia atravessava numerosos grupos de casas, aldeias nascentes ou antigas cidades em ruinas, detendo os olhos tristes, com mais insistencia nas humildes edificações de Forappio, onde as tradições cristãs de Roma asseveravam que se dera o encontro de Paulo de Tarso com os seus irmãos da cidade de Cesar.

Dentro de suas meditações, a viajante defrontava Anxur, mais tarde Terracina, de onde saía por escarpada encosta da montanha, passando pelas ruinas bem conservadas de castelos antigos, dos mais remotos dominadores. Da culminancia, seus olhos abrangiam toda a região das Lagoas célebres, bem como vasta extensão do mar Tirreno.

Aí, porém, sentiu o coração gelado e dolorido. Era dalí, daquela estrada hostil e montanhosa, que o velho

benfeitor, o cocheiro amigo, deveria retroceder em obediência ás ordens recebidas.

Entardecia. O velho lidador da gleba despediu-se da companheira, com os olhos humedecidos. Por todo o caminho, Célia se conservara triste e silenciosa, mas, percebendo que o seu benfeitor estava receoso e sensibilizado por ter de abandoná-la em sítio tão ingrato e a tais horas, disse-lhe corajosamente:

— Adeus, meu bom amigo! Que o céu lhe recompense a bondade. Seu oferecimento generoso evitou-me grande cansaço pelo caminho!...

— Ides a Fondi? — perguntou o bom do velho com carinhoso interêsse.

— Não precisarei chegar até lá! — respondeu a jóven com inaudita coragem — a propriedade de meus parentes está muito próxima.

— Ainda bem — replicou êle mais conformado — temia que precisasseis caminhar ainda muito, pois estas regiões são infestadas de feras e bandidos.

— Fique descansado — disse Célia ocultando a propria angustia — estas estradas não me são desconhecidas. Alem do mais, estou certa de que o céu me protejerá, amparando o meu filhinho...

O generoso carreiro ao ouvir a invocação do céu. descobriu-se respeitoso na sua simplicidade de alma devotada a Deus e depois de estender a dextra a jóven desconhecida, preparou-se para descer a montanha, aonde fôra tão somente para atender a solicitação da sua graciosa passageira descendo pelas mesmas sendas escarpadas, afim-de cumprir em Anxur a incumbencia que levava.

Célia viu-o desaparecer nas curvas íngremes, acompanhando-lhe o veiculo com o olhar triste e ansioso. Desejava tambem retroceder, mas um receio imenso dos homens impiedosos, que não saberiam respeitar-lhe a castidade, a impelia a buscar o desconhecido, entre as sombras espêssas das florestas do Lácio.

Com o pensamento em prece, caminhou quasi mecanicamente, observando, angustiada, que se avizinhavam as sombras do crepúsculo...

A estrada corria por um vale apertado, vendo-se-lhe de um lado o oceano, e do outro a cadeia das montanhas. Os derradeiros raios do sol douravam a cúpola imensa, quando seus olhos divisaram, á esquerda, uma gruta providencial. formada pelos elementos da natureza. Era, porém, uma edificação natural tão imponente, que bastou um exame mais acurado para que se recordasse das lições do avô, em outros tempos, identificando o local com as suas reminiscências dos estudos com o avôzinho. Aquela gruta era o local famoso onde Sejano havia salvado a vida de Tibério, quando o antigo Imperador, ainda principe, se dirigia com alguns amigos para as cidades da Campania. Sentindo-se rodeada pelos clarões mortiços da tarde, dirigiu-se para o interior, onde uma cavidade naturai parecia bem disposta para o descanso de uma noite. Agradecendo a Jesus o encontro de um pouso como aquele, ajeitou as roupas pobres que trazia para acomodar o pequenino, colhendo, em seguida grandes braçadas de musgo selvagem, que caíam das arvores idosas e forrando o leito de pedras com o maior carinho. Quando procurava interceptar a passagem para a cavidade em que repousaria, com pedras e ramos verdes, encarando a possibilidade do aparecimento de algum animal bravio, eis que lhe chega aos ouvidos o tropél de cavalos trotando, aceleradamente, ao longo do caminho...

Guardando o pequerrucho nos braços, correu para a frente, desejosa de se comunicar com alguem, para afastar do espírito aquela triste impressão de soledade, esperançosa de que a Providência Divina, por intermédio de um coração bondoso lhe evitasse a amargura daquela noite que se prefigurava angustiosa e dolorida...

Seria um carro, ou seriam cavaleiros generosos que lhe estenderiam mãos fraternas? Tambem podiam ser ladrões a cavalo, perdidos na floresta em busca de aventuras... Considerando esta última hipótese, tentou retroceder, mas três vultos destacaram-se ao seu lado, na sombra da noite, impedindo-lhe a retirada, porquanto

sofreados com fôrça, os garbosos cavalos interromperam o trote acelerado e ruidoso.

Criando novo alento, ao influxo das energias poderosas que fluiam do Invisivel para o seu espírito, a filha de Helvídio perguntou:

— Ides a Fondi, cavalheiros?

Em lhe ouvindo a voz, alguem que parecia o chefe dos dois outros, exclamou com voz aterrada:

— Urbano !Lucrécio! acendam as lanternas.

Célia reconheceu aquela voz dentro da noite, com uma nota de terrivel espanto.

Tratava-se de Caio Fabrícius, que regressava de Roma, deixando a espôsa em companhia dos pais, compelido por suas obrigações imperiosas em Cápua, depois dos supostos funerais de Célia, conforme as combinações da família.

Reconhecendo-o pela voz, a jóven cristã experimentou os mais angustiosos receios, entremeados de esperanças. Quem sabe a sua situação poderia modificar-se, em face daquele encontro imprevisto?

Antes que as suas cogitações tomassem longo curso, duas lanternas brilharam no ambiente.

O espôso de Helvídia contemplou-a aterrado. A visão de Célia, sózinha e abandonada, sustendo nos braços a criança que êle supunha seu filho, comoveu-lhe o coração; todavia, compreendendo a gravidade dos acontecimentos de Roma, de conformidade com as informações dolorosas do sogro, tratou de disfarçar a emoção imprimindo no rosto a mais fria indiferença.

— Caio!... — implorou a jóven com uma inflexão de voz intraduzivel, enquanto a luz lhe banhava o semblante abatido.

— Conheceis-me? — perguntou o orgulhoso patrício.

— Porventura me desconheces, tu?

— Quem sois?

— Pois será preciso abrir-te os olhos?

— Não vos reconheço.

— Estarei, acaso, com a fisionomia transformada

a tal ponto? Não te recordas da irmã de tua mulher? — perguntou súplice.

— Minha espôsa — concluiu o viajante, enquanto os dois servos o contemplavam altamente surpreendidos — possuia apenas uma irmã, que morreu ha dezoito dias. Estais evidentemente equivocada, porquanto, ainda agora venho de Roma, onde assistí aos seus funerais.

Aquelas palavras foram pronunciadas com frieza indefinivel.

A filha de Helvídio Lucius fixou nele os olhos mareados de lágrimas e o semblante transfigurado de infinita amargura. Compreendeu que era inutil afagar qualquer esperança de voltar ao seio da família. Para todos os afetos estava morta, e para sempre. Figurou-se-lhe acordar, mais intensamente, para a sua realidade dolorosa, mas, sentindo que alguem lhe amparava o espírito em tão angustioso transe, exclamou:

— Compreendo!...

O espôso de Helvídia, contudo, aparentando máxima frieza, de modo a não traír seus sentimentos diante dos servos, replicou:

— Senhora, se vos valeis dêsse expediente para obter o dinheiro preciso ás vossas necessidades, eu vo-lo dou de bom grado.

Mas, quando o orgulhoso romano revolvia a bôlsa para cumprir esse designio, ela lhe respondeu com nobreza e dignidade:

— Caio, segue em paz o teu caminho!... Guarda o teu dinheiro, pois uma benção de Jesus vale mais que um milhão de sestércios!...

Extremamente confundido, o marido de Helvídia recolheu a bolsa, dirigindo-se contrariado aos servidores nestes termos:

— Apaguem as lanternas e prossigamos a viagem!

E observando a consternação de ambos os escravos, eminentemente impressionados com aquela cena, acrescentou com altaneria:

— Que esperam mais para cumprir minhas ordens? Não nos impressionemos com os incidentes do caminho

Nunca passei pelas estradas de Anxur sem encontrar uma louca como esta!

Como se fôssem repentinamente despertados por ordens mais severas, Urbano e Lucrécio obedeceram ás exigências do senhor, apagando as luzes que bruxoleavam na escuridão da noite e, daí a instantes, os três cavaleiros recomeçavam a marcha, como se cousa alguma houvesse acontecido.

Caio Fabrícius era generoso, mas a falta de Célia, aos olhos da família, era assaz grave para que pudesse ser perdoada. A ninguem revelaria aquele encontro, ainda porque, entre êle e sua mulher havia o compromisso de absoluto sigilo a tal respeito. Resolveu, assim, sufocar todos os estos de compaixão pela infeliz cunhada.

Quanto á esta, com os olhos mareados de lágrimas, ficou como petrificada, a ouvir o compassado trote dos animais que se afastavam, até que um silêncio profundo e misterioso se fez sentir em toda a parte, dentro da floresta sombria.

Vendo que Caio se afastava, teve ímpetos, na sua fragilidade feminina, de suplicar o seu auxúilio, rogando-lhe a caridade de conduzí-la até ao povoado de Fundi, onde, por certo, encontraria alguem que a abrigasse por uma noite. Todavia, permaneceu muda, como se a sensibilidade do cunhado lhe houvesse enregelado a própria alma .

Chorou longamente, misturando de orações as lágrimas amargas, de olhos fitos no céu, onde apenas lucilavam raras estrelas...

A passos vacilantes, voltou á gruta selvagem, que a natureza havia edificado.

Lá dentro, acomodou a criança da melhor maneira, e entrou a meditar amargamente.

Os ventos do Lácio começaram a sussurrar uma sinfonia triste, estranha, e, de longe em longe, até aos seus ouvidos chegavam os écos dos lobos selvagens, ululando na floresta...

Célia sentiu-se abandonada mais que nunca. Profundo desanimo se lhe apoderou do espírito, sentindo que, apesar da fé, a fortaleza moral desfalecia em face

de tão penosos padecimentos... Lembrou, uma a uma, todas as suas alegrias domésticas, recordando cada familiar, com as particularidades encantadoras do seu extremoso aféto. Nunca o sofrimento moral lhe atingira tão fundo o coração sensivel!... Enquanto as lágrimas silenciosas lhe rolavam dos olhos, lembrou-se, mais que nunca, das exortações de Nestorio nas vésperas do sacrifício, rogando a Jesus lhe concedesse fôrças para as renúncias purificadoras...

Mergulhada em profunda escuridão, acarinhava o rosto do pequenino, receosa de um ataque de reptís, enxugando as lágrimas, para melhor pensar no futuro, sem perder a sua confiança na misericórdia de Jesus.

Foi então que, com surpresa e pasmo dos seus olhos aflitos, emergiu da sombra um ponto luminoso, avultando com rapidez prodigiosa, sem que ela atinasse, de pronto, com o que se passava... Aturdida e surpresa, acabou por divisar a seu lado a figura do avô, que lhe enviava ao coração atormentado o mais terno dos sorrisos...

Tamanha era a sua amargura, tanto o fél do seu coração angustiado, que não chegou a manifestar a menor estranheza. Dentro das claridades da sua fé, recordou, imediatamente, a lição evangélica das aparições do Divino Mestre á Maria Madalena e aos Discípulos, estendendo para o avô os braços ansiosos. Para o seu espírito dolorido, a visão de Cnéio Lucius era uma benção do Senhor aos seus inenarraveis martírios íntimos. Quis falar, mas, ante a figura radiosa do velhinho bom, a voz morria-lhe na garganta sem conseguir articular uma palavra. Todavia, tinha os olhos aljofrados de pranto e havia em seu rosto uma tal expressão de sublimidade, que, dir-se-ia mergulhada em profundo êxtase.

— Célia — sussurrou o espírito carinhoso e benfazejo — Deus te abençôe nas tormentas aspérrimas da vida material!... Feliz de ti, que elegeste o sacrifício, como se houvesses recebido uma determinação grata do Mestre!... Não desfaleças nas horas mais amargas, pois, entre as floras do céu ha quem te acompanhe os sofrimentos, fortalecendo as fibras do teu espírito dester-

rado! Jamais te suponhas abandonada, porquanto, do Alem nós te estendemos mãos fraternas. Todas as dores, filhinha, passam como a vertigem dos relâmpagos ou como os véus da neblina desfeitos ao sol... Só a alegria é perene, só a alegria alcansa a eternidade. Realizando-nos interiormente para Deus, nós compreendemos que todos os sofrimentos são vésperas divinas do júbilo espiritual nos planos da verdadeira vida! Conhecemos a intensidade dos teus padecimentos, mas, coerente com a tua fé, conserva o pensamento sempre puro! Crendo sacrificar-te por tua mãe, estás cumprindo uma das mais formosas missões de caridade e de amor, aos olhos do Cordeiro... Jamais agasalhes a idéia de que o sentimento materno se houvesse desviado algum dia do código da lealdade e da virtude doméstica, mas recebe todos os sofrimentos como elementos sagrados da tua propria redenção espiritual! Tua mãe nunca faltou á fidelidade conjugal e, todavia, o teu espírito de abnegação e renúncia receberá de Jesus a mais farta mésse de bençãos.

Ouvindo aquelas palavras que lhe caíam como bálsano divino no coração desalentado, a filha de Helvídio deixava que as lágrimas de confôrto íntimo lhe rolassem das faces, como se o pranto, somente, lhe pudesse lavar todas as amarguras. Ela identificava o avô carinhoso e amigo, alí, a seu lado, como nos dias mais venturosos da sua existencia. Nimbado de uma luz suave e doce, Cnéio Lucius sorria-lhe com a benevolência de coração que sempre lhe demonstrara. Escutando-lhe a revelação da integridade moral da genitora, Célia reconsiderou as ocorrências dolorosas do lar. Bastou que esboçasse tais pensamentos, sem exprimí-los verbalmente, para que a respeitavel entidade espiritual a esclarecesse, nestes termos:

— Filha, não cogites senão de bem cumprir os designios do Senhor a teu respeito... Não permitas que os teus pensamentos voltem ao passado para se eivarem de aflições e amaritudes da vida terrestre! Não queiras estabelecer a culpa de alguem ou apontar o desvio de quem quer que seja, porque ha um tribunal de justiça

incorrutivel, que legisla acima das nossas frontes!... Para êle não ha processos obscuros, nem informações inexatas! Se essa justiça sublime determinou a tua marcha pelos carreiros da calunia e do sacrifício, é que essa estrada conviria mais ao teu aperfeiçoamento e ás fórmulas de trabalho que te competem. Nunca mais voltarás ao aconchego do lar paterno, ao qual te sentirás ligada pelos élos inquebrantaveis da saudade e do amor, através de todos os caminhos, mas essa separação de tua alma dos nossos afetos mais queridos será como um ponto de luz imorredoura, assinalando a transformação dos nossos destinos! Teu sacrificio, filhinha, ha de ser para todo o sempre um marco renovador de nossas energias espirituais no grande movimento das reencarnações sucessivas, em busca do amor e da sabedoria! Ampliando os meus recursos para regressar ás lutas terrestres, abençôo a tua dôr, porque a tua renúncia é grande e meritória aos olhos de Jesus.

Foi aí que ela conseguindo romper as emoções que a asfixiavam, exclamou com voz amargurada e dolorida:

— Mais do que as palavras, meu coração, que o teu espírito pode prescrutar, pode dizer-te da minha alegria e reconhecimento!... Protetor e amigo, guia desvelado de minhalma, já que vindes das sombras do túmulo para trazer-me as mais consoladoras verdades, ajudai-me a vencer nos embates dolorosos da vida!... Animai-me! Inspirai-me com a vossa sabedoria e o vosso amor compassivo! Não me deixeis desorientada, nestas penhas escabrosas!... Avô, meu coração tem andado triste como esta noite, e o desalento e a amargura clamam no meu íntimo como os lobos ferozes que uivam nestas selvas!... Doravante, porém, saberei que vos tenho junto a mim!... Caminharei conciente de que me seguireis os passos em busca da felicidade real!... Rogai a Jesus que eu desempenhe austeramente todos os meus deveres! E, sobretudo, amparai tambem o inocentinho, cuja vida buscarei proteger em todas as circunstâncias!...

A voz de Célia, todavia, experimentava um esta-

cato. Ouvindo-lhe as súplicas, com a mesma expressão de serenidade e de carinho no olhar, Cnéio Lucius avançou vagarosamente até o leito improvisado do pequenino, iluminando-lhe o rostinho alvo com um gesto da sua destra radiosa e exclamando num sorriso:

— Eis, filhinha — disse apontando a criancinha — que Ciro cumpriu a promessa, regressando prestes ao mundo para estar mais perto do teu coração, sob as bençãos do Cordeiro!...

— Como não mo revelastes antes? — monologou a jóven intimamente possuida de sublime alvoroço.

— É que Deus — exclamou a entidade generosa adivinhando-lhe os pensamentos — quer que todos nós espiritualizemos o amor, buscando-lhe as expressões mais puras e mais sublimes. Recebendo um enjeitadinho como teu irmão, sem te deixares conduzir por qualquer disposição particular, soubeste santificar, ainda mais, tua afeição por Ciro, no laço indissoluvel das almas gemeas, a caminho das mais lúcidas conquistas espirituais na redenção suprema!...

— Sim — falou a jóven patrícia dentro do seu júbilo espiritual — agora compreendo melhor o meu enternecimento e já que me trouxestes ao coração uma alegria tão doce, ensinai-me como devo agir, dai-me uma orientação adequada, para que eu posa cumprir irrepreensivelmente todos os meus deveres!...

— Filha, a orientação de todos os homens está delineada nos exemplos de Jesus Cristo! Não temos o direito de tolher a iniciativa e a liberdade dos entes que nos são mais caros, porque, no caminho da vida, o esfôrço proprio é indispensavel! Luta com energia, com fé e perseverança, para que o reino do Senhor floreça em luz e paz na tua propria vida... Mantem a tua conciencia sempre pura e, se algum dia a dúvida vier perturbar teu coração, pergunta a ti mesma o que faria o Mestre em teu lugar, em identicas circunstâncias... Assim aprenderás a proceder com firmeza, iluminando as tuas resoluções com a luz do Evangelho!...

Depois de uma pausa em que Célia não sabia se fixava a personalidade sobrevivente do avô, ou se des-

pertava o enjeitadinho para rever nos seus olhos, mais uma vez, as recordações do bem amado, Cnéio Lucius acentuou:

— Depois de tantas surpresas empolgantes e de tanta fadiga, precisas descançar! Repousa o corpo dolorido que ainda terá de sustentar muitas lutas... Continua com a mesma oração e vigilancia de sempre, pois Jesus não te abandonará no mar proceloso da vida!...

Então, como se um poder invencivel lhe anulasse as possibilidades de resistência, Célia sentiu-se envolvida num magnetismo doce e suave. Aos poucos, deixou de ver a figura radiosa do avô, que se prostrara a seu lado qual sentinela afetuosa contra a incursão de todos os perigos... Um sono brando cerrou-lhe as pálpebras cansadas e, abraçada ao pequenito, dormiu tranquilamente até que os primeiros raios do sól penetraram na gruta anunciando o dia.

IV

DE MINTURNES Á ALEXANDRIA

Enquanto a vida familiar de Fábio Cornélio transcorria, na cidade imperial, sem acidentes dignos de menção, sigamos a filha de Helvídio Lucius na sua via dolorosa.

Levantando-se pela manhã, Célia alcançou a povoação de Fondi, em cujas cercanias uma criatura generosa acolheu-a por um dia, com ternura e bondade. Foi o bastante para se reconfortar das caminhadas ásperas e longas, porque, no dia seguinte, punha-se novamente a caminho em direção de Itri, a antiga "Urbs Mamurrarum", aproveitando o mesmo traçado da Via Appia.

Em caminho, teve a satisfação de encontrar a carreta de Gregório, o mesmo carreiro humilde que a deixara, na ante-véspera, nas montanhas de Terracina, circunstância que lhe trouxe ao coração muita alegria. Nas dificuldades e dores do mundo, a fraternidade tem elos profundos, jamais facultados pelos gozos mundanos, sempre fugazes e transitórios.

Gregório ofereceu-lhe o mesmo lugar ao seu lado, num gesto de proteção que a jóven aceitou, considerando-o uma benção do Alto.

Desta vez, reconheceram-se como dois bons amigos de outros tempos. Falaram da paisagem e dos pequenos acidentes da viagem, rematando Gregório com uma pergunta cheia de interêsse.

— Tem a senhora outros parentes além de Fondi? Não me pareceu pequeno o sacrifício em aventurar-se á uma jornada tão longa como a de ante-ontem... Como consentiram prosseguisse outra viagem a pé?

— Sim, meu amigo — respondeu buscando desviar a sua afetuosa curiosidade — meus parentes de Fondi são paupérrimos e não desejo voltar á Roma sem rever um tio enfermo, que reside em Minturnes. (1)

— Ainda bem — murmurou o generoso plebeu, satisfeito com a resposta — sendo assim, poderei levá-la hoje até o fim da sua jornada, pois vou alem das lagoas da cidade.

A marcha continuou entre as gentilezas de Gregório e os agradecimentos de Célia, que lhe apreciava a bondade, comovida.

Somente ao cair da tarde o veículo atingiu os arredores da cidade famosa.

Despedindo-se do carinhoso companheiro, a jóven cristã atentou na paisagem soberba que se desdobrava aos seus olhos. Uma formosa vegetação litoranea repontava dos terrenos alagadiços, num dilúvio de flores. A primeira porta da cidade estava a alguns metros e todavia o seu amor pela natureza fê-la estacionar junto das grandes árvores do caminho. O sol em declinio enviava á téla florida os seus raios agonizantes. Dominada por grandiosos pensamentos e experimentando um novo alento de vida, com a palavra de verdade e de consolação que o avô lhe trouxera na véspera, dos confins do túmulo, começou a orar,. agradecendo a Jesus as suas graças sublimes e infinitas.

No seu caricioso embevecimento, contemplou a figu-

(1) Minturnes, mais tarde passou a chamar-se Trajetta. — *Nota de Emmanuel.*

rinha mimosa que se agitava em seus braços e beijou-lhe a fronte num arroubo de espiritualidade.

Na véspera, haviam recebido a hospitalidade da natureza, mas, agora, ante as fileiras de casebres ali próximos da estrada, consultava a si propria sobre o melhor meio de recorrer á piedade alheia, contando, porém, como das outras vezes com o amparo de Jesus, que lhe forneceria a inspiração mais acertada, por intermédio dos seus lúcidos mensageiros.

Foi então que reparou numa choupana rodeada de laranjeiras, onde a vida parecia ser a mais simples e mais solitaria. Seu aspecto singelo emergia do arvoredo a duzentos metros do local em que se encontrava, mas, como que atraída por algum detalhe que não poderia definir, Célia alcançou a trilha e bateu á porta. Brilhavam no céu as primeiras estrelas.

Depois de muito chamar, sentiu que alguem se aproximava com dificuldade, para dar voltas ao ferrolho.

E não tardou tivesse diante dos olhos surpresos uma figura patriarcal e veneranda, que a acolheu com solicitude e simpatia.

Era um velho de cabelos e barbas completamente encanecidos. As cãs prateadas realçavam-lhe os nobres traços romanos, irrepreensiveis. Aaparentava mais de setenta anos, mas o olhar estava cheio de ternura e de vida, como se os seus raciocínios estivessem em plenitude de maturidade. Estendendo-lhe as mãos encarquilhadas e trêmulas, Célia notou pequena cruz a penderlhe do peito, fóra da toga descolorida e surrada.

Grandemente emocionada e compreendendo que se encontrava á frente de um velho cristão, murmurou humilde:

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

—Para sempre, minha filha! — respondeu o ancião, esboçando num sorriso o júbilo que aquela saudação lhe causava. — Entrai na choupana do mísero servo do Senhor e disponde dele, vosso servo, igualmente.

A filha de Helvídio Lucius explicou, então, que se encontrava no mundo ao desamparo, com um filhinho de poucos dias, abençoando a hora feliz de bater á porta

de um cristão, que, desde aquele instante, passaria a encarar como um mestre. Desde logo, estabeleceu-se entre ambos uma cordialidade e um afeto mútuos tão expressivos, tão puros, que pareciam radicados na Eternidade.

Ouvindo-lhe a história, o ancião de Minturnes falou-lhe com brandura e sinceridade:

— Depois de examinar a tua situação, minha filha, has de permitir te assista como um pai ou irmão mais velho, na fé e na experiência. É que, tambem eu tive uma filha, perdida ha pouco tempo, justamente quando vinha buscá-la para acompanhar-me no meu voluntario e bendito degredo na África... Parecia-se extraordinariamente contigo e terei grande ventura se me olhares com a mesma simpatia que me inspirastes. Ficarás nesta casa o tempo que quiseres, ou necessitares... Vivo só, após uma existência fértil de prazeres e de amarguras... Antigamente, a afeição de uma filha ainda me prendia o coração a cogitações mundanas, mas agora vivo somente da minha fé em Jesus Cristo, esperando que a sua palavra de misericordia me chame breve ao seu reino, para a verificação da minha indigencia!

Sua voz entrecortava-se de suspiros, como se os mais atrozes padecimentos íntimos lhe azorragassem o coração, ao evocar reminiscencias.

— Ha mais de um ano — continuou — aguardo oportunidade para regressar á Alexandria, mas o deperecimento físico parece advertir-me que em breve serei forçado a entregar o corpo á terra da Campânia, mau grado o desejo de morrer no pouso solitário aonde transportei o meu espírito...

Enquanto êle fazia uma pausa, a jóven aventou despreocupadamente:

— Sois romano, presumo, pelos traços inconfundiveis da vossa fisionomia patrícia.

Fitando-a bem nos olhos, como se quissesse certificar-se de toda a pureza e simplicidade dalma da sua interlocutora, o ancião respondeu pausadamente:

— Filha, tua condição de cristã e a candidez que

se irradia de tua alma obrigam-me a maior sinceridade para contigo!...

Nesta cidade ninguem me conhece, tal como sou!... Desde o dia em que me consagrei á instituição cristã, da qual participo no Egito longinquo, chamo-me Marinho para todos os efeitos. Dentro da nossa comunidade de homens sinceros e crentes, desprendidos dos bens materiais, fizemos voto solene de renuncia a todas as regalias efêmeras da Terra, a todas as suas alegrias, de modo a nos unirmos ao Senhor e Mestre com a compreensão clara e profunda da sua doutrina. Enquanto os déspotas do Império tramam a morte do Cristianismo supondo aniquilá-lo com o suplício dos adéptos, fóra de Roma organizam-se as fôrças poderosas que hão de agir no futuro, em defesa das idéias sagradas! Em todas as províncias da Ásia e da África os cristãos se articulam em sociedades pacíficas e laboriosas, e guardam os escritos preciosos dos Discípulos do Senhor e dos seus seguidores abnegados, protegendo o tesouro dos crentes para uma posteridade mais piedosa e mais feliz!...

Enquanto Célia o escutava com carinhoso interêsse, o ancião de Minturnes continuava, depois de uma pausa, como que preparando o proprio pensamento para maior clareza das suas recordações.

— A outrem, filha, não poderia confiar o que te revelo esta noite, levado por um impulso do coração... Talvez meu espírito esteja acercando-se do sepulcro e o Mestre Amado queira advertir, indiretamente, a alma culpada e dolorida. Ha qualquer cousa que me compele a confessar-te o passado com as suas inquietudes e incertezas... Não poderia explicar-te o que seja... Sei, apenas, que a inocencia do teu olhar de cristã, de filha piedosa e meiga, faz-nascer-me no peito exhausto os bens divinos da confiança!...

— Meu verdadeiro nome é Lésio Munácio, filho de antigos guerreiros, cujos ascendentes se notabilizaram nos feitos da República... Minha mocidade foi uma esteira longa de crimes e desvios, aos quais se entregou o meu espírito fragil, visto o desconhecimento do ensino de Jesus... Não trepidei, noutros tempos, em brandir a

espada homicida, disseminando a ruina e a morte entre os sêres mais humildes e desprezados... Auxiliei a perseguição aos núcleos do cristianismo nascente, levando mulheres indefesas ao martírio e á morte, nos dias das festas execraveis!... Ai de mim, porém!... Mal sabia que um dia ecoaria em meu íntimo a mesma voz divina e profunda que soôu para Paulo de Tarso a caminho de Damasco! Depois dessa vida aventurosa, casei-me tarde, quando as flores da juventude já se despetalavam no outono da vida! Antes não o fizesse!... Para conquistar o afeto da companheira, fui compelido a gastar o impossivel, lançando mão de todos os recursos! Sem preparação espiritual, construí o lar sôbre a indigencia mais triste! Em pouco tempo, uma filhinha graciosa vinha iluminar o âmago escuro das minhas reflexões sôbre o destino, mas, atormentado pelas necessidades mais duras afim-de mantermos em Roma o nosso padrão de vida social, sentí que a pobre espôsa, tomada de ilusões, não beberia comigo o cálice da pobreza e da amargura! Com efeito, em breve o meu lar estava ultrajado e deserto!... O questor Flávio Hylas, abusando da amizade e da confiança que lhe dispensava, seduziu minha mulher desviando-a ostensivamente do santuário doméstico, para escarneo de minhas esperanças e de meus sofrimentos... Desejei sucumbir para furtar-me á vergonha, mas o apêgo á filhinha me advertia que êsse gesto extremo significava apenas covardia.. Pensei, então, em procurar Flávio Hylas e a espôsa infiél, para trucidá-los sumariamente com um golpe de espada, mas, quando buscava realizar o sinistro intento, encontrei um velho mendigo junto ao templo de Serapis, que me estendeu a dextra dilacerada, não para implorar esmola, mas para dar-me um fragmento de pergaminho que tomei sôfrego, como se recebesse secreta mensagem de um amigo. Depois de alguns passos, reconhecí com assombro que ali se achavam grafados alguns pensamentos de Jesus Cristo e que depois vim a saber serem os do Sermão da Montanha... Junto a esse hino dos bem-aventurados, estava a participação de que alguns amigos do Senhor se reuniriam junto dos

velhos muros da Via Salária, naquela noite!... Retrocedí para colher informes do mendigo, mas não o encontrei, nem pude jamais obter notícias dele. Aqueles ensinamentos do Profeta Galileu encheram-me o coração... Parece que somente nas grandes dores pode a alma humana sentir a grandeza das teorias do amor e da bondade... Voltei á casa sem cumprir os malsinados propositos e considerando a inocencia de minha filha, cujos carinhos infantís me concitavam a viver, fui á assembléia cristã onde tive a felicidade de ouvir prégadores valorosos e abnegados, das verdades divinas. Lá se congregavam homens sofredores e humilhados, entre os quais alguns conhecidos meus, que as furias políticas haviam atirado ao sofrimento e ao ostracismo... Criaturas humildes ouviam a Boa-Nova, de mistura com elementos do patriciado, que as circuntancias da sorte haviam conduzido á adversidade... Para todos, a palavra de Jesus constituia um consolo suave e uma energia misteriosa... Em todos os semblantes, á claridade triste das tochas, surgia uma expressão de vida nova, que se comunicou ao meu espírito cansado e dolorido... Naquela noite regressei á casa como se houvera renascido para enfrentar a vida! No dia seguinte, porem, quando menos o esperava na quietação de minha alma, eis que um pelotão de soldados me cercava a residencia e conduzia-me ao carcere, sob a mais injusta acusação... É que, naquela noite, o inditoso Flávio Hylas fôra apunhalado em misteriosas circunstâncias. Diante do seu cadaver, minha propria mulher jurou fôra eu o assissino. Arguida a calúnia, busquei interpôr minhas relações de amizade para recuperar a liberdade e poder cuidar da pobre filha recolhida, então, por mãos generosas e humildes do Esquilino; mas os amigos responderam-me que só o dinheiro poderia movimentar, a meu favor os aparelhos judiciários do Império, e eu já não o possuia... Abandonado no cárcere, impossibilitado de justificar-me, visto haver comparecido á assembléia cristã naquela noite, preferí silenciar a comprometer os que me haviam proporcionado consolação ao espírito abatido... Espesinhado nos meus sentimentos mais sagra-

dos, esperei as decisões da justiça imperial, tomado de indefinivel angústia. Afinal, dois centuriões foram notificar-me a sentença iniqua. As autoridades, considerando a extensão do crime, cassavam-me todos os títulos e prerrogativas do patriciado, condenando-me á morte, visto o questor assassinado ter sido homem da confiança de Cesar... Recebi a sentença quasi sem surpresa, embora desejasse viver para servir áquele Jesus, cujos ensinos grandiosos haviam sido a minha luz nas sombras espessas do cárcere e cumprir, igualmente, os deveres paternais para com a filhinha abandonada pela ternura materna... Esperei a morte com o pensamento em prece, mas, a esse tempo existia em Roma um homem justo, pouco mais moço que eu, cujo pai fôra camarada de infância do meu progenitor. Esse homem, conhecia o meu carater defeituoso, mas leal. Chamava-se Cnéio Lucius e foi pessoalmente a Trajano advogar a causa da minha liberdade. Afrontando as iras de Augusto, não trepidou em lhe solicitar clemencia para o meu caso e conseguiu que o Imperador comutasse a pena para o banimento da Côrte, com a supressão de todas as regalias que o nome me outorgava...

Enquanto o ancião fazia uma pausa, a jóven começou a chorar, comovidamente, em face da alusão ao avô, cuja lembrança lhe enchia o íntimo de vivas saudades.

— Uma vez livre — prosseguiu o velho de Minturnes — aproximei-me de antigos companheiros que comigo haviam provado do mesmo cálice com as perseguições de ordem política e que já partilhassem da mesma fé em Jesus Cristo... Banidos de Roma e humilhados, dirigimo-nos á África, onde fundámos um pouso solitário, não longe de Alexandria, afim de cultivarmos o estudo dos textos sagrados e conservar, simultaneamente, os tesouros espirituais dos apóstolos.

Deixando a Capital do Império, confiei minha única filha a um casal amigo, cuja pobreza material não lhe deslustrava os sentimentos nobres. Provendo o futuro da filhinha com todos os recursos ao meu alcance, partí para o Egito cheio de novos ideais, á luz da nova

crença! Nas severas meditações e austeros exercícios espirituais a que me submetí, cheguei a olvidar as grandes lutas e penosas amarguras do meu destino!... O descanso da mente em Jesus aliviou-me de todos os pesares. O único élo que ainda me prendia á Peninsula era justamente a filha, então já moça, e cuja afetividade desejava transportar para junto de mim, na Africa longinqua... Depois de vinte anos no seio da nossa comunidade, em preces e meditações proveitosas, solicitei do nosso diretor espiritual a necessária permissão para recolher um familiar ao nosso retiro. Referi-me a um familiar, pois desejava convencer minha pobre Lésia de que deveria partir em minha companhia, em trajes masculinos, considerando o ensino de Jesus de que existem no mundo os que se fazem eunucos por amor a Deus... Os estatutos da comunidade não permitem mulheres junto de nós outros, por decisão de Aufídio Prisco, ali venerado como chefe, sob o nome de Epiphanio... Não era meu proposito menosprezar as leis da nossa ordem e sim arrebatar a filhinha ao ambiente de seduções desta época de decadencia em que as intenções mais sagradas são colhidas pelos lobos da vaidade e da ambição, que ululam no caminho... Desejaria conservá-la, junto de mim, no mais santo dos anonimatos, até que conseguisse modificar as disposições de Epiphanio, acerca-dos regulamentos da nossa ordem, atentas as circunstâncias especiais da minha vida!...

Obtendo a necessária permissão para vir á Peninsula, aqui aportei ha quasi dois anos, experimentando a angústia de reencontrar minha Lésia nos derradeiros instantes de vida... Descrever-te meu sofrimento com a separação da filha querida, depois de ausente tantos anos e de haver acariciado tão grandes esperanças, é tarefa superior ás minhas fôrças... Acompanhei-lhe os despojos ao sepulcro, para onde mandei transportar pouco depois os dos carinhosos amigos que lhe haviam servido de pais, tambem vitimados pela peste, que, ha tempos flagelou toda a população de Minturnes!...

Ai de mim, que não mereci senão angústias e tormentos, nas estradas ásperas da existencia, em vista dos meus crimes inominaveis na juventude!...

Resta-me, contudo, a esperança no amor do Cordeiro de Deus, cuja misericórdia veiu a este mundo nos arrebatar da humilhação e do pecado... Avizinhando-me do túmulo, rogo ao Senhor que me não desampare... Além do sepulcro, sinto que esplende a luz dos seus ensinamentos, num Reino de paz misericordiosa e compassiva! Certamente, lá me esperam a filha idolatrada e os amigos inesqueciveis. A terra florescente da Campânia, pressinto-o, guardará em breve o meu corpo combalido; mas, alem das fôrças exhaustas da vida material, espero encontrar a verdade consoladora da nossa sobrevivencia! Receberei de boa vontade o julgamento mais severo, do meu passado delituoso, e, renunciando a todos os sentimentos pessoais, hei de aceitar plenamente os designios de Jesus na sua justiça equânime e misericordiosa!...

O ancião de Minturnes falava comovido, com o olhar lúcido, fixo no Alto, como se estivesse diante de um plenario celeste, com a serenidade da sua fé robusta e ardente.

Mas, chegando ao termo das confidências dolorosas, observou que Célia tinha os olhos razos de lágrimas, a ponto de não poder falar de pronto, tal a comoção que lhe estrangulava a voz no imo do peito dolorido.

— Por que choras minha filha — ajuntou com brandura — se a minha pobre história de velho não te pode interessar diretamente o coração?

A filha de Helvídio não respondeu, dominada pela emoção do momento, mas o ancião continuava, surprêso e melancólico.

— Acaso terás tambem uma história amargurada quanto a minha? Apesar da fé ardente que pressinto em teu espírito, não se justifica tamanha sensibilidade espiritual na tua idade. Dize, filha, se tens o coração igualmente tocado por uma úlcera dolorosa... Se as dores te pesam na alma desiludida, recorda a palavra do Mestre quando exortava em Cafarnaum: — "Vinde a mim todos vós que trazeis no íntimo os tormentos do mundo e eu vos aliviarei!..." É verdade que não estás

á frente do Messias de Deus, mas, ainda aqui, deveremos lembrar a lição de Jesus aceitando o carinho do Cirineu que o ajudou a carregar a cruz!... Ele que era a personificação de toda a energia do amor, não hesitou em aceitar o amparo de um filho humilde do infortunio... Tambem eu sou um mísero pecador, filho das provações mais ásperas e espinhosas; mas, se puderes, lê em meu coração e verás que no meu intimo palpita, por tí, a afetividade de um pai. Tua presença desperta-me inexplicavel e misteriosa simpatia... Confiei ao teu espírito o que daria somente á filhinha adorada, que me precedeu nas sombras do túmulo. Se te sentes sobrecarregada dos pesares do mundo, dize-me algo de tuas dores. Repartirás comigo os teus sofrimentos e a cruz das provas te parecerá mais leve!...

Ouvindo aquelas exortações carinhosas e espontaneas, que não mais escutara desde a morte do avô, cujo nome fôra alí pronunciado pelo ancião de Minturnes como um ponto de referencia á sua confiança, Célia, depois de acomodar o pequenino adormecido, sentou-se ao lado do seu benfeitor com a intimidade de quem o conhecesse de muito tempo, e, com a voz entrecortada de reticencias da sua emoção profunda, começou a falar:

— Se me tendes chamado filha, permitireis vos beije as mãos generosas, chamando-vos pai, pelas afinidades mais santas do coração.

Acabastes de invocar um nome que me obriga a chorar de emoção, no tumulto de recordações tambem amargas e dolorosas... Confiarei em vós, qual o fiz sempre no carinhoso avô, que relembrastes agradecido. Tambem eu venho de Roma pelos mesmos caminhos ásperos de amargor e sacrifício. Reconhecida á vossa confiança, revelarei igualmente o meu romance infortunoso, quando a mocidade parecia sorrir-me em plena floração primaveril. Abandonada e só, receberei, por certo, da vossa experiencia nas estradas da vida o bom conselho que me habilite a fixar-me em qualquer parte, afim-de cumprir a missão de mãe, junto dêste pobre inocentinho! Desde Roma, venho experimentando a mais atroz necessidade de me comunicar com um coração afe-

tuoso e amigo, que me possa orientar e esclarecer. Nas minhas caminhadas encontrei por toda parte homens impiedosos, que me envolviam com olhares de corrupção e voluptuosidade... Alguns chegaram a insultar minha castidade, mas roguei insistentemente a Jesus a oportunidade de encontrar um espírito benfazejo e cristão, que me fortalecesse!...

Sentindo-se tomada de inexplicavel confiança, enquanto o velhinho de Minturnes a ouvia surpreso, embora a imensa serenidade que lhe transparecia do olhar, a filha de Helvídio Lucius começou a desfiar o seu romance, cheio de lances intensos e comovedores. Confessando-se neta do magnanimo Cnéio, o que sensibilizou profundamente o interlocutor, narrou-lhe todos os episodios da sua vida, desde as primeiras contrariedades de menina e moça, na Palestina, e terminando a longa narrativa com a visão do avô, na noite precedente, quando forçada a pernoitar na gruta de Tibério.

Ao concluir, tinha os olhos inchados de chorar, como alguem que muito se demorara em alijar do coração o peso da amargura.

O ancião alisava-lhe os cabelos, comovidamente, como se o fizesse á uma filha, após longa ausencia repleta de saudades augustiosas, exclamando por fim:

— Minha filha, propondo-me confortar-te, é o teu proprio coração de menina, nos mais belos exemplos de sacrifício e coragem que me consola!... Para mim, que, muitas vezes agasalhei o mal e extraviei-me no crime, os sofrimentos da Terra significam a justiça dos destinos humanos; mas para o teu espírito carinhoso e bom, as provações terrestres constituem um heroismo do céu!... Deus te abençõe o coração fustigado pelas tempestades do mundo, antes das florações da primavera. Das alegrias do Reino de Jesus, Cnéio Lucius deverá regosijar-se no Senhor pelos teus heroicos feitos... Sinto que a sua alma, enobrecida na prática do bem e da virtude, segue-te os passos como sentinela fidelissima!...

Depois de longa pausa, em que Marinho pareceu meditar no futuro da graciosa companheira, disse paternalmente:

— Enquanto narravas teus padecimentos íntimos considerava eu a melhor maneira de ajudar-te neste meu ocaso da vida! Compreendo a tua situação de jóver abandonada e só, no mundo, com o pesado encargo de cuidar de uma criancinha acolhida em tão estranhas circonstancias. Aconselhar que voltes ao lar, não posso fazê-lo, conhecendo a rigidez dos costumes em determinadas familias do patriciado. Além disso, a casa paterna considera-te morta para sempre, e a palavra carinhosa de Cnéio Lucius só poderia ter valor inestimavel para nós, que lhe compreendemos o alcance e a sublime revelação. Ante os seus conceitos, temos de admitir a plena inocencia de tua mãe, mas, se regressares á Roma, a aparição desta noite não bastaria para elucidar todos os problemas da situação, mantendo-se as mesmas caracteristicas de suspeição a teu respeito. E tu sabes que entre a dúvida e a verdade é sempre melhor o sacrifício, pois a verdade é de Jesus e vencerá tão logo a sua misericórdia julgue a vitória oportuna.

Velho conhecedor dos nossos tempos de decadencia e desmantelos morais, sei que, ante a tua juventude, quasi todos os homens moços, cheios de materialidade, se curvarão com ignominiosas propostas. A destruição do meu lar será sempre um atestado vivo das misérias morais da nossa época.

Ponderando as tuas dificuldades, desejo salvar-te o coração de todos os perigos, evitando-te as ciladas dos caminhos insidiosos; entretanto, a enfermidade e a decrepitude não me possibilitam mais a tua defesa... Em Minturnes, quasi todos me odeiam gratuitamente, em virtude das idéias que professo. Um cristão sincero, por muito tempo ainda, terá de sofrer a incompreensão e a tortura dos algozes do mundo, e somente não me levam ao sacrifício, nas festas regionais que aqui se efetuam, atenta a minha velhice avançada e dolorosa, de rugas e cicatrizes... Apresentar um velho mísero ás feras potentes ou ao exercício dos atletas da devassidão e da impiedade, poderia parecer entranhada covardia, razão pela qual me julgo poupado.

Não possuo, pois, nenhuma relação de amizade que te possa valer neste transe.

Lembra-te que, ainda agora, falei-te do meu antigo projeto de levar a filha ao Egito, em trajes masculinos, de modo a arrebata-la dêste antro de corrupção e impenitencia. Esse gesto de um pai é bem de um coração amoroso, em franco desespêro, quanto ao porvir espiritual desta região da inquidade.

Contemplando a tua ínerme juventude carregada de tão nobres sacrifícios, receio pelos teus dias futuros, mas rogo a Jesus que nos esclareça o pensamento!

Após alguns minutos de recolhimento, a jóven retrucou:

— Mas, meu desvelado amigo, não me considerais como vossa propria filha?...

O ancião de Minturnes, no clarão sereno dos grandes olhos, deixou transparecer que entendera a alusão e revidou bondosamente:

— Compreendo, filha, o alcance de tuas palavras, mas, estarás sinceramente decidida a mais êsse nobre sacrifício?

— Como não, se em tôrno de mim surgem as mais temerosas perseguições?

— Sim, tuas ações nobilíssimas dão-me a entender que devo confiar nas tuas resoluções. Pois bem; se teu espírito se sente disposto á luta pelo Evangelho, não vacilemos em preparar-te as estradas porvindouras! Ficarás nesta casa pelo tempo que desejares, se bem esteja convicto de que não tardará muito a minha viagem para o alem. Amanhã mesmo entrarás nos teus novos trajes, afim-de facilitar a tua ida para a África, no momento oportuno. Serás *meu filho* aos olhos do mundo, para todos os efeitos. Chamarei amanhã á esta casa o pretor de Minturnes, afim-de que êle cuide da tua situação legal, caso eu venha a falecer. Tenho o dinheiro necessário para que te transportes a Alexandria e, antes de morrer, deixar-te-ei uma carta apresentando-te a Epiphanio, como meu sucessor legítimo na séde da nossa comunidade. Lá, tendo empregadas todas as derradeiras economias que conseguí retirar de Roma

nos tempos idos, é possivel que não te criem embaraços para que te entregues á uma vida de repouso espiritual na prece e na meditação, durante os anos que quiseres.

Epiphanio é um espírito energico e algo dogmatico em suas concepções religiosas, mas tem sido meu amigo e meu irmão por largos anos, durante os quais as mesmas aspirações nos uniram nesta vida. Ás vezes, costuma ser ríspido nas suas decisões, caracterizando tendencias para o sacerdócio organizado, que o cristianismo deve evitar com todas as suas fôrças, para não prejudicar o messianismo dos apóstolos do Senhor; mas, se algum dia fôres ferida por suas austeras resoluções de chefe, lembra-te que a humildade é o melhor tesouro da alma, como chave-mestra de todas as virtudes e recorda a suprema lição de Jesus nos braços do madeiro!... Em todas as situações, a humildade póde entrar como elemento básico de solução para todos os problemas!...

— Sim, meu amigo, sinto-me abandonada e só no mundo e temo o assédio dos homens pervertidos! Jesus me perdoará a decisão de adotar outros trajes aos olhos dos nossos irmãos da Terra, mas, na sua bondade infinita, sabe êle das necessidades prementes que me compelem a tomar essa insólita atitude. Além do mais, prometo, em nome de Deus, honrar a túnica que vestirei, possivelmente, em Alexandria, a serviço do Evangelho... Levarei comigo o filhinho que o Céu me concedeu, e suplicarei a Epiphanio me permita velar por êle sob o céu africano, com as bençãos de Jesus!

— Que o Mestre te abençôe os bons propositos, filha!... — respondeu o ancião com uma expressão de júbilo sereno.

Ambos se sentiam dominados por intensa alegria íntima, como se fôssem duas almas profundamente irmanadas de outros tempos, num reencontro feliz, depois de prolongada ausencia.

Mas, os galos de Minturnes saudavam os primeiros clarões da madrugada. Beijando as mãos do velho benfeitor, com os olhos razos de lágrimas, a jóven patrícia buscou, desta vez, o repouso noturno com a alma

satisfeita, sem as angustiosas preocupações do dia seguinte, e agradecendo a Jesus com a oração do seu amor e do seu reconhecimento.

No outro dia, a gente pobre daquele arrabalde de Minturnes ficou sabendo que um filho do ancião chegara de Roma para assistir-lhe os dias derradeiros.

Aproveitando os trajes antigos, que o seu benfeitor lhe apresentava para resolver a situação, Célia não hesitou em tomar a nova indumentária, por fugir á perseguição irreverente de quantos poderiam abusar da sua fragilidade feminina.

O velho Marinho apresentava-a aos raros vizinhos que se interessavam pela sua saúde, como sendo um filho muito caro, e explicando que êle enviuvara recentemente, trazendo o netinho para iluminar as sombras da sua desolada velhice.

A filha dos patrícios, travestida agora pela fôrça das circunstâncias num garboso rapaz imberbe, ocupava-se carinhosamente de todos os serviços domésticos, buscando servir ao ancião generoso com a mais desvelada solicitude.

Um fato, porém, veiu impressionar amargamente o coração sensivel de Célia. Fôsse pelo trato deficiente que recebera até alí, ou pelas provações suportadas em tantas milhas de caminho, o pequenito começou a definhar, apresentando, em breve todos os sintomas de morte inevitavel.

Debalde o ancião empregou todos os recursos ao seu alcance, para assegurar a vida bruxoleante do inocentinho.

Tocada nas fibras mais sensiveis do seu coração, em virtude das revelações do avô, quanto á personalidade de Ciro, a jóven sentiu no íntimo dorido a repercussão dilatada de todos os padecimentos físicos do pequenino. Desejava amparar-lhe a existência com todas as energias do seu espírito dilacerado, operar um milagre com todas as suas fôrças afetuosas para arrebatá-lo ás garras da morte, mas, em vão misturou lágrimas e preces nos seus arrebatamentos emotivos.

Em contemplando-lhe a agonia, a criança parecia

falar-lhe á alma carinhosa e sensivel, com o olhar cintilante e profundo, no qual predominavam as expressões de uma dor estranha e indefinivel.

Por fim, após uma noite de insonia dolorosa, Célia rogou a Jesus fizesse cessar, na sua misericordia, aquele quadro de intensa amargura. Cheia de fé, rogava ao Cordeiro de Deus que reconduzisse o seu bem-amado ao plano espiritual, se êsses eram os seus designios inexcrutaveis. Ela que tanto o amava e tanto se havia sacrificado para conservar-lhe a luz da vida, estaria conformada com as decisões do Alto, como no dia em que o vira marchar para o sacrifício, exposta á perversidade dos homens impiedosos.

Como se fôra ouvida a sua rogativa dolorosa, cheia de lágrimas de fé e de esperança na bondade do Senhor, o inocentinho fechou os olhos da carne, para sempre, ao desabrochar da alvorada, como se o seu coração fôsse uma andorinha celeste que, receosa das invernias do mundo, remontasse célere ao paraiso.

Sôbre o corpinho enrijecido, a filha de Helvídio carpiu a sua dor intraduzivel, com lágrimas ardentes, experimentando a amargura das suas esperanças desfeitas e dos seus sonhos maternos desmoronados...

Todavia, a palavra sábia e evangélica do ancião de Minturnes alí estava para reerguê-la de todos os abatimentos e, depois da hora angustiada da separação, ela buscou entronizar a saudade no santuário de suas preces humildes e fervorosas.

Sim, seu coração carinhoso sabia que Jesus não desampara, nunca, o espírito das ovelhas tresmelhadas nos abismos do mundo e, refugiando-se na oração, esperou que viessem do Alto todos os recursos espirituais necessários ao seu reconforto. Os vizinhos humildes impressionavam-se, sobremaneira, com aquele rapaz, de cujo semblante delicado irradiava-se uma terna simpatia, de mistura á tristeza inalteravel, que tocava a sua personalidade de singulares encantos.

Uma noite serena, quando a alma cariciosa da natureza se havia plenamente aquietado, Célia recolheu-se depois do serão habitual com o generoso velhinho, que

lhe era como um pai devotado pelo coração, sentindo que fôrça estranha lhe adormentava o cérebro exhausto e dolorido.

Dentro em pouco, sem dar-se conta da surpresa e aturdimento, viu-se diante de Ciro, que lhe estendia as mãos carinhosas, com um olhar de súplica e reconhecimento intraduzivel.

— Célia — começou dizendo suavemente, enquanto ela se concentrava em doce emoção para ouvi-lo — não renegues o cálice das provações redentoras, quando as mais puras verdades nos felicitam o coração!... Depois de algum tempo na tua companhia, eis-me de novo aquí, onde devo haurir fôrças novas para recomeçar a luta!... Não entristeças com as circunstancias penosas da nossa separação pelas sendas escuras do destino. És minha ancora de redenção, através de todos os caminhos! Jesus, na infinita extensão de sua misericórdia, permitiu que a tua alma, qual estrêla do meu espírito, descesse das amplidões sublimes e radiosas para clarificar meus passos no mundo. Luz da abnegação e do martírio moral, que salva e regenera para sempre!... Se as mãos sábias e justas de Deus me fizeram regressar aos planos invisiveis, regosijemo-nos no Senhor, pois todos os sofrimentos são premissas de uma aventura excelsa e imortal! Não te entregues ao desalento, porque, antigamente, Célia, meu espírito se tingiu de luto quasi perene, no fausto de um tirano! Enquanto brilhavas no Alto como um astro de amor para o meu coração cruél, decretava eu a miséria e o assassínio! Abusando da autoridade e do poder, da cultura e da confiança alheias, não trepidei em destruir esperanças cariciosas, espalhando o crime, a ruina e a desolação em lares indefesos! Fui quasi um réprobo, se não contasse com o teu espírito de renúncia e dedicação ilimitadas! Ao passo que eu descia, degrau a degrau, a escada abominavel do crime, no pretérito longinquo e doloroso, teu coração amoroso e leal rogava ao Senhor do Universo a possibilidade do sacrifício!... E, sem medir as trevas agressivas e pavorosas que me cercavam, desceste ao cárcere de minhas impenitencias!... Espalhaste em tôrno da minha miséria

o aroma sublime da renúncia santificante e eu acordei para os caminhos da regeneração e da piedade! Tomaste-me das mãos, como se o fizesses á uma criança desventurada e ensinaste-me a erguê-las para o Alto, implorando a proteção e misericórdia divinas! Já de alguns séculos teu espírito me acompanha com as dedicações santificadas e supremas! É que as almas gemeas preferem chegar juntas ás regiões sublimes da Paz e da Sabedoria, e, dentro do teu amor desvelado e compassivo, não hesitaste em me estender as mãos dedicadas e generosas, como estrêla que renunciasse ás belezas do céu para salvar um vérme atolado num pântano, em noite de trevas perenes. E acordei, Célia, para as belezas do amor e da luz, e, não contente ainda, por me despertares, vens-me auxiliando a resgatar todos os débitos onerosos... Teu espírito, carinhoso e impoluto, não vacilou em sustentar-me, através das estradas pedregosas e tristes que eu havia traçado com a minha ambição terrivel e desvairada! Tens sido o ponto de referencia para minha alma em todos os seus esforços de paz e regeneração, na reconquista das glorias espirituais. Ao teu influxo pude testemunhar minha fé, no circo do martírio, selando, pela primeira vez, minha convicção em pról da fraternidade e do amor universal! Por ti, desterro de mim o egoismo e o orgulho, sustentando todas as batalhas íntimas, na certeza da vitória! Voltando ao mundo, fui novamente arrebatado dos teus braços materiais, em obediencia ás provas ríspidas que ainda terei que sustentar por largo tempo! Jesus, porém, que nos abençôa do seu trono de luz e misericórdia, de perdão e bondade infinita, permitirá que esteja contigo nos teus testemunhos de fé e humildade, destinados á exaltação espiritual de todos os sêres bem amados, que gravitam na órbita dos nossos destinos! E se Deus abençoar minhas esperanças e minhas preces sinceras, voltarei de novo para junto do teu coração, nas lutas ásperas!... Espera e confia sempre!... Na sua magnanimidade indefinivel, permite o Senhor possamos voltar dos caminhos almos do túmulo, para consolar os corações ligados ao nosso e ainda retidos nos tormentos da

carne... Sómente lá, nas moradas do Senhor, onde a ventura e a concordia se confundem, poderemos repousar no amor grande e santo, marchando de mãos dadas para os triunfos supremos, sem as inquietações e provas rudes do mundo!...

Por muito tempo a voz cariciosa de Ciro falou-lhe ao coração, propinando-lhe ao espírito sensivel as mais santas consolações e as mais doces esperanças! No auge do seu deslumbramento espiritual, a jóven cristã experimentou as mais comovedoras alegrias, desejando que aquele minuto glorioso se prolongasse ao Infinito...

Quando a palavra do bem amado parecia finalizar cum um brando estacato, em vibrações silenciosas e profundas, Célia rogou-lhe que a acompanhasse em todos os seus lances terrestres, implorando-lhe assistencia e proteção em todas as circunstâncias da vida; confiou-lhe seus pesares mais secretos e angustiosas espectativas, quanto á nova situação, mas Ciro parecia sorrir-lhe bondosamente, prometendo-lhe carinho incessante, através de todos os percalços e reafirmando a sua confiança no amparo do Senhor, que não haveria de abandoná-los...

No dia seguinte, ei-la reanimada, deixando transparecer no semblante a serenidade íntima do seu espírito.

O velhinho notou, com alegria, aquela mudança e, como se estivesse em preparativos constantes para a jornada do túmulo, não perdeu o ensejo para esclarecer á jóven todos os problemas que a esperavam na vida solitaria de Alexandria. Com solicitude extrema, dava-lhe notícia de todos os pormenores da vida nova a encetar, fornecendo-lhe o nome de antigos companheiros de fé e dando conta de todos os costumes da comunidade.

Célia, em trajes masculinos, ouvia-lhe a palavra carinhosa e benevolente, com o desejo íntimo de prolongar indefinidamente aquela vida bruxoleante, de modo a nunca mais separar-se daquele coração bondoso e amigo; mas, ao revés de suas mais caras esperanças, o estado do ancião agravou-se repentinamente. Todos os esforços foram baldados para lhe restituir o tónus vital do plano físico e, assistido pela jóven, que tudo fazia por vê-lo restabelecido, o velho Marinho recebeu a visita do pretor da

cidade, que, cedendo a instantes pedidos, vinha receber-lhe as derradeiras recomendações.

Apresentando a jóven como filho, o moribundo ordenou que lhe fôssem entregues todas as suas parcas economias, antecipando que ele deveria partir para a África, tão logo se verificasse o seu óbito.

— Marinho — interpelou a autoridade, depois das necessárias anotações — será possivel que este jóven participe das tuas superstições?

O generoso velhinho compreendeu o alcance da pergunta e respondeu com desassombro:

— De mim e por mim, não precisareis cogitar das convicções religiosas, aquí de todos conhecidas, desde que entrei nesta casa! Sou cristão e saberei morrer, integro na minha fé!... Quanto a meu filho, que deverá partir para Alexandria, afim-de amparar nosos interesses particulares, tem o espírito livre para escolher a idéia religiosa que mais lhe aprouver.

O pretor olhou com simpatia para o jóven triste e abatido, e exclamou:

— Ainda bem!...

Despedindo-se do moribundo, cujos instantes de vida pareciam prestes a extinguir-se, a autoridade deixava-os ambos com a precisa liberdade para trocarem as derradeiras impressões.

Marinho fez ver, então, á sua pupila, que aquela resposta habil destinava-se a fazer com que o pretor de Minturnes lhe cumprisse a vontade, sem relutancias, dentro dos dispositivos legais, recomendando-lhe todas as providências que a sua morte exigiria da sua inexperiencia. Célia ouvia-lhe as exortações roucas e entrecortadas, extremamente acabrunhada, mas, como em todas as penosas circunstâncias da sua vida, confiava em Jesus.

Após uma agonia excruciante de longas horas em que a filha de Helvídio viveu momentos de indescritivel emoção, o generoso Marinho abandonava o mundo, após uma existência longa, povoada de pesadelos terriveis e dolorosos. Seus olhos se fecharam para sempre, com uma lágrima, ao tombar do dia. Piedosamente, diante de alguns raros assistentes, Célia fechou-lhe as pálpebras, num

gesto carinhoso e, ajoelhando-se, como se quisesse transformar as brisas da tarde em mensageiras dos seus apelos ao céu, deixou que o coração se diluisse em lágrimas de saudade, suplicando a Jesus recebesse o benfeitor no seu reino de maravilhas, concedendo-lhe um recanto de paz onde a alma exhausta lograsse esquecer as tormentas dolorosas da existência material.

Dada a sua qualidade de cristão confesso, o velho de Minturnes teve uma sepultura mais que singela, que a filha do patrício encheu com as flores do seu afeto e mergulhando na sombra de uma soledade quasi absoluta.

Dentro de poucos dias, o pretor entregou-lhe a pequena soma que Marinho lhe deixava, um pouco mais que o suficiente para a viagem em demanda da África distante. E, numa radiosa manhã de primavera, carregando no íntimo a sua serenidade triste e inalteravel, a moça cristã, depois de uma prece longa e angustiosa sôbre os túmulos humildes do pequenino e do ancião, na qual lhes rogava proteção e assistência, tomou o lugar que lhe competia numa galera napolitana que periodicamente recebia passageiros para o Oriente.

Sua figura triste, metida em roupas masculinas, atraía a atenção de quantos lhe faziam companhia eventual no grande cruzeiro pelo Mediterrâneo, mas, profundamente desencantada do mundo, a jóven se mantinha em silêncio quasi absoluto.

O desembarque em Alexandria verificou-se sem incidentes dignos de menção. Todavia, seguindo as recomendações do benfeitor junto dos seus conhecidos da cidade, viera a saber que o monastério demorava a algumas milhas de distância, pelo que houve de tomar um guia até o local do seu recolhimento.

O mosteiro, isolado, distava da cidade dez léguas mais ou menos, em marcha de quasi um dia, apesar dos bons cavalos atrelados ao veículo.

A filha de Helvídio defrontou o grande e silencioso edifício na hora crepuscular, empolgada pela visão do casario amplo, entre a vegetação agreste. Sentiu, porém, um singular descanso mental, naquela soledade imponente que parecia acolher todos os corações desolados.

Puxando o cordél que ligava o portão de entrada, ouviu, ao longe, os sons de pesada sineta, cujo ruído estranho parecia despertar um gigante adormecido.

Daí a instantes, os velhos gonzos rangiam pesadamente, deixando entrever um homem trajado com uma túnica cinzento-escura, semblante grave e triste, que interpelava a jóven transformada num rapaz de fisionomia tristonha, nestes termos:

— Irmão, que desejais do nosso retiro de meditação e oração?

— Venho de Minturnes e trago uma carta de meu pai, destinada ao Senhor Aufídio Prisco.

— Aufídio Prisco? — perguntou o porteiro admirado.

— Não é êle, aquí o vosso superior?

— Referí-vos ao pai Epifânio?

— Isso mesmo.

— Escutai-me — ponderou o irmão porteiro, complacente — sois, porventura, o filho de Marinho, o companheiro que daquí partiu ha cêrca de dois anos, afim-de vos trazer ao nosso recolhimento?

— É verdade. Meu pai chegou, ha muito tempo, aos portos da Itália, onde nos encontrámos; todavia, sempre doente, não logrou a ventura de acompanhar-me á soledade das vossas orações.

— Morreu? — revidou o interlocutor extremamente admirado.

— Sim, entregou a alma ao Senhor, ha muitos dias.

— Que Deus o tenha em sua santa guarda!

Dito isso, pôs-se a meditar um instante, como se tivesse o pensamento mergulhado em preces fervorosas.

Em seguida, contemplou com muita ternura o jóven humilde e triste, exclamando significativamente:

— Agora que já sei donde vindes e quem sois, eu vos saúdo em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo!

— Que o Mestre seja louvado — respondeu a filha de Helvídio Lucius, com os seus modos singelos.

— Não haveis de reparar vos tenha recebido com prudencia, á primeira vista... Atravessamos uma fase de intensas e amarguradas perseguições, e os servos do

Senhor, no estudo do Evangelho, devem ser os primeiros a observar se os lobos chegam ao redíl com vestes de cordeiro.

— Compreendo...

— Não desejo aborrecer-vos com indagações descabidas, mas, pretendeis adotar a vida monástica?

— Sim — respondeu a jóven timidamente — e assim procedendo, não só obedeço a uma vocação inata, como satisfaço uma das maiores aspirações paternas.

— Estais informado das exigencias desta casa?

— Sim, meu pai mas revelou antes de morrer.

O irmão porteiro deitou o olhar para todos os lados e observando que se encontravam a sós, exclamou em voz discreta:

— Se trazeis a esta casa uma vocação pura e sincera, acredito que não tereis dificuldade em observar as nossas disciplinas mais rígidas; contudo, devo esclarecer-vos que pai Epifânio, como diretor desta instituição, é o espírito mais ríspido e arbitrário que já conhecí na minha vida. Este retiro de oração é fruto de uma experiencia que êle começou com o vosso digno pai, ha mais de vinte anos. A princípio, tudo ia bem, mas, nos últimos anos o velho Aufídio Prisco vem abusando largamente da sua autordiade, maximé, depois da partida do Irmão Marinho para a Itália. Daí para cá, pai Epifânio tornou-se despótico e quasi cruél. Aos poucos vai transformando este pouso do Senhor em caserna de disciplina militar, onde ele recebeu a educação dos primeiros anos.

A neta de Cnéio Lucius ouvia-o profundamente admirada.

Pela amostra da portaria, seu espírito observador compreendeu, de pronto, que o retiro dos filhos da oração estava igualmente assomado das intrigas mais penosas.

Todavia, enquanto coordenava as suas considerações íntimas, o Irmão Felipe continuava:

— Imaginai que o noso superior vem transformando a ordem de todos os ensinamentos, criando as mais incriveis extravagancias religiosas. Em contraposição aos ensinamentos do Evangelho, obriga-nos a chamá-lo "pai" ou "mestre", nomes que o proprio Jesus negou-se a acei-

tar na sua missão divina. Além de inventar toda a sorte de trabalhos para os quarenta e dois homens desencantados do mundo, que estacionam aquí, vem aplicando as lições de Jesus á sua maneira. Se bem nada possamos revelar lá fóra, a bem do carater cristão da nossa comunidade, é lastimavel observar que todo o recinto está cheio de símbolos que nos recordam as festividades materiais dos deuses cruéis. E nada poderemos dizer em tom de crítica ou de censura, porquanto o pai Epifânio manda em nós como um rei.

A jóven ainda não conseguira manifestar a sua opinião, dada a fluência com que o porteiro discoria, quando lhes chegou o ruído de uns passos fortes que se aproximavam. Filipe calava-se, como quem já estivesse habituado á cenas como aquelas, e modificando a expressão fisionomica, exclamou com voz abafada:

— É êle!...

Célia, metida nos seus trajes estranhos e pobres, não conseguiu dissimular o espanto.

No limiar de uma porta ampla, surgia a figura de um velho septuagenário, cujos caracteres fisionomicos apresentavam a mais profunda expressão de convencionalismo e orgulhosa severidade. Vestia-se como um sacerdote romano nos grandes dias dos templos politeistas e, apoiado a uma bengala expressiva, passeava por toda a parte o olhar fulgurante, como a procurar motivos de irritação e desagrado.

— Filipe! — exclamou êle em tom intempestivo.

— Mestre — exclamou o irmão da portaria, com a mais fingida humildade — apresento-vos o filho de Marinho, que o seu coração de pai não pôde acompanhar até aqui, dada a surprêsa da morte, em Minturnes.

Ouvindo aquele esclarecimento inesperado, Epifânio caminhou para o jóven que lhe era inteiramente desconhecido, pronunciando quasi secamente a saudação evangélica, como se fôra um leão utilizando a legenda de um cordeiro:

— Paz em nome do Senhor!

Célia respondeu, conforme o seu venerando amigo lhe havia ensinado antes da morte, entregando ao supe-

rior da comunidade a carta paternal.

Depois de passar rapidamente os olhos pelo pergaminho, Epifânio acentuou com austeridade:

— Marinho deve ter morrido com todo o seu idealismo de uma cigarra.

E como se houvera pronunciado aquele conceito tão sómente para si mesmo, acrescentou com a sua expressão severa, dirigindo-se á jóven:

— Desejas, de fato, permanecer aqui?

— Sim, meu pai — respondeu o suposto rapaz, entre tímido e respeitoso — continuar as tradições de meu pai foi sempre o meu desejo, desde a infancia.

Aquele tom humilde agradou a Epifânio que lhe obtemperou menos agressivo:

— Sabes, porém, que a nossa organização é constituida de cristãos convertidos, que possam cooperar em nossos esforços não somente com o valor espiritual, mas tambem com os recursos financeiros imprescindiveis ás nossas realizações? Teu pai não te deixou pecúlio algum, após haver baixado ao sepulcro em Minturnes?

— Minha herança cifrou-se, apenas ao capital indispensavel á viagem até Alexandria. Entretanto — acentuou inocentemente, — meu pai revelou-me, ha tempos, que a sua pequena fortuna foi empregada aquí, asseverando-me que a administração da casa saberia acolher-me, recordando os seus serviços.

— Ora — revidou Epifânio evidenciando contrariedade — fortuna por fortuna, todos os que descançam neste retiro, tiveram-na no mundo, trazendo os seus melhores valores para esta casa.

— Mas meu pai — implorou Célia com sincera humildade — se existem aqui os que descansam, devem existir igualmente os que trabalham. Se não tenho dinheiro, tenho fôrças para servir a instituição nalguma cousa. Não me negueis a realização de um ideal tanto tempo acariciado.

O superior parecia comovido, revidando com ênfase:

— Está bem. Farei por ti quanto estiver ao meu alcance.

E mandando Filipe ao interior, em busca de um grande livro de apontamentos, iniciou minucioso interrogatorio:

— Seu nome?

— O mesmo de meu pai.

— Onde nasceu?

— Em Roma.

— Onde recebeu o batismo?

— Em Minturnes.

E após as detalhadas inquirições, Epifânio falou lhe ríspido, investido na sua austera superioridade:

—Atendendo á tua vocação e á memória de um velho companheiro, ficarás conosco, laborando nos serviços da casa. Quero, contudo, esclarecer-te que, aqui dentro, faço cumprir rigorosamente o Evangelho do Senhor, de acôrdo com a minha vontade, inspirada do Alto. Depois de muitos anos de experiência, reconhecí que o pensamento evangélico terá de organizar-se segundo as leis humanas, ou não poderá sobreviver para a mentalidade do futuro. Os cristãos de Roma, como os da Palestina, padecem de uma hipertrofia de liberdade que os leva, instintivamente, á disseminação de todos os absurdos. Aqui, todavia, a dsiciplina cristã haverá de caracterizar-se pela abdicação total da propria vontade.

A jóven escutou-o serenamente, guardando no íntimo as suas impressões particulares, de quanto lhe era dado observar, enquanto Epifânio a encaminhava ao interior, apresentando-a aos demais companheiros.

Transformada no Irmão Marinho, Célia passou a viver a sua vida nova, singular e desconhecida.

O mosteiro vasto onde se reuniam mais de quatro dezenas de cristãos ricos, desiludidos dos prazeres do mundo, era bem um dos pontos de partida do segundo século para o catolicismo e para o sacerdócio organizado sôbre bases economicas, eliminatorias de todas as florações do messianismo.

Reparou que alí não mais havia a simplicidade das catacumbas. A simbologia pagã parecia invadir todos os departamentos da casa. Aqueles romanos convertidos não dispensavam as fórmulas de oração aos seus antigos

deuses. Por toda a parte pendiam cruzes grandes e pequenas, talhadas em mármore ou madeira, esculturadas em moldes diversos. Havia salas de preces em que repousavam imagens de Cristo, de marfim e de cêra prateada, dormindo inértes entre verdadeiros tufos de rosas e violetas. O culto exterior do politeismo parecia redivivo, indestrutivel e inelutavel. Para a sua manutenção, notava ela a mesma intriga dos padres flamíneos, de Roma, figurando-se-lhe que o Evangelho, ali, constituia mero pretexto para galvanizar as crenças mortas.

O espírito formalista de Epifânio buscara dotar o estabelecimento de todas as convenções imprescindiveis.

Um sino anunciava a mudança das meditações, a hora do trabalho, das preces, das refeições, e o tempo destinado ao repouso do espírito.

O sentido de espontaneidade, da lição do Senhor no Tiberiades, por conciliar a possibilidade e a necessidade dos crentes, havia desaparecido. A convenção implacavel de Epifânio regulamentava todos os serviços.

O mais interessante é que, naqueles monastérios remotos da África e da Ásia, onde se acolhiam os cristãos receosos das perseguições inflexiveis da Metropole, já existiam as famosas horas do Capítulo, isto é, a reunião íntima de todos os membros da comunidade, para repasto das intrigas e dos pontos de vista individual.

Célia estranhou que dentro de um instituto cristão por excelencia, pudessem vigorar aberrações como essa, que vinha diretamente dos colégios romanos, onde pontificavam sacerdotes flamíneos ou vestais; mas era obrigada a aceitar as ordens superiores, sem deixar transparecer o seu desencanto. Condenando, embora, tais manifestações nocivas do culto exterior, a filha de Helvídio em breve conquistava a admiração e confiança de todos, pela retidão do proceder, a evidenciar os mais elevados atos de humildade e compreensão do Evangelho. De trato amenissimo, com o amavio das suas palavras carinhosas e amigas, o Irmão Marinho transformava-se no íman de todas as atenções, edificando as afeições mais puras naquele convívio singular.

Contudo, alguem havia alí, que guardava o mais ve-

nenoso despeito em face da sua vida pura. Esse alguem era Epifânio, cujo espírito despótico e original se habituara a mandar em todos os corações, com brutalidade e aspereza. A circunstância de nada encontrar no filho do antigo companheiro, que merecesse censura, irritava-lhe o espírito titânico. Nas horas do Capítulo, observava que as opiniões do Irmão Marinho triunfavam sempre, pela sublime compreensão de fraternidade e de amor, de que davam pleno testemunho. A jóven, porém, não obstante estranhar-lhe as atitudes, não podia definir os gestos rudes do superior, dentro da sua candidez espiritual.

Certo dia, na hora consagrada ás intrigas e devassas, que antecederam, no catolicismo o instituto da confissão auricular, cheio de austeridade e artificialismo, Epifânio fez longa preleção sôbre as tentações do mundo, dizendo dos seus caminhos abominaveis e das trevas que inundavam o coração de todos os pecadores, envolvendo todas as cousas da vida na sua condenação e na sua fúria religiosa.

Terminada a palestra fanática, solicitou, ao modo das primeiras assembléias cristãs, que todos os irmãos se pronunciassem sobre a preleção, mas, enquanto todos aprovavam os conceitos, irrestritamente, Célia, na sua inocente sinceridade, replicou:

— Mestre Epifânio, vossa palavra é extremamente respeitavel para quantos laboram nesta casa, mas, peço licença para ponderar que Jesus não deseja a morte do pecador... Suponho justo que nos refugiemos neste retiro, até que passe a onda sanguinária das perseguições aos adéptos do Cordeiro; todavia, amainada a tempestade, acho imprescindivel que regressemos ao mundo, mergulhando-nos em suas lutas dolorosas, porque, sem êsses campos de sofrimento e trabalho, não poderemos dar o testemunho da nossa fé e da nossa compreensão do amor de Jesus.

O diretor espiritual lançou-lhe um olhar sombrio, enquanto toda a assembléia parecia satisfeita com a oportunidade daquele esclarecimento.

— No proximo Capítulo prosseguiremos, então, com os mesmos estudos — disse Epifânio em tom quasi rude,

visivelmente contrariado com o argumento irretorquivel, apresentado contra a sua inovação despótica, em detrimento dos ensinamentos evangelicos.

No dia seguinte, o Irmão Marinho foi chamado ao gabinete do superior, que lhe dirigiu a palavra nestes termos:

— Marinho, nosso Irmão Dioclécio, provedor desta casa ha mais de dez anos, encontra-se alquebrado, doente, e eu preciso confiar esse encargo a alguem, cuja noção de responsabilidade me dispense de sindicancias e cuidados especiais. Dessarte, de amanhã em diante ficarás com o encargo de ir ao mercado mais próximo, duas vezes por semana, de modo a cuidares convenientemente das pequenas provisões do mosteiro.

A joven acolheu a recomendação, agradecendo a confiança a ela deferida e, com semelhante providencia, a palavra de Epifânio nos dias do Capítulo, já não seria perturbada pelas suas observações simples e portadoras dos melhores esclarecimentos evangelicos.

O mercado distava três léguas do convento, porquanto estava situado numa grande povoação na estrada de Alexandria. Dêsse modo, em sua caminhada a pé, sobraçando dois cestos enormes, a filha de Helvídio era obrigada a pernoitar na única estalagem ali existente, visto ter de esperar a parte da manhã seguinte, quando o mercado exibia os seus produtos.

Aquelas jornadas semanais cansavam-na sobremaneira, a princípio, mas pouco a pouco foi-se habituando ao novo imperativo de suas obrigações. Aproveitando a solidão dos caminhos para os melhores exercícios espirituais, não só relia velhos pergaminhos contendo os princípios do Evangelho e as narrativas dos Apóstolos, como exercitava as mais sadías meditações, nas quais deixava o coração evolar-se em preces cariciosas ao Senhor.

No mosteiro todos os irmãos respeitavam-na. Por seus atos e palavras, ela centralizava os afetos gerais, que lhe cercavam o espírito de consideração e de amor desvelado...

Três anos passaram, sem que um só dia désse prova de desânimo ou de revolta, de indecisão ou de amargura,

consolidando cada vez mais as suas tradições de virtude irrepreensivel.

Na povoação mais próxima, igualmente, onde os serviços do mercado a convocavam no cumprimento do dever, todos lhe apreciavam os generosos dotes dalma, mòrmente na hospedaria em que pernoitava duas vezes por semana.

Acontece, porém, que Menênio Túllio, o hospedeiro, tinha uma filha de nome Brunehilda, que sempre reparara os belos traços fisionomicos do Irmão Marinho, tomada de singulares impressões. Embalde se ataviava para lhe provocar a atenção sempre voltada para os assuntos espirituais, irritando-se, intimamente, com a sua afetuosa indiferença, sempre cordial e fraterna.

Longos meses transcorreram, sem que Brunehilda pudesse desvendar o mistério daquela alma esquiva, cheia de beleza e delicada masculinidade, aos seus olhos, enquanto o Irmão Marinho, dentro de suas elevadas disposições espirituais, nunca chegou a perceber a bastardia dos pensamentos e intenções da jóven, que, tantas vezes o cumulava de gentilezas cariciosas.

Foi então que Brunehilda, desenganada nos seus propositos inconfessaveis, passou a relacionar-se com um soldado romano, amigo de seu pai e da família, recem-chegando da Capital do Império e cheio de ousadias e atitudes insinuantes.

Em breve, a filha do estalajadeiro inclinava-se para o desfiladeiro da perdição, ao passo que o sedutor da sua alma inquieta e versátil ausentava-se propositalmente, regressando á Roma, depois de obter o consentimento dos superiores.

Abandonada á sua prova aspérrima, Brunehilda procurou disfarçar os seus angustiosos pensamentos íntimos. Com a alma tomada de inquietações em face da severidade dos princípios familiares, desejava morrer de modo a eliminar todos os resquícios da falta e desaparecendo para sempre. Faltava-lhe, porem, o ânimo para realizar tão odioso crime.

Dia chegou, contudo, em que não mais pôde ocultar aos olhos paternos, a realidade.

Recolhendo-se ao leito na véspera de receber o fruto dos seus amores, foi obrigada a cientificar Menênio de quanto ocorria. Tomado de dor selvagem, o coração paterno obrigou a filha a confessar-se plenamente, afim-de poder vingar-se. Brunehilda, contudo, no instante de revelar o nome de quem a infelicitara, sentiu o pavor da situação, dizendo caluniosamente:

— Meu pai, perdoai-me a falta que vos deshonra o nome, respeitavel e impoluto, mas quem me levou a transigir tão penosamente com os sagrados princípios familiares, que nos ensinastes, foi o Irmão Marinho com a sua delicadeza capciosa...

Menénio Túllio sentiu o coração abrir-se em chaga viva. Nunca poderia imaginar semelhante cousa. O Irmão Marinho consolidara no seu conceito as mais confortadoras esperanças, e êle confiava na sua conduta como confiaria no melhor dos amigos.

Mas, ante a evidencia dos fatos, exclamou em voz ríspida:

— Pois bem, minha casa não ficará com essa mancha indelével. Tua prevaricação não deshonrará o nome de minha família, porque ninguem saberá que acedeste aos propósitos criminosos do infame! Eu proprio levarei a criança a Epifânio, afim-de que os seus sequazes considerem a enormidade dêsse crime! Se tanto for necessário, não desdenharei empunhar a espada em defesa do círculo sagrado da família, mas preferirei humilhá-los, devolvendo ao sedutor o fruto da sua covardia!...

Com efeito, dissimulando a dor imensa do seu coração e do seu lar, Menénio Túllio, no dia seguinte, ao alvorecer, marchou para o mosteiro levando consigo um pequeno cesto, de que um mísero pequenino era o singular conteúdo.

Chamado á portaria pelo Irmão Filipe, quando o sól ia alto, afim-de atender á insistencia do visitante, o superior da comunidade ouviu os improperios de Menénio, com o coração gelado de rancor. Cientificado de todas as confissões de Brunehilda, em relação a Marinho, mestre Epifânio mandou chamá-lo á sua presença, com a brutalidade dos seus gestos selvagens.

— Irmão Marinho — exclamou o superior para a filha de Helvídio que o escutava, amargurada e surpreendida — então é assim que demonstras gratidão á esta casa? Onde se encontram as tuas avançadas concepções do Evangelho, que não te impediram de praticar tão nefando delito? Recebendo-te no mosteiro e confiando-te uma missão de trabalho neste retiro do Senhor, depositei nos teus esforços uma sagrada confiança de pai. Entretanto, não hesitaste em lançar o nosso nome ao escândalo, enxovalhando uma instituição que nos é sumamente veneravel ao espírito!

Observando a miseravel criança, junto do estalajadeiro, que lhe não correspondera á saudação, a jóven interrogou, enquanto Epifânio fazia uma pausa.

— Mas, de que me acusam?

— Ainda o perguntas? — revidou Menênio Tullio, de faces congestas — minha desventurada filha revelou-me a tua ação torpe, não vacilando em levar ao meu lar honesto a lama da tua concupiscencia. Estás enganado se supões que minha casa vá acolher o fruto criminoso das tuas desregradas paixões, porque esta miseravel criança ficará nesta casa, afim-de que o pai, infame, resolva o seu destino.

Depois de pronunciar estas palavras acrescidas de impropérios ao suposto conquistador da filha, o estalajadeiro retirou-se, ante o pasmo de Célia e de Epifânio, deixando alí a criança mísera, em completo abandono.

A jóven compreendeu, num relance, que o mundo espiritual exigia um novo testemunho da sua fé e, enquanto caminhava, quasi serenamente para tomar nos braços o inocentinho, o superior da comunidade o advertia colérico:

— Irmão Marinho, esta casa de Deus não pode tolerar por mais tempo a tua escandalosa presença. Explica-te! Confessa as tuas faltas, afim-de que a minha autoridade possa cuidar das providencias oportunas e necessárias!...

Célia, em poucos instantes mergulhou o pensamento dolorido nas meditações indispensaveis, e valendo-se da mesma fé intangivel e cristaliana que lhe havia orien-

cado todos os penosos sacrifícios do destino, exclamou com humildade:

— Pai Epifânio, quem comete um ato dessa natureza é indigno do hábito que nos deve aproximar do Cordeiro de Deus! Estou pronto, pois, a aceitar com resignação as penas que a vossa autoridade me impusér!...

— Pois bem — replicou o superior na sua orgulhosa severidade — deves saír imediatamente do mosteiro, levando contigo essa criança miseravel!...

Nesse instante, porém, quasi todos os religiosos se haviam aproximado, observando a relevancia da cena. Custava-lhes crer na culpabilidade do Irmão Marinho, que ali se encontrava humilde, evidenciando a mais consoladora serenidade no brilho calmo dos olhos húmidos.

E, sentindo que todos os companheiros eram simpáticos á sua causa, a filha de Helvídio com uma inflexão de voz inesquecivel, ajoelhou-se diante de Epifâno e pediu:

— Meu pai, não me expulseis desta comunidade para sempre!... Não conheço as regiões que nos rodeiam! Sou ignorante e encontro-me doente! Não me desampareis, considerando a palavra do Divino Mestre, que se afirmava como o recurso de todos os enfermos e desvalidos dêste mundo! Se tenho a alma indigna de permanecer neste retiro de Jesus, dai-me a permissão de habitar o casebre abandonado ao pé do horto. Eu vos prometo trabalhar de manhã á noite, no amanho da terra, afim-de esquecer os meus desvios... Pai Epifânio, se não me concederdes essa graça, por mim, concedei-a por este pequenino abandonado, para quem viverei com todas as fôrças do meu coração!...

Chorava copiosamente ao fazer a dolorosa rogativa. No íntimo, o orgulhoso Aufidio Prisco, que desejava aplicar o Evangelho á sua maneira, quis negar, mas, num relance, notou que todos os companheiros da comunidade estavam comovidos e apiedados.

— Não resolverei por mim — clamou exasperado — todos os membros do mosteiro deverão considerar estranha e descabida a tua solicitação.

Todavia, consultados os companheiros, para quem a

jóven caluniada erguia os olhos súplices, houve um movimento geral favoravel á filha de Helvídio. Epifânio não conseguiu a desejada recusa e, endereçando aos seus benfeitores um carinhoso olhar de agradecimento, o Irmão Marinho abandonou o recinto, erguendo corajosamente a criancinha nos braços e retirando-se para a choupana abandonada, ao pé do imenso horto do mosteiro.

Dessa vez, Célia não se entregou á peregrinação por caminhos ásperos, mas só Deus poderia testificar dos seus imensuraveis sacrifícios. Com inauditas dificuldades, buscou adaptar-se, com o pequenino, á sua nova vida, á custa dos mais ingentes trabalhos, na sua soledade dolorosa, á cujas angústias alguns irmãos do mosteiro estendiam mãos carinhosas.

Lembrando-se de Ciro, cercava o pequenito de todos os cuidados, esperando que Jesus lhe concedesse fôrças para o integral cumprimento de suas provações.

Durante o dia, trabalhava exhaustivamente no cultivo de hortaliças, aproveitando os crepúsculos para as meditações e os estudos, que pareciam povoados de sêres e de vozes carinhosas do Invisivel.

Dia houve em que uma pobre mulher do povo passava pelo sítio, a pé, com um filhinho quasi agonizante, buscando as estradas de Alexandria á cata de recursos. Era de tarde. Batendo á porta humilde do Irmão Marinho, este levantou-lhe as fibras dalma abatida, convidando-a ás preciosos meditações do Evangelho. Solicitado com insistencia pela humilde criatura para impôr as mãos, qual faziam os apóstolos de Jesus, sôbre o doentinho, tal o ambiente de confiança e de amor que sabia criar com as suas palavras, Célia, entregando-se a êsse ato de fé, pela primeira vez, teve a ventura de observar que o pequeno agonizante recuperava o alento e a saúde, num sorriso. Então, a mulher do povo prosternou-se alí mesmo, rendendo graças ao Senhor e misturando as suas lágrimas com as do Irmão Marinho, que tambem chorava de comoção e agradecimento.

Desde êsse dia, nunca mais a casinhola do horto deixou de receber os pobres e aflitos de todas as categorias sociais, que lá iam rogar as bençãos de Jesus, através

daquela alma pura e simples, santificada pelos mais acerbos sofrimentos.

V

O CAMINHO EXPIATÓRIO

Enquanto Célia cumpre a sua missão de caridade á luz do Evangelho, voltemos á Roma, onde vamos encontrar os nossos antigos personagens.

Dez anos haviam corrido na esteira infinita do tempo, desde que Helvídio Lucius e familia haviam experimentado as mais singulares viravoltas do destino.

Apesar-de dissimularem as amarguras no meio social em que se agitavam, Fábio Cornélio e família sentiam o coração inquieto e angustiado, desde o dia infausto em que a filha mais moça de Alba Lucínia se ausentara para sempre, pelas injunções dolorosas do seu desditoso destino. Na intimidade comentava-se, ás vezes, o que teria sido feito daquela que Roma relembrava tão sómente como se fôra uma querida morta da família. A espôsa de Hilvídio, essa, remoía os mais tristes padecimentos morais, desde a manhã fatal em que fôra cientificada dos fatos ocorridos com a filhinha.

Nos seus traços fisionomicos, Alba Lucínia não apresentava mais a jovialidade franca e a espontaneidade de sentimentos que sempre deixara transparecer nos dias felizes, em que o seu semblante parecia prolongar, indefinidamente, as linhas graciosas da primeira mocidade. Os tormentos íntimos vincavam-lhe as faces numa expressão de angústia recalcada. Nos olhos tristes parecia vagar um fantasma de desconfiança, que a perseguia por toda a parte. Os primeiros cabelos brancos, filhos do seu espírito atormentado, figuravam-lhe na fronte como dolorosa moldura da sua virtude sofredora e desolada. Nunca pudera esquecer a filha idolatrada, que surgia no quadro de sua imaginação afetuosa, errante e aflita sob os signos tenebrosos da maldição doméstica. Por muito que a encorajasse a palavra amiga e carinhosa do es-

pôso, que tudo fazia por manter inflexivel a sua fibra corajosa e resoluta, moldada nos princípios rigidos da família romana, a pobre senhora parecia sofrer indefinidamente, como se uma enfermidade misteriosa a conduzisse traiçoeiramente para as sombras do túmulo. De nada valiam as festas da Côrte, os espetáculos, os lugares de honra nos teatros ou nos divertimentos publicos.

Helvídio Lucius, se bem fizesse o possivel por ocultar as proprias mágoas, buscava levantar, em vão, o ânimo abatido da companheira. Como pai, sentia, muitas vezes, o coração torturado e aflito, mas procurava fugir ao seu proprio íntimo, tentando distraír-se no turbilhão das suas atividades políticas e nas festas sociais, onde comparecia habitualmente, levado pela necessidade de escapar ás meditações solitárias, nas quais o coração paterno mantinha os mais acerbos diálogos com a razão preconceituosa do mundo. Assim, sofria intensamente, entre a indecisão e a saudade, a energia e o arrependimento.

Muitas mudanças se haviam operado em Roma, desde o evento doloroso que lhe mergulhara a família em sombras espêssas.

Elio Adriano, após muitos atos de injustiça e crueldade, desde que transferira a Côrte para Tibur, havia partido para o Além, deixando o Império nas mãos generosas de Antonino, cujo govêrno se caracterizava pelos feitos de concórdia e de paz, na melhor distribuição de justiça e de tolerância. O novo Imperador, contudo, conservava Fábio Cornélio como um dos melhores auxiliares da sua administração liberal e sábia. Ao antigo censor agradava, sobremaneira, essa prova da confiança imperial, salietando-se que, na sua velhice decidida e experimentada, mantinha-se em poição de franca ascendência perante os próprios senadores e outros homens de Estado, obrigados a lhe ouvirem as opiniões e pareceres.

Um homem havia que crescera muito na confiança do antigo censor, tornando-se o seu agente ideal em todos os serviços. Era Silano. Satisfeito por cumprir uma recomendação afetuosa do seu velho amigo de outros tempos, Fábio Cornélio fizera do antigo combatente das

Gállias um oficial inteligente e culto, a quem prestavam o máximo de honrarias. Silano representava, de algum modo, a sua fôrça de outra época, quando a senetude não se aproximava, obrigando o organismo ao mínimo de aventuras. Para o velho censor, o antigo recomendado de Cnéio Lucius era quasi um filho, em cuja virilidade poderosa sentia êle o prolongamento das suas energias. Em todas as empresas, ambos se encontravam sempre juntos, para a execução de todas as ordens privadas de Cesar, criando-se entre os seus espíritos a mais elevada atmosfera de afinidade e confiança.

Ao lado dos nossos personagens, um havia que se fechara em profundo enigma. Era Claudia Sabina. Desde a morte de Adriano, fôra relegada ao ostracismo social, recolhendo-se de novo ao anonimato da plebe, de onde emergira para as mais altas camadas do Império. De suas aventuras, ficara-lhe a fortuna monetaria, que lhe permitia residir onde lhe aprouvesse, com todas as comodidades do tempo. Desgostosa, porém, com o retraimento absoluto das amizades espetaculosas dos bons tempos de prestígio social, adquirira pequena chácara nos arredores de Roma, num modesto suburbio entre as Vias Salária e Nomentana, onde passou a viver entregue ás suas dolorosas recordações.

Não faltavam boatos acêrca-de suas atividades novas e algumas de suas mais antigas relações chegavam afiançar que a viúva de Lóllio Urbico começava a entregar-se ás práticas cristãs, nas catacumbas, esquecendo o passado de loucuras e desvios.

Na verdade, Claudia Sabina tivera os primeiros contactos com a religião do Crucificado, mas sentia o coração assaz intoxicado de ódio para identificar-se com os postulados de amor e singeleza. Decorridos dez anos, não conseguira saber o resultado real da tragédia que armara na esteira do seu destino. Vivera com a terrivel preocupação de reconquistar o homem amado, ainda que para isso tivesse de movimentar todos os bastidores do crime. Seus planos haviam fracassado. Sem o apoio de outros tempos, quando o prestígio do marido lhe propiciava uma turba de aduladores e de servos, nada conse-

guira, nem mesmo a palavra de Hatéria, que, amparada por Helvídio, retirara-se para o seu sítio de Benevento, onde passou a viver na companhia dos filhos, com a máxima prudencia, necessária á propria segurança.

Claudia Sabina encontrara algum confôrto para o remorso que lhe mordia a alma, mas não poderia nunca, a seu ver, conciliar o seu ódio e o seu orgulho inflexiveis com a exemplificação daquele Jesus crucificado e humilde, que prescrevera a humildade e o amor como fulcro de todas as venturas terrenas.

Debalde ouvira os pregadores cristãos das assembléias a que comparecera com a sua curiosidade sôfrega. As teorias de tolerancia e penitencia não encontraram éco no seu espírito intoxicado. E, sentindo-se desamparada no íntimo, com as penosas recordações do passado criminoso, a antiga plebéia julgava-se folha solta, ao sabor dos ventos impetuosos. De quando a quando, entretanto, assaltava-a o pavor da morte e do Alem desconhecido. Desejava uma fé para o coração exhausto das paixões do mundo; mas, se de um lado estavam os antigos deuses, que lhe não satisfaziam ao raciocínio, do outro estava aquele Jesus imaculado e santo, inacessivel aos seus anseios tristes e odiosos. Por vezes, lagrimas amargas aljofravam-lhe os olhos escuros e contudo, bem percebia que aquelas lágrimas não eram de purificação mas de desespêro, irremediavel e profundo. Carregando no íntimo o esquife pesado dos sonhos mortos, Cláudia Sabina penetrava no crepúsculo da vida qual náufrago cançado de lutar com as ondas de um mar tormentoso, sem a esperança de um porto, na desesperação do seu orgulho e do seu ódio nefandos.

O ano de 145 corria calmo, com as mesmas recordações amargas dos nossos amigos, quando alguem, nas primeiras horas da manhã de um soberbo dia de primavera, batia á porta de Helvídio com singular insistencia.

Era Hatéria, que, em singulares condições de magreza e abatimento, foi levada ao interior e recebida por Alba Lucínia, com simpatia e agrado.

A antiga serva parecia extremamente aflita e per-

turbada, mas expunha com clareza os seus pensamentos. Solicitou á antiga patrôa a presença de seu pai e do espôso, afim-de explanar um assunto grave.

A consorte de Helvídio conjeturou que a mulher desejava falar particularmente de algum assunto de ordem material, que a interessasse em Benevento.

Diante de tanta insistência, chamou o velho censor que, desde a morte de Júlia, passara a residir em sua companhia, convidando igualmente o espôso a atender á solicitação de Hatéria, que lhes granjeara, desde o drama de Célia, singular consideração e especial estima.

Com espanto dos três, a serva pedia um compartimento reservado, de modo a tratar livremente do assunto.

Fábio e Helvídio julgaram-na demente, mas a dona da casa os obrigou a acompanhá-las, afim-de satisfazer o que julgavam mero capricho.

Reunidos num gracioso cubículo junto do tablínio, Hatéria falou nervosamente, com intensa palidez no semblante:

— Venho aqui fazer uma confissão dolorosa e terrivel e não sei como deva expôr meus crimes de outrora!... Hoje, sou cristã e perante Jesus preciso esclarecer aos que me dispensaram, no passado, uma estima dedicada e sincera...

— Então — perguntou Helvídio, julgando-a sob a influencia de uma perturbação mental — és hoje cristã?

— Sim, meu senhor — respondeu de olhos brilhantes, enigmáticos, como que tomada de resolução extrema — sou cristã pela graça do Cordeiro de Deus, que veiu a este mundo remir todos os pecadores... Até ha pouco, preferiria morrer a vos revelar meus dolorosos segredos. Tencionava baixar ao túmulo com o mistério terrivel do meu criminoso passado, mas, de um ano a esta parte, assisto ás pregações de um homem justo, que, nos confins de Benevento anuncia o reino dos céus, com Jesus Cristo, induzindo os pecadores á reparação de suas faltas. Desde a primeira vez que ouvi a promessa do Evangelho do Senhor, sinto o coração ingrato sob o pêso de um grande remorso. Além disso, ensina Jesus que ninguem poderá ir a Ele sem carregar a propria cruz,

de modo a segui-lo... Minha cruz é o meu pecado... Hesitei em vir, receosa das consequências desta minha revelação, mas preferí arrostar com todos os efeitos do meu crime, pois, somente assim, pressinto que terei a paz de conciência indispensavel ao trabalho do sofrimento que ha de regenerar minhalma! Depois da minha confissão, matai-me se quiserdes! Submetei-me ao sacrifício! Ordenai a minha morte!... Isso aliviará, de algum modo a minha conciência denegrida!... No Alto, aquele Jesus amado que prometeu auxílio sacrossanto a todos os cultivadores da verdade, levará em conta o meu arrependimento e dará um consôlo ás minhas mágoas, concedendo-me os meios para redimir-me com a sua misericórdia!...

Então, ante a perplexidade dos três, Hatéria começou a desdobrar o drama sinistro da sua vida. Narrou os primeiros encontros com Cláudia Sabina, suas combinações, a vida particular de Lóllio Urbico, o plano sinistro para inutilizar Alba Lucínia no conceito da família e da sociedade romana; a ação de Plotina e o epílogo do trágico projeto, que terminou com o sacrifício de Célia, cuja lembrança embargava-lhe a voz numa torrente de lágrimas, em recordando a sua bondade, a sua candura, o seu sacrifício... Narrativa longa, dolorosa... Por mais de duas horas, prendeu a atenção de Fábio Cornélio e dos seus, que a escutavam estupefatos.

Ouvindo-a e considerando os pormenores da confissão, Alba Lucínia sentiu o sangue gelar-se-lhe nas veias, tomada de singular angústia. Helvídio tinha o peito opresso, sufocado, tentando em vão dizer uma palavra. Somente o censor na sua inflexibilidade terrivel e orgulhosa, mantinha-se firme, embora evidenciando o pavor íntimo, com uma expressão desesperada a dominar-lhe o rosto.

— Desgraçada! — murmurou Fábio Cornélio com grande esfôrço — até onde nos conduziste com a tua ambição desprezivel e mesquinha!... Criminosa! Bruxa maldita, como não temeste o pêso de nossas mãos?

Sua voz, porém, parecia igualmente asfixiada pela mesma emoção que empolgara os filhos.

— Vingar-me-ei de todos!... — gritou o velho censor com a voz estrangulada.

Nesse instante, Hatéria ajoelhou-se a seus pés e murmurou:

— Fazei de mim o que quiserdes! Depois de me haver confessado, a morte me será um doce alívio!...

— Pois morrerás, infame criatura — disse o censor desembainhando um punhal, que reluziu á claridade do sol, através de uma janela alta e estreita.

Mas, quando a dextra parecia prestes a descer, Alba Lucínia, como que impelida por misteriosa fôrça deteve o braço paterno, exclamando:

— Para trás, meu pai! Cesse para sempre a tragédia dos nossos destinos!... Que adianta mais um crime?...

Mas, ao passo que Fábio Cornélio cedia, atónito, marmórea palidez se estendia ao rosto da desventurada senhora, que tombou redondamente no tapete, sob o olhar angustiado do marido, pressuroso no acudí-la.

Lançando, então, um olhar de fundo desprezo á Hatéria, que auxiliava o tribuno a acomodar a senhora num largo divã, o velho censor acentuou:

— Coragem, Helvídio!... Vou chamar um médico imediatamente. Deixemos esta maldita bruxa entregue á sua sorte; — mas, hoje mesmo, mandarei eliminar a infame que nos envenenou a vida para sempre!...

Helvídio Lucius desejava falar, mas não sabia se deveria aconselhar ponderação ao sôgro impulsivo, ou socorrer a espôsa, cujos membros estavam frios e rijos, em consequencia do traumatismo moral.

Amparando Alba Lucínia no divã, enquanto Hatéria dirigia-se ao interior para tomar as providências primeiras, Helvídio Lucius viu o sôgro ausentar-se pisando forte.

Por mais que fizesse, o tribuno não conseguiu coordenar idéias para resolver a angustiosa situação. Levada ao leito, Alba Lucínia parecia sob o império de uma fôrça destruidora e absoluta, que não lhe permitia recobrar os sentidos. Debalde o médico administrava poções e preconisava unguentos preciosos. Fricções medica-

mentosas não deram o menor resultado. Apenas os movimentos convulsos do pesadelo acusavam a pletora de energias orgânicas. As pálpebras continuavam cerradas e a respiração opressa, como a dos enfermos prestes a entrar em agonia.

Enquanto Helvídio Lucius se desdobrava em cuidados e procurava tranquilizar-se, Fábio Cornélio dirigiu-se ao gabinete e chamando Silano em particular, falou-lhe austero:

— Mais que nunca, preciso hoje da tua dedicação e dos teus serviços!

— Determinai! — exclamou o oficial, pressuroso.

— Necessito hoje de uma diligencia punitiva, para eliminar uma antiga conspiradora do Império. Ha mais de dez anos, observo-lhe as manobras, porém, só agora consegui positivar os seus crimes políticos e resolvi confiar-te mais essa tarefa de singular relevancia para a minha administração.

— Pois bem — exclamou o rapaz serenamente — dizei do que se trata e cumprirei vossas ordens com o zêlo de sempre.

— Levarás contigo Lídio e Marcos, porquanto necessito auxiliar-te com dois homens de inteira confiança.

E, em voz discreta, indicou ao preposto o nome da vítima, sua residencia, condições sociais e tudo quanto pudesse facilitar a execução do sinistro mandado.

Por fim, acentuou com voz cavernosa:

— Mandarei que alguns soldados cerquem a cháca-ra, de modo a prevenir qualquer tentativa de resistencia dos fâmulos; e depois de ordenares a abertura das veias dessa mulher infame, dirás que a sentença parte de minha autoridade, em nome das novas fôrças do Império.

— Assim o farei — retrucou o emissário resoluto.

— Trata de agir com a maior urgencia. Quanto a mim, volto agora á casa, onde reclamam a minha presença. Á tarde, aqui estarei para saber do ocorrido.

Enquanto Silano arrebanhava os auxiliares destinados á empresa, Fábio Cornélio regressava ao lar, onde baldos se faziam todos os recursos médicos para despertar Alba Lucínia do seu torpor estranho. Movimentando

todos os servos, Helvídio Lucius tudo fazia para despertar a companheira. Como louco, seu coração diluia-se amargamente em torrentes de lágrimas, e era improficuamente que recorria ás promessas silenciosas aos deuses familiares. Enquanto Hatéria sentava-se humildemente á cabeceira da antiga patrôa, o tribuno desdobrava-se em esforços inauditos e Fábio Cornélio passeava de um lado para outro, agitado, no interior de um gabinete próximo, ora esperando as melhoras da enfêrma, ora contando as horas, afim-de conhecer o resultado da comissão sinistra.

Com efeito, de tarde, o emissário do censor, rodeado de soldados e dos dois companheiros de confiança que deveriam penetrar na residencia de Cláudia, chegara ao aprazivel sítio, arborizado e florido, onde a antiga plebéia se entregava ás suas meditações, no doloroso outono de sua vida.

A viuva de Lóllio Urbico passara o dia entregue a reflexões amargas e angustiosas. Como se uma fôrça misteriosa a dominasse, experimentara as sensações mais tristes e incompreensiveis. Em vão, passeara pelos deliciosos jardins da principesca residencia, onde as avenidas graciosas e bem cuidadas se saturavam dos fortes perfumes da primavera. Sentimentos estranhos e intraduziveis sufocavam-lhe o íntimo, como se o espírito estivesse mergulhado em amarissimos presságios. Buscou fixar o pensamento em algum ponto de referencia sentimental e todavia o coração estava indigente de fé, qual deserto adusto.

Foi com a alma imersa em penosos cismares que viu aproximar-se, com grande surprêsa, o destacamento de pretorianos.

Tomada de emoção, lembrando-se do que representavam aquelas pequenas expedições de terror, noutros tempos, recebeu no seu gabinete o oficial que a procurava acompanhado de dois homens espadaúdos e atléticos, com os quais trocava significativos olhares.

— Ao que devo a honra de vossa visita? — perguntou depois de sentar-se, dirigindo a Silano um olhar de curiosidade intensa.

— Sois, de fato, a viúva do antigo prefeito Lóllio Urbico?

— Sim... — replicou a interpelada com displicencia.

— Pois bem, eu sou Silano Plautius e aqui estou por ordem do censor Fábio Cornélio, que, depois de longo processo, expediu a última sentença contra a vossa pessoa, esperando eu que saibais morrer dignamente, dada a vossa condição de conspiradora do Imperio!...

Cláudia ouviu aquelas palavras sentindo que o sangue se lhe gelava no coração. Uma palidez de alabastro lhe cobriu a fronte, enquanto as têmporas batiam aceleradamente. Estendeu precipitadamente as mãos a um movel próximo, tentando utilizar uma grande campainha, mas Silano deteve-lhe o gesto, exclamando com serenidade.

— É inutil qualquer resistencia! A casa está cercada. Encomendai aos deuses os vossos últimos pensamentos!...

A esse tempo, obedecendo aos sinais convencionais, Lídio e Marcos, dois gigantes, avançavam para Cláudia Sabina, que mal se levantara, cambaleante... Enquanto o primeiro a amordaçava impiedosamente, o segundo avançou cortando-lhe os pulsos com uma lâmina acerada...

Cláudia, todavia, sentindo o horror da situação iremediavel, entregava-se aos verdugos sem resistencia, endereçando, porém, a Silano um olhar inesquecivel.

Fôsse, contudo, pelo pavor daquele minuto inolvidavel, ou em vista de qualquer emoção irresistivel e profunda, o sangue da desventuarada não vasava das veias abertas. Dir-se-ia que abrasadora emoção sacudia todas as suas fôrças psíquicas, contrariando as leis comuns das energias organicas.

Ante o fato insólito e raramente observado nas sentenças daquela natureza, e observando o olhar angustioso e insistente que a vítima lhe dirigia, como a suplicar-lhe que a ouvisse, o oficial ordenou que Lídio

sustasse o amordaçamento, afim-de que a condenada pudesse fazer as suas recomendações e morresse tranquila.

Aliviada do arrôcho, Cláudia Sabina exclamou em voz soturna:

— Silano Plautius, meu sangue se recusa a vasar, antes que te confesse todas as peripecias da minha vida! Afasta os teus homens deste gabinete e nada temas de uma mulher indefesa e moribunda!...

Altamente impressionado, o filho adotivo de Cnéio Lucius ordenou aos companheiros se retirassem para uma sala próxima, enquanto Cláudia a sós com êle, atirou-se-lhe aos pés, com as veias gotejantes, dizendo amargamente:

— Silano, perdoa o coração miseravel que te deu a vida!... Sou tua mãe, desgraçada e criminosa, e não quero morrer sem te pedir que me vingues! Fábio Cornélio é um monstro. Odeio-o! Meu passado está cheio de sombras espessas!... Mas, quem te fez hoje um matricída, é mandatario de muitos crimes!.

O pobre rapaz contemplava a vítima, tomado de doloroso espanto. Uma brancura de neve subira-lhe ao rosto, denunciando comoções íntimas; todavia, se os olhos refletiam ansiedade angustiosa, os lábios continuavam mudos, enquanto a viúva de Lóllio Urbico lhe beijava os pés, desfeita em pranto.

Então, era ali que estava o misterio do seu nascimento e da sua vida? Dolorosa emoção dominou-o e Silano prorrompeu em soluços, que lhe rebentavam do peito saturado de angústias. Desde a morte de Cnéio, vinha alimentando o deseja de esclarecer o misterio do seu nascimento. Muitas vezes projetou constituir família e sentia-se desarmado perante os preconceitos sociais. pensando no futuro da prole. Em determinadas ocasiões, experimentava o desejo de abrir o pequeno medalhão que o venerando protetor lhe confiara nas vascas da morte e, contudo, um receio atroz da verdade paralisava-lhe os propositos.

Enquanto as mais penosas reflexões lhe obumbravam o raciocínio, Cláudia de joelhos contava-lhe, deta-

lhe por detalhe, a história dolorosa da sua vida. Estarrecido ante aquelas verdades pronunciadas por uma voz que se abeirava do túmulo, Silano inteirava-se das suas primeiras aventuras amorosas, do seu encontro com Helvídio Lucius, nos tumultos aventurosos da vida mundana, da sua incerteza quanto á paternidade legitima e da resolução de confia-lo a Cnéio, onde sabia existir a mais carinhosa dedicação pelo nome de Helvídio, circunstância que garantiria ao enjeitado um ditoso porvir; dos golpes da sorte posterior desposando um homem de Estado; de suas combinações com Fábio Cornélio, em tempos idos, para a execução de sentenças iniquas no seio da sociedade romana, omitindo, porém, o drama terrivel da sua vida em relação a Alba Lucínia. Sentindo que a iminencia da morte agravava o ódio pelo censor, que a determinara, e por sua família, Cláudia Sabina dando curso aos derradeiros desvios da sua alma, deixou transparecer que a morte de Lóllio Urbico, misteriosa e inesperada, fôra obra de Fábio Cornélio e seus sequazes, ávidos de sangue, afim-de acarretarem a sua ruina.

Nos últimos instantes, levada pelo negrume do seu ódio tigrino, não vacilara em arquitetar o derrdaeiro castelo de calunias e mentiras, para levar a desolação á família detestada.

Aquelas terriveis confidencias soavam aos ouvidos do oficial como um clamor de vinganças que reivindicassem desforços supremos. Todavia, em conciencia, não lhe bastavam apenas as emoções para identificar a verdade. Necessitava de alguma cousa que lhe falasse á razão.

Mas, como se Cláudia Sabina lhe adivinhasse os pensamentos, foi logo ao encontro das suas vacilações silenciosas:

— Silano, meu filho, Cnéio Lucius não te confiou um pequeno medalhão, que envolvi nas tuas roupinhas de enjeitado?

— Sim — disse o rapaz extremamente perturbado — trago comigo essa lembrança...

— Nunca o abriste?

— Nunca. . .

Nesse instante, porém, o emissário de Fábio revolveu uma bolsa que trazia sempre consigo, retirando o pequeno medalhão que a condenada contemplou ansiosamente.

— Aí dentro, meu filho — disse ela — escreví um dia as seguintes palavras: Filhinho, eu te confio á generosidade alheia com a benção dos deuses — Claudia Sabina.

Silano Plautius abriu o medalhão, nervosamente, conferindo uma por uma, todas as palavras.

Foi aí que uma comoção violenta lhe abalou todas as faculdades. Acentou-se a brancura de mármore que se lhe estampara na fronte. O olhar inquieto e triste tomou uma expressão vítrea, de pavor e assombro. As lágrimas secaram como se um sentimento lhe aflorasse nalma. Cláudia Sabina sentindo-se nos derradeiros instantes, contemplava, ansiosa, aquelas transformações subitas.

Como se houvera sentido a mais radical de todas as metamorfoses, o rapaz inclinou-se para a vítima e gritou aterrado:

— Mãe!... minha mãe!...

Nas suas expressões havia um misto de sentimentos indefiniveis e profundos; elas se lhe escapavam do peito como um grito de saciedade afetuosa, depois de muitos anos de inquietação e de angustia.

Recebendo aquela suprema e doce manifestação de carinho na hora extrema, a condenada com a voz a extinguir-se, falou:

— Meu filho, perdôa-me o passado vil e tenebroso!... Os deuses me castigam fazendo-me perecer ás mãos daquele a quem dei a vida!... Meu filho, meu filho, apesar de tudo, amo essas mãos que me trazem a morte!...

O pupilo de Cnéio Lucius inclinara-se sôbre o tapete manchado de sangue. Num gesto supremo, que evidencia a sua angustia e o esquecimento do abanabandono materno, para considerar somente o destino doloroso que o conduzira ao matricídio, tomou nas mãos

a cabeça exânime da condenada cujo olhar parecia, agora, rejubilar-se com os pensamentos enigmáticos e criminosos de sua alma.

Verificou-se, então, um fenómeno interessante. Como se houvera satisfeito cabalmente o último desejo, o organismo espiritual de Cláudia Sabina abandonava o corpo terrestre. Satisfeita a sua vontade psíquica, o sangue começou a jorrar em borbotões intensos e rubros, dos pulsos abertos...

Sentindo-se nos braços do oficial, que a encarava alucinado, voltou a dizer em voz entrecortada:

— Assim... meu filho... sinto... que me... perdoas!... Vinga-me!... Fábio... Cornélio... deve morrer...

Os singultos da agonia não lhe permitiram continuar, mas os olhos enviavam a Silano as mais singulares mensagens, que o rapaz interpretava com apêlos supremos de desforra e vingança.

Quando um palôr de cera lhe cobriu a fronte contraída num rictus de pavor angustiado, o mensageiro do censor abriu as portas, apresentando-se aos companheiros com a fisionomia transtornada.

Seu olhar fixo e terrivel parecia de um louco. No íntimo, as mais fortes perturbações mentais premiam-lhe o espírito desolado. Sentia-se o mais ínfimo e o mais desgraçado dos sêres. Apenas com uma palavra de ordem, colocou-se á caminho, de volta ao centro urbano, enquanto os servos dedicados de Cláudia lhe amortalhavam o cadaver, entre lágrimas.

Embalde Lídio e Marcos, bem como outros pretorianos amigos lhe chamavam a atenção para êsse ou aquele detalhe da empreitada, porquanto Silano Plautius mantinha um silencio inflexivel e sombrio.

A idéia de que Fábio Cornélio lhe conhecia o passado doloroso, não vacilando em fazê-lo assassino de sua mãe, bem como as histórias caluniosas de Cláudia Sabina, á extrema hora, a respeito do censor e do seu procedimento no passado, provocavam-lhe uma perturbação cerebral intraduzivel. O pensamento de que para o resto dos seus dias devia considerar-se um matricida,

atormentava-o, sugerindo-lhe os mais horriveis projetos de vingança. Dominado por sentimentos inferiores, acariciava um punhal que descansava nas armaduras, antegozando o instante em que se sentisse vingado de todos os ultrajes experimentados na vida.

Era noitinha quando penetrou no imponente edificio onde Fábio Cornélio o esperava, num gabinete soberbo e amplamente iluminado.

O velho censor recebeu-o com visivel interêsse e buscando isolar-se dos presentes, inquiriu-o num canto da sala:

— Então, que novas me trazes? Tudo bem?

Silano fitava-o de olhos gáseos, como prêsa das mais atrozes perturbações.

— Mas, que é isso? — insistia o censor extremamente conturbado — estás enfêrmo?!... Que teria acontecido?...

Fábio Cornélio não pôde prosseguir, porque, sem dizer palavra, qual um alucinado em crise extrema, o oficial desembainhou o punhal, céleremente, cravando-o no peito do censor, que caíu redondamente, gritando por socorro.

Silano Plautius contemplava a sua vítima com o fácies terrivel dos dementes, sem dar o mínimo sinal de responsabilidade... Na sua indiferença, via o sangue do velho político escapar-se a jorros pela ferida entre a garganta e o omoplata, enquanto o ferido, nos estertores da morte, dirigia-lhe um olhar terrivel... Foi nesse instante que os numerosos guardas rodearam o antigo protegido de Cnéio Lucius, eliminando-lhe igualmente a vida em rápidos segundos. Debalde, o oficial tentou resistir aos pretorianos e outros amigos do assassinado, porque, em poucos minutos estava reduzido a frangalhos pelos golpes de espada, com que pagava a afronta ao Estado, com a perpetração do seu crime.

A notícia correu a cidade céleremente.

Assistido pelos amigos mais dedicados, Helvídio Lucius precisou invocar todas as fôrças para não fraquejar sob golpes tão rudes.

Dada a situação delicada em que se encontrava a

espôsa, providenciou para que os despojos sangrentos fôssem levados á residência, com especial cuidado, afim-de que o quadro sinistro e doloroso não agravasse a moléstia de Alba Lucínia, na hipótese de suas melhoras, após a síncope prolongada.

Um correio célere foi despachado para Cápua, chamando Caio Fabrícius e sua mulher á Roma, imediatamente.

Entre as preocupações mais acerbas e impossibilitado de comunicar o peso que lhe oprimia o coração a qualquer amigo, dadas as penosas circunstancias familiares em jôgo, o filho de Cnéio vertia lágrimas dolorosas ao lado da espôsa entre a vida e a morte, enquanto Márcia assumia a direção de todos os protocolos sociais, em sua residencia, para atender a quantos visitavam os despojos dos dois desaparecidos.

Alba Lucínia despertara e, contudo, vagava-lhe no olhar uma expressão de alheamento do mundo. Pronunciava palavras ininteligiveis, que Helvídio Lucius daria a vida para compreender. Percebia-se que ela perdera a razão para sempre. Alem disso, as sincopes renovavam-se periodicamente, como se as células cerebrais, á pressão de uma fôrça incoercivel rebentassem, vagarosamente, uma por uma...

Obedecendo aos imperativos da situação, o tribuno expediu ordens para que os funerais do sôgro e do irmão adotivo se efetuassem com a celeridade possivel. tanto assim, que, antes de uma semana, chegavam da Campânia Helvídia e o espôso, sem alcançarem as cerimonias fúnebres e penetrando no lar paterno tão somente para se ajoelharem á cabeceira de Alba Lucínia, que, desde a véspera, entrara em dolorosa agonia...

A presença dos filhos constituiu para o tribuno um suave consôlo, mas, ao seu espírito dilacerado figurava-se não haver consolação bastante, no mundo, para o coração humilhado e ferido.

Tocado nas fibras mais sensiveis, via agonizar a espôsa, lentamente, como se um sicário invisivel lhe houvesse cravado no coração acerado punhal. Diante da morte, cessavam todos os seus poderes, todas as

suas dedicações carinhosas. Submerso num oceano de lágrimas, guardando entre as suas as mãos frias da companheira, Helvídio Lucius não abandonou o aposento, nem mesmo para atender ao apêlo dos filhos recem-chegados. Pressentindo que a morte lhe arrebataria em breve a espôsa idolatrada, conserva-se á sua cabeceira, dominado pelas meditações mais atrozes.

De quando em quando, emergia do abismo de suas reflexões, exclamando amargamente como se guardasse a convicção de que era ouvido pela moribunda:

— Lucínia, pois tambem tu me abandonas? Desperta, ilumina de novo a minha soledade!... Se te ofendi alguma vez, perdôa-me. Mais não fiz que amar-te muito!... Vamos. Atende. Eu vencerei a morte para te guardar em meus braços! Lutarei contra todos! Junto de ti, terei fôrças para viver reparando os erros do passado; mas que farei sózinho e abandonado se partires para o mistério? Deuses do céu! não bastariam as ruinas do meu lar, os destroços de minha felicidade doméstica para me redimir aos vossos olhos? Tende compaixão do meu sêr desventurado! Que fiz para pagar tão pesado tributo?...

E contemplando o céu, como se estivesse vislumbrando os numes que presidem os destinos humanos, apontava a espôsa agonizante, redizendo em voz abafada e dolorida:

— Deuses do bem, conservai-lhe a vida!...

Entretanto, como se as suas rogativas morressem apagadas diante de uma esfinge, Alba Lucínia desprendia-se do mundo com uma lágrima silenciosa, ao amanhecer, enquanto os clarões rubros do sól tingiam as primeiras nuvens do céu romano, ao caricioso despontar da aurora.

Percebendo-lhe o derradeiro suspiro, Helvídio Lucius ensimesmou-se numa tristeza indizivel. Nos olhos agora sêcos e esquisitos, perpassava uma expressão de revolta contra todas as divindades, a seu ver insensiveis aos seus padecimentos e apêlos desesperados. A residencia do tribuno cobriu-se, então, de crepes negros,

enquanto a sua silhueta agoniada permanecia junto á urna magnífica que encerrava os despojos da companheira, qual sentinela que se houvera petrificado em desespêro.

Enérgico e impassivel, respondia aos apêlos afetuosos dos amigos com monossílabos amargos, enquanto Caio, Helvídia e a bondosa Márcia, faziam as honras da casa.

Após uma semana de homenagens da sociedade romana, efetuaram-se os funerais da inditosa senhora, que tombara, qual ave ferida no seu profundo amor materno, enquanto o marido curtindo a mais angustiosa soledade sentia-se desamparado e ferido para sempre.

Amargurada e silenciosa, Hatéria permanecera na casa, até o instante em que os carros mortuários acompanharam Alba Lucínia ás sombras do sepulcro.

Empolgada pelas tragedias que a sua revelação havia desfechado dentro daquele lar outrora tão feliz, sentiu-se humilhada no mais íntimo do coração. Muitas vezes, nas horas terriveis da agonia da ex-patrôa, dirigira o olhar súplice ao tribuno, afim-de verificar se lhe perdoara, de modo a tranquilizar a conciencia abatida. Helvídio Lucius parecia não vê-la, indiferente á sua presença e á sua vida...

Experimentando sinistro remorso, Hatéria abandonou a casa de Helvídio, onde se sentia como um vérme asqueroso, tal a angústia dos seus tristes pensamentos na dolorosa noite caída sobre a casa do tribuno, após os funerais.

Fazia frio. As sombras noturnas eram espêssas, impenetraveis como as angústias que lhe gelavam o coração... A permanencia alí, porém, depois do entêrro, não mais era possivel, em vista das amarguradas emoções que lhe vibravam nalma.

A velha criada saíu então, demandando o Trastevere, onde possuia antigas relações de amizade. Interessante é que, no percurso pelas ruas estreitas, seguira trajeto idêntico ao da jóven Célia, quando compelida a abandonar o lar paterno... Depois de muito caminhar, deteve-se perto da Ponte Fabricius, temendo pros-

seguir. Era quasi meia noite e as proximidades da ilha do Tibre estavam desertas. Quis retroceder, premida por uma fôrça inexplicavel, como se pressentisse algum perigo iminente, quando dois homens mascarados aproximaram-se, quais massas escuras que se movessem rapidas entre as pesadas sombras da noite. Tentou gritar, mas era tarde. Um deles atirava-se rápido á ela, amordaçando-a fortemente.

— Lucano — dizia baixinho o desconhecido a envolver-lhe o rosto com uma toalha grossa — apalpa-a depressa! Urge terminar o serviço!...

— Ora essa — dizia o companheiro decepcionado — trata-se de uma velha desprezivel!

— Não desanimes! — prosseguia o outro — palpita-me que é boa prêsa. Vamos! Essas velhas costumam trazer o dinheiro oculto no seio, quando são perigosas e avarentas!...

O bandido que tinha as mãos livres levou-as ao tórax da velha criada de Helvídio Lucius, sentindo que o seu coração batia acelerado. De fato, era ali que Hatéria guardava, numa bolsa reforçada, todo o cabedal sonante, das suas economias. Encontrando-lhe o pequeno tesouro, ambos os malfeitores esboçaram um sorriso de satisfação e, obedecendo a um sinal do companheiro, Lucano bateu fortemente na cabeça da vítima amordaçada, com uma pequena bengala de ferro, exclamando com voz sumida, quando percebeu que ela desmaiara:

— Assim, sempre é melhor! Amanhã não poderás relatar a proeza aos vizinhos, para que as autoridades nos venham incomodar.

Em seguida, arrastaram a vítima atordoada pelos golpes rijos, atirando-a sem piedade nas aguas pesadas do rio que rolava silenciosamente. Hatéria teve assim os seus últimos instantes, como a expiar o torpe delito do passado culposo.

Todavia, após examinarmos a derradeira provação da velha cúmplice de Cláudia Sabina, voltemos a seguir Helvídio Lucius na sua pesada noite de sofrimentos íntimos.

Somente no dia imediato aos funerais da mulher, conseguiu o tribuno reunir os filhos num gabinete privado, confidenciando-lhes as tristes revelações que desfecharam nos terriveis acontecimentos, aniquiladores da sua ventura para todo o sempre.

Terminada a impressionante narrativa, Caio Fabrícius contou á espôsa e ao sôgro o encontro com Célia, dez anos antes, quando se dirigia á Campânia, chamado por interesses urgentes. Jamais aludira ao fato, considerando o voto formal de se lembrarem da jóven tão somente como de uma morta sempre querida. Nunca esquecera aquele quadro triste, da cunhada abandonada na solidão da noite, junto á montanha de Terracina e, muita vez, recriminou-se pelo se haver mantido indiferente e surdo aos seus apêlos.

Helvídia e seu pai ouviam-no tomados de mágoa e assombro.

Somente aí, no exame de todos os sacrifícios da filhinha, ponderando os seus tormentos morais para isentar a família dos golpes da desventura e da calúnia, o filho de Cnéio Lucius conseguiu despertar o resquicio da sua sensibilidade, para apegar-se de novo á vida. A narrativa do genro vinha indiciar que Célia vivia em qualquer parte. Lembrou-se da espôsa e pôs-se a pensar que, se Alba Lucínia ainda estivesse na Terra, sentiria imenso júbilo se pudesse abraçar de novo a filha desprezada. Certamente, do céu, a companheira querida haveria de lhe orientar os passos, abençoaria o seu esfôrço. E um dia, quando a providencia dos deuses permitisse, a alma da espôsa lhe guiaria o coração ulcerado até á filha, para que pudesse morrer beijando-lhe as mãos.

Mergulhado nessas cogitações angustiosas, com uma serenidade triste a clarear seus planos, Helvídio Lucius conseguiu chorar de maneira a aliviar a íntima angústia. Suas lágrimas, agora que Helvídia as enxugava com carinho, eram como essas chuvas benéficas que lavam o céu, após o fragor da tempestade.

Então, como se o animasse uma esperança nova, o tribuno converteu toda as dores na preocupação do re-

encontrar a filhinha expulsa do lar, fôsse onde fôsse, para alivio da conciência. Desejava morrer para reunir-se á companheira bem-amada, mas quisera levar-lhe tambem a certeza de que Célia reaparecera e que, de joelhos, havia suplicado o perdão da filha, a quem não pudera compreender. Com esse proposito, encaminhou-se á Campânia com os filhos de regresso á Cápua, e, depois de alguns dias de repouso, dispensando a companhia de qualquer servo, afim-de entregar-se sózinho ás investigações necessárias, partiu para o Lácio, apesar de todas as súplicas de Helvídia para que aceitasse, ao menos, a companhia do genro.

Triste e só, o velho tribuno perambulou inutilmente por todas as cidades próximas de Terracina, estacionando longo tempo junto á gruta de Tibério, a evocar as penosas recordações do genro. A despeito de todos os esforços, foi em vão que viajou a Itália inteira.

Assim que, decorrido um ano da morte de Lucínia, regressou á Roma, abatido e desolado como nunca.

Sentindo-se profundamente desamparado, era qual árvore frondosa, singularmente isolada na planície extensa da vida. Enquanto mantinha a seu lado as outras companheiras, podia suportar os furacões violentos que desciam dos montes, mas, destruidos os troncos proximos, cuja presença a fortalecia, era agora incapaz de resistir aos ventos mais leves dos vales obscuros da dor e do destino.

Recolhido ao gabinete, recebia tão sómente a visita dos amigos mais íntimos, cuja palavra não trouxésse ao seu espírito atormentado qualquer lembrança do passado infortunoso.

Um dia, porém, um escravo veiu anunciar antigo camarada da infancia, Rufio Propercio, cuja história amarga dos últimos tempos êle bem conhecia. Apesar das suas proprias lutas, conhecera-lhe todas as desgraças e infortunios.

Helvídio Lucius mandou-o entrar, sofregamente, como irmão de dores e martírios íntimos.

Trocadas as primeiras impressões, Rúfio Propércio advertiu:

— Caro Helvídio, depois de tão longa separação, surpreende-te a minha fortaleza moral ante as hecatombes dolorosas da existencia. Devo explicar-te o porquê da minha resignação e serenidade. E' que hoje, abandonei nossas crenças inexpressivas para apegar-me a Jesus Cristo, o Filho de Deus Vivo!...

— Será possivel? — exclamou o tribuno interessado.

— Sim, hoje compreendo melhor a vida e os sofrimentos neste mundo. Somente nos tesouros do ensino cristão encontrei a fôrça indispensavel á compreensão da dor e do destino. Só Jesus, com a sua lição de piedade e misericórdia, pode salvar-nos do abismo de nossas angústias profundas para uma vida melhor, que não comporta os enganos e desilusões amargas da Terra...

E enquanto Helvídio Lucius o ouvia, assombrado por encontrar um amigo íntimo estabilizado na fé ardente e pura, entre os escombros da época, Propércio acrescentava:

— Já que te sentes igualmente ferido pelo destino, por que não frequentar conosco as reuniões cristãs, aonde te poderia acompanhar? É bem possivel que encontres no Evangelho a paz almejada e a energia imprescindivel para triunfar de todos os tormentos da vida.

Ouvindo o carinhoso convite do amigo de infancia, o tribuno lembrou-se instintivamente da filha, das suas convicções. Sim, fôra o Crisitianismo que lhe dera tamanhas fôrças para o sofrimento e para o sacrifício. Alem disso, recordou as figuras de Nestório e Ciro, que haviam caminhado para a morte sem um gemido, sem uma queixa.

— Como que cedendo a uma súbita resolução, exclamou resoluto:

— Aceito o convite. Onde é a reunião?

— Numa casa humilde, junto á Porta Appia.

— Pois bem, irei mesmo, contigo.

Rúfio despediu-se, prometendo buscá-lo á noitinha, enquanto ele passava o resto do dia em cogitações graves e profundas.

Á hora convencionada, demandaram o local das assembléias humildes, onde, pela primeira vez, Helvídio Lucius ouviu a leitura do Evangelho e os comentarios singelos dos cristãos. A princípio, estranhou aquele Jesus que perdoava e amava a todos, com o mesmo carinho e a mesma dedicação. Mas, no curso de numerosas reuniões, entendeu melhor o Evangelho e, apesar de lhe não sentir as lições inteiramente, admirava o profeta simples e amoroso, que abençoava os pobres e os aflitos do mundo, prometendo um reino de luz e de amor, para além das ingratas competições da Terra.

Seu esforço na aquisição da fé seguia o curso comum, quando um prégador famoso surgiu, um dia, naquele nucleo de gente simples e bondosa. Tratava-se de um homem ainda novo, inteligente e culto, de nome Saulo Antonio, que fizera da existencia um sacrossanto apostolado, no trabalho da evangelização.

Sua palavra inflamada e vibrante sôbre os Atos dos Apóstolos, logo após a partida do Cordeiro para as regiões da luz, impressionara o tribuno profundamente. Pela primeira vez, escutava um intelectual, quasi sábio, a exaltar as virtudes dos seguidores do Cristo, fazendo comparações extraordinárias entre o Evangelho e as teorias do tempo, que êle se habituara a considerar como notas de evolução, inexcediveis.

Terminada a preleção inspirada e brilhante, Helvídio acercou-se do orador, exclamando com sinceridade:

— Meu amigo, trago-lhe meus votos para que a sua palavra iluminada continue a clarear os caminhos da Terra. Desejava, porém, ouví-lo sôbre uma dúvida que me nasceu ha tempos no coração.

E enquanto o prégador lhe acolhia as palavras com profunda simpatia, continuou:

— Não duvido dos atos dos Apóstolos de Jesus, mas estranho que, de ha muito tempo para cá, não haja mais, na Terra, organizações privilegiadas como a dos

antigos seguidores do Cristo, que possam aliviar nossas dores e esclarecer-nos o coração nos sofrimentos!...

— Meu irmão — replicou o orador sem se perturbar — antes de recorrermos aos intermediários, urge prepararmos o coração para sentir a inspiração direta do Cordeiro. A sua objeção, porém, é muito justificavel. Contudo, cumpre-me esclarecer que as vocações apostólicas não morreram para o mundo. Em toda a parte elas florecem sob as bençãos de Deus, que nunca se cansou de enviar até nós os mensageiros de sua misericordia infinita.

E depois de ligeira pausa, como se desejasse transmitir uma impressão fiél de suas reminiscencias mais íntimas, Saulo Antonio acrescentou convictamente:

— Ha alguns anos, era eu inimigo acérrimo do cristianismo e dos seus divinos postulados; todavia, bastou a contribuição de uma verdadeiro discípulo de Jesus para que meus olhos se aclarassem buscando o verdadeiro caminho... Ainda hoje, lá está êle, franzino e humilde como uma flôr do céu, inaclimatavel entre as urzes da Terra... Trata-se do Irmão Marinho, que, nos arredores de Alexandria constitue uma benção de Jesus, permanente e divina para todas as criaturas... Imagem do bem, personificação da perfeita caridade evangélica, vi-o curar leprosos e paralíticos, restituir esperança e fé aos mais tristes e mais empedernidos! Ao seu tugúrio miseravel acorrem multidões de aflitos e desamparados, que o veneravel apóstolo do Cordeiro reanima e consola com as lições profundas de amor e de humildade! Depois de peregrinar pelas sendas mais escuras, tive a dita de encontrar a sua palavra carinhosa e benevolente, que me despertou para Jesus, dos negrores do meu destino!...

Sentindo-lhe a profunda sinceridade, Helvidio Lucius interrogou ansioso:

— E esse homem extraordinario recebe a todos indistintamente?...

— Todas as criaturas lhe merecem atenção e amor.

— Pois meu amigo — revidou o tribuno no seu íntimo desconsôlo — não obstante minha posição finan-

ceira e a consideração pública que desfruto em Roma, trago o coração acabrunhado e doente, como nunca... As lições do Evangelho têm sustentado, de algum modo, meu espírito abatido. Contudo, sinto necessidade de um remédio espiritual que, suavisando-me as dores íntimas, me leve a compreender melhor os divinos exemplos do Cordeiro... Suas referencias chegam a proposito, pois irei á Alexandria buscar a consolação dêsse apóstolo, mesmo porque, uma viagem ao Egito, nas atuais circunstancias da minha vida, far-me-á grande bem ao coração...

No dia seguinte, o filho de Cnéio Lucius deu os primeiros passos para efetuar a excursão com a presteza possivel.

E antes que a galéra largasse de Óstia, começou a concentrar todas as suas esperanças naquele Irmão Marinho, cujas virtudes famosas eram veneradas de todas as comunidades cristãs e havido por emissario de Jesus, destinado a sustentar no mundo as tradições divinas dos tempos apostólicos.

VI

NO HORTO DE CÉLIA

Nos arredores de Alexandria, a filha de Helvídio havia granjeado a melhor e merecida fama de amor e bondade.

Transferida para aquela região de gente pobre e humilde, convertera todas as recordações mais queridas, bem como as suas dores mais íntimas, em hinos de caridade pura, que se evolavam ao Céu entre as bençãos de todos os sofredores infelizes.

O sofrimento e a saudade como que lhe modelaram as feições angélicas porque, no semblante calmo esbatia-se um traço indefinivel de visão celestial... A vida de ascetismo, de abnegação e renúncia, dera-lhe um novo fácies, que deixava transparecer nos olhos, serenos e brilhantes, a pureza indefinivel dos que se encon-

tram prestes a atingir as claridades radiosas de outra vida.

Havia muito, começara a entisicar e contudo, não abandonara a faina apostolar junto dos sofredores. De tarde, lia o Evangelho, ao ar livre, para quantos lhe buscavam o amparo espirtiual, explicando os ensinos de Jesus e de seus divinos seguidores, fazendo crer, nesses momentos, que uma fôrça divina dela se apossava. A voz, habitualmente débil, ganhava tonalidades diferentes, como se as cordas vocais vibrassem ao sôpro de uma divina inspiração.

Conservava-se no mesmo tugúrio, ao pé do horto, cujos trabalhos rudes nunca deixaram de lhe merecer atenção e carinho. Todos os irmãos do mosteiro, excéto Epifânio, buscavam-lhe agora a convivencia, acatando-lhe as elucidações evangélicas e cooperando nos seus esforços.

A jóven romana, transformada em irmão carinhoso dos infelizes, guardava as mesmas disposições íntimas de sempre, cheia de fé e esperança no Senhor de bondade e sabedoria.

O pequeno enjeitado de Brunehilda, depois de lhe suavisar a soledade, por alguns anos, com os seus carinhos e sorrisos, havia falecido, deixando-a amargurada e abatida mais que nunca. Impressionada com o acontecimento, Célia deprecara fervorosamente e, uma noite, quando se entregava á solidão de suas preces e meditações, divisou a seu lado o vulto de Cnéio Lucius contemplando-a com infinita ternura.

— Filha querida, não te magôe essa nova separação do ente idolatrado! Prossegue na tua fé, cumprindo a missão divina que o Senhor houve por bem deferir á tua alma sensivel e generosa! Depois de perfumar, por alguns anos, a tua senda terrena, o espírito de Ciro volve de novo ao Além para saturar-se de fôrças novas! Não desanimes pela saudade que te apúa o coração sensibilíssimo, pois nossa alma semeia o amor na Terra para vê-lo florir nos céus, onde não chegam as tristes inquietações do mundo!... Alem do mais, Ciro tem necessidade dessas provações, que lhe hão de temperar a

vontade e o sentimento para os gloriosos feitos do seu porvir espiritual!...

Nessa altura, a amoravel entidade deteve-se como que intencionalmente, afim-de observar o efeito de suas palavras.

Desfeita em lágrimas, a jóven falou mentalmente, como se palestrasse com o avô no ádito do coração:

— Não duvido de que todas as dores nos são enviadas por Jesus, afim-de aprendermos o caminho da redenção divina, mas, qual a razão dessas vidas temporarias de Ciro na Terra? Se êle tem chegado a viver no ambiente humano, ainda necessitado das experiencias terrestres, por que vem a morte decepando as nossas esperanças?

— Sim — replicou a entidade amorosamente — são as leis da prova que rege os nossos destinos.

— Mas Ciro, ha alguns anos, não chegou a morrer pelo Divino Mestre, no martírio e no sacrifício?

— Filha, entre os mártires do Cristianismo, ha os que se desprendem do mundo em missão sacrossanta e os que morrem para resgates os mais penosos... Ciro é do número destes ultimos... Em séculos anterioes, foi um déspota cruél, exterminando esperanças e envenenando corações.... Mergulhado depois na luta expiatoria, renegou as dores santificantes e enveredou pela senda ignominiosa do suicídio. É justo, pois, que agora aprecie os beneficios da luta e da vida, na dificuldade de os readquirir para a sua redenção espiritual, ansiosamente colimada. As experiencias fracassadas hão de valorizar o seu futuro de realizações e esforços nobilissimos. Em face da dor e do trabalho, no porvir que se aproxima, seu coração amará todos os detalhes da luta redentora. Saberá prezar no trabalho ingente e doloroso os recursos sagrados da sua elevação para Deus, reconhecendo a grandeza do esfôrço, da renúncia e do sacrifício!...

Confortada com os esclarecimentos do mentor espiritual, logo entrevisou outra entidade de semblante nobre e triste, a contemplá-la num misto de alegria e amargura.

Estranhando a visão, sentiu que a palavra carinhosa do avô esclarecia:

— Não te surpreendas nem te assustes! Tua mãe, hoje no plano espiritual, aqui vem comigo, trazer-te o coração bondoso e agradecido!...

Dolorosas emoções lhe vibraram no íntimo, por fôrça daquelas revelações inesperadas. As lágrimas se fizeram mais amargas e copiosas. Duvidava da propria videncia, lembrando o passado com os seus espinhos e sombras desolantes. Mas, anjo ou sombra, o espírito de Alba Lucínia, como que submerso num véu de tristeza impenetravel, aproximou-se e lhe beijou as mãos.

Célia desejava que aquela entidade triste e benfazeja lhe dissesse algo ao coração. A sombra materna, porém, continuava muda e consternada. Contudo, sentiu que, na mão direita que a sombra osculara, persistia uma sensação indefinivel, como se, com o seu beijo, Alba Lucínia trouxesse tambem uma lágrima ardente e dolorida.

Ante o choque inesperado, a jóven romana notou que ambas as entidades escapavam novamente ao seu olhar.

Nessa noite, meditou sôbre o passado, mais que em outros dias, entregando a Jesus as suas preocupações e as suas mágoas, rogando ao Senhor lhe fortificasse o espírito, afim-de compreender e cumprir integralmente os designios santos da sua divina vontade.

No dia imediato ao de suas amargas reflexões concernentes ao passado doloroso, grande multidão buscava-lhe os fraternos serviços. Eram velhinhos desolados á cata de uma palavra conoladora e amiga, mulheres das povoações mais próximas, que lhe traziam os filhinhos enfermos, sem falar das muitas pessoas procedentes de Alexandria, em busca de lenitivo espiritual para os dissabores da vida.

Á medida que as cercanias do mosteiro se enchiam de viaturas, seu vulto franzino e melancólico desdobrava-se em esforços inauditos para consolar e esclarecer a todos.

De vez em quando, um acesso de tosse sobrevinha,

provocando a piedade alheia; ela, porém, transformando a sua fragilidade em energia espiritual inquebrantavel, parecia não sentir o aniquilamento do corpo, de modo a manter sempre acesa a luz da sua missão de caridade e de amor.

De tarde, invariavelmente, procedia ás leituras evangelicas, ouvidas pelos visitantes numerosos e pela gente simples do povo.

Foi aí, aos lampejos do crepúsculo, que seus olhos atentaram numa viatura elegante e nobre, de cujo interior saltava Helvídio Lucius, que o seu coração filial identificou imediatamente. O antigo tribuno encontrando a pequena assembléia ao ar livre, procurou acomodar-se como pôde, enquanto nos traços fisionómicos do Irmão Marinho surgiam os sinais da emoção que lhe vibrava na alma... Entretanto, sua palavra prosseguia sempre, saturada de intensa ternura, em minudente comentario á parábola do Senhor. O irmão dos infortunados e dos doentes falava das pregações do Tiberiade, como se houvesse conhecido a Jesus de Nazaré, tal a fidelidade e amorosa vibração da sua palavra.

Enlevado na contemplação do, para êle, maravilhoso quadro, o filho de Cnéio Lucius fixou o famoso missionário, tomado de surpresa estranha! Aquela voz, aquele perfíl lembrando um mármore precioso, burilado pelas lágrimas e sofrimentos da vida, não lhe recordavam a propria filha? Se aquele Irmão Marinho vestisse a indumentária feminina, raciocinava o tribuno vivamente interessado, seria a imagem perfeita da filhinha que êle vinha buscando por toda a parte, sem consolação e sem esperança. Assim conjeturando, seguia-lhe a palavra, cheio de surprêsa cariciosa.

Ninguem ainda lhe falara do Evangelho com aquela clareza e simplicidade, com aquela unção de amor e firmeza, que, instintivamente, lhe penetravam o coração, propinando-lhe um brando consôlo. Fizera a viagem de Óstia á Alexandria abatido e enfêrmo. Seu estado organico chegara a despertar o interêsse de alguns amigos romanos, a ponto de insistirem pelo seu imediato regresso á metrópole. Profundo cansaço transpa-

recia-lhe dos olhos tristes, de uma tristeza inalteravel e de um penoso desencanto da vida. Mas, em ouvindo aquele apóstolo extraordinário, cheio de benevolencia e brandura, experimentava no imo um alívio salutar. A brisa vespertina afagava-lhe levemente o rosto, com os derradeiros reflexos do sol a prismar-se em nuvens distantes. A seu lado, concentrada, a multidão dos pobres, dos enfermos, dos desventurados da sorte, em preces fervorosas, como se esperassem todas as felicidades do céu para os seus dias tristes.

A poucos passos, a figura esbelta e delicada do irmão dos infortunados e aflitos, que lhe falava ao coração com maravilhosa suavidade.

A Helvídio Lucius pareceu-lhe que fôra transportado a um país misterioso, cheio de figuras apostólicas e sentia-se entre aqueles crentes anonimos, na posse de um bem-estar indizivel.

Desde a dolorosa desencarnação da companheira, tinha o espírito mergulhado num véu de amarguras atrozes. Nunca mais desfrutara tranquilidade íntima, sob o pêso de suas angústias pungentes. Entretanto, os ensinamentos do Irmão Marinho, suas considerações e suas preces, proporcionavam-lhe uma intraduzivel esperança. Figurou-se-lhe que bastava aquele instante breve para que pudesse reerguer a confiança num futuro espiritual, pleno de realidades divinas. Sem poder explicar a causa da sua emotividade, começou a chorar silenciosamente, como se sómente naquele instante houvesse afeiçoado, de fato, o coração ás belezas imensas do Cristianismo. Terminadas as interpretações e as preces do dia, enquanto a multidão se retirava comovida, Célia deixara-se ficar no mesmo ponto, sem saber que norma adotar naquelas circunstancias. No íntimo, contudo, agradecia a Deus a graça sublime de surpreender o espírito paterno tocado de suas luzes divinas, suplicando ao Senhor permitisse ao seu coração filial receber a necessária inspiração dos seus augustos mensageiros.

Na quasi imobilidade de suas conjeturas, naquele momento grave do seu destino, foi despertada pela voz de Helvídio Lucius que se aproximara exclamando:

— Irmão Marinho, sou um pecador desencantado do mundo, que vem até aquí atraído por vossas virtudes, sacrossantas. Venho de longe e bastou um momento de contacto com a vossa palavra e ensinamentos para que me reconfortasse um pouco, experimentando mais fé e mais esperança. Desejava falar-vos... A noite, contudo, não tarda e temo aborrecer-vos...

A humildade dolorida daquelas palavras. dera á jóven cristã uma idéia perfeita de todos os tormentos que haviam aniquilado o coração paterno.

Helvídio Lucius já não apresentava aquele porte eréto e firme que o caracterizava como legítimo cidadão do Império e da sua época. Os lábios tranquilos de outrora, ajustavam-se num rictus de tristeza e angústia indefiniveis. Os cabelos estavam completamente brancos, como se um inverno implacavel e rijo houvesse despejado na cabeça um punhado de neve indestrutivel. Os olhos, aqueles olhos que tantas vezes lhe patentearam uma energia impulsiva e orgulhosa, eram agora melancólicos, espraiando-se com humildade sincera por toda a parte, ou dirigindo-se com expressões súplices para o Alto, como se de ha muito estivessem mergulhados nas mais angustiosas rogativas.

Célia compreendeu que uma tempestade dolorosa e inflexivel havia desabado sôbre a alma paterna, para que se pudesse realizar aquela metamorfose.

— Meu amigo — murmurou de olhos humidos — rogo a Deus que se não dissipem as vossas impressões primeiras e é em seu nome que vos ofereço a minha choupana humilde! Se vos apraz, ficai comigo, pois terei grande júbilo com a vossa presença generosa!...

Helvídio Lucius aceitou o delicado oferecimento enxugando uma lágrima.

E foi com enorme surpresa que reparou no casebre onde vivia, confortado, o irmão dos infelizes.

Em poucos instantes o Irmão Marinho arranjou-lhe um leito humilde e limpo, obrigando-o a repousar. Guardando nalma uma alegria santa, a jóven se movia de um lado para outro e não tardou levasse ao tribuno surpreso um caldo substancioso e um copo de leite puro,

que lhe reconfortaram o organismo. Depois, foram os remédios caseiros manipulados por ela mesma, com satisfação intraduzivel.

A noite caira de todo com o seu cortejo de sombras, quando o Irmão Marinho assentou-se á frente do hóspede, encantado e comovido com tantas provas de carinhoso desvelo.

Falaram então de Jesus, do Evangelho, casando harmonicas as opiniões e os conceitos acerca-do Cordeiro de Deus e da exemplificação de sua vida.

De vez em quando, o tribuno contemplava o interlocutor, com o mais acentuado interêsse, guardando a impressão de que o conhecera alhures.

Por fim, dentro do profundo bem-estar que sentia renascer-lhe no intimo, Helvídio Lucius ponderou:

— Cheguei ao Cristianismo qual náufrago, após as mais ásperas derrotas do mundo! Sinto que o Divino Mestre endereçou á minhalma todos os apêlos suaves da sua misericórdia; no entanto, eu estava surdo e cégo, no ambito de lamentaveis desvarios. Foi preciso que uma hecatombe desabasse em meu lar e sôbre o meu destino, para que, no fragor da tempestade destruidora, conseguisse romper as muralhas que me separavam da nítida compreensão dos novos ideais florescentes para a mentalidade e para o coração do mundo.

Jamais confiei a alguem os episodios pungentes da minha vida, mas sinto que vós, apostolo de Jesus e seguidor do Mestre na exemplificação do bem, podereis compreender minha existencia, ajudando-me a raciocinar evangelicamente, para que cumpra os meus deveres neste últimos dias de atividade terrena. Nunca, em parte alguma, deixei de experimentar uma tal ou qual dúvida que me desconsola: aqui, porém, sem saber porquê, experimento uma tranquilidade desconhecida. Julgo dever confiar em vós, como em mim mesmo!... Ha muito, sinto necessidade de um confôrto direto, e somente a vós confio as minhas chagas, na espectativa de um auxílio carinhoso e fraterno!...

— Se isso vos faz bem, meu amigo — exclamou a jóven enxugando uma lágrima discreta — podeis con-

fiar no meu coração, que rogará ao Senhor pela vossa paz espiritual em todos os transes da vida...

E enquanto o Irmão Marinho lhe acariciava a cabeça encanecida prematuramente, atormentado por dolorosas recordações, Helvídio Lucius sem saber explicar o motivo de sua confiança, começou a contar-lhe o penoso romance da sua existencia. De vez em quando, a voz tornava-se abafada por uma que outra lembrança ou episódio. A cada pausa o interlocutor, comovido, respondia ao seu estado dalma com essa ou aquela advertencia, traíndo as proprias reminiscencias. O tribuno surpreendia-se com isso, mas atribuia o fato ás faculdades divinatórias, presumiveis no apóstolo do amor e da caridade pura, que tinha á sua frente.

Depois de longas horas de confidencia, em que ambos choravam silenciosamente, Helvídio concluia:

— Aí tem, Irmão Marinho, minha história amargurada e triste. De todas as tragédias lembradas, guardo profundo remorso, mas o que mais me acabrunha é lembrar que fui um pai injusto e cruél. Um pouco mais de calma e um pouco menos de orgulho, teria chegado á verdade, afastando os genios sinistros que pesavam sôbre o meu lar e o meu destino!... Relembrando esses acontecimentos, ainda hoje, sinto-me transportado ao dia terrivel em que expulsei do coração a filha querida. Desde que me certifiquei da sua inocencia, procuro-a ansioso, por toda a parte; parece-me, contudo, que Deus punindo meus atos condenaveis, entregou-me aos supremos martírios morais, para que eu compreendesse a extensão da falta. É por isso, Irmão, que me sinto réu da justiça divina, sem consolação e sem esperança. Tenho a impressão de que para reparar meu grande crime terei de andar como o judeu errante da lenda, sem repouso e sem luz no pensamento. Pela minha exposição sincera e amargurada, compreendeis, agora, que sou um pecador desiludido de todos os remédios do mundo. Por isso, resolvi apelar para vossa bondade, afim-de me proporcionardes um lenitivo. Vós que tendes iluminado tantas almas, apiedai-vos de mim que sou um náufrago desesperado!

As lágrimas abafaram-lhe a voz.

Célia tambem o ouvia de olhos molhados, sentindo-se tocada em todas as fibras do seu coração de filha meiga e afetuosa.

Desejou revelar-se ao pai, beijar-lhe as mãos encarquilhadas, dizer-lhe do seu júbilo em reencontrá-lo no mesmo caminho que a conduzia para Jesus... Quis afirmar que o amara sempre e olvidara o passado de prantos dolorosos, afim-de poderem ambos elevar-se para o Senhor, na mesma vibração de fé, mas uma fôrça misteriosa e incoercivel paralisava-lhe o ímpeto.

Foi assim, que, murmurou carinhosamente:

— Meu amigo, não vos entregueis de todo ao desânimo e ao abatimento! Jesus é a personificação de toda a misericórdia e ha de confortar-vos o coração! Creiamos e esperemos na sua bondade infinita!...

— Mas, obtemperava Helvídio Lucius na sua sinceridade dolorosa — eu sou um pecador que se julga sem perdão e sem esperança!

— Quem não o seria neste mundo, meu amigo? — exclamou Célia cheia de bondade — porventura, não seria destinada a todos os homens a lição da "primeira pedra"? Quem poderá dizer "nunca errei", no oceano de sombras em que vivemos? Deus é um juiz supremo e na sua misericórdia inexhaurivel não pode cobrar aos filhos um débito inexistente!... Se vossa filha sofreu, houve, em tudo uma lei de provações, que se cumpriu conforme com a sabedoria divina!...

— No entanto — gemeu o tribuno em voz amarga — ela era boa e humilde, carinhosa e justa! Além do mais, sinto que fui impiedoso, pelo que, experimento agora as mais rudes acusações da proprio conciência!...

E como se quisesse transmitir ao interlocutor a imagem exata das suas reminiscencias, o filho do Cnéio Lucius acrescentou enxugando as lágrimas:

— Se a visseis, Irmão, no dia fatídico e doloroso, concordarieis, certo, em que minha desventurada Célia era qual ovelha imaculada a caminhar para o sacrifício. Não poderei esquecer o seu olhar pungente, ao afastar-se do aprisco doméstico, ao segregar-se do santuário

da família, honrado sempre pela sua alma de menina com os atos mais nobres de trabalho e renúncia! Recordando êsses fatos, vejo-me qual tirano que, depois de se abandonar a toda a sorte de crimes, andasse pelo mundo mendigando a propria justiça dos homens, de modo a experimentar o desejado alívio da consciencia!

Ouvindo-lhe as palavras, a jóven chorava copiosamente, dando curso ás suas proprias reminiscencias, eivadas de dor e de amargura.

— Sim, Irmão — continuou o tribuno angustiado — sei que chorais pelas desventuras alheias; sinto que as minhas provas tocaram igualmente o vosso coração. Mas, dizei-me!... que deverei fazer para encontrar, de novo, a filha bem-amada? Será que tambem ela tenha buscado o céu sob o látego das angústias humanas? Que fazer para beijar-lhe, um dia, as mãos, antes da morte?

Essas perguntas dolorosas encontravam tão somente o silêncio da jóven, que chorava comovida. Breve, porém, como tomada de súbita resolução, acentuou:

— Meu amigo, antes de tudo precisamos confiar plenamente em Jesus, observando em todos os nossos sofrimentos a determinação sagrada da sua sabedoria e bondade infinitas! Não desprezemos, porém, o tempo, a lastimar o passado. Deus abençôa os que trabalham e o Mestre prometeu amparo divino a quantos laborem no mundo, com perseverança e boa vontade!... Se ainda não reencontrastes a filhinha carinhosa, é necessário dilatar os laços do sangue, afim-de que eles se intermitam nos laços eternos e luminosos da família espiritual. Deus velará por vós, desde que, para substituir o afeto da filha ausente, busqueis estender o coração a todos os desamparados da sorte... Ha milhares de sêres que suplicam uma esmola de amor aos semelhantes! Debalde mostram os braços nús aos que passam, felizes, pelos caminhos floridos de esperanças mundanas.

Conheço Roma e o turbilhão de suas miserias angustiosas. Ao lado das residencias nobres das Carinas, dos edifícios soberbos do Palatino e dos bairros aristocráticos, ha os leprosos da Suburra, os cégos do Ve-

labro, os órfãos da Via Nomentana, as famílias indigentes do Trastevere, as negras miserias do Esquilino!.. Estendei vossos braços ás filhas dos pais anónimos, ou dos lares desprotegidos da fortuna!... Abracemo-nos com os miseraveis, repartamos nosso pão para mitigar a fome alheia! Trabalhemos pelos pobres e pelos desgraçados, pois a caridade material, tão facil de ser praticada, nos levará ao conhecimento da caridade moral que nos transformará em verdadeiros discípulos do Cordeiro. Amenos muito!... Todos os apostolos do Senhor são unânimes em declarar que o bem cobre a multidão de nossos pecados! Toda vez que nos desprendemos dos bens dêste mundo, adquirimos tesouros do Alto, inacessiveis ao egoismo e á ambição que devoram as energias terrestres. Convertei o superfluo de vossas possibilidades financeiras em pão para os desgraçados. Vestí os nús, protejei os órfãosinhos! Todo o bem que fizermos ao desamparado constitue moeda de luz que o Senhor da Seára entesoura para nossa alma. Um dia nos reuniremos na verdadeira patria espiritual, onde as primaveras do amor são infindaveis. Lá ninguem nos perguntará pelo que fomos no mundo, mas seremos inquiridos sôbre as lágrimas que enxugámos e as boas ou más ações que praticámos na estancia terrena.

E, de olhos fixos como a vislumbrar paisagens celestes, prosseguia:

— Sim, ha um reino de luz onde o Senhor nos espera os corações! Façamos por merecer-lhe as graças divinas. Os que praticam o bem são colaboradores de Deus no infinito caminho da vida... Lá, não mais choraremos em noite escura, como acontece na Terra. Um dia perene banhará a fronte de todos os que amaram e sofreram nas estradas espinhosas do mundo. Harmonias sagradas vibrarão nos espíritos eleitos que conquistarem essas moradas cariciosas!... Ah! que não faremos nós por alcançar esses jardins de delícia, onde repousaremos nas realizações divinas do Cordeiro de Deus?! Mas, para penetrar essas maravilhas, temos de

inicio o trabalho de aperfeiçoamento interior, iluminando a conciencia com a exemplificação do Divino Mestre!

Havia no olhar do Irmão Marinho um clarão sublimado, como se os olhos mortais estivessem descansando nesse país da luz, formoso e fulgurante, que as suas promessas evangélicas descreviam. Lágrimas serenas deslisavam-lhe dos olhos calmos, selando a verdade das suas palavras.

Helvídio Lucius chorava, sensibilizado, sentindo que as sagradas emoções da jóven lhe invadiam igualmente o coração, num divino contágio.

— Irmão Marinho — disse a custo — pressinto a realidade luminosa dos vossos conceitos e por isso trabalharei indefessamente, afim-de obter a precisa paz de conciencia e poder meditar na morte, com a beleza de vossas concepções. Praticarei o bem, doravante, sob todos os aspectos e por todos os meios ao meu alcance, e espero que Jesus se apiede de mim.

— Certo, o Divino Mestre nos ajudará — concluiu a jóven, acariciando-lhe os cabelos brancos.

A noite ia adiantada e Célia deixando o coração paterno banhado de consoladoras esperanças, recolheu-se a um mísero cubiculo, onde, desfeita em pranto, rogou a Cnéio Lucius a esclarecesse naquele transe dificil, por isso que o afeto filial se apossava de suas fibras mais sensiveis.

Sorriso piedoso e calmo, o espírito do velhinho correspondeu-lhe ás súplicas, dizendo do seu intenso agradecimento a Deus, por ver o filho entre as luzes cristãs, mas, advertindo que a revelação da sua identidade filial era, naquelas circunstancias, inaproveitavel e extemporanea, e encarecendo aos seus olhos a delicadeza da situação e as realizações do porvir.

Fortalecida e encorajada, Célia preparou a primeira refeição da manhã, que o tribuno ingeriu, sentindo um novo sabor e experimentando as melhores disposições para enfrentar de novo a vida.

Sabendo da sua antiga predileção pelo ambiente rural, o Irmão Marinho levou-a a visitar o horto extenso, onde, á custa de seus esforços e trabalhos ingen-

tes, o mosteiro de Epifânio possuia um verdadeiro parque de produção sadia e sem preço.

Nos grandes talhões da terra, elevavam-se arvores frutíferas, cultivadas com esmero, salientando-se as secções de legumes e a zona bem cuidada onde se alinhavam animais domésticos. Sob as ramagens frondosas, descansavam cabras mansas, a confundirem-se com as ovelhas de lã clara e macia. Além, pastavam jumentas tranquilas e, de quando em quando, núvens de pombos passavam alto em revoada alegre. Entre as verduras, brincavam os fios móveis de um grande regato e, em tudo, observava Helvídio Lucius cuidosa limpeza, convidando o homem á vida bucólica, simples e generosa.

De espaço a espaço, encontravam um velhinho humilde ou uma criança sadia, que o Irmão Marinho saudava com um gesto de ternura e bondade.

Fundamente impressionado com o que via, o filho de Cnéio Lucius acentou comovidamente:

— Este horto maravilhoso dá-me a impressão de um quadro bíblico! Entre estas árvores respiro o ar balsâmico, como se o campo aquí me falasse mais intimamente á alma! Esclarecei-me! Quais os vossos elementos de trabalho? Quanto pagais aos trabalhadores dedicados, que devem ser os vossos auxiliares?...

— Nada pago, meu bom amigo, cultivo este horto ha muitos anos e é daquí que se abastece o mosteiro, do qual tenho sido modesto jardineiro. Não tenho empregados. Meus auxiliares são antigos moradores da vizinhança, que me ajudam graciosamente, quando podem dispor de alguma folga. Os demais, são crianças da minha modesta escola, fundada ha mais de cinco anos para satisfazer as necessidades da infancia desvalida, dos povoados mais próximos!...

— Mas, que segredo haverá nestas paragens — exclamou Helvídio respirando a longos haustos — para que a terra se mostre tão dadivosa e exuberante?

— Não sei, disse o Irmão dos pobres, com singeleza — aquí tão somente amamos muito a terra! Nossas arvores frutíferas nunca são cortadas, para que rece-

bamos as suas dádivas e as suas flores. Os cordeiros nos dão a lã preciosa, as cabras e as jumentas o leite nutritivo, mas não os deixamos matar, nunca. As laranjeiras e as oliveiras são as nossas melhores amigas. Ás vezes, é á sua sombra que fazemos nossas preces, nos dias de repouso. Somos, aquí, uma grande família. E os nossos laços de aféto são extensivos á natureza.

Fornecendo as explicações que Helvídio aceitava atenciosamente, enumerava fatos e descrevia episodios de sua observação e experiencia proprias, imprimindo em cada palavra o cunho de amor e simplicidade do seu espírito.

— Um dia — explicou com um sorriso infantil — observamos que os cabritos mais idosos gostavam de perseguir os cordeirinhos mansos e pequeninos. Então, as crianças da escola recordando que Jesus tudo obtinha pela brandura do ensinamento resolveram auxiliar-me na criação das ovelhas e das cabras, construindo para isso um só redíl... Ainda pequenos, uns e outros, filhos de mães diferentes eram reunidos em todos os lugares e, com o amparo dos meninos, levados as nossas preces e ás nossas aulas ao ar livre. As crianças sempre acreditaram que as lições de Jesus deviam sensibilizar os proprios animais e eu as tenho deixado alimentar essa convicção encantadora e suave. O resultado foi que os cabritos brigões desapareceram. Desde então, o redíl foi um ninho de harmonia. Crescendo juntos, comendo o mesmo pão e sentindo sempre a mesma companhia, uns e outros eliminaram as instintivas aversões!... Por mim, observando essas lições de cada instante, fico a pensar como será feliz a coletividade humana quando todos os homens compreenderem e praticarem o evangelho!...

O tribuno ouviu a historieta na sua radiosa simplicidade, com lágrimas nos olhos.

Fixando o interlocutor, Helvídio Lucius acentuou, deixando transparecer um brilho novo no olhar:

— Irmão Marinho, estou compreendendo, agora, a exuberancia da terra e a maravilha da paisagem. Todos êsses feitos são um milagre do devotamento com que

vindes consagrando todas as energias á terra benfazeja! Tendes amado muito e isso é essencial. Pôr muitos anos, fui tambem homem do campo, mas, até agora, venho explorando o solo apenas com o interêsse comercial. Agora compreendo que, doravante, devo amar tambem a terra, se algum dia regressar á lavoura. Hoje entendo que tudo no mundo é amor e tudo exige amor.

A jóven ouvia as considerações paternas, enlevada nas suas esperanças.

Três dias ali ficou Helvídio Lucius, a edificar-se naquela paz inalteravel. Horas de tranquilidade suave, em que todas as amarguras terrestres como por encanto se lhe aquietavam no íntimo do coração entristecido.

Por vezes, Célia teve impetos de lhe comunicar as as carinhosas emoções do seu coração filial e, contudo, estranha fôrça parecia coarctar-lhe a vontade, dando-lhe a entender que ainda era prematura qualquer revelação.

Por fim, ao despedir-se, mais fortaleciido e confortado, o tribuno falou:

— Irmão Marinho, parto com o espírito tocado de novas disposições e de outras energias para enfrentar a luta e as tristes expiações que me competem na Terra!... Rogai a Deus por mim, pedí a Jesus que tenha o ensejo e a fôrça de pôr em prática os vossos conselhos. Volto á Roma com a idéia do bem a cantarme alma. Seguirei vossas sugestões em todos os passos e, nesse escopo, é bem possivel que o Senhor satisfaça as minhas justas aspirações paternas. Logo que possa, regressarei para abraçar-vos!... Jamais poderei esquecer o bem que me fizestes!

Ela tomou-lhe, então, a dextra e beijou-a de olhos humidos, enquanto o tribuno considerava, comovido, aquele gesto de humildade.

Ansiosamente, deteve-se a contemplar o carro que o transportava, de volta á Alexandria, até que ele se sumisse ao longe, numa nuvem de pó.

Fechando-se então, no seu cubiculo, abriu uma pequena caixa de madeira trazida de Minturnes, na qual guardava a túnica com que saíra de casa no dia amargurado do seu exilio. Entre as poucas peças, repousava

a pérola que o pai lhe trouxera da Phócida, única jóia que lhe ficara, depois de totalmente espoliada pela criminosa ambição de Hatéria. E revirava nas mãos, entre lágrimas, os objetos antigos e simples de suas cariciosas lembranças.

Elevando-se em prece a Deus, rogou não lhe faltasse com as energias indispensaveis ao cumprimento integral de sua missão.

Quanto a Helvídio Lucius, de regresso, sentia-se como que banhado numa corrente de pensamentos novos.

O Irmão Marinho, a seus olhos, era um símbolo perfeito dos dias apostólicos, quando os seguidores de Jesus operavam no mundo, em seu nome .

Desembarcando em Nápoles, dirigiu-se para Cápua, onde foi recebido pelos filhos com excepcionais demonstrações de carinho.

Caio e a espôsa exultaram com as suas melhoras físicas e espirituais, apenas estranhando que regressasse do Egito com tantas idéias de caridade e beneficencia.

Depois de esclarecê-los, quanto ao Irmão Marinho e á fascinação que ele exercera no seu espírito, Helvídio Lucius acentuou:

— Filhos, sinto que não poderei viver muito tempo e quero morrer de conformidade com a doutrina que abracei de coração. Voltarei agora á Roma e tratarei de preparar o porvir espiritual, conforme as minhas novas concepções. Espero que me não contrariem os últimos desejos. Dividirei nossos bens e a terça parte ser-lhes-á entregue em tempo oportuno. O restante, buscarei movimentar de acôrdo com a minha crença nova. Conto com o auxílio de ambos, neste particular.

No íntimo, Caio e Helvídia atribuiram a súbita transformação paterna a sortilégio dos cristãos, que, a seu ver, teriam abusado da sua situação de fraqueza e abatimento, em face dos muitos abalos morais. Nada obstante, com a generosidade que a caracterizava, a espôsa de Fabrícius acentuou:

— Meu pai, não ouso discutir vossos pontos de

fé, pois, acima de qualquer controvérsia religiosa, estão o nosso amor e o vosso bem-estar! Procedei como melhor vos prouver. Financeiramente, não ha preocupar-vos com o nosso futuro. Caio é trabalhador e eu não tenho grandes pretensões. Alem do mais, os deuses velarão sempre por nós, como o têm feito até agora. Portanto, podereis agir, sempre confiante em nosso afeto e acatamento ás vossas decisões.

Helvídio Lucius abraçou a filha, em sinal de júbilo pela sua compreensão, enquanto Caio, num sorriso, esboçava o seu assentimento.

Voltando á Roma dos seus dias de triunfo e mocidade, o orgulhoso patrício estava radicalmente transformado. Seu primeiro ato de verdadeira conversão a Jesus foi libertar todos os escravos da sua casa, providenciando solicitamente pelo futuro deles.

Afrontando os perigos da situação política, não fez mistério de suas convicções religiosas, exaltava as virtudes do Cristianismo nas esferas mais aristocráticas. Os amigos, porém, o ouviam penalizados. Para os de sua esfera social, Helvídio Lucius padecia as mais evidentes perturbações mentais, provenientes da tragédia dolorosa que lhe enchera o lar de um luto perpétuo e angustioso. O tribuno, todavia, como se prescindisse de todas as honrarias exigidas pelos de sua condição, parecia inacessivel aos conceitos alheios e, com assombro de todas as suas relações, dispôs da maioria dos bens patrimoniais em obras piedosas, com as quais os orfãos e as viuvas se beneficiavam. Seus companheiros humildes da Porta Appia se regosijaram com o ardor evangélico de que dava, agora, pleno testemunho, auxiliando-lhes os esforços e defendendo-os publicamente. Não mais se entregou aos ócios sociais, porquanto, ás vezes, pela manhã, era visto no Esquilino ou na Suburra, no Trastevere ou no Velabro, buscando informações dessa ou daquela família de indigentes. Não só isso. Visitou os descendentes de Hatéria, procurou-a no intuito de perdoa-la e não encontrou siquer notícias, pois ninguem conhecia o tragico fim da velhinha, ocorrido no mesmo sentido oculto por ela utilizado para a prática do mal. O tri-

buno, todavia, aproveitou a estada em Benevento para ensinar aos membros daquela família, que se considerava integrada na sua tutela, os metodos seguidos pelo Irmão Marinho no trato carinhoso da terra. Em seguida, ei-lo na herdade de Caio Fabrícius, onde assumiu voluntariamente a direção de numerosos serviços rurais, utilizando aqueles processos que jamais poderia esquecer, tornando-se amado como um pai pelos que recebiam, de boa vontade, suas idéias novas e interessantes.

Todavia, depois de tantos beneficos labores, o antigo tribuno adoeceu, sobressaltando o coração dos filhos e dos amigos.

Assim esteve um mês, combalido e padecente, quando um dia, melancolico e trêmulo, chamou a filha e lhe disse com a maior ternura:

— Helvídia, sinto que meus dias neste mundo estão contados e desejava rever o Irmão Marinho, antes de morrer.

Ela lhe fez sentir a inconveniencia da viagem, mas o tribuno insistia com tanto empenho que acabou anuindo, com a condição de fazer-se acompanhar pelo genro. Helvídio Lucius recusou, porém, alegando não desejar interromper o rítmo doméstico. Resolveram, então, que seguisse acompanhado por dois servos de confiança, na previsão de qualquer eventualidade.

Sentindo-se melhor com a consoladora perspectiva de voltar a Alexandria e rever os sítios onde lograra tanto confôrto para o espírito abatido, o tribuno preparou-se convenientemente, não obstante os temores da filha, que lhe beijou as mãos enternecida, de coração pressago, quando o viu partir

Helvídio Lucius estreitou-a nos braços com um olhar intraduzivel, contemplando em seguida a paisagem rural, melancolicamente, como se quisesse guardar na retina um quadro precioso, observado pela última vez.

Caio e sua mulher, a seu turno, não conseguiram ocultar as lagrimas afetuosas.

Com o espírito de resolução que o caracterizava, o filho de Cnéio Lucius não se deu conta dos temores e inquietações dos filhos, partindo serenamente, seguido

pelos dois servos de Caio Fabrícius, que o não abandonavam um só instante.

Contudo, antes que a embarcação aproasse á Alexandria, êle começou a sentir a recrudescencia do seu mal organico. Á noite, não conseguia forrar-se á dispnéia inflexivel e, durante o dia, sentia-se tomado de profunda fraqueza.

Fazia mais de um ano que conhecera de perto o Irmão Marinho. Um ano mais, de trabalhos incessantes ao serviço da caridade evangélica. E Helvídio Lucius, que se deixara fascinar pelo espírito carinhoso do irmão dos infortunados e humildes, não queria morrer sem lhe demonstrar que aproveitara as lições sublimes. Não sabia explicar a simpatia infinita que o monje lhe despertara. Sabia, tão somente, que o amava com arroubos paternais. Assim, vibrando de júbilo por haver aplicado os seus ensinamentos, com dedicação e destemor, aguardava ansioso o instante de revê-lo e cientificá-lo de todos os seus feitos, que, embora tardios, lhe haviam calmado extraordinariamente o coração.

De Alexandria ao mosteiro, viajou numa liteira especial, com o confôrto possivel. Ainda assim, chegou ao destino grandemente combalido.

O Irmão Marinho, por sua vez, estava vivendo os derradeiros dias do seu apostolado. Os olhos se lhe haviam tornado mais fundos e, no rosto pairava uma expressão dolorosa e resignada, como se tivesse absoluta certeza do proximo fim.

O reencontro de ambos foi uma cena comovedora e tocante, porque Célia tambem esperava ansiosa o coração paterno, crente de que, em breve, partiria ao encontro dos entes queridos que a precederam nas sombras do sepulcro. Havia meses, já, que interrompera as prédicas, porque todos os esforços físicos lhe produziam hemoptises. Todavia, os estudos evangélicos continuavam sempre. Os Irmãos do mosteiro se incumbiram de prosseguir na tarefa sagrada, e os velhos e as crianças substituiam-na nos serviços do horto, onde as arvores se cobriam de flores, novamente. Foi debalde que Epifânio, então tocado pelos atos de sacrifício e humildade

daquela alma generosa, tentou levá-la para um aposento confortavel e lavado de sól, no interior do mosteiro, afim de lhe atenuar os padecimentos. Ela preferiu a casinhola singela do horto, fazendo questão de ficar no isolamento das suas meditações e das suas preces, convicta de que o pai voltaria e desejando revelar-se-lhe, antes de morrer.

Era quasi noite fechada quando o patrício bateu-lhe á porta, atormentado por singulares padecimentos.

Recebeu-o com intenso júbilo, e, embora fraquissima, providenciou a acomodação imediata dos servos em singela dependencia distante e logo voltando ao interior, onde Helvídio a esperava aflito, dado o agravo súbito de todos os seus males.

Debalde lhe trouxe a jóven os recursos da sua medicina caseira, porque, de hora a hora o tribuno experimentava a dispnéia, cada vez mais intensa, enquanto o coração lhe pulsava em ritmo precipitoso...

A noite ia adiantada quando Helvídio Lucius fazendo a filha sentar-se junto dele, murmurou com dificuldade:

— Irmão Marinho... não cuideis mais do meu corpo... Tenho a impressão de estar vivendo os últimos instantes... Guardava o secreto desejo de morrer aquí, ouvindo as vossas preces, que me ensinaram a amar a Jesus... com mais carinho...

Célia começou a chorar amargamente, percebendo a realidade dolorosa.

— Chorais?!... sereis sempre o irmão... dos infelizes e desditosos... Não me esqueçais nas vossas orações...

E, lançando á filha um olhar inolvidavel e triste, continuava na voz reticenciosa da agonia:

— Quis voltar para dizer-vos que procurei pôr em prática as vossas lições sublimes. Sei que outrora fui um perverso, um orgulhoso... Fui pecador, Irmão, vivia longe da luz e... da verdade. Mas... desde que me fui daquí, tenho procurado proceder conforme me ensinaste... Dispús da maior parte dos bens em favor dos pobres e dos mais desfavorecidos da sorte... Pro-

curei proteger as famílias desventuradas do Trastevere, busquei os órfãos e as viúvas do Esquilino... Proclamei minha crença nova entre todos os amigos que me ridicularizaram... Doei uma casa aos companheiros de fé, que se reunem perto da Porta Appia... Busquei todos os meus inimigos e lhes pedí perdão para poder repousar o pensamento atormentado... Permanecendo muitos meses na herdade de meus filhos, ensinei o Cristianismo aos escravos, dando-lhes notícias do vosso horto, onde a terra recebe a mais elevada cooperação de amor... Então, via que todos trabalhavam como me ensinastes... Em cada moeda que oferecia aos desgraçados, eu vos via abençoando o meu gesto e a minha compreensão... Não tenho coragem de me dirigir a Jesus... Sinto-me fraco e pequenino diante da sua grandeza... Pensava assim em vós, que conheceis a dolorosa história da minha vida... Pedireis por mim ao Divino Mestre, pois as vossas orações devem ser ouvidas no céu...

Fizera uma pausa na exposição dolorosa, enquanto a jóven se mantinha em silêncio, orando com lágrimas.

Sentando-se a custo, porém, o patrício tomou-lhe a dextra e fixando na filha os olhos percucientes, continuou em voz entrecortada a revelar as suas derradeiras esperanças e desejos:

— Irmão Marinho, tudo fiz com a mesma aspiração paterna de encontrar minha filha, no plano material... Buscando os pobres e desamparados da sorte, muitas vezes julguei encontrá-la, restituida ao meu coração... Desde que me fiz adepto do Senhor, creio firmemente na outra vida... Creio que encontrarei além do sepulcro todos os afetos que me antecederam no túmulo e quisera levar á minha companheira a certeza de haver reparado os erros do passado doloroso... Minha espôsa foi sempre ponderada e generosa e eu desejava levar-lhe a notícia... de haver reparado os impulsos doutros tempos, quando não sentia Jesus no coração...

E como se desejasse mostrar o seu último desencanto, o moribundo concluia, depois de uma pausa:

— Entretanto... Irmão... o Senhor não me considerou digno dessa alegria... Esperarei, então, o seu

breve julgamento, com o mesmo remorso e com o mesmo arrependimento...

Ante aquele ato de humildade suprema e de suprema esperança no Senhor Jesus, o Irmão Marinho levantou-se e, fitando-o de olhos humidos e brilhantes exclamou:

— Vossa filha aqui está, esperando a vossa vinda!... Haveis de reconhecer que Jesus ouviu as nossas súplicas!...

Helvídio despediu um olhar penetrante, cheio de amargura e de incredulidade, enquanto pelas faces pálidas, lhe escorria copioso o suor da agonia.

— Esperai! — disse a jóven num gesto carinhoso.

E volvendo rápida ao interior, desfez-se do burél, e vestiu a velha túnica com que se ausentara do lar no momento crítico do seu doloroso destino, colocando ao peito a pérola da Phócida que o pai lhe ofertara na véspera do angustioso acontecimento. E dando aos cabelos o seu penteado antigo, penetrou no quarto ansiosamente, enquanto o moribundo verificava a sua metamorfose, assomado de espanto.

— Meu pai! meu pai!... — murmurou enlaçando-lhe o busto, com ternura, como se naquele instante conseguisse realizar todas as esperanças da sua vida.

Mas, Helvídio Lucius com a fronte empastada de álgido suor, não teve fôrças para externar a alegria íntima, colhido de surpresa e assombro indefiniveis. Quis abraçar-se á filha idolatrada, beijar-lhe as mãos e pedir-lhe perdão, na sua alegria suprema. Desejava ter voz para dizer do júbilo que lhe dominava o coração paterno, inquirindo-a e expondo-lhe os seus sofrimentos inenarraveis. A alegria intensa havia rompido, porém, as suas derradeiras possibilidades verbais. Apenas os olhos, percucientes e lúcidos, refletiam o estado dalma, dando conta da sua emoção indefinivel. Lágrimas silenciosas começaram a lhe rolar pelas faces descarnadas, enquanto Célia o osculava, murmurando ternamente:

— Meu pai, do seu reino de misericórdia Jesus

ouviu as nossas preces! Eis-me aqui. Sou vossa filha!... Nunca deixei de vos amar!...

E como se quisesse identificar-se por todos os modos aos olhos paternais, no instante supremo, acrescentava:

— Não me reconheceis? Vêde esta túnica! É a mesma com que saí de casa no dia doloroso.. Vêdes esta pérola? É a mesma que me déstes na véspera de nossas provações angustiosas e rudes... Louvado seja o Senhor que nos reúne aqui, nesta hora de dor e de verdade. Perdoai-me se fui obrigada a adotar uma indumentária diferente, afim-de enfrentar a minha nova vida! Precisei desses recursos para defender-me das tentações e furtar-me á concuspicencia dos homens inferiores!... Desde que saí do lar, tenho empregado o tempo em honrar o vosso nome... Que desejais vos diga ainda, por demonstrar minha afeição e meu amor?...

Mas, Helvídio Lucius sentia que misteriosa fôrça o arrebatava do corpo; uma sensação desconhecida lhe vibrava no íntimo, envolvia-o numa atmosfera glacial.

Ainda tentou falar, mas as cordas vocais estavam hirtas. A lingua paralisara na boca entumecida. Todavia, atestando os profundos sentimentos que lhe vibravam no coração, vertia copiosas lágrimas, envolvendo a filha adorada num olhar amoroso e indefinivel. Esboçou um gesto supremo desejando levar as mãos de Célia aos lábios, mas, foi ela quem, adivinhando-lhe a intenção, tomou-lhe as mãos inertes, frias, e osculou-as longamente. Depois, beijou-lhe a fronte, tomada de imensa ternura!...

Ajoelhando-se em seguida, rogou ao Senhor, em voz alta, recebesse o espírito generoso do pai, no seu reino de amor e de bondade infinita!...

Com lágrimas de afeto e de agradecimento ao Altíssimo, cerrou-lhe as pálpebras no derradeiro sono, observando que a fisionomia do tribuno estava, agora, nimbada de paz e serenidade.

Por instantes permaneceu genuflexa e viu que o ambiente se enchera de numerosas entidades desencarnadas, entre as quais se destacavam os perfís de sua

mãe e do avô, que alí permaneciam de semblante calmo e radiante, estendendo-lhe os braços generosos.

Figurou-se-lhe que todos os amigos do tribuno estavam presentes no instante extremo, afim-de lhe escoltar a alma regenerada, nos luminosos páramos do Cordeiro de Deus.

Aos primeiros clarões da aurora, deu as necessárias providencias, solicitando a presença dos servos do morto, que acorreram pressurosos ao chamado.

Novamente reintegrada no seu hábito de monje, Célia encaminhou-se ao mosteiro e comunicou o fato á autoridade superior, rogando providencias.

Todos, inclusive o proprio Epifânio, auxiliaram o Irmão Marinho na solução do assunto.

Os serviçais de Caio Fabricius explicaram, porém, que seus patrões, em Cápua, estavam certos de que o viajante não poderia resistir aos precalços da viagem mais que penosa, e os haviam esclarecido sôbre as personalidades a quem se deveriam dirigir em Alexandria, para que os despojos voltassem á Campânia, caso o tribuno falecesse.

E assim, de manhã bem cedo, um grupo de quatro homens, inclusive os dois servos aludidos, transportavam o cadaver de Helvídio Lucius para a cidade proxima.

Encostada á porta da sua choupana e, ante o olhar dos irmãos do mosteiro, que a acompanhavam, Célia contemplou a liteira fúnebre até que desaparecesse ao longe, entre nuvens de pó.

Quando o grupo desapareceu nas derradeiras curvas da estrada, Célia sentiu-se só e abandonada, como nunca. A revivescencia da afeição paterna, em tais circunstancias, lhe havia trazido amargurosa tristeza. Jamais a angústia do mundo se apossara tão fortemente de sua alma. Buscou o refúgio da prece e todavia, figurou-se-lhe que as mais pesadas sombras lhe haviam invadido o sêr. Não tinha desesperado o coração, nem o senso do infortunio lhe consentia queixumes e lamentações. Mas, uma saudade singular dos seus mortos bem-amados enchia-lhe, agora, o coração, de um como filtro

misterioso de indiferentismo para o mundo. Começou a fixar o pensamento em Jesus, mas, em breve, as rosas de sangue começaram a brotar da boca, num fluxo contínuo.

Alguns irmãos amigos acercaram-se, enquanto Epifânio, tocado no mais fundo do coração, mandava transferí-la para o mosteiro com a maior solicitude.

De nada valeram, porém, os recursos médicos e as supremas dedicações da extrema hora.

As hemoptises se prolongavam, assustadoramente, sem ensejarem qualquer esperança.

Na sua velhice cheia de unção e arrependimento, o superior tudo envidava para restituir a saúde ao jóven monje, cujas virtudes se impuseram como um símbolo de amor e de trabalho...

Dois dias se passaram, de angústia infinita.

Durante aquelas horas torturantes, Epifânio deu ordem para que as visitas fôssem recebidas. Pela primeira vez, as portas do convento se abriram para os populares e os velhinhos das redondezas aproximarem-se do Irmão Marinho, cheios de lágrimas sinceras.

Um a um, acercaram-se da jóven, beijando-lhe as mãos trêmulas e descarnadas.

— Irmão Marinho, — dizia um deles — tu não deverias morrer!... Se partires agora, quem ensinará o bom caminho ás nossas filhas?

— E quem ensinará o Evangelho aos nossos netos? — clama um outro disfarçando as lágrimas.

Mas a jóven de olhar firme e sereno, exclamava com bondade:

— Ninguem morre, meus irmãos! Não nos prometeu Jesus a vida eterna?...

Para cada qual, tinha um olhar de ternura e a luz cariciosa de um sorriso.

Na noite imediata agravaram-se de maneira atroz os seus padecimentos.

Compreendendo que o fim se aproximava, o velho Epifânio perguntou-lhe algo, quanto aos seus últimos desejos e ela erguendo para o superior o olhar sereno, acentuou:

— Meu pai, rogo que me perdoeis se alguma vez vos ofendí por atos ou por palavras!... Orai por mim, para que Deus tenha compaixão de minhalma... e se é permitido pedir-vos alguma cousa... desejo ver as crianças da escola, antes de morrer...

Epifânio ocultou as lágrimas levando as mãos ao rosto, e, antes do amanhecer, três irmãos saíram pelos povoados mais proximos, afim-de reunir os pequeninos, por satisfazer os últimos desejos da moribunda.

Depois do meio dia, todas as crianças da escola penetraram no quarto, respeitosas.

O Irmão Marinho, contudo, recostado nas almofadas, enviava-lhes um sorriso bom e compassivo, embora o peito lhe arfasse penosamente.

Num gesto extremo chamou-as a si, inquirindo a cada uma sôbre os estudos, o trabalho, a escola...

Os meninos, mal percebendo a hora dolorosa, sentiam-se á vontade, enquanto Célia lhes sorria.

— Irmão Marinho, dizia um pequenote de olhos graves, todos nós lá em casa, temos pedido a Deus pelas vossas melhoras!

— Obrigado, meu filho!... — dizia a moribunda, fazendo o possivel por dissimular os sofrimentos.

Em seguida, era uma pequenina interessante no seu vestidinho pobre, a balbuciar em tom discreto:

— Irmão Marinho, pai Epifânio não deixou que eu plantasse a roseira ao pé do redil e me repreendeu asperamente.

— Que tem isso, filhinha?... Pai Epifânio tem razão... o redil não é lugar das flores... Plantarás a roseira nova perto da janela. Lá ela receberá mais sol... E tu darás ao pai Epifânio a primeira flor...

— Olha, Irmão — repetia outro pequenito de cabelos despenteados — as ovelhas esta noite nos deram dois novos cordeirinhos.

— Tratarás deles, meu filho!... — dizia a jóven com dificuldade.

— Irmão — exclamava outro menino — tenho rogado a Jesus que te devolva a saúde preciosa.

— Meu filho... — dizia ainda a agonizante —

nós não devemos pedir ao Senhor isso ou aquilo, e sim a compreensão de sua vontade que é soberana e justa...

Mas, em face da inquietude infantil que a rodeava, exclamou, desejando concentrar as derradeira energias para a prece.

— Filhinhos... cantem... para mim...

Entre as crianças deu-se ligeiro tumulto, quanto á escolha do hino a ser cantado.

Foi, então, que uma pequenita lembrou que o sól se preparava para mergulhar no horizonte, fazendo sentir aos companheiros que, nessa hora, o Irmão Marinho preferira sempre o "Hino do Entardecer", ensinado a todos com carinho fraternal.

Então, todos de mãos dadas, rodearam o leito, no qual a moribunda oferecia a Deus os seus derradeiros pensamentos, enquanto todos os irmãos da comunidade observavam chorando, á distância, a cena comovedora e dolorosa.

Mais alguns minutos e elevaram-se aos céus as notas cristalinas do cântico singelo:

Louvado sejas, Jesus!
Na aurora cheia de orvalho,
Que trás o dia, o trabalho,
Em que andamos a aprender.
Louvado sejas, Senhor!
Pela luz das horas calmas,
Que adormenta as nossas almas
No instante do entardecer...

O campo repousa em preces,
O céu formoso cintila,
E a nossa crença tranquila
Repousa no teu amor;
É a hora da tua benção
Nas luzes da natureza,
Que nos conduz á beleza
Do plano consolador.

É nesta hora divina,
Que o teu amor grande e augusto
Dá paz á mente do justo,
Alivio e confôrto á dor!
Amado Mestre abençôa
A nossa prece singela,
Faze luz sôbre a procela
Do coração pecador!

Vem a nós! Do céu ditoso,
Ampara a nossa esperança,
Temos sêde de bonança,
De amor, de vida e de luz!
Na tarde feita de calma,
Sentimos que és nosso abrigo,
Queremos viver contigo,
Vem até nós, meu Jesus!...

Célia ouvia o hino das crianças, em seus últimos acordes. Figurou-se-lhe que a sala humilde estava povoada de artistas inimitaveis. Eram todos jóvens graciosos e crianças risonhas, que empunhavam flautas e harpas siderais, alaúdes e timbales divinos. Desejou contemplar os meninos da sua escola humilde e falar-lhes, mais uma vez, da sua alegria infinda, mas, ao mesmo tempo, sentiu-se rodeada de sêres carinhosos que, sorridentes, lhe estendiam os braços. Alí estavam seus pais, o venerando avô, Nestório, Hatéria, Lésio Munácio e a figura encantadora de Ciro, como que envolta num peplum de neve translúcida... A um gesto da amoravel entidade de Cnéio Lucius, Ciro avançava estendendo-lhe os braços. Era o gesto de carinho que o seu coração esperara toda a vida!... Quis falar da sua felicidade e gratidão ao Senhor dos Mundos, mas sentia-se exhausta, como se chegasse de uma luta extrênua.

Guardando-lhe a fronte nas mãos, sob a música do carinho, Ciro lhe dizia de olhos humidos:

— Ouve Célia! Este é um dos sublimes cantos de amor, que te consagram na Terra!

Ela não viu que as crianças ansiosas lhe cobriam

de lágrimas as mãos imóveis e alvas, abraçando ternamente o seu cadaver de neve.. A um só tempo, todos os irmãos do mosteiro se lançaram comovidos para os seus despojos, ao passo que, no plano invisivel, um grupo de entidades amigas e carinhosas conduzia numa onda de luz e perfumes, aos páramos do Infinito, aquela alma ditosa de martir.

VII

NAS ESFERAS ESPIRITUAIS

Prestando as derradeiras homenagens ao Irmão Marinho, os religiosos do mosteiro conheceram a verdade dolorosa. Só então, certificaram-se de que o caluniado irmão dos pobres e da infância desvalida era uma virgem cristã, que exemplificara, entre êles, as mais elevadas virtudes evangélicas.

Diante do fato imprevisto e passada a comoção do espanto, todos os monjes, inclusive Epifânio, se prosternavam humildes, banhados no pranto da compunção e do arrependimento.

Debalde procuraram investigar a origem e antecedentes da jóven mártir, para só conservarem da sua pessoa e dos seus feitos imorredoura lembrança, afim-de poderem, mais tarde, justificar a sua exemplificação santificante.

Cheio de amargura, o velho superior da comunidade reclamou a presença de Menênio Túllio e da filha, para que se esclarecesse a pérfida calúnia, mas, ante o cadaver da virgem cristã e, recordando a sua humildade, Brunehilda perdeu a razão, para sempre.

Nunca mais, a figura de Célia foi olvidada pelos religiosos, pelos crentes, pelos desventurados e pelos aflitos. Convertida em símbolo de amor e piedade, sua memória centralizou, nos arredores de Alexandria, os votos e rogativas das almas fervorosas e sinceras.

Mas, acompanhando nossos principais personagens

á vida do alem-túmulo, antes de iniciarem novas lutas remissoras, vamos encontra-los em grupos dispersos, conforme o seu estado conciencial, ás vésperas de regressarem, convocados, ao esfôrço coletivo nos sagrados institutos da família.

Á exceção de Célia, chamada a um mundo superior e onde lhe foi concedida a tarefa de velar pela evolução dos seus entes bem-amados, os demais permaneciam nas esferas mais próximas da Terra, regiões de trabalho e de luta, buscando cada qual armazenar energias novas para subsequentes esforços no plano material.

De todo o grupo, as personalidades de Cláudia Sabina, Lóllio Urbico, Fábio Cornélio e Silano Plautius eram as que se conservavam nas regiões mais razas e mais sombrias, atento o doloroso estado de conciencia que as caracterizava.

Em esferas mais elevadas, Helvídio Lucius junto de quantos lhe fôram familiares, inclusive Ciro, repousavam do trabalho esforçando-se, em conjunto, por fixar as bases espirituais, asseguradoras de êxito futuro.

Alguns personagens, como Nestório e Policarpo, faziam grandes excursões pelos arredores sombrios do planeta, cooperando com os mensageiros de Jesus, que pregavam a Boa-Nova aos espíritos desalentados e sofredores, levando a efeito o mais sadio aprendizado evangélico para as lutas do futuro nos ambientes terrenos, onde prosseguiriam, mais tarde, no abençoado labor de redenção do passado culposo.

A vida cariciosa do plano espiritual constituia, para todos um confôrto suave.

Continuamente, os grandes portadores das determinações divinas ensinavam aí as verdades do Mestre, enchendo os corações de paz e de esperança.

As almas afins, reunidas em grupos familiares, sabem apreciar, fóra das vibrações pesadas do mundo físico, os bens supremos da verdade e da paz, sob os laços sublimes do amor e da sabedoria.

Examinadas as disposições felizes dessas esferas, cuja intimidade encantadora não poderemos descrever aos leitores humanos, vamos encontrar o agrupamento

de Cnéio Lucius na região de repouso em que todos os nossos personagens se encontravam, embalados na carícia suave de numerosos afetos dos séculos longínquos.

Tudo era uma carinhosa esperança nos corações e um generoso proposito nas almas.

Os nobres projetos, com vistas ao porvir, sucediam-se uns aos outros.

No grupo em que a tranquilidade se estampava no espírito de todos os componentes, esperava-se Júlia Spinther que, em companhia de Nestório, descera aos ambientes inferiores do orbe terrestre, tentando acordar com o seu amor os sentimentos entorpecidos do companheiro, que se mantinha nas mesmas atitudes de ódio e vingança.

— É inutil — dizia Cnéio Lucius, bondosamente, dirigindo-se aos filhos e aos amigos — é inutil mantermos propósitos de vindita depois das lutas terrestres, pois a reencarnação, nesse caso, soluciona todos os problemas! Na minha última ida á Roma, tive ocasião de ver o Imperador Elio Adriano no corpo miseravel do filhinho de uma escrava. Desde essa hora, tenho ponderado bastante os nossos deveres e a necessidade de recebermos com o maior amor a vontade divina.

— Sim — exclamava Lésio Munácio, então presente — nas minhas excursões evangélicas pelas zonas inferiores, tenho encontrado antigos nobres de nossa época, que suplicam a Deus uma nova oportunidade na Terra, sem escolherem as condições do futuro aprendizado.

— O conhecimento no Espaço — aventava Helvídio Lucius — parece que nos enche o coração de uma profunda dedicação pelo sofrimento. Em face da grandeza divina e reconhecendo, aquí, a nossa insignificancia, sentimo-nos capazes de todas as tarefas de redenção, porquanto, agora, aos nossos olhos, os maiores feitos da Terra são ações humildes e pequeninas.

— Grande é a misericórdia de Jesus — dizia Cnéio — que nos concedeu os patrimonios da vida eterna.

Enquanto a conversação ia animada com o concurso de Alba Lucínia e da sua antiga serva, regressaram

Nestório e Julia Spinther da sua excursão de amor e de fraternidade.

A velha matrona trazia o semblante desolado, fornecendo aos companheiros o testemunho de sua amargura e de suas lágrimas.

— Então, minha mãe — exclamou Lucínia abraçando-a, ao mesmo tempo que usava a linguagem amiga e carinhosa da Terra — conseguiste alguma cousa?...

— Por enquanto, filhinha, retrucava Julia Spinther enxugando as lágrimas, todos os meus esforços resultam inuteis. Infelizmente, Fábio não trabalha, intimamente, por adquriir a suprema compreensão das grandes leis da vida. Encarcerado nos seus pensamentos tristes não cede, absolutamente, ás minhas súplicas!...

— Entretanto — elucidava Nestório aos companheiros, que lhe ouviam a palavra com interesse — Policarpo já se prepara, junto de quantos o acompanham na luta, para a próxima reencarnação coletiva. A nossa não poderá tardar muito. O único obstáculo que parece retardar nossa marcha é a ausencia de uma compreensão perfeita daquele inolvidavel ensinamento de Jesus, quanto ao perdão de setenta vezes sete vezes.

— Bastaria perdoarmos para que o Senhor nos permitisse voltar ao trabalho santificante? — perguntou Cnéio Lucius intencionalmente.

— Sim — esclarecia Nestório na sua fé — o perdão sincero é uma grande conquista da alma.

Nesse comenos, Cnéio Lucius preparava os filhos que se entreolhavam com alguma tristeza, pela dificuldade que tinham em esquecer os atos de Lóllio Urbico e de Cláudia Sabina.

— De minha parte — dizia Julia Spinther resignada — não tenho cousa alguma a perdoar aos outros. Desde a minha desencarnação roguei insistentemente a Jesus que me fizesse esquecer todas as expressões de orgulho e amor proprio.

— Muito bem, minha irmã — advertia Cnéio com um sorriso sereno — um coração feminino é inacessivel aos sentimentos de ódio e represália.

E como percebera que os presentes relembravam,

no íntimo os atos de Cláudia, em face de sua alusão generalizada, acrescentou com bondade:

— A mulher que odeia é uma dolorosa exceção no caminho da vida, pois Deus confiou ás almas femininas o seu ministerio mais santo, no seio da criação infinita!

Todos compreenderam os seus generosos pensamentos e louvavam as suas idéias fraternais, quando Hatéria murmurou:

— Tenho suplicado ao Senhor dos Mundos, que me faça digna de viver junto de Cnéio Lucius nos meus proximos trabalhos.

— Ora, filha — retrucou o ancião com um sorriso — bem sei que nada valho, mas terei imenso júbilo se te puder ser util alguma vez... Apenas te recomendo que, de futuro, deves temer o dinheiro como o piór inimigo da nossa tranquilidade.

Todos sorriram á essa alusão e a palestra continuou animada.

Algum tempo se passou, ainda, enquanto o coração dos nossos personagens se retemperavam nas idéias do amor e do bem, da fraternidade e da luz, esperando as novas lutas.

Um dia, porém, um mensageiro das alturas veiu convocar o grupo de Cnéio Lucius a comparecer perante os numes tutelares que lhe presidiam os destinos, de modo a efetuar-se a livre escolha das provações futuras.

Examinados os projetos de esfôrço, com a livre coperação de todos os que se achavam em condições evolutivas, imprescindiveis ao ato de resolução e de escolha, na esfera da responsabilidade individual, o grupo de Cnéio Lucius continuava aguardando as determinações superiores para regressar á terra.

De vez em quando, observavam-se entre os nossos personagens, pequeninas impressões como estas:

— Uma das situações que mais receio — exclamava Helvídio Lucius — é a vida em comum com Lóllio Urbico, pois temo que ele reincida nas tendencias inferiores da sua personalidade.

— Convencê-lo-emos pela dedicação e pelo amor, esclarecia Alba Lucínia. Tenho suplicado a Jesus que

nos conceda fôrças para tanto e estarei constantemente a teu lado, afim-de podermos transfundir os seus sentimentos em fraternidade e afeição espiritual.

— Sim, meus filhos — ponderava o experiente e generoso Cnéio Lucius — precisamos amar muito! Somente com a renuncia sincera poderemos alcançar o reino de luz, prometido pelo Salvador. Entre todos os que ficarão sob a nossa responsabilidade, no porvir, uma alma existe, credora da nossa compaixão mais profunda!...

E como Helvídio e a companheira silenciassem, adivinhando-lhe os pensamentos, o ancião continuou:

— Refiro-me á Cláudia Sabina, que ainda tem o coração como um deserto árido. As últimas visitas que lhe fiz, na região das sombras, deixaram-me envolto num véu de amargura!... Remorsos terriveis transformaram-lhe o mundo psíquico num cáos de angustiosas perturbações! Debalde lhe tenho falado de Deus e de sua inexgotavel misericordia, porquanto, na caligem de seus pensamentos, não consegue perceber as nossas advertencias consoladoras.

Alba Lucínia e o companheiro ouviram-no comovidos e, todavia, abstiveram-se de comentar o doloroso assunto.

Hatéria, entretanto, que lhe bebia avidamente as palavras, objetou, deixando entrever os amargos receios que lhe povoavam a mente:

— Meu generoso protetor, já fui notificada de que o meu roteiro de lutas se verificará em linhas paralelas ao de Cláudia Sabina, em vista de meus erros imperdoaveis; contudo, suplico o vosso amparo, apesar das novas energias que me felicitam a alma. Cláudia é autoritaria e insinuante e, se hoje se encontra acabrunhada e ensandecida, em virtude dos sofrimentos no plano invisivel, não duvido que, novamente na Terra, procure retomar a sua feição de orgulho e mandonismo.

— Filha — ponderava o ancião com um leve sorriso — Jesus velará por nós, concedendo-nos a fôrça precisa para o desempenho dos nossos deveres mais sagrados.

Julia Spinther acompanhava as impressões de todos com amoroso interêsse e exclamava, por vezes:

— Eu tudo daria por cultivar em nosso meio, no porvir que se aproxima, a paz perpétua e a harmonia duradoura. Repararei minhas faltas do passado, buscando compreender a essencia do cristianismo, para cuja luz eterna hei de conduzir o coração de Fábio, com o amparo do Cordeiro de Deus, que ha de ouvir minhas sinceras rogativas...

A vida do grupo do venerando Cnéio Lucius decorria, assim, em espectativas promissoras para o futuro. Cada qual, erguendo muito alto o coração, buscava aprender, cada vez mais e melhor, os ensinamentos de Jesus, de modo a recordar a sua claridade sublime entre as sombras espêssas da Terra.

Os grupos afins de Policarpo e de Lésio Munácio já haviam regressado aos labores do mundo, quando os nossos personagens foram chamados á determinação superior, afim-de baixarem aos tormentos e lutas purificadoras do ambiente terrestre.

Tomados de veneração e de esperança, acomodaram-se perante os executores da justiça divina, enquanto ao seu lado estacionava quasi uma centena de companheiros, incluindo escravos, serviçais e amigos de outrora.

No recinto espiritual, de beleza maravilhosa, intraduzivel na pobre linguagem humana, havia a cariciosa vibração de uma prece coletiva, que se escapava de todos os peitos, plenos de receio e de esperança.

— Irmãos — começou dizendo um mentor divino, a cuja responsabilidade estava afeta a direção daquele amistoso conclave — breve estareis de novo na Terra, onde sereis convocados a praticar os divinos ensinamentos adquiridos no plano espiritual!... Agradeçamos a misericordia do Senhor, que nos concede as preciosas oportunidades do trabalho a favor de nossa propria redenção, em marcha incessante para o amor e para a sabedoria. Vós que partís, amai a luta redentora, como se deve amar uma alvorada divina! Aquí, sob a luz da bondade infinita do Cordeiro de Deus, a alma egressa do mundo pode descançar de suas profundas mágoas. Os

corações ulcerados se retemperam junto á fonte inexgotavel do consôlo evangélico; mas, acima de nossas frontes, ha um reino de amor perene e de paz inolvidavel, que necessitamos conquistar com os mais altos valores da conciencia! Adquiristes aquí os mais elevados conehcimentos, em materia de sabedoria e amor, experimentastes o bafejo de sublimes consolações, como somente poderá sentir-las o espírito liberto das sombras e angústias materiais; observastes a beleza e a ventura que aguardam, no Infinito, as almas redimidas; todavia, é necessário regressardes á carne, afim-de poderdes experimentar o valor do vosso aprendizado! É na Terra, escola dolorosa e bendita da alma, que se desdobra o campo imenso de nossas realizações. Os erros de outrora devem ser reparados lá mesmo, entre as suas sombras angustiosas e espessas!... Enquanto se repara, na sua superfície, os desvios das épocas remotas, faz-se mistér aplicar nas suas estradas sombrias os ensinamentos recebidos do Alto, em virtude do acréscimo da misericórdia de Jesus, que não nos desampara. Na Terra está o aprendizado melhor, e aquí vigora o exame elevado e justo. Lá é a sementeira, aquí a colheita. Voltai novamente aos seus caminhos e reparai o passado doloroso!... Abraçai os vossos inimigos de ontem, para vos aproximardes dos vossos benfeitores no porvir! Fechai as portas da exaltação no mundo e sêde surdos ás ambições! Edificai o reino de Jesus no imo, porque um dia, a morte vos arrebatará de novo ás angústias e mentiras humanas, para as análises proveitosas. A exemplificação de Jesus é o modêlo de todos os corações. Não vos queixeis da orientação precisa, porque, em toda a parte do mundo, como em todas as idéias religiosas e doutrinas filosóficas, ha uma ataláia de Deus esclarecendo a conciencia das criaturas! O mundo tem as suas lagrimas penosas e as suas lutas incruentas. Nas suas sendas de espinhos torturantes se congregam todos os fantasmas dos sofrimentos e das tentações, e sereis compelidos a positivar os vossos valores intrinsecos. Amai, porém, a luta como se os seus benefícios fossem os de um pão espiritual, imprescindivel e precioso!... Depois de

todas as conquistas que o plano terrestre vos possa proporcionar, sereis, então, promovidos aos mundos de regeneração e de paz, onde preparareis o coração e a inteligência para os reinos da luz e da bem-aventurança supremas!...

A palavra sábia e inspirada do esclarecido mentor do Alto era ouvida com singular atenção.

Em dado instante, porém, sua voz esclareceu, depois de uma pausa:

— Agora, irmãos bem amados, encontrareis aquí os adversários de ontem, para a conciliação e para os trabalhos futuros. Escolhestes e delineastes o mapa de vossas provas, porquanto já possuís a noção de responsabilidade e a precisa educação psíquica, para colaborar nesse esfôrço dos vossos guias!... Nossos irmãos infelizes, entretanto, ainda não possuem essas condições evolutivas e serão compelidos a aceitar as decisões daqueles gênios tutelares, que lhes acompanham a trajetória na trama dos destinos humanos... E êsses genios do bem deliberaram que êles vivam convosco, que aprendam nos vossos atos, que vibrem nas vossas experiencias do futuro! Os executores dessas elevadas resoluções os trouxeram a todos, afim-de processar-se a decisão final com o vosso concurso, nesta assembléia de divinos ensinamentos. Tendes, pois, o direito de escolher, entre êles, os companheiros do porvir, sem vos esquecerdes de que, nestes momentos, pode o nosso coração dar as melhores provas de compreensão daquele "amai-vos uns aos outros" da lição do Evangelho, onde repousa a base da nossa suprema evolução para os planos divinos!...

Nossos personagens entreolharam-se ansiosos.

A esse tempo, contudo, algumas entidades penetravam o recinto. Atrás dos vultos nobres de alguns espíritos caridosos e amigos, vinham Cláudia Sabina, Fábio Cornélio, Silano Plautius, Lóllio Urbico e, um pouco distantes, numerosos servos de outrora, comparsas dos mesmos erros e das mesmas ilusões dos nossos amigos, como, por exemplo, Pausânias, Plotina, Quinto Bíbulo, Pompônio Gratus, Lídio, Marcos e outros, enquanto o re-

cinto se povoava de suas vibrações estranhas, saturadas de amargura indefinivel.

A maior parte demonstrava surpresa amarga e dolorosa.

Quasi todos se conservavam cabisbaixos e tristes, fazendo ouvir, de quando em quando, soluços dolorosos.

Observando a penosa impressão dos filhos e sentindo que ambos se encontravam sob as tenases de uma indecisão angustiosa, Cnéio Lucius suplicava ao Senhor que o inspirasse quanto á melhor maneira de sacrificar-se pelos filhos bem amados, conciliando o seu afeto com as proprias necessidades deles, em face do futuro.

Então, viu-se que o generoso velhinho levantava-se com desassombro e serenidade e, caminhando para a desolada Cláudia Sabina, que não ousara erguer os olhos saturados de lágrimas, falar-lhe com infinita brandura:

— Já que a misericordia de Jesus Cristo me faculta a escolha dos que viverão comigo, considerar-te-ei, minha irmã, desde já como filha, a quem devo consagrar uma afeição duradoura e divina!...

E abraçando-a generosamente, concluia:

— De futuro permanecerás no meu lar, afim-de transfundirmos o ódio e a vingança em fraternidade sublime e sacrossanta!... Comerás do nosso pão, participarás das minhas alegrias e das minhas dores, serás irmã de meus filhos!...

Claudia Sabina soluçava, sensibilizada pelo amor daquela alma devotada e generosa.

Hatéria levantando-se, caminhou até Cnéio Lucius e lhe beijou as mãos, que, naquele instante, estavam luminosas e translúcidas.

A êsse tempo, Julia Spinther amparava o coração desolado do companheiro, abraçando Silano Plautius e prometendo-lhe o seu auxílio devotado e amigo, no curso das lutas planetárias.

Foi aí que Helvídio Lucius e Alba Lucínia se levantaram e dirigindo-se a Lóllio Urbico, que se ajoelhara como oprimido por um tormento implacavel, estenderam-lhe os braços fraternos, prometendo-lhe amor e dedicação.

Continuando a mesma obra de solidariedade e devotamento, todos chamaram a si êsse ou aquele antigo servo, bem como os comparsas de seus feitos passados, afim-de associá-los aos seus esforços no futuro.

Terminada essa tarefa bendita, o mentor da reunião perguntou serenamente:

— Todos estais certos de haver suficientemente perdoado?

Amargurado silêncio... No íntimo, os nossos personagens experimentavam, ainda, certas dificuldades para esquecer o passado. Helvídio Lucius não olvidara as perseguições de Lóllio Urbico; Alba Lucínia não esquecera as ações de Sabina e Fábio Cornélio, por sua vez, apesar dos sofrimentos, não se sentia capaz de perdoar o crime de Silano.

A indecisão era geral, mas uma luz branda e misericordiosa começou a verter do Alto, atingindo em cheio todos os corações. Sem exceção de um só, todos os membros do grupo de Cnéio Lucius começaram a chorar, possuidos de emoção indefinivel.

A um só tempo, divisaram no Alto a figura sublime de Célia, que lhes acenava cheia de ternura e de carinho.

Movidos, então, por um doce mistério, deram guarida a um perdão sincero e puro, sentindo-se reciprocamente tocados de profunda piedade.

Como se as substâncias do ambiente fôssem sensiveis ao estado íntimo dos presentes, uma claridade doce e branda começou a fazer-se em tôrno, enquanto a maioria dos nossos personagens chorava enternecida.

Entremostrando um sorriso suave, o mentor exclamou:

— Graças á misericordia do Altíssimo, sinto que todos regressais aos planos terrestres com uma vibração nova, que vos edifica o coração e a conciencia nas mais formosas expressões de espiritualidade! Que as bençãos do Senhor encham de luz e de paz os vossos caminhos no porvir!... Sêde felizes! Todos os segredos da ventura estão no amor e no trabalho da conciencia redimida!... Esquecei o passado umbroso e dolorido e atirai-vos á

luta remissora, com heroismo e humildade... Sinto que estais irmanados pela mesma vibração de piedade e faço votos a Deus para que compreendais, em todas as circunstâncias, que somos irmãos pelas mesmas fraquezas e pelas mesmas quedas, á caminho da redenção suprema, nas luzes do Infinito!...

Em face da palavra carinhosa e sábia do mensageiro divino que os dirigia, os nossos amigos sentiam-se confortados por uma nova luz, que lhes esclarecia o imo com a mais bela compreensão da existencia real.

A visão de Célia havia desaparecido, mas, como se a sua grande alma estivesse assistindo á cena comovedora através das luminosas cortinas do Ilimitado, ouviu-se em vibrações cariciosas, provindas do Alto um hino maravilhoso, cantado por centenas de vozes infantís, derramando em todos os corações a coragem e o amor, a consolação e a esperança... As estrofes harmoniosas atravessavam o recinto e elevavam-se para as Alturas em notas melodiosas, subindo para o sólio de Jesus, como um incenso divino! Era um brado de fé e de incitamento, que fazia nascer nas almas dos presentes as mais piedosas lagrimas.

Em seguida, sob as preces dos carinhosos amigos e benfeitores espirituais, que ficavam no plano invisivel, todos os membros do grupo de Cnéio Lucius abandonavam o recinto, reunidos numa caravana fraterna, em direção ás esferas mais inferiores que envolvem o planeta terrestre.

Nessa hora, havia entre todos o bom desejo de consolidar uma paz íntima, antes de recomeçar a luta.

Foi então que Cláudia Sabina, num gesto espontâneo, aproximou-se de Alba Lucínia e exclamou com angustiada expressão:

— Não me atrevo a chamar-vos irmão, pois fui outrora o impiedoso verdugo de vosso coração sensivel e bondoso!... Mas, por quem sois, pelos sentimentos generosos que vos exornam a alma, perdoai-me mais uma vez. Fui o algoz e vós a vítima; todavia, bem vêdes aquí a minha ruina dolorosa. Dai-me o vosso perdão para que eu sinta a claridade do meu novo dia!...

Cnéio Lucius contemplou a nóra, com evidente ansiedade, como a implorar-lhe clemencia.

Alba Lucínia compreendeu a gravidade daquele instante e, vencendo as hesitações que lhe turbavam o espírito murmurou comovida:

— Estais perdoada... Deus me auxiliará a esquecer o passado, para que a genuina fraternidade se faça entre nós, nas lutas do futuro!...

Julia Spinther fitou a filha, deixando transparecer o júbilo que lhe ia no coração, em vista do seu gesto generoso, ao mesmo tempo que Cnéio Lucius envolvia a companheira de Helvídio num olhar caricioso de satisfação e de profundo reconhecimento.

Enquanto a maioria dos personagens trocava idéias sôbre o porvir, surgia, ao longe, a atmosfera do planeta terrestre, envolta num turbilhão de sombras espêssas.

Alguem falou com voz melancólica e imponente, do seio da caravana:

— Eis a nossa escola milenária!...

Decididos na sua fé, olhos para o alto, implorando a misericórdia divina, guiados todos eles pelas fôrças esclarecidas do bem, que os envolviam, penetraram a atmosfera planetária, habilitados a uma compreensão cada vez mais elevada e mais nobre, dos valores eficientes do trabalho e da luta.

Apenas Nestório conservava-se em oração junto dos fluidos terrenos, notando-se-lhe os olhos mareados de lágrimas, na comoção daquela hora cheia de apreensões e de esperanças.

— Senhor — exclamava o antigo escravo, evocando amargurosas lembranças — novamente na Terra, escola abençoada de nossas almas, contamos com a vossa misericordiosa complacencia, afim-de cumprirmos todos os nossos deveres, á caminho do arrependimento e da reparação. Auxiliai-nos na luta! Somente os séculos de trabalho e dor poderão anular os séculos de egoismo, orgulho e ambição, que nos conduziram á iniquidade!... Perdoai-nos, Jesus! Dignai-vos abençoar nossas aspirações sinceras e humildes!... Ensinai-nos a amar o pla-

neta com as suas paisagens procelosas, afim-de podermos encontrar, nas sendas terrestres, a luz da nossa regeneração espiritual, a caminho do vosso reino de paz indestrutivel!...

Entre as lágrimas de suas rogativas, Nestorio foi o último a imergir na vastidão dos fluidos planetarios.

Do Alto, porém, emanava uma claridade branda e compassiva. Toda a caravana sentiu o bafejo divino de uma esperança nova, atirando-se ao ambiente da Terra, tomada de uma coragem redentora. Reconfortados na meditação e na prece, os corações adivinhavam que a luz da Providencia Divina seguiria as suas experiencias na dor e no trabalho, como uma benção.

FIM

Novas Mensagens

Ditadas pelo Espirito de HUMBERTO DE CAMPOS

Este livro é a maior e mais retumbante novidade dos últimos tempos, porque revive as belezas de um estilo que fez a gloria de um dos nossos mais queridos escritores, o que conquistou a alma brasileira.

Qualquer que seja a crença religiosa do leitor, nenhum deixará de encantar-se com a flagrante identidade do estilo que o Espirito de Humberto de Campos imprimiu ás Mensagens dêste livro.

Ha entre elas as que se referem ás idéias atuais do Espirito de D. Pedro II a respeito do Brasil; á morte corporal do papa Pio XI e ao encontro do Espirito dêste com o de Leão XIII; ao trespasse do marechal Ludendorf (o que foi ídolo do povo germânico), assistido nos derradeiros instantes terreais pelo Espirito de von Hindenburg; e que são páginas magistrais, páginas que dificilmente os nossos maiores literatos vivos poderiam exceder ou mesmo igualar.

Além dessas, de cunho social, ha uma encantadora Mensagem sobre o mês de Maio, o mês do culto á Virgem Maria, na leitura da qual raros serão os que possam resistir ás lagrimas de emoção e ternura, quando o Espirito de Humberto de Campos pede bençãos espirituais para a sua velhinha Mãi, que o pranteia num recanto da terra maranhense.

Ler as NOVAS MENSAGENS é inundar a Alma de luz espiritual.

A primeira edição dêste livro, aparecida em 28 de Dezembro de 1939, estava esgotada — sessenta dias depois, e, precisamente, a 28 de Fevereiro de 1940, surgiu a segunda edição.

Isso mostra o sucesso do livro, vitorioso pela beleza irresistivel do seu texto e pela verdade do estilo, inconfundivel, inimitavel, e facilmente identificado por aqueles que o conheceram quando o grande literato vivo na Terra.

Quem o lê, sente-se transportado a uma região de sonho e encantamento, tal a verdade intuitiva dêsse livro, tão imortal quanto o Espirito que o ditou.

Br. 4$000, enc. 6$000.

GABRIEL DELANNE

A EVOLUÇÃO ANÍMICA

Esta é uma obra que se poderia dizer clássica e indispensável a quantos pretendem reter uma visão panorâmica da doutrina. De fato, para os estudiosos, servindo-nos de um conceito do Dr. Becourt atinente a outro livro do General Fix — "Evolução Anímica equivale a uma enciclopedia, que abrange todos os problemas da vida pensante, em sua mais alta expressão. Seu autor, engenheiro civil de renome e, portanto, inteligência afeita às disciplinas matemáticas, fez, ao escrevê-la, da clareza dos raciocínios e do método expositivo a sua divisa de triunfo. E assim é que, através do amálgama compacto e completo das questões mais difíceis da Biologia, da Física, da Química, da Astronomia, da Mecânica, consegue dar-nos uma síntese grandiosa da Vida Universal.

Seu objetivo principal é demonstrar a realidade tangivel do elemento perispirital, como agente de ligação do Espírito à matéria, e, daí, todo o progresso individual e coletivo. Doutrina monístico espiritualista, dir-se-ia, mas decalcada em métodos positivos, rigorosamente científicos, induzidos da própria ciência materialista. Mas não é apenas uma opima provisão de conhecimentos filosoficos e cientificos, que o leitor recolhe desta obra. porque o cientista, em todas as suas páginas, não traiu o literato erudito e amável, ilustrando-as de episódios interessantes, que são como painéis recreativos de um artista da palavra.

No estudo das fórmas individualizadas, a partir da cristalografia e a terminar na anatomia humana, vê-se que não ha como iludir o ascendente de um dinamismo superior, inteligente, só êle capaz de explicar a evolução dos sêres e das coisas. E' o determinismo divino, por excelência, ao demais ratificado pelas manifestações do Além, que o autor aproveita para coroamento luminoso da sua tése.

— Br. 9$, enc. 12000.

Deus na Natureza

Camilo Flammarion, justamente cognominado o poeta da Astronomia, foi tambem um espiritista de alto teôr científico, qual, em definitiva, se revelou em *A morte e o seu mistério*.

Antes, porém, de o confessar direta e objetivamente, procurou fazê-lo por indução filosófica, e dentro dos postulados mesmos da ciencia dita experimental.

Neste livro, dos mais formosos da sua coletanea opulenta, o autor passa em revista todas as teorias científicas, filosóficas e religiosas, armadas á exploração da genese cósmica, para concluir pela realidade de um Principio, imanente, incognoscivel.

Livro de combate cerrado ao materialismo corruptor, tanto quanto ao nubívago misticismo estarrecente, contêm páginas da mais sadía racionalidade, servida por uma imaginação fulgurante de verdadeiro artista. Destarte, os mais arduos teoremas se alhanam, acessiveis a todas as inteligencias, por familiarizá-los com as questões mais transcendentes que já preocuparam a humanidade, na ansia incoercivel de conhecer-se e explicar-se a si mesma.

Não é, portanto, uma obra grandemente instrutiva apenas, mas recreativa tambem, porque pejada de episódios curiosos e comentários argutos, artisticamente burilados.

Deus na Natureza é, enfim, do número das obras que gozam do raro privilégio de uma atualidade perene, com a perenidade dos principios mesmos que a estruturam.

A velha edição portuguesa, ha muito esgotada, deu azo a uma tradução inteiramente nova e escoimada dos defeitos daquela, com o que presumimos prestar um bom serviço á bibliografia espírita, maximé á nova geração dos nossos leitores, numa fase que se auspicia de franca reação espiritualista, expurgada dos prejuizos da tradicional dogmatica.

Broch. 9$000 — Enc. 12$000.

LÉON DENIS

Depois da Morte

Esta obra é assaz conhecida e reputada, para dispensar louvores e preconícios.

Basta dizer que conta inúmeras e sucessivas edições, em diversos idiomas.

Léon Denis foi, a todos os títulos, na difusão da doutrina, o discipulo fiél de Allan Kardec, e mais que discipulo, um verdadeiro apóstolo na integridade e na intrepidez do exemplo.

Espírito de sólida cultura filosófica, alma dotada de vibratilidade intensa e senhor de um estilo admiravel, as suas obras são, depois das de Kardec, as de maior aprêço e repercussão na propaganda.

Entre elas o *Depois da Morte* é a sua "obra prima", que tem convertido muitos incrédulos e vale por um Evangelho de Amor, tanto quanto por uma sintese segura de todos os problemas humanos, que a Revelação espirita suscita e resolve racional e logicamente. — Broch. 6$000. Enc. 8$000.

Reformador

Orgão da Federação Espirita Brasileira — Fundado em 1883

Este periodico insere artigos de orientação doutrinaria, ciencia, moral e filosofia cristã, publica noticias sobre o movimento espiritualista universal e divulga todos os assuntos que possam contribuir para o aclaramento, elucidação e propaganda da doutrina, tornando-se a sua leitura uma necessidade para todos os espiritus que queiram estudar com segurança a moral evangelica e acompanhar a evolução dos ensinos coordenados por Allan Kardec.

Dirijam-se os pedidos de assinatura ao Gerente do "*Reformador*" — Avenida Passos, 30 — Rio de Janeiro.

Assinatura anual, 10$000 — Numero avulso 1$000

ANTONIO DE PÁDUA

A vida de Santo Antonio de Lisboa e de Pádua narrada neste livro é uma verdadeira revelação, pois, até agora, poucas pessoas sabiam que o taumaturgo devia sua gloria aos dons mediunicos.

Almerindo Martins de Castro, num paciente e sintético trabalho de exegése, traçou, de modo definitivo e convincente, o perfil mediunico do popularisado santo, de modo a fazer do seu Espirito um continuador dos labores que o imortalisaram.

Estudando os milagres de S. Antonio, o autor colocou, ao lado de cada um dêsses feitos, um fato espírita ocorrido em nossos dias, no Brasil, de maneira a tirar qualquer dúvida sobre a mediunidade do Santo.

Acontecimentos muito interessantes foram coligidos, tornando o livro uma excelente fonte de argumentos para combater aqueles que negam as verdades da vida espiritual.

Quem lê o *Antonio de Pádua* desde logo se convence de que Deus não se detém ante preconceitos seitistas, quando quer jorrar sua misericordia sobre os sofredores arrependidos, conforme o demonstram os chamados milagres do santo portuguez.

Notadamente aos centros espíritas, onde se estuda a mediunidade, o livro *Antonio de Pádua* presta reais serviços, pela doutrina que contém e pelo valor dos fatos que regista, até mesmo de resurreição ocorridos no Rio de Janeiro, além de um caso de materialisação ocorrido numa igreja, no Estado do Pará, conforme o nítido cliché que se encontra no livro.

Nenhum espirita deve deixar de ler este livro, um dos mais interessantes entre os aparecidos nestes últimos tempos.

Um volume brochado, 4$000; encadernado, 6$000.

EMMANUEL

Neste precioso repositorio de ensinos luminosamente cristãos, cada leitor encontra um motivo de estímulo e fôrças para encarar serenamente as lutas da vida quotidiana.

Abordando problemas imediatos, ligados ao fôro íntimo, Emmanuel ditou ao medium Francisco Candido Xavier palavras que, uma vez lidas e meditadas, ficam indeleveis na lembrança e servem de escudo á creatura que luta pela vida, na conquista do pão quotidiano.

Principalmente para a formação da consciencia religiosa, o livro de Emmanuel é precioso, porque apresenta límpido o conceito que se deve ter de Deus e das suas leis aplicadas, com acerto e justiça, a todos os atos das creaturas.

Mas, o maior proveito que se pode tirar da leitura — é o contacto espiritual com os sêres do mundo invisivel e superior, unicos que, desligados das miserias contingentes da Terra, podem acudir aos sofredores de todo genero.

Emmanuel (nome do livro e do glorioso Espirito que o ditou) se constitue um escudo, um salvavidas no pélago dos erros e das tentações terrenas a todos quantos, lidas as suas páginas, se voltam, de Alma, ao esplendido caminho que lhe mostra — o trilho evangelico que leva á morada final da verdadeira paz imperecivel.

A todos os cansados, que arrastam gementes a sua cruz de sofrimento, este livro servirá de companheiro dedicado e fiel.

Um volume — brochado, 4$000; enc. 6$000.

Os pedidos do interior devem ser feitos acompanhados da respectiva importancia e mais o porte (1 livro 1$; diversos $500 por volume); ou então pelo Serviço de Reembolso que significa o pagamento da encomenda sómente no áto de retirá-la do correio.

LIVRARIA DA FEDERAÇÃO ESPIRITA BRASILEIRA

28, Avenida Passos, 30 — Rio de Janeiro

Três monumentos literarios

são indiscutivelmente :

PARNASO DE ALÊM TUMULO, o mais sensacional repositorio de magistrais versos ditados pelos Espiritos de Guerra Junqueiro, Antonio Nobre, Antero do Quental, Julio Diniz e outros grandes vates lusitanos; Olavo Bilac, Castro Alves, Raimundo Corrêa, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, Augusto dos Anjos, Hermes Fontes e outros dos nossos inesqueciveis poetas.

Cada um no seu estilo próprio, absolutamente fiel e flagrante, identificavel por quelquer leitor.

Livro sem igual na literatura do mundo, único aparecido até hoje.

Um lindo volume, broch. 7$000, encad. 10$000.

HA DOIS MIL ANOS, formosa e fidelissima narrativa dos tempos da Roma antiga, feita por um Espirito que viveu naquela época e que conheceu pessoalmente o Cristo no seu messianato. Êste livro supera todos os que apareceram até aqui, pois não é de ficção, mas de realidade que foram vividas pelo seu autor — EMMANUEL, o grande Espirito conhecido em todo o Brasil pelos seus livros magistrais.

Cada exemplar em nitida impressão, broch. 8$000, encad. 10$000.

BRASIL, CORAÇÃO DO MUNDO, PATRIA DO EVANGELHO, comunicações do Espirito de Humberto de Campos sobre os primórdios sociais e politicos da terra brasileira, contendo revelações importantes sobre grandes vultos nacionais, inclusive quem fôra, em vida anterior, o grande brasileiro Osvaldo Cruz.

Um volume de caprichada feitura, broch. 4$000; encad. 6$000.

Todos êsses livros foram ditados ao célebre medium Francisco Candido Xavier, o qual tambem recebeu mais os seguintes, de notabilissimo valor:

EMMANUEL, broch. 4$000; encad. 6$000.

A CAMINHO DA LUZ, de EMMANUEL, broch. 4$000; encad. 6$000.

CRONICAS DE ALÊM TUMULO, do Espirito de HUMBERTO DE CAMPOS, broch. 5$000, encad. 7$000.

NO LIMIAR DO ETÉREO

Êste o título de um interessantíssimo volume em que o Sr. ARTUR FINDLAY resumiu as experiências a que durante muitos anos teve ensejo de proceder, no campo do Espiritismo, ou do psiquismo, para usar de uma palavra que sôa melhor ao ouvido dos cientistas.

Foram de tal natureza essas experiências e se realizaram sob tão rigoroso contrôle, que levaram o Senhor FINDLAY do mais completo cepticismo à crença inabalável na sobrevivência do sêr e na realidade de um outro plano de existência, onde aqueles que passaram pela terra e a que chamamos mortos continuam a viver em condições semelhantes, sob vários aspectos, às do viver terreno.

O fenômeno da Voz Direta, porventura o mais probante de todos os que se produzem no campo do espiritualismo experimental, foi o com que êle mais se ocupou, tendo levado suas pesquisas a um ponto ainda não atingido antes por nenhum outro investigador, porquanto dado lhe foi obter minudentes informações acêrca do mecanismo dêsse fenômeno, isto é, do modo por que procedem os Espíritos para falar diretamente aos homens, sem que o médium articule o mais ligeiro som.

Não é sómente isso, porém, o que imprime excepcional valor ao volume de ARTUR FINDLAY e o torna de interêsse máximo para quantos sinceramente desejem conhecer a verdade que se contém na fenomenologia espírita e se mostrem capazes de aprecia-la com imparcialidade e não sob o guante de idéias preconcebidas, nem com os antolhos dos preconceitos sectaristas.

Realça-lhe a excelência o estudo aprofundado que nos dois primeiros capítulos o autor faz dessa coisa a que se chama Éter, para chegar á demonstração de que não ha no universo espaço algum que não se ache pleno dêle e de que sôbre êle a atuar por toda parte está o que denominamos Mente. Esse estudo o conduziu a fazer sentir de modo claro e insofismavel que isso a que se dá o nome de matéria, dotada de solidez, de impenetrabilidade, etc., não existe, porque tudo é apenas uma questão de ordem de vibrações, pelo que as coisas, no mundo etéreo, dão aos que o habitam sensação idêntica á que nos proporcionam as do nosso mundo.

Em suma, NO LIMIAR DO ETÉREO é uma obra de cuja importância não se pode dizer em meia dúzia de linhas, mas que ressalta esplendidamente a todos aqueles que tenham olhos de ver, para meditar com inteligência o assunto que ela versa, o mais relevante de todos os que no momento atual possam preocupar os verdadeiros pensadores. Traduzido do inglês por GUILLON RIBEIRO.